

A GRANDE DAMA DA FICÇÃO CIENTÍFICA

OCTAVIA E.
BUTLER



KINDRED

LAÇOS DE SANGUE



EDITORIAL QUILOMBO

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

Kindred

Laços de Sangue

Octavia E. Butler

MAIS DE MEIO MILHÃO DE CÓPIAS VENDIDAS NO MUNDO.

Em seu vigésimo sexto aniversário, Dana e seu marido estão de mudança para um novo apartamento. Em meio a pilhas de livros e caixas abertas, ela começa a se sentir tonta e cai de joelhos, nauseada. Então, o mundo se despedaça.

Dana repentinamente se encontra à beira de uma floresta, próxima a um rio. Uma criança está se afogando e ela corre para salvá-la. Mas, assim que arrasta o menino para fora da água, vê-se diante do cano de uma antiga espingarda. Em um piscar de olhos, ela está de volta a seu novo apartamento, completamente encharcada. É a experiência mais aterrorizante de sua vida... até acontecer de novo. E de novo.

Quanto mais tempo passa no século XIX, numa Maryland pré-Guerra Civil – um lugar perigoso para uma mulher negra –, mais consciente Dana fica de que sua vida pode acabar antes mesmo de ter começado.

“Impossível terminar de ler Kindred sem se sentir mudado. É uma obra de arte dilaceradora, com muito a dizer sobre o amor, o ódio, a escravidão e os dilemas raciais, ontem e hoje” – Los Angeles Herald-Examiner

Prólogo

Perdi um braço na minha última volta para casa. Meu braço esquerdo.

E perdi aproximadamente um ano de minha vida e grande parte do conforto e da segurança que só valorizei depois que deixei de tê-los. Quando a polícia libertou Kevin, ele foi ao hospital e ficou comigo para que eu soubesse que não o havia perdido também.

Mas antes que ele pudesse me encontrar, tive que convencer a polícia de que ele não deveria ser preso. Isso demorou. Os policiais eram sombras que apareciam intermitentemente ao lado de minha cama para fazer perguntas que eu precisava me esforçar para entender.

- Como machucou seu braço? - perguntavam. - Quem machucou você? - Eu prestei atenção à palavra que eles usaram: machucar. Como se eu tivesse arranhado o braço. Será que achavam que eu não sabia que o havia perdido?

- Acidente - ouvi meu sussurro. - Foi um acidente.

Começaram a fazer perguntas sobre Kevin. A princípio, as palavras pareciam se confundir, e eu prestava pouca atenção. Mas depois de um tempo, eu as repassei e de repente me dei conta de que aqueles homens estavam tentando culpar o Kevin por ter “machucado” meu braço.

- Não. - Fiz que não com a cabeça, sem forças, contra o travesseiro. — Não foi o Kevin. Ele está aqui? Posso vê-lo?

- Então, quem foi? - insistiram.

Tentei pensar em meio aos efeitos dos remédios, em meio à dor distante, mas não havia explicação sincera que eu pudesse dar a eles; nenhuma em que eles acreditariam.

- Um acidente - repeti. - Minha culpa, não do Kevin. Por favor, deixem que ele venha aqui.

Disse isso muitas vezes até os policiais sem forma definida me deixarem em paz, até eu acordar e encontrar Kevin sentado, cochilando ao lado da minha cama. Tentei imaginar há quanto tempo ele estava ali, mas não importava. O importante era que estava ali. Dormi de novo, aliviada.

Finalmente, acordei me sentindo capaz de conversar com ele de modo coerente e entender o que dizia. Eu estava quase confortável, exceto pelo latejar esquisito no meu braço. Onde antes havia um braço. Mexi a cabeça, tentei olhar para o lugar vazio... para o cotoco.

Então, Kevin apareceu à minha frente, levou as mãos ao meu rosto, virando minha cabeça para ele.

Não disse nada. Depois de um momento, voltou a se sentar, pegou minha mão e a segurou.

Tive a sensação de que poderia ter erguido minha outra mão para tocá-lo. Tive a sensação de ter outra mão. Tentei olhar de novo e, dessa vez, ele deixou. De alguma forma, eu tinha que olhar para conseguir aceitar o que eu sabia ser a verdade.

Depois de um tempo, eu voltei a me recostar no travesseiro e fechei os olhos.

- Acima do cotovelo - falei.

- Foi o que tiveram que fazer.

- Eu sei. Só estou tentando me acostumar. - Abri os olhos e olhei para ele. E então, eu me lembrei dos visitantes que estavam ali mais cedo. - Meti você em apuros?

-Eu?

- A polícia esteve aqui. Acharam que você fez isso comigo.

- Ah, isso. Eram os policiais. Os vizinhos os chamaram quando você começou a gritar. Eles me interrogaram, me *detiveram* lá por um tempo... é a palavra que eles usam!... mas você os convenceu a me soltar.

- Que bom. Contei a eles que foi um acidente. Minha culpa.

- Não tem como algo assim ter sido sua culpa.
- Isso é discutível. Mas certamente não foi sua. Ainda está em apuros?

- Acho que não. Eles têm certeza de que fui eu, mas não havia testemunhas, e você não vai me denunciar. Além disso, acho que não conseguem imaginar como eu poderia ter te machucado... como você se machucou.

Fechei os olhos de novo e me lembrei de como me machuquei... Lembrei da dor.

- Você está bem? - perguntou Kevin.

- Sim. O que você contou à polícia?

- A verdade. - Ele brincou com minha mão por um momento, em silêncio. Olhei para ele e vi que me observava.

- Se você contasse a verdade para aqueles policiais - falei baixinho -, ainda estaria preso... em um hospital psiquiátrico.

Ele sorriu.

- Conteí a eles o máximo da verdade que pude. Disse que estava no quarto quando ouvi você gritar. Corri até a sala de estar para ver o que estava acontecendo e vi você se esforçando para tirar o braço do que parecia ser um buraco na parede. Fui te ajudar. Foi quando percebi que seu braço não estava só preso, mas que, de algum modo, tinha sido esmagado dentro da parede.

- Não exatamente esmagado.

- Eu sei. Mas me pareceu uma boa palavra para dizer a eles... para mostrar minha ignorância. Mas não foi tão incorreta assim. Depois, queriam que eu explicasse como algo assim poderia acontecer. Eu disse que não sabia... Fiquei dizendo que não sabia. E juro por Deus, Dana, eu não sei.

- Nem eu - sussurrei. - Nem eu.

O RIO

O problema começou muito antes de 9 de junho de 1976, quando me dei conta dele, mas 9 de junho é o dia de que me lembro. Era meu aniversário de vinte e seis anos. Também foi o dia em que conheci Rufus - o dia em que ele me chamou pela primeira vez.

Kevin e eu não tínhamos planejado fazer nada para comemorar meu aniversário. Estávamos cansados demais para isso. No dia anterior, havíamos nos mudado de nosso apartamento em Los Angeles para uma casa própria a alguns quilômetros dali, em Altadena. A mudança em si já foi uma comemoração para mim. Ainda estávamos abrindo as caixas - ou melhor, *eu* ainda estava abrindo as caixas. Kevin parou assim que organizou o escritório. Agora estava fechado lá, à toa ou pensativo, porque eu não ouvia a máquina de escrever. Por fim, ele chegou à sala de estar, onde eu estava separando os livros em uma das estantes grandes. Só os de ficção. Tínhamos muitos livros, de algum jeito precisávamos mantê-los em ordem.

- O que foi? - perguntei.

- Nada. - Ele se sentou no chão perto de onde eu estava.

- Não me conformo com minha indisciplina. Sabe, ontem durante a mudança, eu estava com uma porção de ideias para aquela história de Natal.

- E agora que está com tempo para escrever, não tem nenhuma.

- Nem uma. - Ele pegou um livro, abriu e folheou. Peguei outro e bati com ele em seu ombro. Quando ele olhou para mim, surpreso, coloquei uma pilha de não ficção à sua frente. Ele olhou para ela, desanimado.

- Droga! O que eu vim fazer aqui?

- Ter mais ideias. Afinal, elas vêm quando você está ocupado.

Ele me deu uma olhada que eu sabia não ser tão malvada quanto parecia. Tinha olhos claros, quase sem cor, que o faziam parecer distante e irritado, ainda que não estivesse. Com eles, intimidava as pessoas. Os desconhecidos. Sorri para ele e voltei ao trabalho. Depois de um tempo, ele levou a pilha de não ficção à outra estante e começou a organizá-la.

Eu me abaixei para empurrar mais uma caixa cheia para ele, mas me levantei depressa quando me senti zozza, enjoada. A sala toda ficou borrada e escura. Fiquei de pé por um momento, apoiada em uma estante, tentando entender o que estava acontecendo e, por fim, caí de joelhos. Ouvi Kevin reagir sem palavras, mas com um ruído de surpresa, e depois perguntou: - O que aconteceu?

Levantei a cabeça e descobri que não conseguia vê-lo direito.

- Tem algo errado comigo - respondi, arfando.

Ouvi quando ele se movimentou na minha direção, vi um borrão da calça verde e da camisa azul. E então, antes que me tocasse, ele desapareceu.

A casa, os livros, tudo desapareceu. De repente, eu estava ao ar livre, ajoelhada na terra à sombra de árvores. Era um lugar com muito verde. À beira de uma mata. À minha frente havia um rio largo e tranquilo, e mais para o meio dele' uma criança debatendo-se, gritando...

Afogando-se!

Reagi quando vi a criança em apuros. Mais tarde eu poderia perguntar, tentar descobrir onde eu estava, o que havia acontecido. Naquele momento, fui ajudar a criança.

Desci correndo até o rio, entrei na água totalmente vestida e nadei depressa até ela. Quando o alcancei, ele estava inconsciente. Era um menino pequeno e ruivo, boiando de barriga para baixo. Eu o virei e segurei com força, mantendo sua cabeça fora d'água, e o puxei para a

margem. Havia uma mulher ruiva esperando por nós na beira do rio. Ou melhor, ela corria de um lado a outro e gritava na beira do rio. Assim que viu meu esforço para sair da água, saiu correndo, pegou o garoto de meus braços e o carregou pelo restante do caminho, procurando tocá-lo e examiná-lo.

- Ele não está respirando! - ela gritou.

Respiração de socorro. Eu já tinha visto alguém fazer uma dessas e tinha ouvido falar a respeito, mas nunca havia feito. Aquele era o momento para tentar. A mulher não estava em condições de ajudar, e não havia mais ninguém por perto. Quando chegamos à beira da água, peguei o menino de seus braços. Ele não tinha mais do que quatro ou cinco anos e não era muito grande.

Eu o deitei de barriga para cima, inclinei sua cabeça para trás e comecei a fazer a respiração boca a boca. Vi seu peito inflar quando forcei o ar para dentro dele. E então, de repente, a mulher começou a me agredir.

- Você matou meu filhinho! - gritou. - Matou!

Eu me virei e consegui segurar seus braços.

- Pare com isso! - gritei com toda a força que pude. - Ele está vivo! — Estava mesmo? Eu não sabia. Por favor, Deus, permita que ele esteja vivo. - O menino está vivo. Me deixe ajudá-lo. - Eu a empurrei, felizmente ela era um pouco menor do que eu, e voltei a atenção a seu filho. Entre as respirações, eu avia olhando para mim, sem expressão. E então, ela caiu de joelhos ao meu lado, chorando.

Momentos depois, o menino começou a respirar sozinho - respirar, tossir, engasgar, vomitar e gritar pela mãe. Se conseguia fazer tudo isso, estava bem. Eu me sentei, tonta, aliviada. Tinha conseguido!

- Ele está vivo! - gritou a mulher. Ela agarrou o menino e quase o asfixiou. - Ah, Rufus, meu bebê...

Rufus. Nome feio para se dar a um menino pequeno e razoavelmente bonito.

Quando viu que era a mãe quem o segurava, Rufus se agarrou a ela, gritando. Sua voz estava normal. E então, de repente, ouvi outra voz.

- Mas que confusão é essa? - perguntou um homem irritado.

Eu me virei, assustada, e encontrei o cano da espingarda mais comprida que já tinha visto. Ouvi um clique metálico e fiquei paralisada, achando que levaria um tiro por ter salvado a vida do menino. Eu ia morrer.

Tentei falar, mas de repente minha voz sumiu. Eu me senti mal e zozza. Minha visão estava tão borrada que eu não conseguia distinguir a arma nem o rosto do homem atrás dela. Ouvi a mulher falar alto, mas já estava tomada demais pela náusea e pelo pânico para entender o que ela dizia.

Então, o homem, a mulher, o menino, a arma, tudo desapareceu.

Acabei de joelhos na sala de estar de minha casa de novo, a vários metros de onde tinha caído minutos antes. Estava de volta - molhada e enlameada, mas ilesa. Do outro lado da sala, vi Kevin paralisado, olhando para o lugar onde eu estava antes. Por quanto tempo ele ficou ali?

- Kevin?

Ele se virou e olhou para mim.

- Mas o que... Como você foi parar aí? - sussurrou ele.

- Não sei.

- Dana, você... - Ele se aproximou, tocou-me com hesitação, como se não tivesse certeza de que eu era real. Em seguida, segurou-me pelos ombros e me abraçou forte. - O que aconteceu?

Ergui as mãos para afrouxar seu abraço, mas ele não me soltou. Caiu de joelhos ao meu lado.

- Fala! - exigiu ele.

- Falaria se soubesse o que falar. Você está me machucando.

Finalmente, ele me soltou e olhou para mim como se acabasse de me reconhecer.

- Você está bem?

- Não. - Abaixei a cabeça e fechei os olhos por um instante. Tremia de medo, ainda sentindo o resto de terror que tirava todas as minhas forças. Eu me curvei, abraçando o corpo, tentando ficar parada. A ameaça havia desaparecido, mas precisei me esforçar para parar de bater os dentes.

Kevin se levantou e saiu por um instante. Voltou com uma toalha e cobriu meus ombros com ela. De certo modo, isso me confortou, e eu a puxei para envolver meu corpo ainda mais. Senti dor nas costas e nos ombros onde a mãe de Rufus havia me socado com mais força do que percebi, e Kevin não havia melhorado a situação.

Ficamos ali no chão, eu enrolada na toalha, e Kevin me abraçando e me acalmando com sua presença. Depois de um tempo, parei de tremer.

- Me conte agora - disse Kevin.

- O quê?

- Tudo. O que aconteceu com você? Como você... como você se locomoveu daquele jeito?

Fiquei calada, tentando organizar os pensamentos, vendo de novo a espingarda apontada para minha cabeça.

Nunca na vida eu tinha sentido um pânico daqueles, nunca havia me sentido tão perto da morte.

- Dana - disse ele baixinho. O som de sua voz parecia me distanciar da lembrança. Mas ainda assim...

- Não sei o que dizer - falei. - É tudo muito maluco.

- Como você se molhou? Comece por aí.

Assenti.

- Havia um rio - falei. - Uma mata cortada por um rio. E havia um menino se afogando. Eu o salvei. Foi assim que me molhei. - Hesitei, tentando pensar, fazer sentido. Não que o ocorrido fizesse sentido, mas pelo menos eu podia contá-lo com coerência.

Olhei para Kevin, vi que mantinha a expressão cuidadosamente neutra. Esperava. Mais recomposta, voltei ao começo, à primeira tontura, e relembrei tudo para ele - revivi tudo em detalhes. Até relembrei coisas que não percebi que havia notado. Por exemplo, as árvores que estavam perto de mim eram pinheiros altos e compridos com galhos e agulhas principalmente no topo. Isso eu percebi de algum modo um instante antes de ver Rufus. E me lembrei de mais uma coisa sobre a mãe dele. Suas roupas. Ela usava um vestido escuro e comprido que a cobria do pescoço aos pés. Uma peça esquisita para se vestir na barranca lamacenta de um rio. E ela falava com sotaque - um sotaque do sul. E também havia a arma impossível de esquecer, longa e mortal.

Kevin ouviu sem interromper. Quando terminei, pegou a ponta da toalha e limpou um pouco da lama de minha perna.

- Isto tem que ter vindo de algum lugar — disse ele.
- Você não acredita em mim?

Ele olhou para a lama por um instante, então me encarou.

- Você sabe quanto tempo ficou fora?
- Alguns minutos. Não muito.
- Alguns segundos. Não se passaram mais do que dez ou quinze segundos entre o momento em que você sumiu e o momento em que me chamou.
- Ah, não... - Balancei a cabeça devagar. - Aquilo tudo não pode ter acontecido em poucos segundos.

Ele não disse nada.

- Mas foi real! Eu estava lá! - Parei de falar, respirei fundo e me acalmei. - Certo. Se você me contasse uma história assim, eu provavelmente também não acreditaria, mas como você disse, essa lama veio de algum lugar.

- Sim.
 - Olha, o que você viu? O que acha que aconteceu?
- Ele franziu a testa levemente, e balançou a cabeça.

- Você sumiu. - Ele parecia estar se forçando a falar. - Você estava aqui até minha mão quase encostar em você. Então, de repente, não estava mais. Não acreditei. Fiquei aqui parado. E você voltou do outro lado da sala.

- Agora você acredita?

Ele deu de ombros.

- Aconteceu. Eu vi. Você sumiu e reapareceu de novo. São fatos.

- Eu reapareci molhada, cheia de lama e com muito medo.

- Isso.

- E eu sei o que vi, e o que fiz... São meus fatos. São tão malucos quanto os seus.

- Não sei o que pensar.

- Não sei se importa o que pensamos.

- Como assim?

- Bem... Aconteceu uma vez. E se acontecer de novo?

- Não. Não, não acho que...

- Você não sabe! - Eu estava começando a tremer de novo. - Seja o que for, para mim, já chega! Eu quase morri!

- Calma, calma - disse ele. - Aconteça o que acontecer, não resolve nada você entrar em pânico de novo.

Desconfortável, eu me mexi e olhei ao redor.

- Tenho a sensação de que pode acontecer de novo... pode acontecer a qualquer momento. Não me sinto segura aqui.

- Você só está se assustando.

- Não! - Eu me virei, olhei para ele com raiva, e ele parecia tão preocupado que desviei o olhar. Contrariada, não sabia se ele temia que eu desaparecesse de novo ou que estivesse enlouquecendo. Eu ainda achava que ele não acreditava na minha história. - Talvez você tenha razão - disse. - Espero que tenha. Talvez eu seja só como uma vítima de roubo, estupro ou algo assim... Uma vítima que sobrevive, mas não se sente mais segura. - Dei de ombros. -

Não sei explicar o que aconteceu comigo, mas não me sinto mais segura.

Ele disse com muita delicadeza na voz:

- Se acontecer de novo, e se for real, o pai do garoto vai saber que te deve um agradecimento. Não vai te machucar.

- Você não tem como saber. Não sabe o que poderia acontecer. - Eu me levantei sem firmeza. - Droga! Não te julgo por querer aliviar a situação. - Fiz uma pausa para que ele tivesse a chance de negar, mas não o fez. - Estou começando a achar que eu estou fazendo a mesma coisa.

- Como assim?

- Sei lá. Por mais que o episódio todo tenha sido real, tão real quanto sei que foi, de algum jeito está começando a me escapar. Está começando a parecer algo que vi na televisão ou que li por aí... algo que me contaram.

- Ou um... um sonho?

Olhei bem para ele.

- Alucinação, você quer dizer.

- Pode ser.

- Não! Eu sei o que estou fazendo. Consigo enxergar. Estou me afastando porque me assusta muito. Mas foi real.

- Deixe passar. - Ele se levantou e pegou a toalha suja de lama de minha mão. - Me parece o melhor a fazer, não importa se foi real ou não. Deixe pra lá.

O INCÊNDIO

1

Eu tentei.

Tomei banho, lavei a lama e a água salobra, vesti roupas limpas, penteei os cabelos...

- Assim está muito melhor - disse Kevin quando me viu.

Mas não estava.

Rufus e seus pais ainda não tinham sido assimilados e se tornado o “sonho” que Kevin queria que eles fossem. Permaneciam comigo, sombrios e ameaçadores. Criaram o próprio limbo e me mantiveram presa nele. Temi que a tontura pudesse voltar enquanto eu estivesse no chuveiro, temi cair e rachar a cabeça no azulejo ou voltar para aquele rio, seja lá onde fosse, e acabasse entre desconhecidos. Ou aparecer em algum outro lugar, nua e totalmente vulnerável.

Eu me lavei bem depressa.

Em seguida, voltei aos livros na sala de estar, mas Kevin já tinha quase terminado de organizá-los na estante.

- Esqueça a arrumação por hoje - disse ele. - Vamos sair para comer alguma coisa.

- Sair?

- Sim, onde gostaria de comer? Algum lugar agradável para o seu aniversário.

- Aqui.

- Mas...

- Aqui, de verdade. Não quero ir a lugar nenhum.

- Por que não?

Respirei fundo.

- Amanhã - falei. - Vamos sair amanhã. - De algum modo, o dia seguinte seria melhor. Eu teria uma noite de sono entre o que havia acontecido e o amanhã. E se nada mais acontecesse, eu conseguiria relaxar um pouco.

- Seria bom para você sair daqui um pouco - disse ele.

- Não.

-Olha...

- Não! - Nada me tiraria de casa naquela noite se eu pudesse evitar. '

Kevin olhou para mim por um momento - eu provavelmente demonstrava todo o medo que sentia -, e então caminhou até o telefone e pediu frango e camarão para entrega.

Mas ficar em casa não foi bom. Depois que a comida chegou, quando estávamos comendo e eu estava mais calma, a cozinha começou a ficar borrada ao meu redor.

Mais uma vez, a luz pareceu diminuir e voltei a sentir a tontura nauseante. Eu me afastei da mesa, mas não tentei me levantar. Não teria conseguido.

- Dana?

Não respondi.

- Está acontecendo de novo?

- Acho que sim. - Fiquei parada sem me mover, tentando não cair da cadeira. O chão parecia mais longe do que deveria. Levei a mão à mesa para me firmar, mas antes de conseguir tocá-la, ela sumiu. E o chão distante começou a escurecer e a mudar. O piso de linóleo se tornou madeira, parcialmente acarpetado. E a cadeira na qual eu estava desapareceu.

2

Quando a tontura passou, eu me vi sentada em uma cama pequena, abrigada por uma espécie de dossel verde curto. Ao meu lado, havia um banquinho de madeira e, sobre ele, um canivete antigo e desgastado, várias bolinhas de gude e uma vela acesa em um castiçal de metal. À minha frente, um menino ruivo. Rufus?

O garoto estava de costas para mim e ainda não tinha me notado. Segurava uma ripa de madeira cuja ponta estava chamuscada e esfumaçando. Aparentemente, o fogo da ripa havia sido transferido para as cortinas da janela. Agora, o garoto estava parado observando as chamas subirem pelo grosso tecido.

Por um instante, também observei. Então, voltei a mim, empurrei o menino para o lado, peguei a parte superior e sem fogo das cortinas e as puxei para baixo. Quando caíram, algumas das chamas se apagaram e uma janela entreaberta apareceu. Embolei o tecido depressa e o joguei para fora pela fresta.

O garoto olhou para mim, correu até a janela e olhou para fora. Também olhei, torcendo para não ter jogado os panos em chamas em uma varanda de madeira nem perto demais de uma parede. Havia uma lareira no cômodo, mas eu a vi tarde demais. Poderia ter jogado as cortinas dentro dela e deixado que queimassem.

Estava escuro do lado de fora. O sol não tinha se posto quando fui tirada de casa, mas para onde tinha sido levada, estava escuro. Vi as cortinas num nível abaixo de onde estávamos, queimando, iluminando a noite o suficiente para vermos que elas estavam no chão e um pouco longe da parede mais próxima. Minha atitude esbaforida não havia

causado nenhum prejuízo. Eu podia ir para casa sabendo que tinha evitado um problema pela segunda vez.

Esperei para ir para casa.

Minha primeira viagem havia terminado assim que o garoto fora salvo, havia terminado na hora certa para eu me salvar. Mas agora, enquanto esperava, percebi que não teria a mesma sorte de novo.

Não me senti zozza. O quarto não estava borrado, era inegavelmente real. Olhei ao redor sem saber o que fazer. O medo que me acompanhara desde a minha casa ganhava espaço agora. O que aconteceria comigo se eu não voltasse automaticamente dessa vez? E se eu estivesse presa aqui - seja lá onde aqui fosse? Não tinha dinheiro, não fazia ideia de como voltar para casa.

Encarei o escuro e me esforcei para me acalmar. Mas não me acalmou o fato de não haver luzes da cidade lá fora. Não havia luz nenhuma. Apesar disso, eu não corria risco imediato. E, independentemente de onde eu estivesse, havia uma criança comigo; e talvez uma criança respondesse às minhas perguntas com mais rapidez do que um adulto.

Olhei para ele. Ele olhou para mim, curioso e destemido. Não era Rufus, eu podia ver agora. Tinha os mesmos cabelos ruivos e o corpo pequeno, mas era mais alto, obviamente tinha três ou quatro anos a mais. Já era grandinho o suficiente para saber que não deveria brincar com fogo, pensei. Se não tivesse ateado fogo às cortinas, talvez eu ainda estivesse em casa.

Eu me aproximei dele, peguei a ripa de sua mão e a joguei dentro da lareira.

- Você tinha que apanhar com essa ripa para não sair incendiando a casa - falei.

Eu me arrependi de minhas palavras assim que as disse. Precisava da ajuda do menino. Mas como saber o apuro em que ele havia me enfiado?

Ele deu um passo para trás, assustado.

- Se encostar um dedo em mim, conto para o meu pai!
- Seu sotaque era do sul, indiscutivelmente, e sem conseguir controlar meus pensamentos, ocorreu-me que eu poderia estar em algum lugar do sul. Em algum lugar entre oito e onze mil quilômetros de casa.

Se eu estivesse no sul, a diferença de duas ou três horas explicaria a escuridão lá fora. Mas onde quer que estivesse, a última coisa que queria era encontrar o pai do garoto. O homem poderia me prender por ter invadido sua casa, ou poderia atirar em mim por isso. Havia algo específico com o que me preocupar. Sem dúvida o garoto poderia me contar outras coisas.

E ele faria isso. Se eu fosse ficar presa aqui, tinha que descobrir tudo o que pudesse enquanto desse. Por mais perigoso que pudesse ser para mim ficar onde estava, na casa de um homem que podia atirar em mim, parecia ainda mais perigoso sair andando pela noite, totalmente perdida. O menino e eu falaríamos baixo, mas conversaríamos.

- Não se preocupe com seu pai - falei baixinho. - Você vai ter muito o que explicar quando ele vir aquelas cortinas queimadas.

O garoto pareceu se retrair. Encolheu os ombros e virou-se para olhar para a lareira.

- E quem é você? O que está fazendo aqui?

Então ele também não sabia - não que eu esperasse que soubesse. Mas parecia surpreendentemente à vontade comigo, muito mais calmo do que eu teria ficado, na idade dele, ao ver um desconhecido aparecer de repente em meu quarto. Eu nem sequer estaria no quarto ainda. Se ele fosse uma criança tão tímida quanto fui, provavelmente já teria morrido de medo.

- Como você se chama? - perguntei a ele.

- Rufus.

Por um momento, eu não disse nada.

- Rufus?

- Sim. Qual é o problema?

Eu gostaria de saber qual era o problema, o que estava acontecendo!

- Nenhum - falei. - Olha, Rufus... olha para mim. Você já me viu antes?

- Não.

Aquela era a resposta certa, a resposta razoável. Tentei me obrigar a aceitá-la apesar de seu nome, de seu rosto familiar demais. Mas a criança que eu tinha tirado do rio poderia muito bem ter crescido e se tornado essa criança; em três ou quatro anos.

- Você se lembra de uma vez em que quase morreu afogado? - perguntei, mas me senti uma idiota.

Ele franziu a testa e olhou para mim com mais atenção.

- Você era mais novo. Tinha uns cinco anos, acho. Você se lembra?

- No rio? - As palavras saíram baixas e incertas como se ele não acreditasse que as estivesse dizendo.

- Então você se lembra. Era você.

- Me afogando... Eu me lembro disso. E você...?

- Acho que você não me viu. E acho que deve ter sido há muito tempo... para você.

- Não, eu me lembro agora. Vi você.

Eu não disse nada. Não acreditei muito nele. Fiquei imaginando que talvez ele estivesse dizendo só o que achava que eu quisesse ouvir... ainda que não houvesse motivo para mentir. Estava claro que não sentia medo de mim.

- Foi por isso que parecia que eu conhecia você - disse ele. - Não conseguia me lembrar... Talvez por causa de como vi você. Eu disse à mamãe, e ela disse que eu não teria como ter visto daquele jeito.

- De que jeito?

- Bem... com meus olhos fechados.

- Com seus... - Parei. O menino não estava mentindo; estava sonhando.

- E verdade! - insistiu ele, afoito. Em seguida, ele parou e falou mais baixo: - Foi assim que vi você quando entrei no buraco.

- Buraco?

- No rio. Eu estava andando dentro da água e tinha um buraco. Caí e não conseguia encontrar o fundo. Vi você dentro de uma sala. Conseguia ver parte da sala, e havia livros por todos os lados - mais do que na biblioteca do papai. Você estava usando calças, como um homem... como está agora. Pensei que você fosse homem.

- Muito obrigada.

- Mas dessa vez, você só parece uma mulher usando calça.

Suspirei.

- Certo, não importa. Desde que me reconheça como a pessoa que tirou você do rio...

- Você fez isso? Pensei que podia ter sido você mesmo.

Parei, confusa.

- Pensei que você se lembrasse.

- Eu me lembro de ter visto você. Foi como se eu tivesse parado de me afogar por um instante e visto você, e então comecei a me afogar de novo. Depois disso, apareceram a mamãe e o papai.

- E a arma do papai - falei com amargura. - Seu pai quase atirou em mim.

- Ele também achou que você era um homem, tentando machucar a mim e à mamãe. A mamãe me disse que pediu para ele não atirar, e aí você desapareceu.

- Sim. - Eu provavelmente tinha desaparecido diante dos olhos da mulher. O que ela tinha achado daquilo?

- Perguntei para ela aonde você tinha ido - disse Rufus -, e ela ficou brava e disse que não sabia. Perguntei para ela de novo mais tarde, e ela me bateu. E ela nunca me bate.

Esperei, imaginando que ele faria a mesma pergunta, mas não disse mais nada. Só seus olhos questionavam.

Procurei, em meio a meus pensamentos, uma maneira de responder a ele.

- Para onde você acha que fui, Rufe?

Ele suspirou e disse com desânimo:

- Você também não vai me dizer.

- Sim, vou, da melhor maneira que conseguir. Mas responda primeiro aonde você acha que fui.

Ele parecia ter que decidir se responderia ou não.

- Voltou para a sala - disse ele, por fim. - Para a sala de livros.

- Isso é um palpite ou me viu de novo?

- Não vi você. Acertei? Você voltou para lá?

- Sim. Voltei para casa e assustei meu marido quase tanto quanto devo ter assustado seus pais.

- Mas como você chegou lá? Como chegou aqui?

- Assim. - Estalei os dedos.

- Isso não é resposta.

- É a única resposta que tenho. Eu estava em casa, e então, do nada, estava aqui ajudando você. Não sei como acontece, como me locomovo dessa maneira, nem quando vai acontecer. Não consigo controlar.

- Quem consegue?

- Não sei. Ninguém. - Não queria que ele pensasse que dava para controlar. Muito menos se por acaso eu conseguisse mesmo.

- Mas... como é? O que a mamãe viu que não quer me contar?

- Provavelmente a mesma coisa que meu marido viu. Ele disse que quando vim a seu encontro, desapareci. Simplesmente sumi. E depois, reapareci.

Ele pensou nisso.

- Desapareceu? Como se fosse fumaça? - O medo tomou seu rosto. - Como um fantasma?

- Como fumaça, talvez. Mas não fique aí pensando que sou fantasma. Fantasma não existe.

- É o que o papai diz.

- Ele tem razão.
- Mas a mamãe diz que viu um, uma vez.

Eu consegui conter minha opinião em relação a isso. Afinal, era a mãe dele... Além disso, eu provavelmente era o fantasma dela. Ela tivera que encontrar uma explicação para o meu desaparecimento. Fiquei tentando imaginar como o marido dela, mais realista, havia explicado a situação. Mas não tinha importância. Minha preocupação naquele momento era manter o garoto calmo.

- Você precisou de ajuda - disse a ele. - Eu vim ajudar. Duas vezes. Esse é motivo para você ter medo de mim?

- Acho que não. - Ele olhou para mim por um tempo, então se aproximou, estendeu o braço com hesitação e me tocou com a mão suja.

- Viu? - eu disse. - Sou tão real quanto você.

Ele assentiu com a cabeça.

- Imaginei que fosse. Todas as coisas que você fez... só podia ser. E a mamãe disse que também encostou em você.

- Encostou mesmo. - Passei a mão no ombro onde a mulher havia me machucado com os golpes desesperados. Por um momento, a dor me confundiu, forçou-me a lembrar que, para mim, o ataque da mulher havia acontecido poucas horas antes. Mas, ainda assim, o garoto estava anos mais velho. Então, era fato que minhas travessias cruzavam o tempo, além da distância. Mais um fato: O garoto era o foco dessas travessias; talvez fosse a causa delas. Havia me visto na sala de estar de minha casa antes de eu ser trazida a ele; não teria como inventar isso. Mas eu não tinha visto nada, nem sentido nada além de enjoo e desorientação.

- A mamãe disse que o que você fez depois que saiu da água foi como no Segundo Livro de Reis - disse o menino.

- O quê?

- Aquele em que Eliseu soprou ar dentro da boca do menino, e ele voltou à vida. A mamãe disse que tentou impedir quando viu o que você estava fazendo comigo

porque você era só uma preta que ela nunca tinha visto antes. E aí ela se lembrou do Segundo Livro de Reis.

Eu me sentei na cama e olhei para ele, mas não vi em seus olhos nada além de interesse e empolgação pela lembrança.

- Ela disse que eu era o quê? - perguntei.

- Só uma preta desconhecida. Ela e papai sabiam que nunca tinham visto você.

- Que coisa para ela dizer logo depois de me ver salvando a vida do filho dela.

Rufus franziu a testa.

- Por quê?

Fiquei olhando para ele.

- O que foi? - perguntou ele. - Por que ficou brava?

- Sua mãe sempre chama as pessoas negras de pretas, Rufe?

- Sempre, menos quando tem alguém por perto. Por que não?

Seu ar de inocência me confundiu. Ou ele realmente não sabia o que estava dizendo, ou tinha uma carreira promissora em Hollywood. Fosse o que fosse, não continuaria falando aquilo para mim.

- Sou negra, Rufe. Se tiver que me chamar de qualquer outra coisa que não seja meu nome, é o que deve dizer.

- Mas...

- Olha, eu ajudei você. Apaguei o fogo, certo?

- Sim.

- Então, pronto, faça o favor de me chamar como quero ser chamada.

Ele ficou olhando para mim.

- Agora - passei a falar mais delicadamente -, me diga, você me viu de novo quando as cortinas começaram a pegar fogo? Quero saber se você me viu como no dia em que estava se afogando.

Demorou um pouco para ele entender. Então, disse:p

- Não vi nada além do fogo. - Ele se sentou na cadeira de encosto alto com barras horizontais perto da lareira e olhou para mim. - Só te vi quando você chegou aqui. Mas eu estava com muito medo... Foi meio como quando eu estava me afogando... mas diferente de qualquer coisa de que me lembre. Pensei que a casa se incendiaria e que seria minha culpa. Achei que eu fosse morrer.

Mexi a cabeça, assentindo.

- Você provavelmente não teria morrido, porque teria conseguido sair a tempo. Mas se seus pais estiverem dormindo aqui, o fogo poderia ter alcançado os dois antes de eles acordarem.

O menino olhou fixamente para a lareira.

- Uma vez, incendiei o estábulo. Queria que papai me desse o Nero, um cavalo de que eu gostava, mas ele o vendeu ao reverendo Wyndham só porque o reverendo tem muito dinheiro. O papai já tem muito dinheiro. Bom, fiquei bravo e pus fogo no estábulo.

Balancei a cabeça, desaprovando e pensando. O menino já entendia mais de vingança do que eu. Que tipo de homem se tornaria?

- Por que você causou o incêndio? - perguntei. - Para se vingar de seu pai por algum motivo?

- Por ter me batido. Olha. - Ele se virou e levantou a camisa para que eu pudesse ver os vergões compridos e vermelhos cruzando sua pele. E vi marcas antigas, cicatrizes feias de pelo menos uma surra muito pior.

- Pelo amor de Deus...!

- Ele disse que eu peguei dinheiro de sua escrivaninha, e eu disse que não peguei. - Rufus deu de ombros. - Disse que eu estava chamando ele de mentiroso, então me bateu.

- Várias vezes.

- Só peguei um dólar. - Ele ajeitou a camisa e me encarou.

Eu não soube o que dizer. O menino teria sorte se não fosse preso quando crescesse, se crescesse. Ele continuou

falando.

- Comecei a pensar que, se incendiasse a casa, ele perderia todo o dinheiro. Devia perder tudo. Só pensa nisso. -Rufus deu de ombros. - Mas então me lembrei do estábulo e do chicote que ele usou para me bater depois que causei o incêndio. A mamãe disse que, se não tivesse impedido, ele teria me matado. Dessa vez, fiquei com medo de que ele me matasse, por isso quis apagar o fogo. Mas não consegui. Não sabia o que fazer.

Por isso ele tinha me chamado. Agora eu tinha certeza. O garoto me atraiu de alguma forma quando se meteu numa encrenca maior do que era capaz de resolver. Não sei como fez isso. Aparentemente, ele nem sabia o que estava fazendo. Se soubesse, e se tivesse conseguido me chamar por vontade própria, talvez eu acabasse entre pai e filho numa das surras de Rufus. Eu não conseguia imaginar o que poderia ter acontecido nesse caso. Um encontro com o pai de Rufus já tinha sido suficiente para mim. Não que o garoto me parecesse muito fácil. Mas...

- Você disse que ele usou um chicote para bater em você, Rufe?

- Isso. Daqueles que ele usa para bater nos pretos e nos cavalos.

Isso me fez parar por um momento.

- Daqueles que ele usa... em quem?

Ele olhou para mim com atenção.

- Eu não estava falando de você.

Ignorei o comentário.

- Mesmo assim, diga negros. Mas... seu pai bate em pessoas negras?

- Quando é preciso. Mas a mamãe disse que foi cruel e vergonhoso da parte dele me bater daquele jeito, não importava o que eu tivesse feito. Depois disso ela me levou à cidade de Baltimore, para a casa da tia May, mas ele foi lá, me pegou e me trouxe de volta. Depois de um tempo, ela veio para casa também.

Por um momento, eu me esqueci do chicote e dos “pretos”. Cidade de Baltimore. Baltimore, Maryland?

- Estamos longe de Baltimore agora, Rufe?

- Do outro lado da baía.

- Mas... ainda estamos em Maryland, certo? - Eu tinha parentes em Maryland, pessoas que me ajudariam se eu precisasse, e se conseguisse entrar em contato com elas. Mas estava começando a duvidar de que conseguiria contatar algum conhecido. Eu sentia um medo novo que aumentava lentamente.

- Claro que estamos em Maryland - disse Rufus. - Como pode não saber disso?

- Que dia é hoje?

- Não sei.

- O ano! Diga só o ano!

Ele olhou para o outro lado do quarto, em direção à porta, e de novo para mim. Percebi que eu o estava deixando nervoso com minha desinformação e com a ansiedade repentina. Eu me obriguei a falar com calma.

- Vamos, Rufe, você sabe em que ano estamos, não é?

- Estamos em... 1815.

- Quando?

- 1815.

Fiquei parada, respirei fundo, acalmando-me, acreditando nele. Eu acreditava nele, sim. Nem me senti tão surpresa quanto deveria ter me sentido. Já tinha aceitado o fato de ter viajado no tempo. Agora sabia que estava mais longe de casa do que pensava. E agora sabia por que o pai de Rufus usava o chicote nos “pretos” assim como nos cavalos.

Olhei para a frente e vi que o menino tinha saído da cadeira e se aproximado de mim.

- O que você tem? - perguntou ele. - Não para de agir como se estivesse se sentindo mal.

- Não é nada, Rufe, estou bem. - Não, eu estava me sentindo mal. O que faria? Por que não tinha ido para casa?

Esse lugar poderia ser fatal para mim se eu tivesse que permanecer ali por muito mais tempo. - Estamos numa fazenda?

- A fazenda Weylin. Meu pai se chama Tom Weylin.

- Weylin... - O nome acionou uma lembrança, algo em que não pensava há anos. - Rufus, como se escreve seu sobrenome? W-E-Y-L-I-N?

- Sim, acho que é isso.

Franzi a testa para ele, impaciente. Um garoto da idade dele deveria saber soletrar o próprio nome. Ainda que fosse um nome como aquele, diferente.

- Está certo - disse ele depressa.

- E... tem uma garota negra, talvez escrava, chamada Alice, que mora por aqui, em algum lugar? - Eu não sabia o sobrenome da garota, ao certo. A lembrança estava voltando em fragmentos.

- Claro. Alice é minha amiga.

- É mesmo? - Eu estava olhando para as minhas mãos, tentando pensar. Quando me acostumava com uma impossibilidade, mais uma aparecia.

- Além disso, ela não é escrava - disse Rufus. - Ela é livre, nasceu livre como a mãe dela.

- Ah, é? Então talvez... - Parei de falar enquanto meus pensamentos se apressavam em unir os fatos. O Estado era o mesmo, a época, o nome incomum, a garota, Alice...

- Talvez o quê? - perguntou Rufus.

Sim, talvez o quê? Bem, talvez, se eu não estivesse totalmente louca, se não estivesse no meio da alucinação mais perfeita da qual já tinha ouvido falar, se a criança à minha frente fosse de verdade e estivesse dizendo a verdade, talvez ele fosse um de meus antepassados.

Talvez fosse meu tataravô, que permanecia vagamente vivo na lembrança de minha família, porque sua filha tinha comprado uma Bíblia grande numa caixa de madeira entalhada e começado a guardar registros da família dentro dela. Meu tio ainda a tinha.

Avó Hagar. Hagar Weylin, nascida em 1831. O nome dela era o primeiro relacionado. E ela escrevera os nomes dos pais dela como sendo Rufus Weylin e Alice Green-
Alguma coisa Weylin.

- Rufus, qual é o sobrenome da Alice?

- Greenwood. Do que você estava falando? Talvez o quê}

- Nada. Eu... só pensei que pudesse conhecer alguém da família dela.

- Conhece?

- Não sei. Faz muito tempo que não vejo a pessoa em quem estou pensando. - Mentira. Mas era melhor do que dizer a verdade. Por mais jovem que o garoto fosse, achava que ele questionaria minha sanidade se eu contasse a verdade.

Alice Greenwood. Como ela se casaria com esse garoto? Seria um casamento? E por que ninguém de minha família havia dito que Rufus Weylin era branco? Se sabiam. Provavelmente não sabiam. Hagar Weylin Blake havia morrido em 1880, muito antes da época de qualquer membro de minha família que conheci. Sem dúvida, a maior parte das informações a respeito da vida dela morreu com ela. Pelo menos, tinha morrido antes de chegar a mim. Só restava a Bíblia.

Hagar havia preenchido suas páginas com sua letra cuidadosa. Havia um registro de seu casamento com Oliver Blake, e uma lista de seus sete filhos, seus casamentos, alguns netos... E então, outra pessoa tinha assumido a lista. Muitos parentes que eu não tinha conhecido, que nunca conheceria.

Ou conheceria?

Olhei para a garoto que seria o pai de Hagar. Nada nele me fazia lembrar algum de meus parentes. Olhar para ele me deixava confusa. Mas tinha que ser ele. Tinha que haver algum motivo para o elo que ele e eu parecíamos ter. Não que eu realmente achasse que uma relação de sangue

pudesse explicar o fato de eu ter sido levada a ele duas vezes. Não explicava. Mas mais nada explicava. O que tínhamos era algo novo, algo que nem sequer tinha nome. Tínhamos algo estranho em comum que podia ou não estar relacionado ao fato de sermos parentes. Ainda assim, agora eu tinha um motivo especial por estar feliz por ter conseguido salvá-lo. Afinal... afinal, o que teria acontecido comigo, com a família de minha mãe, se eu não o tivesse salvado?

Era por isso que eu estava aqui? Não apenas para garantir a sobrevivência de um menininho que sempre estava em perigo, mas também para garantir a sobrevivência de minha família, meu próprio nascimento?

Pensando bem, o que teria acontecido se o menino tivesse se afogado? Teria morrido sem minha ajuda? Ou sua mãe o salvaria de alguma maneira? Seu pai chegaria a tempo de salvá-lo? Era possível que um deles o tivesse salvado, de algum modo. A vida dele não podia depender das atitudes de uma descendente nem sequer concebida. Independentemente do que eu fizesse, ele teria que sobreviver para ser pai de Hagar, ou eu não poderia existir. Isso fazia sentido.

Mas, de algum modo, não era o suficiente para me tranquilizar. Não fazia sentido para mim testar essa ideia ignorando-o se o encontrasse em apuros de novo; não que eu fosse capaz de ignorar uma criança em apuros, *qualquer* que fosse. Mas essa criança precisava de um cuidado especial. Para que eu vivesse, para que outros vivessem, ele tinha que viver. Eu não ousava testar o paradoxo.

- Sabe de uma coisa? - perguntou ele, me olhando com atenção. - Você se parece um pouco com a mãe de Alice. Se usasse um vestido e prendesse os cabelos, ficaria muito parecida com ela. - Ele se sentou ao meu lado na cama.

- Então estou surpresa por sua mãe não ter pensado que eu era ela - falei.

- Não com essas roupas! No começo, ela pensou que você fosse um homem, como eu também pensei... e como o papai pensou.

- Ah. - Aquele erro se tornava um pouco mais fácil de entender agora.

- Tem certeza de que não é parente de Alice?

- Não que eu saiba - menti. E mudei de assunto de repente. - Rufe, tem escravos aqui?

Ele assentiu.

- Trinta e oito escravos. O papai disse. - Ele levantou os pés descalços e se sentou na cama com as pernas cruzadas, de frente para mim, ainda me observando com interesse. - Você não é escrava, certo?

- Não.

- Achei que não. Você não fala como eles, não se veste nem age como eles. Nem mesmo parece ser uma fugitiva.

- Não sou.

- E também não me chama de “Senhor”.

Fiquei surpresa quando ri.

- Senhor?

- Você tem que me chamar de senhor. - Ele estava muito sério. - Você quer que eu lhe chame de negra.

A seriedade dele interrompeu meu riso. Qual era a graça, afinal? Ele provavelmente tinha razão. Sem dúvida, eu tinha que dar a ele um tratamento de respeito. Mas “senhor”?

- Você tem que dizer - insistiu ele. - Ou “senhorzinho” ou “senhor”, como faz a Alice. Tem que fazer isso.

- Não. - Balancei a cabeça, negando. - Só se as coisas ficarem muito piores do que estão.

O menino agarrou meu braço.

- Sim! - sussurrou. - Se não fizer isso e o papai ouvir, você vai estar em apuros.

Eu estaria em apuros se o “papai” me ouvisse dizer qualquer coisa que fosse. Mas o menino obviamente estava

preocupado, até mesmo assustado por minha causa. Seu pai parecia ser um homem que inspirava medo.

- Certo - falei. - Se mais alguém aparecer, direi “Senhor Rufus”. Pode ser? - Se mais alguém aparecesse, eu teria sorte se sobrevivesse.

- Sim - disse Rufus. Ele parecia aliviado. - Ainda tenho as marcas nas costas de quando o papai me bateu com o chicote.

- Eu vi. - Estava na hora de eu sair daquela casa. Já tinha conversado bastante, aprendido muito e esperava ser transportada de volta. Estava claro que a força que havia me usado para proteger Rufus não cuidava da minha proteção. Eu tinha que sair da casa e encontrar um lugar seguro antes do amanhecer, se é que existia um lugar seguro para mim ali. Fiquei me perguntando como os pais da Alice fizeram, como sobreviveram.

- Ei! - disse Rufus de repente.

Eu me assustei, olhei para ele e percebi que estava dizendo alguma coisa... alguma coisa que eu não tinha ouvido.

- Perguntei como você se chama - repetiu ele. - Você não me disse.

Era só isso?

- Edana - falei. - A maioria das pessoas me chama de Dana.

- Ah, não! - disse ele, baixinho. Ele olhava para mim com a mesma cara de quando pensou que eu pudesse ser um fantasma.

- O que foi?

- Acho que nada, mas... bom, você queria saber se eu tinha te visto antes de chegar aqui como te vi no rio. Bom, não te vi, mas acho que te ouvi!

- Como? Quando?

- Não sei como. Você não estava aqui. Mas quando o incêndio começou e eu fiquei assustado, ouvi uma voz de homem. Ele disse “Dana?”, depois ele disse “Está

acontecendo de novo?” E alguém mais... você... sussurrou “Eu acho que sim”. Eu ouvi você!

Suspirei, cansada, querendo minha cama e o fim das perguntas que não tinham respostas. Como Rufus havia ouvido Kevin e a mim através do tempo e do espaço? Eu não sabia. Nem sequer tinha tempo para tentar saber. Tinha outros problemas mais urgentes.

- Quem era o homem? - perguntou Rufus.

- Meu marido. - Passei a mão pelo rosto. - Rufe, preciso sair daqui antes que seu pai acorde. Pode me mostrar como ir para o andar de baixo sem acordar ninguém?

- Para onde você vai?

- Não sei, mas não posso ficar aqui. - Parei por um momento pensando em quanto ele poderia me ajudar, em quanto me ajudaria. - Estou muito longe de casa - falei - e não sei quando vou conseguir voltar para lá. Você sabe para onde eu poderia ir?

Rufus descruzou as pernas e coçou a cabeça.

- Você poderia sair e se esconder até amanhecer. Depois, podia perguntar ao papai se pode trabalhar aqui. Às vezes, ele contrata pretos livres.

- É mesmo? Se você fosse livre e negro, acha que ia querer trabalhar para ele?

Ele desviou o olhar, balançando a cabeça.

- Acho que não. Às vezes, ele é muito mau.

- Tem outro lugar para onde eu poderia ir?

Ele pensou um pouco mais.

- Você poderia ir para a cidade para procurar emprego.

- Qual é o nome da cidade?

- Easton.

- É longe?

- Não muito longe. Os pretos vão para lá andando às vezes, quando o papai deixa. Ou talvez...

- O quê?

- A mãe de Alice mora mais perto. Você poderia procurá-la, e ela poderia indicar os melhores lugares onde conseguir

trabalho. Você também poderia ficar com ela, talvez. E então, pode ser que eu a encontre de novo antes de você ir para casa.

Fiquei surpresa por ele querer me ver de novo. Desde a minha infância eu não tinha muito contato com crianças. Mas, de algum modo, percebi que gostava do menino. Seu ambiente havia deixado marcas ruins nele, mas, no Sul pré-guerra, eu poderia ter acabado à mercê de alguém muito pior.

- Onde posso encontrar a mãe de Alice? - perguntei.

- Ela vive na mata. Vamos sair, e te explico como chegar lá.

Ele pegou a vela e foi até a porta do quarto. As cortinas se balançaram de um jeito esquisito quando ele se movimentou. De repente, percebi como seria fácil para ele me trair -abrir a porta e correr ou gritar avisando os outros.

Em vez disso, entreabriu a porta e espiou lá fora. Em seguida, se virou e fez um gesto para mim. Parecia animado e satisfeito, e um pouco assustado a ponto de ser cuidadoso. Relaxei e o segui depressa. Ele estava se divertindo, vivendo uma aventura. E, por acaso, brincava com fogo de novo, ajudando uma invasora a escapar da casa de seu pai sem ser vista. Se soubesse, o pai dele provavelmente chicotearia nós dois.

No andar de baixo, a porta pesada e grande se abriu sem fazer barulho, e nós saímos no escuro lá fora - na quase escuridão. A lua minguante e vários milhões de estrelas iluminavam a noite, como não acontecia em casa. Rufus imediatamente começou a me dar orientações sobre como chegar à casa da amiga dele, mas eu o interrompi. Havia outra coisa a ser feita primeiro.

- Onde as cortinas caíram, Rufe? Quero que me leve até elas.

Ele obedeceu, dando a volta na casa comigo. Ali, o que havia sobrado das cortinas fumegava no chão.

- Se pudermos nos livrar disto - falei -, pode fazer com que sua mãe encontre novas cortinas sem contar a seu pai?

- Acho que sim - disse ele. - Eles mal conversam mesmo.

A maior parte dos restos das cortinas estava fria. Eu pisei

nas partes que ainda estavam vermelhas e ameaçando pegar fogo de novo. Em seguida, encontrei um pedaço grande de tecido não queimado. Eu o estendi no chão e o enchi com pedregulhos, cinzas e a terra que acabei pegando ao recolher tudo. Rufus me ajudou em silêncio. Quando terminamos, eu enrolei o tecido bem apertado e o entreguei a ele.

- Coloque isto dentro de sua lareira - falei. - Espere que queime por completo antes de ir dormir. Mas Rufe... não queime mais nada.

Ele olhou para baixo, envergonhado.

- Não vou queimar.

- Ótimo. Deve haver maneiras mais seguras de perturbar seu pai. Agora, pode me dizer como faço para chegar à casa da Alice?

3

Ele indicou o caminho, então me deixou sozinha na noite fria e silenciosa. Parei por um momento ao lado da casa sentindo medo e solidão. Não tinha percebido como a presença do garoto era reconfortante. Por fim, comecei a atravessar o amplo terreno gramado que separava a casa dos campos. Vi árvores espalhadas e construções escurecidas ao meu redor. Havia uma fileira de pequenas construções de um lado, quase não dava para vê-la da casa. Casebres de escravos, imaginei. Pensei ter visto alguém dar a volta por um deles e, por um momento, fiquei paralisada atrás de uma árvore enorme. A pessoa desapareceu em silêncio entre dois casebres — algum escravo, provavelmente tão ansioso quanto eu por não ser flagrado na noite.

Contornei um campo de alguma plantação que chegava à minha cintura, mas que nem tentei identificar sob a fraca iluminação. Rufus havia me contado sobre seu atalho e que havia um caminho mais comprido pela estrada. Mas preferi evitar a estrada. A possibilidade de encontrar um adulto branco me assustava mais do que a possibilidade de enfrentar a violência urbana da minha época.

Por fim, vi uma série de árvores que pareciam formar um muro alto e escuro além dos campos iluminados pelo luar. Permaneci na frente delas por vários instantes, tentando imaginar se, no fim das contas, não seria melhor pegar a estrada.

Então, ouvi cães latindo - não muito longe, pelo som - e, de repente, com medo, eu me embrenhei num matagal novo entre as árvores. Pensei que podia haver espinhos, hera venenosa, serpentes... Pensei, mas não parei. Uma

matilha de cães meio selvagens parecia pior. Ou talvez uma matilha de cães de caça domesticados, acostumados a localizar escravos fugidios.

A mata não estava totalmente escura como parecera. Consegui enxergar um pouco depois de meus olhos se acostumarem à luz fraca. Vi árvores altas e indistintas; árvores por todos os lados. Conforme avançava, comecei a me perguntar como podia ter certeza de que ainda seguia na direção certa. Aquilo bastou. Dei meia-volta, torcendo para ainda saber para que lado era a “volta”, e retornei na direção do campo. Eu era urbana demais.

Voltei ao campo sem problema, então me desviei à esquerda para onde Rufus dissera haver uma estrada. Eu a encontrei e segui por ela, atenta aos cães. Mas, naquele momento, só algumas aves e insetos notívagos rompiam o silêncio: grilos, uma coruja, algum pássaro cujo nome eu não sabia. Permaneci à beira da estrada, tentando conter meu nervosismo e rezando para ir para casa.

Algo atravessou a estrada tão perto de mim que quase raspou em minha perna. Fiquei paralisada, assustada demais até mesmo para gritar, e então percebi que tinha sido só um animal pequeno que eu havia assustado; uma raposa, talvez, ou um coelho. Eu me peguei cambaleando de leve, um pouco zonzas. Caí de joelhos, desejando desesperadamente que a tontura se intensificasse, que a transferência ocorresse...

Fechei os olhos. Quando os abri, o caminho de terra e as árvores ainda estavam ali. Me levantei, exausta, e comecei a caminhar de novo.

Depois de avançar um pouco, não sabia mais se havia passado pelo casebre sem vê-lo. E comecei a ouvir barulhos - não de pássaros nem de animais dessa vez, nem de nada que eu pudesse identificar, a princípio. Mas independentemente do que fosse, parecia estar se aproximando. Perdi tempo demais até perceber que era o

som de cavalos movendo-se lentamente pela estrada na minha direção.

A tempo, mergulhei nos arbustos.

Fiquei ali, deitada, ouvindo, tremendo um pouco, imaginando se os cavaleiros que se aproximavam tinham me visto. Eu os via naquele momento, formas escuras em movimento vagaroso seguindo numa direção que acabaria por fazer com que passassem por mim rumo à casa dos Weylin. E, se me vissem, poderiam me levar como prisioneira. Os negros aqui eram tidos como escravos a menos que pudessem provar que eram livres, a menos que tivessem a documentação para comprovar. Negros sem documento eram alvo fácil para qualquer branco.

E aqueles cavaleiros eram brancos. Vi isso à luz da lua conforme se aproximavam. Observei e esperei, mantendo-me totalmente imóvel até passarem. Oito brancos cavalgando tranquilamente na madrugada. Oito brancos entrando na mata onde o casebre dos Greenwood deveria estar.

Depois de um momento de indecisão, eu me levantei e os segui, movendo-me com cuidado de uma árvore a outra. Eu estava com medo deles e ao mesmo tempo feliz por ver a presença de seres humanos. Por mais perigosos que pudessem ser para mim, de algum modo, não pareciam tão ameaçadores quanto a mata escura com seus sons esquisitos e mistérios.

Como eu já esperava, os homens me levaram a um pequeno casebre de madeira numa clareira iluminada pela lua, na mata. Rufus me dissera que eu podia chegar à casa dos Greenwood pela estrada, mas não havia me dito que o casebre ficava fora de vista da estrada. Talvez não ficasse. Talvez aquela fosse a casa de outra pessoa. Eu meio esperava que fosse, porque se as pessoas dentro do casebre fossem negras, era quase certeza de que estavam em apuros.

Quatro dos cavaleiros apearam e foram até a porta, batendo e chutando. Ninguém atendeu, e dois deles começaram a tentar derrubá-la. A porta parecia pesada - não cedia, era mais provável que fizesse os homens quebrarem o ombro no esforço para arrombá-la. Mas aparentemente a tranca usada para mantê-la fechada não era forte. Ouvi um barulho de madeira quebrando, e a porta se abriu para dentro. Os quatro homens avançaram e, um instante depois, três pessoas foram empurradas, quase lançadas para fora do casebre. Duas delas, um homem e uma mulher, foram agarradas, do lado de fora, pelos cavaleiros que tinham acabado de apeiar, e pareciam à espera delas. A terceira, uma menininha usando uma camisola comprida de cor clara, pôde se jogar no chão e rolar para longe, ignorada pelos homens. Ela foi para um ponto a poucos metros de onde eu estava nos arbustos, à beira da clareira.

Ouvi vozes na clareira e comecei a distinguir palavras à distância e os sotaques desconhecidos.

- Não tem passe - disse um dos cavaleiros. - Ele escapou.

- Não, Senhô - implorou uma das pessoas do casebre, claramente um negro falando com os brancos. - Eu tinha um passe. Eu tinha...

Um dos brancos deu um soco em seu rosto. Outros dois o seguraram, e ele se vergou entre eles. Mais conversa.

- Se você tinha um passe, onde está?

- Não sei. Devo tê derrubado vindo para cá.

Eles empurraram o homem em direção a uma árvore tão próxima de mim que eu me abaixei mais, tensa de medo. Um pouco de azar bastaria para que um dos brancos me visse ou, na escuridão, não me visse e pisasse em mim.

O homem foi obrigado a abraçar a árvore, e suas mãos foram amarradas para impedir que ele se soltasse. O negro estava nu, aparentemente tinha sido arrancado da cama. Olhei para a mulher que ainda estava mais atrás, ao lado do

casebre, e vi que ela havia conseguido se enrolar em alguma coisa. Um cobertor, talvez. Assim que percebi, um dos brancos arrancou seu cobertor. Ela disse algo com a voz tão baixinha que só notei seu tom de protesto.

- Cale a boca! - disse o homem que havia retirado o cobertor. Ele o jogou no chão. - Quem você acha que é, desgraçada?

Um dos outros se meteu.

- O que você acha que tem que não vimos ainda?

Deram uma gargalhada estrondosa.

- Já vi mais e melhor - acrescentou outra pessoa.

Disseram obscenidades, riram mais.

O homem já tinha sido amarrado com firmeza à árvore. Um dos brancos foi até o cavalo para pegar um chicote. Ele o estalou uma vez no ar, aparentemente para sua própria diversão, e então o lascarou nas costas do homem negro. O corpo dele convulsionou, mas o único som que emitiu foi uma arfada. Levou vários outros golpes sem gritar, mas eu ouvia sua respiração, forte e rápida.

Atrás dele, a criança chorava alto agarrada à perna da mãe, mas a mulher, como o marido, permanecia em silêncio. Ela segurava a pequena contra seu corpo e permaneceu de cabeça baixa, recusando-se a ver a surra.

E então, o homem fraquejou. Começou a gemer, soltar sons guturais baixos, arrancados contra sua vontade. Por fim, passou a gritar.

Literalmente, eu sentia o cheiro de seu suor, ouvia cada respiração laboriosa, cada grito, cada açoite. Vi seu corpo estremeando, convulsionando, sofrendo contra o chicote conforme os gritos continuavam. Meu estômago se revirou, e eu tive que me forçar a ficar onde estava e a me manter em silêncio. Por que eles não paravam?

- Por favô, Senhô - implorou o homem. - Pelo amor de Deus, Senhô, por favô...

Fechei os olhos e contraí os músculos contendo a ânsia de vômito.

Já tinha visto pessoas serem surradas na televisão e nos filmes. Já tinha visto sangue falso nas costas delas e ouvido gritos bem ensaiados. Mas não havia ficado perto e sentido o cheiro do suor nem ouvido as súplicas e as orações das pessoas humilhadas diante de suas famílias e de si mesmas. Eu provavelmente estava menos preparada para a realidade do que a criança que chorava não muito longe de mim. Na verdade, ela e eu estávamos reagindo de modo muito parecido. Meu rosto estava banhado em lágrimas. E minha mente ia de um pensamento a outro, tentando me desligar das chibatadas. Em determinado momento, essa covardia extrema até trouxe algo útil. Um nome para os brancos que atravessavam a noite no Sul pré-guerra, derrubando portas, surrando e torturando negros.

Capatazes. Grupos de jovens brancos que mantinham a ordem de modo ostensivo entre os escravos. Capatazes. Precursores da Ku Klux Klan.

Os gritos do homem pararam.

Depois de um instante, olhei para a frente e vi que os capatazes o estavam desamarrando. Ele continuou encostado na árvore mesmo depois de a corda ser solta, até um dos homens o puxar e amarrar suas mãos à frente do corpo. Então, ainda segurando a outra ponta da corda, o capataz montou em seu cavalo e se afastou, meio arrastando seu cativo atrás de si. Os outros capatazes montaram nos cavalos e o seguiram, menos o que estava conversando aos sussurros com a mulher. Evidentemente, a discussão não ocorreu como o homem queria, porque antes de seguir os outros, ele socou o rosto dela exatamente como seu marido tinha sido agredido antes. A mulher caiu no chão. O homem se afastou e a deixou ali.

O capataz e seu cativo trôpego seguiram para a estrada, na direção da casa dos Weylin. Se tivessem voltado exatamente por onde vieram, teriam passado por cima de mim ou me encontrado em meu esconderijo. Tive sorte e fui tola por ter me aproximado tanto. Fiquei tentando imaginar

se o negro cativo pertencia a Tom Weylin. Isso poderia explicar a amizade de Rufus com a menina, Alice. Isto é, se aquela menina fosse Alice. Se aquele fosse o casebre certo. Se a mulher, inconsciente e abandonada, estivesse precisando de ajuda. Eu me levantei e caminhei até ela.

A menina, que estava ajoelhada ao lado dela, deu um salto para fugir.

- Alice! - chamei baixinho.

Ela parou, espreitando-me na escuridão. Então, ela era Alice. Aquelas pessoas eram meus parentes, meus ancestrais. E aquele lugar podia ser meu refúgio.

4

- Sou amiga, Alice - disse ao me ajoelhar e virar a cabeça da mulher inconsciente para uma posição que parecesse mais confortável. Alice me observou com incerteza, e então perguntou com a voz baixa e meio sussurrada.

- Tá morta?

Olhei para a frente. A menina era mais nova do que Rufus: negra, magra e pequena. Ela secou o nariz na manga da blusa e fungou.

- Não, não está morta. Tem água na casa?

-Tem.

- Vá pegar um pouco.

Ela correu para dentro do casebre e voltou alguns segundos depois com uma cuia cheia de água. Molhei um pouco o rosto da mãe, lavei o sangue ao redor de seu nariz e da boca. Pelo que pude ver dela, parecia ter aproximadamente a minha idade, era magra como a filha, como eu, na verdade. E, assim como eu, tinha ossos bons, provavelmente não tão fortes quanto precisavam ser para sobreviver naquela era. Mas estava sobrevivendo, ainda que de modo muito doloroso. Talvez ela me ajudasse a sobreviver.

Ela recobrou a consciência lentamente, primeiro gemendo, depois gritando: - Alice! Alice!

- Mama? - disse a criança, em dúvida.

Os olhos da mulher se arregalaram, e ela olhou para mim.

- Quem é ocê?

- Uma amiga. Vim aqui pedir ajuda, mas, no momento, prefiro ajudar. Quando sentir que vai conseguir se levantar,

vou ajudá-la a entrar.

- Perguntei quem ocê é! - Sua voz estava mais séria.

- Meu nome é Dana. Sou uma mulher livre.

Eu me pus de joelhos ao seu lado e vi quando ela olhou para a minha blusa, para a minha calça, para meus sapatos - que para desfazer as malas e cuidar da casa, eram botas simples. Ela olhou bem para mim e me julgou.

- Uma fugida, você qué dizê.

- É isso que os capatazes diriam porque não tenho documentos. Mas sou livre, nasci livre, pretendo permanecer livre.

- Ocê vai me trazê problema!

- Hoje, não. Você já teve problema hoje. - Hesitei, mordendo o lábio, e disse baixinho: - Por favor, não me mande embora.

A mulher ficou em silêncio por um tempo. Eu vi quando ela olhou para a filha, tocou o próprio rosto e limpou o sangue do canto da boca.

- Não ia te mandá embora - disse ela, também em voz baixa.

- Obrigada.

Eu a ajudei a se levantar e a entrar no casebre. Enfim, refúgio. Algumas horas de paz.

Talvez, na noite seguinte, eu pudesse continuar me comportando como a fugitiva que a mulher pensava que eu era. Talvez me ensinasse a maneira mais rápida e segura de seguir para o Norte.

O casebre estava quase todo no escuro, exceto pela chama fraca da fogueira, mas a mulher foi para a cama sem dificuldade.

- Alice! - Ela chamou.

- Tô aqui, mama.

- Coloca lenha no fogo.

Observei a menina obedecer, com a barra da camisola comprida perigosamente perto do carvão em brasa. A amiga de Rufus era tão descuidada com o fogo quanto ele.

Rufus. O nome dele trouxe de volta todo o medo, a confusão e o desejo de voltar para casa. Será que eu realmente teria que ir a um estado do Norte para ter paz? E se tivesse, que tipo de paz seria? O Norte rígido era melhor para os negros do que o Sul escravista, mas não muito.

- Por que veio? - perguntou a mulher. - Quem te mandô?

Fiquei olhando para o fogo, franzindo a testa. Eu a ouvi se movimentando atrás de mim, provavelmente se vestindo.

- O menino - respondi baixinho. - Rufus Weylin.

Os ruídos baixos cessaram. Ficamos em silêncio por um momento. Eu sabia que tinha me arriscado ao falar sobre Rufus. Provavelmente, tinha me arriscado de um jeito idiota. Não sabia por que tinha feito isso.

- Ninguém além dele sabe de mim - continuei.

A fogo começou a queimar a pequena lenha de Alice. A lenha estalou, espirrou faíscas e preencheu o silêncio enquanto Alice dizia: - O Senhô Rufe não vai contá. - Deu de ombros. - Ele não é de contá nada.

E nas palavras dela vi um motivo pelo risco que havia corrido. Eu não tinha pensado nisso até aquele momento, mas se Rufus dissesse o que não deveria dizer, a mãe de Alice deveria saber para que pudesse me esconder ou me mandar embora. Esperei para ver o que ela diria.

- Tem certeza que o pai não te viu? - perguntou ela. E isso só podia significar que ela concordava com Alice, que Rufus não contaria. Tom Weylin provavelmente já tinha marcado o filho mais do que deveria com aquele chicote.

- Eu estaria aqui se o pai tivesse me visto? - perguntei.

- Acho que não.

Eu me virei e olhei para ela, que usava uma camisola agora, branca e comprida como a da filha. Sentou-se à beira da cama e me observou. Havia uma mesa perto de mim feita de tábuas grossas e aplainadas, e um banco feito com um pedaço de lenha partida. Eu me sentei nele.

- Tom Weylin é dono de seu marido? - perguntei.

Ela assentiu com tristeza.

-Viu?

-Vi.

- Ele não devia tê vindo. Eu disse pra ele não vim.

- Ele tinha um passe mesmo?

Ela riu, amargurada.

- Não. E nem vai consegui um. Não pra vim me vê. O Senhô Tom disse que ele tinha que escolhê outra esposa lá na fazenda. Assim, o Senhô Tom vai sê dono de todos os filho dele.

Olhei para Alice. A mulher seguiu meu olhar.

- Ele nunca vai sê dono de filho meu - disse ela com seriedade.

Fiquei pensando. Eles pareciam tão vulneráveis. Duvidei que aquela fosse a primeira visita do capataz, ou a última. Num lugar como aquele, como a mulher podia ter certeza de alguma coisa? E também havia a história. Rufus e Alice se uniriam, de alguma forma.

- De onde cê veio? - perguntou a mulher de repente. - Pelo seu jeito de falá, não é daqui.

A mudança de assunto me pegou de surpresa e eu quase disse Los Angeles.

- Nova York - menti. Em 1815, a Califórnia não passava de uma colônia espanhola distante; uma colônia sobre a qual aquela mulher provavelmente nunca tinha ouvido falar.

- Fica bem longe daqui - disse a mulher.

- Meu marido está lá. - De onde essa mentira tinha saído? E eu a havia dito com toda a saudade que sentia de Kevin, no momento longe demais para que eu conseguisse chegar até ele com meus esforços.

A mulher se aproximou e ficou olhando para mim. Era alta, mantinha as costas retas, era séria e mais velha.

- Eles te levou? - perguntou ela.

- Sim. - Talvez, de algum modo, eu tivesse sido seqüestrada.

- Tem certeza que não pegou ele também?

- Só a mim. Tenho certeza.
- E agora, cê vai voltá.
- Vou! - Respondi de modo intenso, com toda a esperança. - Vou! - A mentira e a verdade tinham se misturado.

Silêncio. A mulher olhou para a filha, e então para mim de novo.

- Ocê fica aqui até amanhã de noite - disse ela. - Depois, tem um lugar para ir. Vão deixá ocê comê e... Ah!

- Ela pareceu penalizada. - Deve tá com fome. Vou pegá um pouco de...

- Não, não estou com fome. Só cansada.

- Então, vá pra cama. Alice, cê também. Tem espaço pra todo mundo lá... Agora. - Ela foi até a menina e começou a bater um pouco da terra que Alice tinha trazido de fora. Eu a vi fechar os olhos por um momento, e então, olhou para a porta. - Dana... Disse que se chama Dana?

- Sim.

- Eu esqueci o coberto - disse ela. - Deixei lá fora quando... Deixei lá fora.

- Vou pegá-lo - falei. Fui até a porta e olhei para fora. O cobertor estava onde o capataz o havia deixado, no chão, não muito longe da casa. Eu fui até ele para pegá-lo, mas assim que o alcancei, alguém me agarrou e me virou. De repente, estava frente a frente com um jovem branco, de rosto largo, cabelos escuros, atarracado, cerca de quinze centímetros mais alto do que eu.

- Mas o que...? - ele gaguejou. - Você... não é você. - Ele olhou para mim como se não tivesse certeza. Aparentemente, eu parecia bastante com a mãe de Alice para confundi-lo por um breve momento.

- Quem é? O que está fazendo aqui?

O que fazer? Ele me segurou sem esforço, quase sem perceber que eu tentava me livrar.

- Eu moro aqui - menti. - O que você está fazendo aqui?

- Achava que a chance de ele acreditar em mim seria maior

se eu me mostrasse indignada.

Mas ele me deu um tapa forte com uma das mãos enquanto me segurava com a outra. Falou muito baixo.

- Você não tem modos, preta, vou te ensinar a me respeitar! Eu não disse nada. Meus ouvidos ainda zuniam devido à agressão, mas eu o ouvi dizer: - Você podia ser a irmã dela, a irmã gêmea, quase.

Seria bom que ele pensasse assim, na minha opinião, por isso fiquei quieta.

E o silêncio, de qualquer modo, parecia mais seguro.

- A irmã dela se vestia como rapaz! - Ele começou a sorrir. - A irmã dela que fugiu. Quanto você deve valer?

Entrei em pânico. Era muito ruim que ele tivesse me pegado e que estivesse me segurando. Agora, ele queria me entregar como fugitiva... Finquei as unhas de minha mão livre no braço dele e rasguei a carne do cotovelo ao pulso.

A surpresa e a dor fizeram com que o homem me soltasse um pouco, e eu recuei.

Ouvi seu grito, ouvi quando ele partiu atrás de mim.

Corri sem pensar em direção à porta do casebre e encontrei a mãe de Alice ali, bloqueando meu caminho.

- Não entra aqui - sussurrou ela. - Por favô, não entra aqui.

Não tive chance de entrar. O homem me pegou, me puxou para trás e me jogou no chão. Ele poderia ter me chutado, mas eu rolei para o lado e fiquei de pé. O terror me deu velocidade e agilidade que eu não sabia que tinha.

Corri de novo, dessa vez em direção às árvores. Não sabia aonde estava indo, mas os barulhos do homem atrás de mim me fizeram avançar em ziguezague. Agora, eu desejava encontrar uma mata mais densa onde eu pudesse me embrenhar.

O homem me alcançou e me derrubou com tudo no chão. A princípio, fiquei paralisada, incapaz de me mexer nem de me defender, mesmo quando ele começou a me bater, a me socar. Nunca tinha apanhado daquele jeito

antes, nunca pensei que poderia aguentar tanta agressão sem perder a consciência.

Quando tentei fugir aos tropeços, ele me puxou de volta. Quando tentei afastá-lo, ele mal pareceu notar. A certa altura, consegui chamar a atenção dele. Ele havia se inclinado em cima de mim, fazendo com que eu me deitasse de barriga para cima. Levei as mãos a seu rosto, os dedos cobrindo os olhos parcialmente. Naquele instante, percebi que podia impedi-lo, cegá-lo, destruí-lo, naquela época primitiva.

Os olhos dele.

Só tinha que mexer os dedos um pouco e enfiá-los nos tecidos moles dele, estragar sua visão e causar mais agonia nele do que ele estava causando em mim.

Mas não consegui fazer isso. Eu me enojava só de pensar, minhas mãos estavam paralisadas. Eu tinha que conseguir! Mas não conseguia...

O homem tirou minhas mãos de seu rosto e se afastou de mim... E eu me xinguei por ser tão idiota. Minha chance passou, e eu não tinha feito nada. Meu melindre era de outra época, mas eu o havia trazido comigo. Agora, eu seria vendida como escrava porque não tive coragem de me defender do jeito mais eficiente. Escrava! E havia uma ameaça mais imediata.

O homem tinha parado de me bater. Agora, ele só me segurava com força e olhava para mim. Vi que tinha deixado alguns arranhões no rosto dele. Arranhões superficiais e insignificantes. O homem passou a mão por eles, olhou para o sangue e então para mim.

- Você sabe que vai pagar por isso, não sabe? - perguntou ele.

Eu não disse nada. Eu pagaria pela estupidez, no mínimo.

- Acho que você vai ter o mesmo destino de sua irmã - disse ele. - Voltei para buscá-la, mas você é igualzinha a ela.

Eu já podia imaginar quem ele provavelmente era. Um dos capatazes, aquele que tinha agredido a mãe de Alice. Ele estendeu o braço e rasgou minha blusa. Os botões voaram em todas as direções, mas eu não me mexi. Entendi o que o homem faria. Ele demonstraria como era idiota. E me daria outra chance de destruí-lo. Quase me senti aliviada.

Ele rasgou meu sutiã e eu me preparei para me mexer. Só um ataque rápido. Então, de repente, sem motivo que eu pudesse perceber, ele recuou, preparando o punho para me bater de novo. Virei a cabeça, bati em algo duro quando o soco dele resvalou pela minha mandíbula.

A nova onda de dor acabou com minha determinação, fez com que eu tentasse fugir. Só consegui me mexer por poucos centímetros até ele me imobilizar, mas foi o suficiente para que eu descobrisse que tinha batido a cabeça em algo de madeira; um galho de árvore, talvez. Eu o peguei com as duas mãos e bati com tudo na cabeça do rapaz.

Ele caiu em cima do meu corpo.

Fiquei parada, ofegante, tentando encontrar força para me levantar e correr. O homem tinha deixado o cavalo ali perto. Se eu conseguisse encontrá-lo...

Eu me arrastei para sair de baixo do corpo pesado dele e tentei me levantar. No meio do movimento, senti que estava perdendo a consciência, caindo para trás. Eu me segurei a uma árvore e lutei para ficar consciente. Se o homem voltasse a si e me encontrasse por perto, me mataria. Certamente me mataria! Mas não consegui me segurar à árvore. Caía, lentamente, ao que parecia, numa escuridão sem estrelas.

5

A dor me arrastou de volta à consciência. No começo, eu tive plena consciência dela; todas as partes de meu corpo doíam. Então, vi um rosto borrado à minha frente, o rosto de um homem, e entrei em pânico.

Tentei fugir, dei chutes nele, afastando as mãos que me seguravam, tentando morder, mirando seus olhos. Eu conseguiria dessa vez. Consequiria fazer alguma coisa.

- Dana!

Fiquei paralisada. Meu nome? Nenhum capataz sabia meu nome.

- Dana, olhe para mim, pelo amor de Deus!

Kevin! Era a voz de Kevin! Olhei para a frente, consegui me concentrar nele com clareza, finalmente. Estava em casa. Estava deitada na minha cama, ensangüentada e suja, mas a salvo. A salvo!

Kevin estava meio deitado em cima de mim, me segurando, sujando-se com o meu sangue e com o dele. Vi que havia arranhado seu rosto muito perto do olho.

- Kevin, me desculpa!

- Você está bem agora?

- Estou. Pensei... pensei que você fosse o capataz.

- Quem?

- O... Conto mais tarde. Meu Deus, eu me machuquei e estou tão cansada. Mas não importa. Estou em casa.

- Você ficou fora por dois ou três minutos dessa vez. Não soube o que pensar. Não sabe como é bom ter você de volta.

- Dois ou três minutos?

- Quase três minutos. Eu olhei no relógio. Mas pareceu mais tempo.

Com dor e cansaço, fechei os olhos. Para mim, não tinha só parecido mais tempo. Eu havia passado horas longe e sabia disso. Mas, naquele momento, eu não podia discutir. Não teria como discutir a respeito de nada. O ímpeto de força que havia me ajudado a lutar quando pensei que estava lutando por minha vida havia desaparecido.

- Vou levá-la ao hospital - disse Kevin. - Não sei como vou explicar o que aconteceu, mas você precisa de ajuda.

- Não.

Ele se levantou. Eu deixei que ele me erguesse.

- Não, Kevin, por favor.

- Olha, não precisa ter medo. Estarei do seu lado.

- Não. Olha, ele só me bateu algumas vezes. Vou ficar bem. - De repente, sentia-me forte de novo, agora que precisava de força. - Kevin, eu sumi daqui na primeira vez, e agora, a segunda. E voltei aqui. O que vai acontecer se eu desaparecer do hospital e voltar lá?

- Provavelmente nada. - Mas ele parou. - Ninguém que vir você desaparecer e voltar vai acreditar. E ninguém ousaria contar a alguém.

- Por favor. Me deixe dormir. É só do que preciso, na verdade: descansar. Os cortes e os hematomas vão desaparecer. Vou ficar bem.

Ele me levou para a cama de novo, provavelmente contrariando o que achava mais correto, e me deitou ali.

- Quanto tempo durou para você? - perguntou ele.

- Horas. Mas só foi ruim no fim.

- Quem fez isso com você?

- Um capataz. Ele... ele pensou que eu fosse uma fugitiva. - Franzi a testa. - Tenho que dormir, Kevin. Pro-meto que vou explicar melhor amanhã. - Minha voz foi ficando mais baixa.

- Dana!

Eu me sobressaltei, tentei me concentrar de novo nele.

- Ele estuprou você?

Suspirei.

- Não. Eu bati nele com um galho... e ele perdeu a consciência. Me deixe dormir.

- Espere um pouco...

Eu parecia estar me afastando dele. Foi muito difícil para mim continuar escutando e tentando entender, muito difícil responder. Suspirei de novo e fechei os olhos. Eu ouvi quando ele se levantou e se afastou, ouvi o barulho de água em algum lugar. Em seguida, dormi.

6

Estava limpa quando acordei no dia seguinte, antes do amanhecer. Estava vestindo uma camisola velha de flanela que não usava desde antes do casamento e que nunca tinha usado no mês de junho. De um lado, havia uma bolsa de lona com calça, blusa, roupa íntima, um sué-ter e o maior canivete que já tinha visto. A bolsa de lona estava amarrada à minha cintura com um cordão. Do outro lado, estava Kevin, ainda adormecido. Mas ele acordou quando eu o beijei.

- Você ainda está aqui - disse ele, com alívio evidente, e me abraçou, e a dor me fez lembrar de alguns hematomas. Ele se lembrou deles, me soltou e acendeu a luz. - Como está se sentindo?

- Muito bem. - Eu me sentei, saí da cama, consegui ficar de pé por um momento. Em seguida, voltei para debaixo da coberta. - Estou sarando.

- Ótimo. Está descansada, está sarando, agora pode me dizer o que aconteceu com você, afinal? E o que é um capataz? Só consegui pensar em um administrador de fazenda.

Pensei no que tinha lido.

- Um capataz é... era um homem branco, normalmente jovem, quase sempre pobre, às vezes bebedor. Ele era membro de um grupo de homens organizados para manter os negros na linha.

- O quê?

- Os capatazes cuidavam para que os negros estivessem onde deveriam estar à noite e puniam aqueles que não ficavam onde eles queriam. Eles perseguiam fugitivos em troca de dinheiro. E, às vezes, armavam um caos para se

divertir um pouco aterrorizando as pessoas que não podiam revidar.

Kevin se apoiou em um dos cotovelos e olhou para mim.

- Do que está falando? Onde você estava?

- Em Maryland. Em algum lugar da Costa Leste, se entendi Rufus.

- Maryland! Quatro mil e oitocentos quilômetros em... o quê? Poucos minutos?

- Mais de cinco mil quilômetros. Mais do que qualquer número de quilômetros. - Eu me ajeitei para aliviar a pressão em um hematoma especialmente dolorido. - Vou contar tudo.

Eu relembrei tudo com detalhes, como tinha feito na primeira vez. Mais uma vez, ele ouviu sem interromper. Dessa vez, quando terminei, ele só balançou a cabeça.

- Isso está ficando cada vez mais doido - murmurou ele.

- Para mim, não.

Ele olhou para mim de canto de olho.

- Para mim, está se tornando cada vez mais crível. Não gosto disso. Não quero me envolver nisso. Não entendo como pode estar acontecendo, mas é real. É doloroso demais para não ser. E... e meus ancestrais, pelo amor de Deus!

- Talvez.

- Kevin, posso mostrar a velha Bíblia para você.

- Mas acontece que você já tinha visto a Bíblia. Você sabia sobre aquelas pessoas... Sabia os nomes, sabia que elas eram de Maryland, sabia...

- Mas o que isso pode provar, caramba? Que eu estava tendo alucinações e misturando os nomes dos meus antepassados? Gostaria de passar pra você um pouco da dor que estou sentindo nessa alucinação.

Ele pousou um braço sobre meu peito, descansando-o na região sem hematoma. Depois de um tempo, disse: - Você acha mesmo que voltou um século no tempo e cruzou cinco mil quilômetros para ver seus antepassados falecidos?

Eu me remexi, desconfortável.

- Sim - sussurrei. - Não importa o que pareça, não importa o que você pense, aconteceu. E você não vai me ajudar a lidar com isso se ficar rindo.

- Não estou rindo.

- Eles eram meus antepassados. Até mesmo aquele parasita maldito, o capataz, viu a semelhança entre a mãe de Alice e eu.

Ele não disse nada.

- Vou dizer uma coisa... Eu não ousaria agir como se não fossem meus antepassados. Não permitiria que nada acontecesse com eles, nem com o garoto nem com a garota, se eu pudesse evitar.

- De qualquer forma, você não poderia.

- Kevin, leve isso a sério, por favor!

- Estou levando. Vou fazer o que puder para ajudar você.

- Acredite em mim!

Ele suspirou.

- É como você acabou de dizer.

- O quê?

- Eu não ousaria agir como se não acreditasse. Afinal, quando você desaparece daqui, deve ir a algum lugar. Se esse lugar fica onde você acha que fica, no Sul pré-guerra, então precisamos encontrar uma maneira de garantir sua proteção enquanto estiver lá.

Eu me aproximei dele, aliviada, satisfeita até mesmo com aquela aceitação tão relutante. De repente, ele havia se tornado minha âncora, meu elo com meu mundo. Ele não imaginava como eu precisava dele ao meu lado, firme.

- Não acho que seja possível uma negra sozinha, ou mesmo um negro, ficar protegida naquele lugar - falei. - Mas se você tiver alguma ideia, gostaria de ouvir.

Ele ficou em silêncio por um tempo. Em seguida, passou o braço por cima do meu corpo para procurar dentro da bolsa e pegou o canivete.

- Isto pode melhorar suas chances, se conseguir usá-lo.
- Eu vi.
- Sabe usá-lo?
- Quer saber se *vou* usá-lo?
- Isso também.
- Sim. Até ontem à noite, eu não tinha certeza, mas agora, sim.

Ele se levantou, saiu do quarto por um instante e voltou com duas réguas de madeira.

- Pode me mostrar - disse ele.

Eu desamarrei o barbante da bolsa de lona e me levantei, descobrindo músculos doloridos quando me movimente. Caminhei mancando até ele, peguei uma das réguas, olhei para ela, esfreguei o rosto, ainda me sentindo grogue, e num movimento repentino de ataque, passei a régua pelo abdome dele quando ele abriu a boca para falar.

- Pronto - falei.

Ele franziu a testa.

- Kevin, não vou estar em lutas justas.

Ele não disse nada.

- Entendeu? Vou ser uma preta infeliz, burra e assustada até ter uma oportunidade. Eles nem sequer verão a faca, se eu fizer as coisas do meu jeito. Só verão quando for tarde demais.

Ele balançou a cabeça.

- O que mais não sei a seu respeito?

Dei de ombros e voltei para a cama.

- Já vi a violência daquela época na tela da TV há muito tempo, por isso aprendi umas coisinhas.

- Que bom.

- Não importa muito.

Ele se sentou perto de onde eu estava deitada.

- O que quer dizer?

- Que a maioria das pessoas próximas a Rufus sabe mais sobre a violência real do que os roteiristas de hoje.

- Isso é... discutível.

- Não consigo me convencer de que vou conseguir sobreviver naquele lugar. Não com uma faca, nem com uma arma.

Ele respirou fundo.

- Olha, se você for levada para lá de novo, o que pode fazer além de tentar sobreviver? Não pode simplesmente deixar que matem você.

- Ah, eles não vão me matar. Só se eu for tonta a ponto de resistir às outras coisas que eles prefeririam fazer, como me estuprar, me jogar na prisão por ter fugido e então me vender para quem der o maior lance quando perceberem que meu dono não vai me buscar. — Cocei a testa. — Quase me arrependo por ter lido sobre o assunto.

- Mas não precisa acontecer desse jeito. Havia negros livres. Você poderia se passar por um deles.

- Os negros livres têm documentos que provam que são livres.

- Você também poderia ter documentos. Poderíamos forjar alguma coisa...

- Se soubéssemos o que forjar. Sei lá, precisamos de uma carta de alforria, mas não sei como elas são. Já li sobre elas, mas nunca vi uma.

Ele se levantou e foi para a sala de estar. Momentos depois, voltou e jogou um monte de livros na cama.

- Trouxe tudo o que tínhamos sobre história dos negros - disse ele. - Comece a pesquisar.

Havia dez livros. Conferimos os índices e até folheamos algumas páginas, uma a uma, para ter certeza. Nada. Eu não pensei que encontraria algo nos livros. Não havia lido todos eles, mas pelo menos já os havia folheado antes.

- Vamos ter que ir à biblioteca, então - disse Kevin. - Vamos hoje assim que abrir.

- Se eu ainda estiver aqui quando ela abrir.

Ele colocou os livros no chão e voltou para debaixo das cobertas. Então, ele deitou e olhou para mim franzindo a testa.

- E o passe que o pai da Alice tinha que ter?
- Um passe... que era só uma permissão por escrito para que um escravo estivesse em algum lugar que não fosse sua casa em determinado momento.

- Parece só um bilhete.

- E é - falei. - Você entendeu! Um dos motivos pelos quais era contra a lei, em alguns estados, ensinar os escravos a ler e a escrever era porque eles podiam escapar redigindo passes. Alguns de fato escapavam assim. - Eu me levantei, fui ao escritório de Kevin, peguei um bloquinho de anotações e uma caneta nova de sua mesa, além de um atlas grande de sua maleta.

- Vou esmiuçar Maryland - disse a ele quando voltei.

- Faça isso. Queria ter um mapa de ruas para te dar. As ruas no mapa não existiam naquela época, mas talvez pudessem mostrar a você a maneira mais fácil de se locomover.

- Este aqui mostra as principais estradas. Mostra muitos rios também, e em 1815, provavelmente não havia muitas pontes. - Eu o analisei com atenção, e então me levantei de novo.

- O que foi agora? - perguntou Kevin.

- Enciclopédia. Quero ver quando a Ferrovia da Pensilvânia construiu essa longa estrada de ferro em meio à península. Eu teria que entrar em Delaware para tomá-lo, mas ele me levaria direto para a Pensilvânia.

- Esqueça - disse ele. - Era muito cedo em 1815 para haver ferrovias.

Procurei mesmo assim e descobri que as obras da Ferrovia da Pensilvânia só tiveram início em 1846. Voltei para a cama e guardei a caneta, o mapa e o bloco de anotações na bolsa de lona.

- Amarre esse barbante ao redor do corpo de novo - disse Kevin.

Obedeci sem nada dizer.

- Acho que nos esquecemos de alguma coisa - disse ele.

- Voltar para casa pode ser mais simples do que você pensa.

- Voltar para casa? Para cá?

- Aqui. Pode ser que você tenha mais controle sobre seu retorno do que imagina.

- Não tenho controle nenhum.

- Pode ser que tenha. Olha, você se lembra do coelho ou do que você disse ter corrido a sua frente na estrada?

- Sim.

- Ele assustou você.

- Me aterrorizou. Por um segundo, pensei que fosse... não sei, alguma coisa perigosa.

- E seu medo causou tontura, e você achou que estivesse voltando para casa. O medo normalmente faz com que você se sinta zozado?

- Não.

- Também não acho que tenha sido o caso dessa vez, pelo menos não de um jeito normal. Eu acho que você tinha razão. Você quase voltou para casa. Seu medo quase trouxe você para casa.

- Mas... mas eu senti medo o tempo todo em que estive lá. E eu estava aterrorizada enquanto aquele capataz me agredia. Mas eu só voltei para casa quando fiz com que ele desmaiasse... e me salvei.

- Não ajuda muito.

- Não.

- Mas, olha, a sua briga com o capataz tinha terminado mesmo? Você disse que sentiu medo de que se ele a encontrasse ali, desmaiada, ele a mataria.

- Ele teria me matado, por vingança. Eu lutei com ele, consegui machucá-lo. Não acho que ele teria me deixado escapar impune.

- Pode ser que você tenha razão.

- Eu tenho razão.

- A questão é que você acha que tem.

- Kevin...

- Espere. Ouça o que tenho a dizer. Você achava que sua vida estava em perigo, que o capataz a mataria. E em sua última viagem, achou que sua vida estava em perigo quando viu o pai de Rufus apontando um rifle para você.

- Sim.

- E mesmo com o animal... Você pensou que ele fosse alguma coisa perigosa.

- Mas eu o vi a tempo... só como um borrão escuro, mas com clareza suficiente para ver que era pequeno e inofensivo. E eu entendo o que você está dizendo.

- Que seria melhor se o animal fosse uma serpente. Seu perigo nesse caso, ou o suposto perigo, poderia ter lhe trazido para casa antes de você ter visto o capataz.

- Nesse caso... o medo que Rufus sente da morte me leva até ele, e meu medo de morrer me traz para casa.

- É o que parece.

- Isso não ajuda muito, sabia?

- Talvez ajude.

- Pense bem, Kevin. Se a coisa da qual sinto medo não for realmente perigosa, se for um coelho em vez de uma serpente, então fico onde estou. Quando é perigosa, pode me matar antes de eu voltar para casa. Voltar para casa demora um pouco. Preciso vencer a tontura, a náusea...

- Segundos.

- Segundos contam quando algo está tentando te matar. Eu não ousaria me colocar em perigo na esperança de chegar em casa antes de morrer. E se eu me encrencasse sem querer, não ousaria esperar passivamente para ser salva. Posso acabar voltando para casa muito ferida.

- Sim... entendo o que quer dizer.

Suspirei.

- Então, quanto mais penso nisso, mais difícil fica de acreditar que eu possa sobreviver, mesmo que sejam poucas as viagens a um lugar como aquele. Coisas demais poderiam dar errado.

- Quer parar com isso? Olha, seus antepassados sobreviveram àquela época, sobreviveram com menos vantagens do que você tem. Você não é inferior a eles.

- De certo modo, sou.

- De que modo?

- Na força. Na resistência. Para sobreviver, meus antepassados tinham que enfrentar mais do que eu conseguiria. Muito mais. Você sabe do que estou falando.

- Não, não sei - disse ele, irritado. - Você está tendo ideias que podem ser suicidas, se não tomar cuidado.

- Ah, mas estou falando sobre suicídio, Kevin, suicídio ou coisa pior. Por exemplo, eu teria usado sua faca contra aquele capataz ontem se estivesse com ela. Eu o teria matado. Isso teria acabado com o perigo imediato a mim e eu provavelmente não teria voltado para casa. Mas se os amigos daquele capataz tivessem me pegado, teriam me matado. E se não tivessem me pegado, provavelmente teriam ido atrás da mãe de Alice. Eles... eles devem ter feito isso, de qualquer modo. Então, ou eu teria morrido ou eu teria feito outra pessoa inocente morrer.

- Mas o capataz estava tentando... - Ele parou e olhou para mim. - Entendo.

- Ótimo.

Ficamos em silêncio por um bom tempo. Ele me puxou para mais perto.

- Eu me pareço com aquele capataz mesmo?

- Não.

- Pareço mesmo com alguém a quem você pode voltar depois de ir para onde quer que esteja indo?

- Preciso de você em casa para eu poder voltar. Disso eu já sei.

Ele olhou para mim por muito tempo, pensativo.

- Continue voltando para casa - disse ele, por fim. - Também preciso de você aqui.

A QUEDA

1

Acho que Kevin estava tão solitário e deslocado quanto eu quando o conheci, apesar de ele estar se virando melhor naquela situação. Por outro lado, ele estava prestes a escapar.

Eu estava trabalhando para uma agência de trabalho informal. Nós, os contratados, chamávamos de um mercado escravista. Na verdade, era o contrário da escravidão. Aqueles que a comandavam não se preocupavam nem um pouco se as pessoas apareceriam para fazer o trabalho que elas ofereciam. Afinal, sempre havia mais candidatos à vagas do que vagas. Quando alguém queria ser chamado para trabalhar, ia ao escritório às seis da manhã, preenchia uma ficha e se sentava para esperar. Esperando estavam sempre os bebuns tentando conseguir trabalho para comprar mais algumas garrafas de bebida, mulheres pobres com filhos tentando complementar a ajuda dada pelo governo, jovens tentando conseguir o primeiro emprego, pessoas mais velhas que já tinham perdido muitos empregos, e normalmente uma mendiga velha e pobre que falava sozinha constantemente e que não seria contratada de jeito algum, porque usava sapato em um pé só.

E era preciso esperar muito até que o atendente oferecesse um trabalho ou mandasse a pessoa voltar para casa. Voltar para casa significava não receber dinheiro. Assim, mais uma batata iria para o forno como refeição do dia. Ou, no desespero, era possível vender um pouco de

sangue em uma das lojas no fim da rua. Eu tinha feito isso só uma vez.

Quando um trabalho era oferecido, o pagamento mínimo era feito - descontada a parte do Tio Sam -, por quantas horas a pessoa trabalhasse. Varrer chão, encher envelopes, fazer relatórios, lavar pratos, separar batata frita (sério!), lavar privada, colocar preços nos produtos... Fazia-se o que havia a ser feito. Quase sempre, era trabalho que não exigia esforço mental, e até onde a maioria dos empregadores sabia, era feito por pessoas que não se esforçavam mentalmente. Pessoas não reconhecidas pelo governo que eram contratadas por algumas horas, alguns dias, algumas semanas. Não importava.

Eu fazia o trabalho, ia para casa, comia e dormia por algumas horas. Por fim, levantava e escrevia. À uma ou às duas da manhã, estava totalmente desperta, totalmente alerta, ocupada escrevendo meu romance. Durante o dia, eu levava comigo uma caixinha de comprimidos estimulantes. E me mantinha acordada com eles, mas não totalmente desperta. A primeira coisa que Kevin me disse foi: - Por que você passa o dia parecendo um zumbi?

Ele era um dos vários funcionários contratados de um galpão de peças de carro no qual um grupo de funcionários de nossa agência estava fazendo um relatório. Eu andava entre prateleiras de parafusos, roscas, calotas, peças cromadas e só Deus sabia o que mais conferindo o trabalho de outras pessoas. Eu tinha o costume de aparecer todo dia e de saber contar, então o supervisor decidiu que, parecendo um zumbi ou não, eu deveria checar os outros. Ele estava certo. As pessoas chegavam depois de uma noite de bebedeira e contavam cinco unidades por contêiner de cinquenta unidades, claramente marcados.

- Zumbi? - repeti, desviando o olhar de uma bandeja de fios pretos e curtos para olhar para Kevin.

- Você mais parece uma sonâmbula o dia inteiro - disse ele. - Usa droga ou coisa assim?

Ele era só um ajudante de estoque ou um funcionário sem importância. Não tinha nenhuma autoridade sobre mim, e eu não devia nenhuma explicação a ele.

- Faço meu trabalho - falei baixinho. Voltei a olhar para os fios, contei todos, corriji o papel do estoque, rubriquei e passei para a prateleira seguinte.

- Buz me contou que você era escritora-disse a voz que eu pensei ter ido embora.

- Olha, não vou conseguir contar se você ficar conversando comigo. - Puxei uma bandeja cheia de parafusos grandes, vinte e cinco em uma caixa.

- Faça um intervalo.

- Você viu aquele cara da agência que eles dispensaram hoje? Ele fazia intervalos demais. Infelizmente, eu preciso desse trabalho.

- Você é escritora?

- Sou uma piada, na opinião do Buz. Ele acha estranhas até as pessoas que só leem livros. Além disso - acrescentei com amargura -, por que um escritor estaria trabalhando em um mercado escravista?

- Para pagar o aluguel e os hambúrgueres que come, imagino. É o que estou fazendo trabalhando em um galpão.

Despertei um pouco ao ouvir isso e olhei para ele de verdade. Era um branco de aparência incomum, com o rosto jovem, quase sem marcas, mas os cabelos eram totalmente grisalhos e os olhos eram tão claros que chegavam quase a não ter cor. Era musculoso, forte, mas não era mais alto do que meus 1,70 m, então me peguei olhando bem dentro daqueles olhos desconhecidos. Desviei o olhar, assustada, perguntando-me se realmente tinha visto raiva ali dentro. Talvez fosse mais importante no galpão do que eu pensava. Talvez tivesse alguma autoridade...

- Você é escritor? - perguntei.

- Agora, sim - disse ele. E sorriu. - Acabei de vender um livro para uma editora. Saio daqui para sempre na sexta-feira.

Eu o encarei com uma mistura terrível de inveja e frustração.

- Parabéns.

- Olha - disse ele, ainda sorrindo -, está quase na hora do almoço. Venha comigo. Quero saber sobre o que você está escrevendo.

E ele se foi. Eu não tinha dito nem sim nem não, mas ele se foi.

- Ei! - sussurrou outra voz atrás de mim. Buz. O palhaço da agência quando estava sóbrio. Mas o vinho o colocava em um tipo de transe, e ele ficou ali, sentado, parecendo um retardado, o que ele não era, exatamente. Simplesmente não dava a mínima para nada, nem para si mesmo. Gastava todo seu dinheiro em bebida e andava maltrapilho. Além disso, nunca tomava banho. - Ei, vocês dois vão se unir para escrever uns livros juntos? - perguntou ele, com um olhar malicioso.

- Sai daqui - falei, com rispidez.

- Vocês vão escrever umas baixarias! - Ele se afastou rindo.

Mais tarde, a uma das mesas redondas de metal enferrujado no canto do galpão que servia como área de alimentação, eu soube mais a respeito de meu novo amigo escritor. Kevin Franklin era seu nome, e não só tinha conseguido publicar seu livro, mas também havia alcançado uma boa venda de exemplares. Podia se sustentar com o dinheiro enquanto escrevia o livro seguinte. Podia abrir mão do trabalho de merda e esperava que assim fosse para sempre...

- Por que não está comendo? - perguntou ele quando parou para respirar. O galpão ficava em uma área industrial recém-construída de Compton, longe o suficiente das cafeterias e das barracas de cachorro-quente para que a maior parte dos funcionários não se desse ao trabalho de sair para comer. Algumas pessoas levavam marmita. Outras compravam comida do caminhão que servia as refeições. Eu

não estava fazendo nada disso. Estava tomando uma xícara do café gratuito oferecido a todos os funcionários do galpão.

- Estou de dieta - disse.

Ele olhou para mim por um momento e depois se levantou, fazendo um gesto para que eu me levantasse.

- Vamos.

- Aonde?

- Ao caminhão, se ainda estiver lá.

- Espere um pouco, você não tem que...

- Olha, eu já fiz essa dieta.

- Estou bem - menti, envergonhada. - Não quero nada.

Ele me deixou sentada ali, foi até o caminhão e voltou com um hambúrguer, leite e uma fatia pequena de torta de maçã.

- Coma - disse ele. - Ainda não sou rico para gastar dinheiro à toa, então coma.

Para minha surpresa, comi. Não pretendia. Eu estava agitada por causa do café, rabugenta e era perfeitamente capaz de fazer com que gastasse seu dinheiro à toa. Afinal, eu havia dito para que não o gastasse. Mas comi.

Buz passou por nós.

- Ei - disse ele, com a voz baixa. - Baixaria! - E foi embora.

- O quê? - perguntou Kevin.

- Nada - respondi. - Ele é louco. - E então: - Obrigada pelo almoço.

- Sem problema. Agora me conte, sobre o que você escreve?

- Contos, por enquanto. Mas estou escrevendo um romance.

- Claro. Já vendeu alguma de suas histórias?

- Algumas. Para pequenas revistas sobre as quais ninguém nunca ouviu falar. daquelas que pagam com exemplares da revista.

Ele balançou a cabeça, reprovando o que ouviu.

- Desse jeito, você vai passar fome.

- Não. Daqui a algum tempo, vou me convencer de que minha tia e meu tio estavam certos.

- A respeito do quê? De que você deveria ter se tornado contadora?

Mais uma vez, fiquei surpresa quando ri. A comida estava me dando energia.

- Eles não pensaram em contabilidade - falei. - Mas teriam aprovado essa carreira. É o que eles chamariam de sensata. Queriam que eu fosse enfermeira, secretária ou professora, como minha mãe. No máximo, professora.

- Sim. - Ele sussurrou. - Era para eu ter sido engenheiro.

- Melhor, pelo menos.

- Não para mim.

- Bem, de qualquer modo, agora você tem prova de que tinha razão.

Ele deu de ombros e não me contou o que me contaria depois; que seus pais, assim como os meus, já eram falecidos. Tinham morrido em um acidente de carro anos antes, ainda na esperança de que ele caísse em si e se tornasse engenheiro.

- Minha tia e meu tio diziam que eu poderia escrever em meu tempo livre, se quisesse - contei a ele. - Enquanto isso, para ter um futuro de verdade, eu deveria estudar algo sensato se quisesse que eles me sustentassem. Passei do curso de enfermagem para a faculdade de secretariado e, depois disso, ao magistério. Tudo isso em dois anos. Foi bem ruim. E eu também me dei mal.

- O que aconteceu? Você reprovou? - perguntou ele.

Engasguei com um pedaço da massa da torta.

- Claro que não! Sempre tirei notas boas. Só que elas não significavam nada para mim. Eu não conseguia me interessar o suficiente nas matérias para seguir estudando. Por fim, consegui um emprego, saí de casa e parei de estudar. Ainda faço aulas de extensão na UCLA, quando consigo pagar por elas. Aulas de redação.

- Foi esse o trabalho que conseguiu?

- Não, trabalhei por um tempo em uma empresa aeroespacial. Eu era datilografa, mas acabei conseguindo trabalhar no escritório de publicidade deles. Estava escrevendo artigos para o jornal da empresa e press releases para divulgação. Eles ficaram felizes por eu fazer isso quando provei ser capaz. Assim, tinham uma redatora pelo preço de uma datilografa.

- Parece ser algo que você poderia ter mantido e, daí, avançado.

- Era o que eu queria. Trabalho comum de escritório, eu não suportava, mas foi bom. E então, cerca de um ano atrás, eles dispensaram todos do departamento.

Ele riu, mas pareceu uma risada solidária.

Buz, voltando da máquina de café, murmurou:

- Baixaria com chocolate e baunilha!

Fechei os olhos irritada. Ele sempre fazia isso. Começava uma “piada” que nada tinha de engraçada e depois não parava mais.

- Minha nossa! Queria que ele se embebedasse e calasse a boca!

- Ele cala a boca quando fica bêbado? - perguntou Kevin.

Confirmei balançando a cabeça.

- Nada mais faz com que se cale.

- Não importa. Dessa vez, ouvi o que ele disse.

O sinal tocou, indicando o fim de meia hora do almoço, e ele sorriu. Tinha um sorriso que destruía totalmente o efeito de seus olhos. Em seguida, ele se levantou e saiu.

Mas voltou. Voltou a semana toda nos intervalos, na hora do almoço. Meu pagamento diário na agência me possibilitou ter dinheiro suficiente para comprar meu almoço e pagar alguns dólares à minha inquilina, mas ainda assim eu ansiava por vê-lo, por conversar com ele. Havia escrito e publicado três romances, ele me contou, e além de seus parentes, nunca conhecera ninguém que os tivesse lido. Eles rendiam tão pouco dinheiro que ele havia

começado a aceitar trabalhos braçais como aquele no galpão, e continuava escrevendo, despropositadamente, ao contrário do que aconselhavam as pessoas mais conscientes. Ele era como eu, um espírito semelhante, maluco o suficiente para continuar tentando. E agora, finalmente...

- Sou até mais maluco do que você — disse ele. — Afinal, sou mais velho. Velho o bastante para reconhecer o fracasso e parar de sonhar, como me dizem.

Ele ficou prematuramente grisalho aos trinta e quatro anos. Ficou surpreso quando soube que eu tinha só vinte e dois.

- Você parece mais velha — disse ele sem cuidado.

- E você também - murmurei.

Ele riu.

- Desculpe. Mas pelo menos, fica bem em você.

Eu não sabia o que ficava bem em mim, mas fiquei feliz por ele gostar. As coisas de que ele gostava e não gostava ganhavam importância para mim. Uma das mulheres da agência me disse, com uma delicadeza típica do mercado escravagista, que ele e eu éramos o “casal mais esquisito” que ela já tinha visto.

Eu disse a ela, sem muita gentileza, que ela não tinha visto muito e que, de qualquer modo, não era da conta dela. Mas a partir daí passei a pensar em Kevin e em mim como casal. Era uma ideia agradável.

Meu tempo no galpão e o trabalho dele lá acabaram no mesmo dia. A atitude casamenteira de Buz havia nos rendido uma semana juntos.

- Diga - disse Kevin no último dia -, você gosta de peças?

- Peças? Claro. Escrevi algumas no ensino médio. Monólogos. Bem ruins.

- Eu também fiz coisa parecida. - Ele tirou algo do bolso e entregou a mim. Ingressos. Dois ingressos para uma peça

famosa que havia acabado de chegar a Los Angeles. Acho que meus olhos brilharam.

- Não quero que você se afaste de mim só porque não seremos mais colegas de trabalho - disse ele. - Amanhã à noite?

- Amanhã à noite - concordei.

Foi uma noite boa. Eu o levei para a minha casa quando acabou, e a noite ficou ainda melhor. Em algum momento no início da manhã seguinte, enquanto estávamos juntos, deitados, cansados e satisfeitos na minha cama, percebi que sabia menos sobre solidão do que pensei e muito menos do que saberia quando ele se fosse.

2

Decidi não ir à biblioteca com Kevin para procurar documentos de alforria que pudessem ser forjados. Eu temia o que poderia acontecer se Rufus me chamasse enquanto eu estivesse dentro do carro em movimento. Será que eu chegaria à época dele ainda em movimento, mas sem o carro para me proteger? Ou chegaria sã e salva, mas teria problema ao voltar para casa - porque dessa vez, a casa para a qual voltasse podia ser o meio de uma rua movimentada?

Não queria descobrir. Por isso, enquanto Kevin se preparava para ir à biblioteca, eu fiquei sentada na cama, totalmente vestida, enfiando um pente, uma escova e um sabonete dentro da bolsa de lona. Eu estava com medo de ficar presa na época de Rufus por um período mais longo se fosse de novo. Minha primeira viagem tinha durado só alguns minutos, a segunda, algumas horas. Quanto duraria a próxima? Dias?

Kevin chegou para dizer que estava de saída. Eu não queria que ele me deixasse sozinha, mas pensei que já tinha reclamado o suficiente para uma manhã só. Guardei o medo para mim mesma; ou pensei que estivesse conseguindo fazer isso.

- Você está se sentindo bem? - perguntou ele. - Não parece muito bem.

Eu havia acabado de me olhar no espelho pela primeira vez desde a surra, e também não achei que estava muito bem. Abri a boca para tranquilizá-lo, mas antes de conseguir dizer alguma coisa, percebi que havia algo muito errado. O quarto começava a escurecer e a girar.

- Ah, não - resmunguei. Fechei os olhos sentindo a tontura que causava enjoo. Então, abracei a bolsa de lona e fiquei sentada, esperando.

De repente, Kevin estava ao meu lado, me abraçando. Tentei afastá-lo. Temia por ele sem saber o porquê. Gritei para que ele me soltasse.

Em seguida, as paredes ao meu redor e a cama na qual eu estava desapareceram. Caí deitada no chão sob uma árvore. Kevin estava do meu lado, ainda abraçando-me. Entre nós, estava a bolsa de lona.

- Ai, Deus! - murmurei e me sentei. Kevin também se sentou e olhou ao redor, assustado. Estávamos na mata de novo, e dessa vez, estava claro. A área parecia muito aquela da qual me lembrava de minha primeira viagem, apesar de não haver nenhum rio à vista dessa vez.

- Aconteceu - disse Kevin. - De verdade!

Peguei a mão dele e segurei, contente com a familiaridade. E, ainda assim, pensei que queria que ele estivesse em casa. Naquele lugar, ele provavelmente me protegeria mais do que documentos de liberdade, mas não queria que ele estivesse ali. Não queria que aquele lugar o afetasse diretamente, só através de mim. Mas era tarde demais.

Olhei ao redor à procura de Rufus, sabendo que ele deveria estar por perto. E estava. E assim que o vi, percebi que estava atrasada demais para tirá-lo de encrenca dessa vez.

Ele estava deitado no chão, o corpo encolhido, as mãos segurando uma das pernas. Ao lado dele, havia outro garoto, negro, de cerca de doze anos. A atenção de Rufus parecia estar totalmente voltada para sua perna, mas o outro menino havia nos visto. Talvez até tivesse nos visto aparecer do nada. Talvez por isso ele parecesse tão assustado naquele momento.

Eu me levantei e fui até Rufus. A princípio, ele não me viu. Seu rosto estava contorcido de dor e marcado pelas

lágrimas e pela terra, mas não chorava alto. Como o garoto negro, ele aparentava cerca de doze anos.

- Rufus.

Ele olhou para a frente, assustado.

- Dana?

- Sim. - Fiquei surpresa por ele me reconhecer depois dos anos que tinham passado para ele.

- Vi você de novo - disse ele. - Você estava em uma cama. Quando comecei a cair, vi você.

- Você fez mais do que só me ver - falei.

- Eu caí. Minha perna...

- Quem é ocê? - perguntou o outro garoto.

- Ela é boa, Nigel - disse Rufus. - Foi sobre ela que eu comentei com você. Aquela que apagou o incêndio daquela vez.

Nigel olhou para mim, e então para Rufus.

- Ela pode consertar sua perna?

Rufus olhou para mim com dúvida.

- Duvido - falei -, mas deixe-me ver, de qualquer modo.

- Afastei as mãos dele e, do modo mais delicado que consegui, levantei a perna da sua calça. Sua perna estava sem cor e inchada. - Consegue mexer os dedos? - perguntei.

Ele tentou, conseguiu mexer dois dedos sem muita firmeza.

- Está quebrada - comentou Kevin. Ele havia se aproximado para olhar.

- Sim. - Olhei para o outro garoto, Nigel. - De onde ele caiu?

- Dali. - O menino apontou para cima. Havia um galho de árvore pendurado lá no alto. Um galho quebrado.

- Você sabe onde ele mora? - perguntei.

- Claro. Eu também moro lá.

O garoto provavelmente era um escravo, percebi, propriedade da família de Rufus.

- Ocê fala engraçado - disse Nigel.

- Questão de opinião - respondi. - Olha, se você se importa mesmo com o Rufus, seria melhor pedir ao pai dele mandar uma... carroça para buscá-lo. Ele não vai conseguir andar.

- Ele pode se apoiá em mim.

- Não. A melhor maneira de ele voltar para casa é deitado. O modo menos dolorido, pelo menos. Vá contar ao pai de Rufus que ele quebrou a perna. Diga para ele mandar o médico. Vamos ficar com Rufus até você voltar com a carroça.

- Vocês? - Ele olhou para mim e para Kevin, sem esconder o fato de que não nos achava muito confiáveis. - Por que tá vestida de homem? - perguntou ele.

- Nigel - disse Kevin, baixinho -, não se preocupe com o modo com que ela está vestida. Vá buscar ajuda para seu amigo.

Amigo?

Nigel lançou a Kevin um olhar assustado, e então olhou para Rufus.

- Vá, Nigel - sussurrou Rufus. - Está doendo demais. Diga que eu mandei você.

Nigel foi, finalmente. Infelizmente.

- Do que ele está com medo? — perguntei a Rufus. — Vai ter problemas por ter deixado você aqui?

- Talvez. - Rufus fechou os olhos por um momento, sentindo dor. - Ou por ter deixado que eu me machucasse. Espero que não. Vai depender se alguém andou deixando o papai irado.

Bem, o papai não tinha mudado. Eu não estava nem um pouco ansiosa para encontrá-lo. Pelo menos, não teria que fazer isso sozinha. Olhei para Kevin. Ele se ajoelhou ao meu lado para examinar a perna de Rufus.

- Ainda bem que ele estava descalço - disse ele. - Um sapato teria que ser cortado para sair desse pé agora.

- Quem é você? - perguntou Rufus.

- Eu me chamo Kevin. Kevin Franklin.

- Dana pertence a você agora?
- De certo modo - disse Kevin. - Ela é minha esposa.
- Esposa? - perguntou Rufus, com a voz estridente. Suspirei.

- Kevin, acho melhor que você me rebaixe. Nessa época...

- Pretos não podem se casar com brancos! - disse Rufus.

Pousei a mão no braço de Kevin a tempo de impedir que ele dissesse o que pretendia dizer. A cara dele bastou para me dizer que ele deveria ficar calado.

- O menino aprendeu a falar desse jeito com a mãe dele - disse a ele, baixinho. - E com o pai, e provavelmente com os próprios escravos.

- Aprendi a falar de que jeito? - perguntou Rufus.

- Sobre pretos - falei. - Não gosto dessa palavra, lembra? Procure me chamar de negra ou morena, até de cor.

- Para que dizer tudo isso? E como você pode ser casada com ele?

- Rufe, você gostaria se as pessoas o chamassem de lixo branco quando falassem com você?

- O quê? - Ele se movimentou, irritado, esquecendo-se da perna, e então voltou a se deitar. - Não sou lixo! - sussurrou. - Sua preta maldita...

- Calma, Rufe. - Apoiei a mão no ombro dele para acalmá-lo. Aparentemente, eu havia tocado no ponto que pretendia. - Eu não disse que você era um lixo. Perguntei como se sentiria se fosse chamado assim. Percebi que você não gosta. Eu também não gosto de ser chamada de preta.

Ele ficou em silêncio, franzindo a testa para mim como se eu estivesse falando outra língua. Talvez estivesse.

- De onde viemos - falei -, é feio e ofensivo da parte dos brancos chamar os negros de pretos. Além disso, de onde viemos, brancos e negros podem se casar.

- Mas é contra a lei.

- É aqui. Mas não é de onde viemos.

- De onde vocês vieram?

Olhei para Kevin.

- Você provocou - disse ele.

- Quer tentar contar a ele?

Ele balançou a cabeça, negando.

- É inútil.

- Para você, talvez. Mas para mim... - Pensei por um momento, tentando encontrar as palavras certas. - Esse garoto e eu estamos sujeitos a uma relação longa, gostemos ou não. Quero que ele saiba.

- Boa sorte.

- De onde vocês vieram? - repetiu Rufus. - Vocês com certeza não falam como as pessoas que eu conheço.

Franzi a testa, pensei, e finalmente balancei a cabeça.

- Rufe, quero contar, mas você provavelmente não vai entender. Nós mesmos não entendemos, na verdade.

- Eu já não entendo - disse ele. - Não sei como consigo ver você quando não está aqui, nem como você chega aqui, nada. Minha perna está doendo tanto que não consigo nem pensar.

- Então, vamos esperar. Quando você se sentir melhor...

- Quando eu me sentir melhor, talvez você já tenha sumido. Dana, conte!

- Certo, vou tentar. Você já ouviu falar de um lugar chamado Califórnia?

- Sim. O primo da mamãe foi para lá de navio.

Que sorte.

- Bem, é de onde viemos. Da Califórnia. Mas... não é a mesma Califórnia a qual seu primo foi. Nós somos de uma Califórnia que ainda nem existe, Rufus. A Califórnia de mil novecentos e setenta e seis.

- Como é que é?

- Quero dizer que somos de uma época diferente e também de um lugar diferente. Eu avisei que é difícil de entender.

- Mas o que é mil novecentos e setenta e seis?

- É o ano. É o ano em que vivemos quando estamos em casa.

- Mas estamos em mil oitocentos e dezenove. É mil oitocentos e dezenove em todos os lugares. Você está falando loucuras.

- Sem dúvida. O que aconteceu conosco é uma loucura. Mas estou contando a verdade. Viemos de uma época e de um lugar no futuro. Não sei como chegamos aqui. Não queremos vir. Não somos daqui. Mas quando você está em apuros, de algum modo, você me chama, me alcança, e eu venho... Ainda que, como pode ver agora, nem sempre eu possa ajudar. - Eu poderia contar para ele sobre nossa relação de sangue. Talvez contasse se o visse de novo, quando estivesse mais velho. Mas, por enquanto, eu já o havia confundido o suficiente.

- Isso é loucura - repetiu. Olhou para Kevin. - Diga, você é da Califórnia?

Kevin assentiu.

- Sim.

- Então, você é espanhol? A Califórnia é espanhola.

- É agora, mas vai acabar fazendo parte dos Estados Unidos, como Maryland e Pensilvânia.

- Quando?

- Vai se tornar um Estado em mil oitocentos e cinqüenta.

- Mas estamos em mil oitocentos e dezenove ainda. Como você poderia saber... - Ele parou de falar, olhou para Kevin e para mim, confuso. — Isso não é real — disse ele. - Você está inventando.

- É real - disse Kevin, baixinho.

- Mas como poderia ser?

- Não sabemos. Mas é.

Ele pensou por um momento, olhando para mim e depois para Kevin.

- Não acredito em vocês - disse.

Kevin emitiu um som que não era realmente uma risada.

- Não posso julgá-lo.

Dei de ombros.

- Certo, Rufe. Eu queria que você soubesse a verdade, mas não posso julgá-lo por não conseguir aceitá-la.

- Mil novecentos e setenta e seis - disse o menino, lentamente. Balançou a cabeça e fechou os olhos. Eu não sabia por que havia tentado convencê-lo. Afinal, eu aceitaria se encontrasse um homem que dissesse ser de mil oitocentos e dezenove ou de dois mil e dezenove, que fosse? Viajar no tempo era coisa de ficção científica em mil novecentos e setenta e seis. Em mil oitocentos e dezenove, Rufus tinha razão, era loucura pura. Ninguém além de uma criança teria dado ouvidos a mim e a Kevin.

- Se vocês sabem que a Califórnia será um Estado -disse Rufus -, devem saber outras coisas que vão acontecer.

- Sabemos - admiti. - Algumas coisas. Não muitas. Não somos historiadores.

- Mas vocês devem saber de tudo, se já aconteceu em sua época.

- Quanto você sabe sobre mil setecentos e dezenove, Rufe?

Ele olhou para mim, inexpressivo.

- As pessoas não aprendem tudo a respeito das épocas passadas - falei. - Por que saberiam?

Ele suspirou.

- Diga alguma coisa, Dana. Estou tentando acreditar em vocês.

Eu revirei a história americana que eu havia aprendido na escola e fora dela.

- Bem, se estamos em mil oitocentos e dezenove, o presidente é James Monroe, certo?

- Sim.

- O próximo presidente será John Quincy Adams.

- Quando?

Franzi a testa, rememorando a lista de presidentes que eu tinha memorizado sem motivo especial quando estava

na escola.

- Em mil oitocentos e vinte e quatro, Monroe tinha... terá... dois mandatos.

- O que mais?

Olhei para Kevin.

Ele deu de ombros.

- Só consigo pensar em algo que vi naqueles livros que folheamos ontem à noite. Em mil oitocentos e vinte, o Missouri Compromise abriu caminho para que o Missouri entrasse na Union como estado escravo e para que o Maine entrasse como estado livre. Tem ideia do que estou falando, Rufus?

- Não, senhor.

- Imaginei que não. Tem algum dinheiro?

- Dinheiro? Eu? Não.

- Bem, você já viu dinheiro, não?

- Sim, senhor.

- As moedas têm o ano em que foram feitas gravado nelas, até mesmo nesta época.

-Têm.

Kevin enfiou a mão no bolso e tirou dele um punhado de moedas. Ele abriu a mão na direção de Rufus, que pegou algumas moedas.

- Mil novecentos e sessenta e cinco - ele leu - mil novecentos e sessenta e sete, mil novecentos e setenta e um. Em nenhuma delas está gravado mil novecentos e setenta e seis.

- Tampouco está gravado mil oitocentos e qualquer coisa nelas - disse Kevin. - Mas veja. - Ele pegou uma moeda de vinte e cinco centavos bicentenária e a entregou a Rufus.

- Mil setecentos e setenta e seis, mil novecentos e setenta e seis - disse ele, lendo. - Duas datas.

- O país fez duzentos anos em mil novecentos e setenta e seis - disse Kevin. - Uma parte do dinheiro foi trocada para comemorar a data. Está convencido agora?

- Bem, acho que você teria sido capaz de fazer isso sozinho.

Kevin pegou o dinheiro de volta.

- Você pode não saber sobre Missouri, garoto - disse ele, cansado. - Mas teria sido um bom morador do estado.

- O quê?

- Brincadeira. Ainda não faz sentido.

Rufus pareceu confuso.

- Acredito em vocês. Não compreendo, como a Dana disse, mas eu acho que acredito.

Kevin suspirou.

- Graças a Deus.

Rufus olhou para Kevin e conseguiu sorrir.

- Você não é tão ruim quanto pensei que fosse.

- Ruim? - Kevin olhou para mim de um jeito acusatório.

- Não contei a ele nada sobre você - falei.

- Eu vi você - disse Rufus. - Você estava brigando com a Dana antes de vocês chegarem aqui, ou... parecia uma briga. Você deixou todas essas marcas no rosto dela?

- Não, não foi ele - falei baixinho. - E ele e eu não estávamos brigando.

- Espere um pouco - disse Kevin. - Como ele saberia?

- Como ele disse - dei de ombros. - Ele nos viu antes de chegarmos aqui. Não sei como ele consegue fazer isso, mas já aconteceu antes. - Olhei para Rufus. - Você contou para mais alguém que me vê?

- Só para o Nigel. Ninguém mais acreditaria em mim.

- Ótimo. Melhor não contar a ninguém a respeito de nós dois agora. Nada sobre a Califórnia nem sobre mil novecentos e setenta e seis. - Segurei a mão de Kevin. - Teremos que nos misturar às pessoas da melhor maneira que pudermos enquanto estivermos aqui. Isso quer dizer que vamos ter que interpretar os papéis que você nos deu.

- Você dirá que pertence a ele?

- Sim. E quero que você também diga isso se alguém perguntar.

- É melhor do que dizer que você é esposa dele. Ninguém acreditaria nisso.

Kevin emitiu um som de irritação.

- Gostaria de saber quanto tempo passaremos presos aqui - murmurou ele. - Acho que já estou sentindo saudade de casa.

- Não sei - falei. - Mas fique perto de mim. Você veio para cá porque estava me abraçando. Temo que seja esta a única maneira de você voltar para casa.

3

O pai de Rufus chegou em uma carroça simples, levando seu rifle comprido familiar, um velho mosquete, percebi. Na carroça com ele estava Nigel e um negro alto e parrudo. Tom Weylin era bem alto, mas esguio demais para chamar atenção como chamava o escravo grandalhão. Weylin não parecia especialmente cruel ou maldoso. Naquele momento, parecia irritado. Nós ficamos de pé quando ele desceu da carroça e veio nos encarar.

- O que aconteceu aqui? - perguntou ele, desconfiado.

- O menino quebrou a perna - disse Kevin. - O senhor é o pai dele?

- Sim. Quem é você?

- Meu nome é Kevin Franklin. - Ele olhou para mim, mas se conteve e não me apresentou. - Encontramos os dois garotos logo depois do acidente, e eu pensei que deveria ficar com seu filho até que o senhor chegasse para buscá-lo.

Weylin resmungou e se ajoelhou para examinar a perna de Rufus.

- Parece que está quebrada mesmo. Não sei quanto isso vai me custar.

O negro lançou a ele um olhar de repulsa que certamente o teria deixado irado se ele tivesse visto.

- O que você estava pensando quando decidiu subir na maldita árvore? - perguntou Weylin para Rufus.

Weylin murmurou algo que eu não entendi. Ficou de pé e fez um gesto ríspido ao negro. O homem se aproximou, pegou Rufus no colo com cuidado e o colocou na carroça. O rosto de Rufus se contorceu de dor quando foi erguido, e ele gritou ao ser colocado na carroça. Kevin e eu deveríamos ter

feito uma tala para a perna dele, pensei, tarde demais. Acompanhei o negro até a carroça.

Rufus segurou meu braço e o apertou, obviamente tentando não chorar. A voz dele era só um sussurro.

- Não se vá, Dana.

Eu não queria ir. Gostava do menino e, pelo que eu sabia a respeito da medicina do início do século XIX, eles dariam uísque a ele e brincariam de cabo-de-guerra com sua perna. E ele teria outras dores. Se eu pudesse dar um pouco de conforto a ele continuando a seu lado, queria ficar.

Mas não podia.

O pai dele havia dito algo a Kevin em particular e agora voltava ao assento da carroça. Estava pronto para partir, e Kevin e eu não fomos convidados. Isso não indicava muita hospitalidade por parte de Weylin. As pessoas na época dele, de fazendas esparsas e hotéis ainda mais esparsos, costumavam acomodar desconhecidos em casa. Por outro lado, um homem que olhava para o filho ferido e só conseguia pensar em quanto teria que pagar ao médico provavelmente não se preocuparia com desconhecidos.

- Venham conosco - pediu Rufus. - Papai, deixe que eles nos acompanhem.

Weylin olhou para trás, irritado, e eu tentei, delicadamente, fazer com que Rufus me soltasse. Um momento depois, notei que Weylin olhava para mim, encarava-me. Talvez estivesse percebendo minha semelhança com a mãe de Alice. Não tinha me visto com clareza suficiente nem por tempo suficiente no rio para me reconhecer naquele momento como a mulher em quem já tinha quase atirado. No começo, olhei para ele também. Em seguida, desviei o olhar, lembrando que tinha que agir como escrava. Os escravos abaixavam o olhar respeitosamente. Encarar era sinal de insolência. Ou, pelo menos, foi o que eu li em meus livros.

- Venha e jante conosco - disse Weylin a Kevin. - Você também pode. De qualquer forma, onde passariam a noite?

- Sob as árvores, se preciso fosse - disse Kevin. Ele e eu subimos à carroça ao lado de Nigel, que se mantinha em silêncio. - Como eu disse, não há muitas opções.

Olhei para ele, tentando imaginar o que havia dito a Weylin. Em seguida, precisei me segurar quando o negro colocou os cavalos para andar.

- Você, moça - disse Weylin para mim. - Como se chama?

- Dana, senhor.

Ele se virou para olhar para mim como se eu tivesse dito algo errado.

- De onde é?

Olhei para Kevin, sem querer contradizer o que ele pudesse ter dito. Ele meneou a cabeça levemente, e eu entendi que estava livre para inventar qualquer mentira que quisesse.

- Sou de Nova York.

Naquele momento, a cara que ele fez para mim foi bem feia, e eu fiquei me perguntando se ele havia ouvido o sotaque de Nova York recentemente e considerava o meu diferente. Ou será que eu estava dizendo algo errado? Não havia trocado nem dez palavras com ele. O que podia ter dado errado?

Weylin olhou para Kevin com atenção, então se virou e nos ignorou pelo resto da viagem.

Passamos pela mata até uma estrada que percorremos ao longo de um campo de trigo alto e dourado. No campo, escravos, a maioria homens, trabalhavam sem parar com gadanhas e caixas de madeira presas que acomodavam o trigo ceifado em montes organizados. Outros escravos, em sua maioria mulheres, acompanhavam-nos amarrando o trigo em feixes. Nenhum deles parecia prestar atenção em nós. Olhei ao redor à procura de um capataz branco e me surpreendi por não ver nenhum. A casa de Weylin também me surpreendeu quando a vi à luz do dia. Não era branca. Não tinha colunas nem uma varanda propriamente dita.

Quase fiquei decepcionada. Era uma casa colonial georgiana de tijolos aparentes, quadrada, mas bonita a seu modo discreto, com dois andares e meio com janelas de mansarda e uma chaminé em cada ponta. Não era grande nem imponente o suficiente para ser chamada de mansão. Em Los Angeles, na nossa época, Kevin e eu poderíamos comprá-la.

Enquanto a carroça nos levava em direção à escadaria da entrada, vi o rio de um lado e uma parte da terra pela qual eu havia passado algumas horas, alguns anos, antes. Árvores espalhadas, grama cortada de modo desnivelado, os campos, as matas. Havia outras construções alinhadas ao lado e atrás da casa, do outro lado das moradias dos escravos. Quando paramos, quase fui mandada para uma delas.

- Luke - disse Weylin ao negro -, leve Dana por trás e dê algo para ela comer.

- Sim, senhô - disse o negro, em voz baixa. - Qué que eu leve o Senhô Rufe pra cima primeiro?

- Faça o que eu mandei, eu o levo para cima.

Vi Rufus travar a mandíbula.

- Até depois - sussurrei, mas ele não soltou minha mão até eu falar com seu pai.

- Senhor Weylin, não me importo de ficar com ele. Parece que é o que ele quer.

Weylin pareceu incomodado.

- Bem, vamos. Você pode esperar com ele até o médico chegar. - Ele levantou Rufus sem muito cuidado e subiu a escada em direção à casa. Kevin o acompanhou.

- Toma cuidado - disse o negro bem baixinho quando comecei a segui-los.

Olhei para ele, surpresa, sem saber ao certo se estava falando comigo. Estava.

- O Senhô Tom sabe sê cruel bem depressa - disse ele. - Assim como o garoto, agora que está crescendo. Pela sua

cara, parece que você aturou maldade de branco que baste por um tempo.

Assenti com a cabeça.

- Tem razão, sim. Obrigada pelo alerta.

Nigel estava ao lado do homem, e percebi enquanto falava que os dois eram muito parecidos, que o garoto era uma réplica menor do homem. Pai e filho, provavelmente. Eles se pareciam mais do que Rufus e Tom Weylin. Enquanto subia os degraus depressa e entrava na casa, pensei em Rufus e em seu pai, em Rufus se tornando seu pai. Aconteceria um dia, de pelo menos uma maneira. Um dia, a fazenda seria de Rufus. Um dia, ele seria o dono dos escravos, responsável a sua maneira pelo que acontecia às pessoas que viviam naqueles casebres meio escondidos. O garoto estava mesmo crescendo enquanto eu o observava; crescendo porque eu o observava e porque ajudava a mantê-lo seguro. Eu era a pior guardiã possível que ele podia ter, uma negra para cuidar dele em uma sociedade que via os negros como sub-humanos, uma mulher para cuidar dele em uma sociedade que via as mulheres como eternas incapazes. Eu teria que fazer tudo o que pudesse para cuidar de mim mesma. Mas o ajudaria da melhor maneira que conseguisse. E tentaria manter a amizade dele, talvez plantar algumas ideias em sua mente que ajudassem a mim e às pessoas que seriam seus escravos nos anos vindouros. Talvez até tornasse as coisas mais fáceis para Alice.

Segui Weylin até um quarto no andar de cima, não o mesmo que Rufus ocupava em minha última vinda. A cama era maior, os tecidos e roupas de cama eram azuis, e não verdes. O quarto em si era maior. Weylin jogou Rufus na cama, ignorando os gemidos de dor do menino. Não parecia que estivesse tentando machucar o filho. Simplesmente parecia não prestar atenção a como lidava com o garoto; como se não se importasse.

Em seguida, enquanto Weylin levava Kevin para fora do quarto, uma mulher ruiva entrou correndo.

- Onde ele está? - perguntou ela, sem fôlego. - O que aconteceu?

A mãe de Rufus. Eu me lembrava dela. Ela entrou correndo no quarto enquanto eu ajeitava o travesseiro de Rufus sob a cabeça dele.

- O que você está fazendo com ele? - perguntou ela. - Deixe-o em paz! - Ela tentou me afastar de seu filho. Ela só tinha uma reação quando Rufus estava em apuros. A reação errada.

Felizmente para nós dois, Weylin a chamou antes que eu perdesse a cabeça e a empurrasse. Ele a segurou, abraçou, falou com ela baixinho.

- Margaret, preste atenção. O menino quebrou a perna, só isso. Não há nada que você possa fazer num caso de perna quebrada. Já mandei chamarem o médico.

Margaret Weylin pareceu se acalmar um pouco. Ela me encarou.

- O que ela está fazendo aqui?

- Ela é do Senhor Kevin Franklin. - Weylin fez um gesto apresentando Kevin que, para minha surpresa, fez uma leve reverência à mulher. - O Senhor Franklin foi quem encontrou Rufus machucado - ele continuou. Deu de ombros. - Rufus quis que a moça ficasse com ele. Não tem problema. - Ele se virou e se afastou. Kevin o acompanhou relutantemente.

Talvez a mulher tivesse ouvido o que lhe disse seu marido, mas não era o que parecia. Ela ainda estava me encarando, franzindo a testa como se tentasse se lembrar onde já tinha me visto. Com os anos, ela não tinha mudado muito e, claro, eu não tinha mudado nada. Mas não pensei que ela se lembraria. Ela tinha me visto por pouco tempo, e estava preocupada com outras coisas.

- Já vi você - disse ela.

Inferno!

- Sim, senhora, pode ser que sim. - Olhei para Rufus e vi que ele nos observava.

- Mamãe? - disse ele, baixinho.

O olhar de acusação desapareceu, e a mulher rapidamente se virou para ele.

- Meu coitadinho - murmurou, aninhando a cabeça dele nas mãos. - Parece que tudo acontece com você, não é? Uma perna quebrada! - Ela parecia prestes a chorar. E ali estava Rufus, passando da indiferença do pai à preocupação melosa da mãe. Fiquei tentando imaginar se ele estava acostumado demais com a diferença para enxergar como era atordoante.

- Mamãe, pode me dar um pouco de água? - pediu ele.

A mulher se virou para olhar para mim como se eu a tivesse ofendido.

- Você não ouviu? Busque água para ele!

- Sim, senhora. Onde posso pegar?

Ela emitiu uma reação de nojo e se apressou em minha direção. Ou pelo menos pensei que estivesse vindo na minha direção. Quando saí da frente dela, ela seguiu e saiu pela porta na frente da qual eu estava.

Olhei para ela e balancei a cabeça. Então, peguei a cadeira que ficava perto da lareira e a coloquei ao lado da cama de Rufus. Eu me sentei, e Rufus olhou para mim com seriedade.

- Você já quebrou a perna? - perguntou ele.

- Não. Mas já quebrei o punho, uma vez.

- Quando consertaram, doeu muito?

Respirei fundo.

- Sim.

- Estou com medo.

- Eu também senti medo - disse, lembrando. - Mas... Rufe, não vai demorar muito. E quando o médico terminar, o pior vai ter acabado.

- Continua doendo depois?

- Por um tempo. Mas vai sarar. Se você aguentar firme, vai sarar.

Margaret Weylin voltou apressada para o quarto com a água para Rufus e mais hostilidade por mim do que eu conseguia entender.

- Você deve ir à cozinha para jantar! - disse ela a mim quando saí da frente dela. Mas pelo jeito com que falou aquilo, parecia que dizia “Vá para os quintos dos infernos!”. Tinha alguma coisa em mim de que aquelas pessoas não gostavam, tirando o Rufus. Não era só algo racial. Estavam acostumados com negros. Talvez pudesse fazer com que Kevin descobrisse o que era.

- Mamãe, ela não pode ficar? - perguntou Rufus.

A mulher olhou para mim com raiva, e então com mais doçura para o filho.

- Ela pode voltar depois - disse ela. - Seu pai quer que ela desça agora.

Era mais provável que a mãe dele quisesse que eu descesse agora e provavelmente sem nenhum motivo mais forte além do fato de seu filho gostar de mim. Ela me lançou mais um olhar e eu saí da sala. A mulher teria me deixado desconfortável ainda que tivesse gostado de mim. Era pequena demais para o tanto de energia nervosa que guardava. Eu não queria estar por perto quando ela explodisse. Mas, pelo menos, ela amava Rufus. E ele deveria estar acostumado com os paparicos dela. Não parecia se importar.

Eu me vi em um corredor amplo. Vi a escada a alguns metros e comecei a andar em direção a ela. Naquele momento, uma jovem negra de vestido azul comprido saiu por uma porta no fim do corredor. Ela veio na minha direção, observando-me com clara curiosidade. Usava um lenço azul na cabeça e o puxou ao se aproximar de mim.

- Pode me dizer onde fica a cozinha, por favor? - perguntei quando ela estava próxima o suficiente. Parecia

ser uma pessoa mais segura para conversar do que Margaret Weylin.

Ela abriu os olhos um pouco mais e continuou olhando para mim. Sem dúvida, meu jeito de falar era tão esquisito para ela quanto minha aparência.

- A cozinha? - perguntei.

Ela me olhou de cima a baixo mais uma vez, e então desceu a escada sem dizer mais nada. Hesitei e por fim a segui porque não sabia o que mais fazer. Ela era uma menina de pele clara que não tinha mais de catorze ou quinze anos. Não parava de olhar para mim, franzindo a testa. Quando parou e se virou para me olhar, puxando o lenço distraidamente, desceu mais a mão para cobrir a boca e finalmente a abaixou. Ela parecia tão frustrada que percebi que havia algo errado.

- Consegue falar? - perguntei.

Ela suspirou, balançando a cabeça para negar.

- Mas ouve e entende.

Ela assentiu e, então, tocou minha blusa, minhas calças. Franziu a testa para mim. Seria esse o problema, então, dela e dos Weylin?

- São as únicas roupas que tenho no momento - falei. - Meu senhor vai comprar roupas melhores mais cedo ou mais tarde. — Deixaria para Kevin a culpa por eu “me vestir como homem”. Provavelmente era mais fácil para as pessoas daqui entenderem um senhor pobre ou avaro demais para me comprar roupas adequadas do que seria imaginarem um lugar onde era normal que as mulheres usassem calças.

Como se fosse para confirmar que eu tinha dito a coisa certa, a garota lançou a mim um olhar de pena, então pegou minha mão e me levou à cozinha.

Conforme andávamos, fui observando mais a casa do que antes. Observei mais o corredor no andar de baixo, pelo menos. As paredes eram de um tom verde e se estendiam ao longo da casa. Na frente, a residência era ampla e

iluminada, com a luz das janelas na lateral e acima da porta. Era tomada por tapetes orientais de tamanhos diferentes. Perto da entrada, havia um banco de madeira, uma cadeira e duas mesas pequenas. Depois da escada, o corredor ficava mais estreito, e, no fim, havia uma porta pela qual passamos.

Do lado de fora ficava a cozinha, uma casinha de detalhes brancos não muito atrás da casa principal. Eu tinha lido a respeito das cozinhas externas e dos banheiros externos. Não estava ansiosa para ver nenhum. Mas agora a cozinha parecia o lugar mais simpático que eu tinha visto desde que chegara. Luke e Nigel estavam lá dentro comendo em tigelas de madeira com o que pareciam ser colheres de madeira. E havia duas crianças menores, uma menina e um menino, sentados ao chão, comendo com os dedos. Fiquei feliz ao vê-los ali porque havia lido a respeito de crianças com a idade delas engordadas e alimentadas em comedouros, como porcos. Não em todos os lugares, aparentemente. Pelo menos, não aqui.

Havia uma mulher atarracada de meia-idade mexendo uma chaleira pendurada acima do fogo. O fogão em si tomava uma parede inteira. Era feito de tijolos e, acima dele, havia uma prancha enorme na qual eram pendurados alguns talheres. Havia mais talheres de um lado, pendurados em ganchos na parede. Olhei para eles e percebi que não sabia o nome certo de nenhum. Mesmo de coisas simples como aquelas. Eu estava em um mundo diferente.

A cozinheira parou de mexer na chaleira e se virou para olhar para mim. Tinha a pele tão clara quanto a de minha guia calada, uma bela mulher de meia-idade, alta e forte. Sua expressão era séria, os lábios entortados para baixo, mas a voz era suave e baixa.

- Carrie - disse ela. - Quem é ela?

Minha guia olhou para mim.

- Meu nome é Dana - falei. - Meu senhor está aqui em visita. A senhora Weylin mandou que eu viesse jantar.

- A senhora Weylin? - A mulher franziu a testa para mim.

- A mulher de cabelos ruivos... A mãe de Rufus. - Não me dei conta a tempo de que deveria dizer Senhor Rufus. Não entendia por que tinha que dizer alguma coisa. Quantas senhoras Weylin havia na casa, afinal?

- A senhorita Margaret - disse a mulher, e baixinho, continuou: - Cadela!

Olhei para ela surpresa, pensando que se referia a mim.

- Sarah! - O tom de Luke foi de alerta. Ele não poderia ter ouvido o que a cozinheira disse de onde estava. Ou ela dizia isso com frequência ou ele havia lido seus lábios. Mas pelo menos agora eu entendia que era a senhora Weylin, a senhorita Margaret, que devia ser a cadela!

A cozinheira não disse mais nada. Ela pegou uma tigela de madeira, encheu com algo que pegou de uma panela perto do fogo e a entregou para mim com uma colher de madeira.

O jantar era polenta. A cozinheira viu que eu estava olhando para ela em vez de comer, e não entendeu minha expressão.

- Não é suficiente? - perguntou ela.

- Ah, é mais do que suficiente! - Segurei minha tigela de modo protetor, com receio de que ela me desse mais. - Obrigada.

Eu me sentei na ponta de uma mesa grande e pesada à frente de Nigel e de Luke. Vi que comiam a mesma polenta, apesar de a deles ter leite. Pensei em pedir leite na minha, mas não achei que melhoraria muito.

O que havia dentro da panela cheirava bem o suficiente para me lembrar que eu não havia tomado o café da manhã, que não tinha comido muito na noite anterior. Eu estava faminta, e Sarah estava cozinhando carne, provavelmente um assado. Enfieei um pouco da polenta na boca e engoli sem sentir o gosto.

- A gente consegue comida melhor depois que os branco come - disse Luke. - A gente come o que sobra deles.

Restos, pensei com amargura. Os restos de outra pessoa. E, sem dúvida, se passasse muito tempo ali, eu comeria os restos e ficaria feliz por tê-los. Deviam ser melhores do que os mingaus. Comi uma colherada da polenta, afastando com as mãos várias moscas grandes. Moscas. Estávamos em uma época de doenças sérias. Fiquei tentando imaginar se o resto da comida que chegaria a nós estaria limpo.

- Cê falô que é de Nova York? - perguntou Luke.

- Sim.

- Estado livre?

- Sim — repeti. - Por isso me trouxeram para cá. — As palavras, as perguntas me fizeram pensar em Alice e em sua mãe. Olhei para o rosto grande de Luke, pensando se haveria algum mal em perguntar sobre elas. Mas como podia admitir que as conhecia, que as conhecera anos antes, sendo que eu era nova aqui? Nigel sabia que eu já estivera aqui antes, mas Sarah e Luke podiam não saber. Seria mais seguro esperar. .. guardar minhas perguntas para Rufus.

- As pessoas em Nova York fala igual ocê? - perguntou Nigel.

- Algumas. Não todas.

- E se veste igual ocê? - perguntou Luke.

- Não. Eu me visto com o que o Senhor Kevin me dá para vestir. - Queria que eles parassem de fazer perguntas. Não queria que me obrigassem a contar mentiras que eu poderia esquecer depois. Melhor seria manter meu passado o mais simples que conseguisse.

A cozinheira se aproximou e olhou para mim, para as minhas calças. Pegou um pedaço do material com a ponta dos dedos, sentindo a textura.

- Que pano é esse? - perguntou.

Poliéster duplo, pensei. Mas dei de ombros.

- Não sei.

Ela balançou a cabeça e voltou a mexer a panela.

- Olha - falei enquanto ela estava de costas acho que concordo com você a respeito da senhorita Margaret.

Ela não disse nada. O calor que eu tinha sentido quando entrei no cômodo era só o calor do fogo, nada mais.

- Por que cê tenta falá igual os branco? - perguntou Nigel.

- Não tento - respondi, surpresa. - É assim mesmo que eu falo.

- Mais igual os branco que alguns branco.

Dei de ombros, procurei pensar em uma explicação aceitável.

- Minha mãe lecionava - falei - e...

- Uma professora preta?

Eu me retraí e assenti com a cabeça.

- Os negros livres podem dar aula. Minha mãe falava como eu. Ela me ensinou.

- Vai ter problema - disse ele. - O Senhô Tom já não gosta d'ocê. Fala certo demais e veio de um estado livre.

- Por que essas coisas seriam importantes para ele? Não pertenco a ele.

O menino sorriu.

- Ele não qué preto nenhum aqui falando mais direito do que ele, enfiando ideia de liberdade na nossa cabeça.

- Como se a gente fosse burro para precisá de um desconhecido para fazê a gente pensá em liberdade - murmurou Luke.

Assenti com a cabeça, mas queria que estivessem enganados. Não achava que tinha dito o suficiente para Weylin para que ele fizesse aquele tipo de crítica. Eu não era boa com sotaques. Tinha decidido, propositalmente, não inventar um sotaque. Mas se com isso eu acabasse tendo problemas toda vez em que abrisse a boca, minha vida aqui seria pior do que eu havia imaginado.

- Como o Senhor Rufe consegue te vê antes de chegá aqui? - perguntou Nigel.

Engasguei ao engolir a polenta.

- Não sei - falei. - Mas, por Deus, queria que ele não conseguisse me ver!

4

Permaneci na cozinha quando terminei de comer porque ficava perto da casa grande, e porque achei que poderia sair da cozinha e ir para o corredor se comesse a me sentir zozza, só para garantir. Onde quer que Kevin estivesse na casa, ele me ouviria se eu o chamasse do corredor.

Luke e Nigel terminaram de comer e foram até o fogão para dizer algo em particular para Sarah. Naquele momento, Carrie, a muda, me passou pão e um pedaço de presunto. Olhei para os alimentos e depois sorri para ela, agradecida. Quando Luke e Nigel levaram Sarah para fora do cômodo com eles, comi um sanduíche sem forma. No meio disso, eu me peguei pensando no presunto, imaginando se tinha sido bem cozido. Tentei pensar em mais alguma coisa, mas minha mente estava tomada por histórias horrorosas de doenças que eram muito freqüentes na época. A medicina era só um pouco melhor do que a feitiçaria. A malária vinha do ar infectado. As cirurgias eram realizadas em pacientes bem despertos. Os germes eram desconhecidos até mesmo da maioria dos médicos. E as pessoas, de modo casual, sem saber, ingeriam todos os tipos de comida mal cozida e mal conservada que as deixavam doentes ou causavam sua morte.

Histórias de horror.

Mas eram reais, e eu teria que enfrentá-las durante o tempo em que estivesse ali. Talvez eu não devesse ter comido o presunto, mas se não tivesse comido, ficaria com os restos da mesa depois. Teria que correr alguns riscos.

Sarah voltou com Nigel e me deu uma panela de ervilhas para debulhar. A vida seguia ao meu redor como se

eu não estivesse presente. As pessoas entravam na cozinha, sempre negros, conversavam com Sarah, ficavam ali, comiam o que conseguiam encontrar até Sarah gritar com eles e expulsá-los. Eu estava me perguntando se havia alguma coisa que eu pudesse fazer para ajudar quando Rufus começou a gritar. A medicina do século XIX parecia estar atuando.

As paredes da casa grande eram grossas e o som parecia vir de um lugar muito distante, um grito fino e estridente. Carrie, que havia saído da cozinha, voltou correndo e se sentou ao meu lado com as mãos cobrindo as orelhas.

Abruptamente, o grito foi interrompido, e eu puxei as mãos de Carrie com delicadeza. Sua sensibilidade me surpreendeu. Pensei que ela deveria estar acostumada a ouvir pessoas gritarem de dor. Ela prestou atenção por um momento, não ouviu nada e olhou para mim.

- Provavelmente, ele desmaiou - falei. - Melhor assim. Não vai sentir dor por um tempo.

Ela assentiu de maneira apática e voltou a fazer o que quer que estivesse fazendo.

- Ela sempre gostô dele - comentou Sarah quando ficamos em silêncio. - Quando ela era pequena, ele não deixava as criança incomodá ela.

Fiquei surpresa.

- Ela não é alguns anos mais velha do que ele?

- Nasceu um ano antes. Mas as criança tinha respeito. Ele é branco.

- Carrie é sua filha?

Sarah assentiu balançando a cabeça.

- Minha quarta filha. A única que o Senhô Tom deixô comigo. - Ela abaixou a voz para um sussurro.

- Está dizendo que ele... vendeu os outros?

- Vendeu. Primeiro, meu marido morreu... Ele tava cortando uma árvore que acabou caindo em cima dele. Depois, o Senhô Tom pegou meus filho, todos, menos a

Carrie. E, graças a Deus, Carrie não vale tanto quanto os outro porque não fala. As pessoa acha que ela não pensa direito.

Desviei o olhar. A expressão em seus olhos havia passado da tristeza (ela parecia prestes a chorar) para a raiva. Uma raiva contida, quase assustadora. O marido morto, três filhos vendidos, a quarta deficiente, e ela tendo que dar graças a Deus pela deficiência. Tinha motivo para sentir mais do que raiva. Era incrível que Weylin tivesse vendido seus filhos e ainda a mantivesse como sua cozinheira. Era incrível que ele ainda estivesse vivo. Mas eu achava que ele não viveria muito mais se encontrasse um comprador para Carrie.

Enquanto eu pensava, Sarah se virou e jogou um punhado de algo no ensopado ou na sopa que estava preparando. Balancei a cabeça. Se um dia ela decidisse se vingar, Weylin não imaginaria de onde o ataque tinha vindo.

- Ocê pode descascá essas batata para mim - disse ela.

Tive que pensar um pouco para me lembrar de que havia oferecido ajuda. Peguei a panela grande de batatas que ela me deu, além de uma faca e de uma tigela de madeira, e trabalhei em silêncio, às vezes descascando, às vezes afastando as moscas inconvenientes. Então, ouvi Kevin me chamando do lado de fora. Precisei me esforçar para pousar as batatas com calma dentro da tigela e cobri-las com um tecido que Sarah havia deixado sobre a mesa. Depois, fui até ele sem pressa, sem qualquer sinal de ansiedade ou alívio por tê-lo por perto de novo. Eu me aproximei e ele olhou para mim de um jeito estranho.

- Você está bem?

- Agora, sim.

Ele pegou minha mão, mas eu me afastei, olhando para ele, que abaixou a mão de novo.

- Venha - disse ele, irritado. - Vamos aonde possamos conversar.

Ele andou na frente além da casa grande, longe dos casebres dos escravos e de outras construções, longe das pequenas crianças escravas que brincavam de pega-pega, gritavam e ainda não entendiam que eram escravas.

Encontramos um carvalho enorme com galhos grossos que mais pareciam árvores distintas espalhadas para sombrear uma área ampla. Uma linda árvore solitária. Nós nos sentamos ao lado dela, deixando-a entre nós e a casa. Eu me acomodei perto de Kevin, relaxando, liberando a tensão que eu mal tinha notado estar sentindo. Ficamos calados por um tempo, quando ele se recostou e pareceu se livrar de suas próprias tensões.

Por fim, disse:

- Há períodos muito fascinantes aos quais poderíamos voltar para visitar.

Soltei uma risada descontraída.

- Não consigo pensar em nenhuma época para a qual gostaria de voltar. Mas de todas elas, esta deve ser a mais perigosa... Pelo menos para mim.

- Não enquanto eu estiver com você.

Olhei para ele de modo agradecido.

- Por que você tentou impedir que eu viesse?

- Temi por você.

- Por mim!

- No começo, não sabia por quê. Tive a sensação de que você poderia se machucar se tentasse vir comigo. Então, quando você veio, percebi que provavelmente não poderia voltar sem mim. Isso quer dizer que, se nos separarmos, você ficará aqui por anos, talvez para sempre.

Ele respirou fundo e balançou a cabeça.

- Isso não seria nada bom.

- Fique perto de mim. Se eu chamar, venha depressa.

Ele assentiu e, depois de um tempo, disse:

- Mas eu poderia sobreviver aqui, se fosse preciso. Quero dizer, se...

- Kevin, nada de “se”. Por favor.

- Só quero dizer que não corro o perigo que você correria.

- Não. - Mas correria outro tipo de perigo. Um lugar como este o colocaria em risco de um jeito que eu não queria comentar com ele. Se ficasse aqui por anos, uma parte deste lugar o afetaria. Não uma parte enorme, eu sabia. Mas se ele sobrevivesse aqui, seria porque conseguiu tolerar a vida nesse lugar. Não teria que participar dela, mas teria que se manter calado. Liberdade de experiência e de imprensa não tinham ido muito longe no Sul pré-guerra. Kevin também não iria. O lugar e a época poderiam matá-lo de uma vez ou marcá-lo de algum modo. Eu não gostava de nenhuma das possibilidades.

- Dana.

Olhei para ele.

- Não se preocupe. Chegamos juntos e vamos embora juntos.

Não parei de me preocupar, mas sorri e mudei de assunto.

- Como está o Rufus? Eu o ouvi gritar.

- Coitado. Fiquei contente quando ele desmaiou. O médico administrou um pouco de ópio, mas ele parecia sentir dor mesmo dopado. Eu tive que ajudar a segurá-lo.

- Ópio... Ele vai ficar bem?

- O médico acha que sim. Apesar de não saber quanto vale a opinião de um médico nesta época.

- Espero que ele tenha razão. Espero que Rufus tenha esgotado todo seu azar com os pais que tem.

Kevin levantou um braço e o virou para mostrar uma série de arranhões recentes.

- Margaret Weylin - falei baixinho.

- Ela não tinha que estar presente - disse ele. - Quando parou de me machucar, começou a machucar o médico. "Parem de machucar meu filhinho!".

Balancei a cabeça, incrédula.

- O que vamos fazer, Kevin? Ainda que essas pessoas fossem sãs, não poderíamos ficar aqui entre elas.

- Sim, poderíamos.

Eu me virei para olhar para ele.

- Inventei uma história a Weylin para explicar por que viemos para cá... e por que estamos sem dinheiro. Ele me ofereceu um emprego.

- Para fazer o quê?

- Para ser tutor do seu amiguinho. Parece que ele lê e escreve tão mal quanto sobe em árvores.

- Mas... ele não frequenta a escola?

- Não enquanto sua perna estiver se recuperando. E o pai dele não quer que ele fique mais atrasado do que já está.

- Ele está atrás dos garotos de sua idade?

- É o que Weylin parece pensar. Ele não disse isso com todas as letras, mas eu acho que ele receia que o menino não seja lá muito inteligente.

- De qualquer forma, me surpreende que ele se importe, *acho* que ele está enganado. Mas, pela primeira vez, o azar de Rufus é nossa sorte. Duvido que fiquemos aqui por tempo suficiente para você chegar a receber um salário, mas pelo menos, enquanto estivermos, teremos comida e abrigo.

- Foi o que pensei quando aceitei.

- E eu?

- Você?

- Weylin não disse nada a meu respeito?

- Não. Por que diria? Se eu ficar aqui, ele sabe que você também fica.

- Sim. - Sorri. - Tem razão. Se você não se lembrou de mim durante a negociação, por que ele se lembraria? Mas aposto que ele não vai se esquecer de mim quando tiver trabalho a fazer.

- Espere aí, você não tem que trabalhar para ele. Você não pertence a ele.

- Não, mas estou aqui. E sou escrava. Para que uma escrava serve, além do trabalho? Pode acreditar, ele vai encontrar algo para eu fazer, ou encontraria se eu não pretendesse encontrar um trabalho antes que ele encontre.

Ele franziu a testa.

- Você quer trabalhar?

- Eu quero... Tenho que encontrar um lugar aqui. Isso significa trabalhar. Acho que todos aqui, negros ou brancos, me verão com maus olhos se eu não trabalhar. E preciso de amigos. Preciso de todos os amigos que puder fazer aqui, Kevin. Pode ser que você não esteja comigo quando eu voltar para cá. Se eu voltar para cá de novo.

- E a menos que o menino se torne muito mais cuidadoso, você virá aqui de novo.

Suspirei.

- É o que parece.

- Detesto pensar em você trabalhando para essas pessoas. — Ele balançou a cabeça. — Detesto pensar em você fazendo papel de escrava.

- Sabíamos que eu teria que fazer isso.

Ele não disse nada.

- Me chame para longe deles de vez em quando, Kevin. Só para que eles se lembrem de que, independentemente do que eu seja, eles não são meus donos... ainda.

Ele voltou a balançar a cabeça, irritado, de um jeito que parecia ser uma negativa, mas eu sabia que ele faria o que eu estava pedindo.

- Quais mentiras contou a Weylin sobre nós? - perguntei a ele. - Do jeito que as pessoas fazem perguntas por aqui, precisamos nos preocupar em contar a mesma história.

Durante um bom tempo, ele não disse nada.

- Kevin?

Ele respirou fundo.

- Eu disse que sou escritor em Nova York - disse ele, por fim. - Que Deus nos proteja se encontrarmos alguém de Nova York. Estou percorrendo o Sul fazendo pesquisas para

um livro. Estou sem dinheiro porque bebi com as pessoas erradas há alguns dias e fui roubado. Só o que me restou foi você. Comprei você antes de ser roubado porque você sabe ler e escrever. Pensei que você poderia me ajudar em meu trabalho e também em outras coisas.

- Ele acreditou nisso?

- É possível que sim. Ele já tinha certeza de que você sabia ler e escrever. Foi um dos motivos pelos quais ele estava desconfiado. Escravos educados não são comuns aqui.

Dei de ombros.

- Nigel me disse isso.

- Weylin não gosta do seu jeito de falar. Acho que ele próprio nunca estudou muito, e ele não gosta de você por isso. Acho que não vai perturbá-la. Não ficaria aqui se não pensasse assim. Mas fique longe dele o máximo que puder.

- Com prazer. Pretendo me enfiar na cozinha, se conseguir. Vou dizer à Sarah que você quer que eu aprenda a cozinhar.

Ele riu baixo.

- Melhor eu contar o resto da história que contei a Weylin. Se a Sarah ouvir, pode ser que ela ensine você a colocar um pouco de veneno na minha comida.

Acho que fiz cara de assustada.

- Weylin me alertou a respeito do perigo que é ter uma escrava como você: educada, talvez seqüestrada de um estado livre, por mais distantes que estejamos do Norte. Ele disse que eu deveria vender você a algum mercador a caminho da Geórgia ou Louisiana antes que você fugisse e eu perdesse meu investimento. Isso me deu a ideia de dizer a ele que pretendo te vender em Louisiana, porque é onde minha viagem termina, e soube que posso obter bom lucro com você lá. Parece que ele ficou satisfeito e me disse que eu tinha razão, que os preços eram melhores em Louisiana se eu pudesse ficar com você até chegar lá. Então, eu disse que com educação ou não, você provavelmente não fugiria

de mim porque eu havia prometido levá-la de volta a Nova York para libertá-la. E disse que, de qualquer modo, você também não queria me deixar no momento. Ele entendeu.

- Você passou a impressão de ser nojento.

- Eu sei. Acho que, no fim, eu estava tentando passar essa importância, tentando ver se algo que eu pudesse fazer a você me tornaria alguém que ele não desejaria deixar perto de seu filho. Acho que ficou mais tranquilo em relação a mim quando eu disse ter prometido liberdade a você, mas não disse nada.

- O que você estava tentando fazer? Perder o emprego que havia acabado de conseguir?

- Não, mas enquanto falava com ele, só ficava pensando que você pode ter que voltar aqui sozinha um dia. Fiquei tentando encontrar algo de humano nele para me assegurar de que você ficaria bem.

- Ah, ele é humano, sim. Se ele fosse de uma classe social um pouco mais alta, talvez até ficasse irritado com seu modo de se gabar, a ponto de não querer sua presença por perto. Mas ele não teria tido o direito de impedir que você me traísse. Sou sua propriedade. Ele respeitaria isso.

- Você acha que isso é ser humano? Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que você nunca mais tenha que voltar aqui sozinha.

Eu me recostei na árvore, observando Kevin.

- Se eu por acaso voltar, Kevin, vamos nos precaver.

- O quê?

- Vou ajudar você com Rufus o máximo que puder. Vamos ver o que podemos fazer para impedir que ele se torne uma versão ruiva de seu pai.

5

Mas durante três dias eu não vi Rufus. E nada aconteceu para causar a tontura que indicasse, por fim, que eu voltaria para casa. Ajudei Sarah da melhor maneira que pude. Ela pareceu se afeiçoar um pouco a mim e foi paciente com minha falta de conhecimento na cozinha. Ela me ensinou e cuidou para que eu me alimentasse melhor. Não fez mais polenta quando percebeu que eu não gostava. (“Por que você não me disse?”, ela me perguntou.) Sob sua orientação, passei sabe Deus quanto tempo batendo massa de biscoito com uma colher em um cepo de árvore gasto. (“Menos força! Você não tá martelando nada. Normal, assim...”). Limpei e depenei uma galinha, preparei legumes, sovei massa de pão, e quando Sarah se cansou de mim, ajudei Carrie e as outras servas da casa com seu trabalho. Eu mantinha o quarto de Kevin limpo. Levava água quente com a qual ele pudesse se lavar e se barbear, e eu me lavava em seu quarto. Era o único lugar aonde eu podia ir para ter privacidade. Deixava minha bolsa de lona lá e me recolhia para evitar Margaret Weylin quando ela chegava passando os dedos na mobília sem pó, olhando embaixo dos tapetes no piso bem mantido. Apesar das diferenças, eu sabia como tirar pó e varrer independentemente do século em que estivéssemos. Margaret Weylin reclamava porque não conseguia encontrar nada de que reclamar. Isso ela deixou totalmente claro no dia em que jogou café fervendo em mim, gritando que eu o havia trazido frio.

Então, eu me escondia dela no quarto de Kevin. Era meu refúgio. Mas não era onde eu dormia.

Haviam me dado um lugar para dormir no sótão, onde a maioria dos servos da casa dormia. Aparentemente, nunca

ocorreu a ninguém que eu deveria dormir no quarto de Kevin. Weylin sabia que tipo de relação Kevin tinha comigo e deixava claro que não se importava. Mas o modo com que dormíamos indicava que ele esperava discrição; ou acreditávamos que fosse o caso. Passamos três dias convivendo. No quarto dia, Kevin me abordou enquanto eu saía da cozinha e me levou ao carvalho de novo.

- Está tendo problemas com Margaret Weylin? - perguntou ele.

- Nada que eu não possa resolver - disse, surpresa. - Por quê?

- Ouvi alguns empregados da casa conversando, dizendo vagamente que havia problemas. Pensei que deveria confirmar.

Dei de ombros e disse:

- Acho que ela não gosta de mim porque o Rufus gosta. Provavelmente não quer dividir o filho com ninguém. Que Deus o ajude quando ele crescer mais e quiser se afastar. Além disso, acho que Margaret também não gosta de escravos educados, assim como o marido não gosta.

- Entendo. Eu tinha razão a respeito dele, a propósito. Mal sabe ler e escrever. E ela não é muito melhor. - Ele se virou para olhar diretamente para mim. - Ela jogou um bule de café em você?

Desviei o olhar.

- Não importa. A maior parte não me atingiu, de qualquer modo.

- Por que não me contou? Ela poderia ter machucado você.

- Não me machucou.

- Acho que não podemos dar outra chance a ela.

Olhei para ele.

- O que você quer fazer?

- Sair daqui. Não precisamos tanto de dinheiro assim para aguentar o que ela pretende fazer da próxima vez.

- Não, Kevin. Eu tive um motivo para não contar a você sobre o café.

- Fico tentando imaginar o que mais você não me contou.

- Nada importante. - Relembrei alguns dos insultos insignificantes de Margaret. - Nada com importância suficiente para me fazer ir embora.

- Mas por quê? Não há motivos para...

- Sim, há. Pensei muito sobre isso, Kevin. Não me importo com o dinheiro, nem mesmo em ter um teto sob o qual dormir. Acho que podemos sobreviver aqui juntos independentemente do que aconteça. Mas acho que não tenho grandes chances de sobreviver aqui sozinha. Já te falei isso.

- Você não vai ficar sozinha. Vou cuidar disso.

- Você vai tentar. Talvez seja suficiente. Espero que seja. Mas se não for, se eu tiver que vir aqui sozinha, terei mais chance de sobreviver se ficar aqui agora e trabalhar na garantia sobre a qual falei. Rufus. Ele provavelmente vai ter idade suficiente para ter certa autoridade quando eu vier de novo. Vai ter idade suficiente para me ajudar. Quero que tenha o máximo de boas lembranças minhas que puder dar agora.

- Pode ser que ele não lembre de você quando você voltar.

- Vai se lembrar, sim.

- Ainda assim, pode não dar certo. Afinal, o ambiente dele vai influenciá-lo todos os dias em que você não estiver aqui. E, pelo que soube, é comum, nesta época, que os filhos dos senhores tenham quase as mesmas condições que os escravos. Mas a maturidade coloca os dois lados em seus "lugares".

- Às vezes, não coloca. Mesmo aqui, nem todos os jovens se deixam moldar pelo que os pais querem que sejam.

- Você está brincando! Caramba, está brincando com a história.

- O que mais posso fazer? Tenho que tentar, Kevin, e se tentar significa correr alguns pequenos riscos e aguentar pequenas humilhações agora para poder sobreviver mais tarde, é o que vou fazer.

Ele respirou fundo e quando o ar saiu, foi quase um assovio.

- É. Acho que não a julgo. Não gosto, mas não a julgo.

Apoiei a cabeça em seu ombro.

- Eu também não gosto. Meu Deus, detesto! Aquela mulher está a caminho de ter um colapso nervoso. Espero que não aconteça enquanto eu estiver aqui.

Kevin se remexeu um pouco e eu me endireitei.

- Vamos esquecer a Margaret um pouco - disse ele. -Eu também queria falar com você sobre... sobre aquele lugar onde você dorme.

-Ah.

- Sim, ah. Finalmente consegui vê-lo. Uma esteira velha no chão, Dana!

- Você viu mais alguma coisa lá em cima?

- O quê? O que deveria ter visto?

- Muitas esteiras no chão. E alguns colchões cheios de palha de milho. Não estou sendo mais maltratada do que os outros servos da casa, Kevin, e estou melhor do que os que trabalham no campo. As esteiras deles ficam no chão de terra. Os casebres deles não têm piso, e a maioria deles é infestada de pulgas.

Fez-se longo silêncio. Por fim, ele suspirou.

- Não posso fazer nada pelos outros - disse ele -, mas quero que você saia daquele sótão. Quero que fique comigo.

Eu me sentei e olhei para minhas mãos.

- Você não sabe como já quis estar com você. Fico me imaginando acordando em casa qualquer dia desses, sozinha.

- Não é provável que aconteça. Só se algo ameaçar ou assustar você durante a noite.

- Não sabemos ao certo. Sua teoria pode estar errada. Talvez haja algum tipo de limite para o tempo que eu posso ficar aqui. Talvez um pesadelo bastasse para me mandar para casa. Talvez qualquer coisa.

- Talvez eu devesse testar minha teoria.

Aquilo me fez parar. Percebi que ele estava falando sobre me colocar em risco ou pelo menos fazer com que eu acreditasse que minha vida estava em perigo, me assustar. Para que eu conseguisse voltar para casa. Talvez.

Engoli em seco.

- Pode ser uma boa ideia, mas acho que você não deveria ter comentado comigo... me alertado. Além disso... não sei bem se você poderia me assustar tanto. Confio em você.

Ele pousou uma das mãos na minha.

- Pode continuar confiando em mim. Não vou te machucar.

- Mas...

- Não tenho que te machucar. Posso pensar em algo que assuste você antes de ter tempo de raciocinar. Posso dar um jeito.

Aceitei aquilo, comecei a pensar que talvez ele realmente conseguisse nos levar para casa.

- Kevin, espere a perna de Rufus ficar boa.

- Tanto tempo? - protestou ele. - Seis semanas, talvez mais. Droga, em uma sociedade tão atrasada como esta, como saber se a perna vai ficar curada mesmo?

- Independentemente do que aconteça, o menino vai sobreviver. Ele ainda vai ser pai. E isso quer dizer que ele provavelmente terá tempo de me chamar aqui de novo, com ou sem você. Dê a mim a chance de que preciso, Kevin, de me aproximar dele e de tornar este lugar um porto seguro para mim.

- Certo - disse ele, suspirando. - Vamos esperar um pouco. Mas você não vai esperar no sótão. Você vai para o meu quarto hoje à noite.

Pensei no que ele disse.

- Está bem. Levar você para casa comigo quando eu for é a única coisa mais importante para mim do que ficar com Rufus. Por isso, vale a pena sermos expulsos da fazenda.

- Não se preocupe com isso. Weylin não se importa com o que fazemos.

- Mas Margaret vai se importar. Eu a vi usando sua capacidade limitada de leitura com a Bíblia. Acredito que, a seu modo, ela é uma mulher de moral razoável.

- Quer saber até onde vai a moral dela?

O tom de voz dele me confundiu.

- Como assim?

- Se ela me perseguir com mais insistência, pode ser que ela e eu acabemos interpretando uma cena da Bíblia que ela lê. A cena entre a esposa de Potifar e José.

Engoli em seco. *Aquela mulher!* Mas eu conseguia imaginá-la. Cabelos ruivos compridos e densos enrolados no topo da cabeça, pele clara e macia. Independentemente de seus problemas emocionais, ela não era feia.

- Tudo bem, vou para seu quarto hoje à noite - falei.

Ele sorriu.

- Se formos discretos, pode até ser que não notem. Caramba, vi três crianças pequenas brincando na terra nos fundos da casa que se parecem mais com Weylin do que Rufus. Margaret tem muita experiência em fazer vista grossa.

Eu sabia a quais crianças ele se referia. Cada uma tinha uma mãe diferente, mas certamente havia uma semelhança física entre elas. Eu já tinha visto Margaret Weylin dar um tapa na cara de uma delas. A criança não tinha feito nada além de atravessar seu caminho. Se ela se dispunha a castigar uma criança pelos pecados do marido, estaria

menos disposta a me castigar se soubesse que eu fazia o que ela queria fazer com Kevin? Tentei não pensar nisso.

- Talvez ainda assim tenhamos que partir - comentei. - Independentemente do que essas pessoas tenham que aceitar umas das outras, pode ser que não estejam dispostas a tolerar a “imoralidade” de nossa parte.

Ele deu de ombros.

- Se tivermos que ir embora, iremos. Há limites para o que você deve tolerar mesmo que seja para ter uma chance com o garoto. Vamos a Baltimore. Lá, eu devo conseguir algum trabalho.

- Se formos para uma cidade, o que acha da Filadélfia?

- Filadélfia?

- Porque fica na Pensilvânia. Se vamos sair daqui, que seja para um estado livre.

- Ah. Claro, eu deveria ter pensado nisso. Olha... Dana, pode ser que tenhamos que ir a um desses estados livres, de qualquer modo. Quero dizer, se acabarmos percebendo que não poderemos ir para casa como pensamos poder. Eu provavelmente vou me tornar uma despesa desnecessária para Weylin quando a perna de Rufus ficar boa. Nesse caso, teremos que encontrar uma casa em algum lugar. É provável que não aconteça, mas é uma possibilidade.

Concordei com a cabeça.

- Agora, vamos tirar suas coisas do sótão. - Ele ficou de pé. - E, Dana, Rufus disse que a mãe dele vai sair para algumas visitas hoje. Ele gostaria de falar com você enquanto ela estiver fora.

- Por que não me disse antes? Um começo, finalmente!

Mais tarde, enquanto eu mexia uma massa de pão de milho para Sarah, Carrie foi me buscar. Ela fez um sinal para Sarah que eu já havia aprendido. Ela passou a mão na lateral do rosto como se estivesse esfregando algo dali. E então, apontou para mim.

- Dana - disse Sarah, olhando para trás -, um dos branco tá te chamando. Vá com Carrie.

Eu fui. Carrie me levou ao quarto de Rufus, bateu à porta e me deixou ali. Entrei e o encontrei na cama com a perna enfiada entre duas placas de madeira, servindo de tala, e mantida reta por um equipamento formado por uma corda e um invólucro de ferro. O peso de ferro parecia algo tirado da cozinha de Sarah: um gancho pequeno e pesado no qual eu já tinha visto uma peça de carne pendurada para assar. Mas aparentemente servia também para manter a perna de Rufus erguida.

- Como você está? - perguntei ao me sentar na cadeira ao lado da cama.

- Não dói mais tanto quanto antes - disse ele. - Acho que está melhorando. O Kevin disse... Você se importa se eu chamá-lo de Kevin?

- Não, acho que ele quer que você o chame assim.

- Tenho que chamá-lo de Senhor Franklin quando a mamãe estiver aqui. Bem, ele disse que você está trabalhando com a tia Sarah.

Tia Sarah? Bom, isso era melhor do que Mãe Preta Sarah, pensei.

- Estou aprendendo a cozinhar com ela.

- Ela é boa cozinheira, mas... Ela bate em você?

- Claro que não. - Dei risada.

- Há um tempo, uma garota a ajudava na cozinha, e ela batia tanto na menina que ela acabou pedindo ao papai para voltar aos campos. Mas foi logo depois que o papai vendeu os filhos da Tia Sarah. Nessa época, ela ficou brava com todo mundo.

- Não tiro a razão dela - falei.

Rufus olhou para a porta, e então disse com a voz baixa:

- Nem eu. O filho dela, Jim, era meu amigo. Ele me ensinou a cavalgar quando eu era pequeno. Mas o papai o vendeu mesmo assim. - Ele olhou para a porta de novo e mudou de assunto. - Dana, você sabe ler?

- Sim.

- Kevin disse que você sabe. Eu disse à mamãe, e ela disse que você não sabia.

Dei de ombros.

- O que você acha?

Ele pegou um livro de capa de couro de baixo do travesseiro.

- Kevin trouxe isto para mim do andar de baixo. Pode ler para mim?

Eu me apaixonei por Kevin de novo. Ali estava a desculpa perfeita para eu passar muito tempo com o menino. Ele levou o livro *Robinson Crusoe*. Eu o havia lido na infância, e me lembrava de não ter gostado muito da leitura, mas não conseguia parar de ler. Afinal, Crusoe estava realizando uma viagem de venda de escravos quando seu navio naufragou.

Abri o livro com certa apreensão, pensando nas palavras e na pontuação arcaica que encontraria. Encontrei a letra “f” no lugar da letra “s”, comum no inglês, e algumas outras coisas que não apareciam com a mesma frequência, mas me acostumei com elas depressa. E comecei a me envolver na história. Por eu mesma ser uma espécie de náufraga, gostei de fugir para dentro do mundo fictício dos problemas alheios.

Li e li mais, bebi um pouco da água que a mãe de Rufus havia deixado para ele, e li um pouco mais. Rufus pareceu gostar. Só parei quando pensei que ele estava caindo no sono. Mas, mesmo assim, quando deixei o livro de lado, ele abriu os olhos e sorriu.

- Nigel disse que sua mãe era professora.

- Era.

- Gosto do jeito com que você lê. E quase como estar ali, observando tudo acontecer.

- Obrigada.

- Há muitos outros livros no andar de baixo.

- Eu os vi. - Eu já tinha pensado sobre eles. Os Weylin não pareciam ser o tipo de pessoas que teriam uma

biblioteca.

- Eles eram da senhorita Hannah - explicou Rufus. - O papai era casado com ela antes de se casar com a mamãe, mas ela morreu. Esta casa era dela. Ele disse que ela lia tanto que, antes de se casar com a mamãe, ele verificou se ela não gostava de ler.

- E você?

Ele se remexeu, desconfortável.

- Ler é muito difícil. De qualquer modo, o Senhor Jennings disse que eu era muito burro para aprender.

- Quem é o Senhor Jennings?

- O professor da escola.

- É mesmo? - Balancei a cabeça, contrariada. - Pois não deveria ser. Olha, você acha que é burro?

- Não. - Um não baixo e hesitante. - E eu já leio tão bem quanto o papai. Por que deveria ir além disso?

- Não precisa ir além. Pode continuar como está. Claro, isso daria ao Senhor Jennings o gostinho de achar que ele tinha razão a seu respeito. Você gosta dele?

- Ninguém gosta dele.

- Nesse caso, não dê esse gostinho para ele. E os garotos com quem você estuda? São só garotos? Não tem garotas?

- Isso.

- Veja a vantagem que eles terão em relação a você quando crescer. Vão saber mais do que você. Serão capazes de enganar você se quiserem. Além disso - mostrei o livro para ele -, veja o prazer que você perderá.

Ele sorriu.

- Não com você aqui. Leia mais um pouco.

- Acho melhor não. Está ficando tarde. Sua mãe vai chegar logo.

- Não vai, não. Leia.

Suspirei.

- Rufe, sua mãe não gosta de mim. Acho que você sabe disso.

Ele desviou o olhar.

- Temos um pouco mais de tempo - disse ele. - Mas talvez seja melhor você não ler. Esqueço de prestar atenção para ouvir se ela chegou quando você está lendo.

Entreguei o livro a ele.

- Leia algumas linhas para mim.

Ele aceitou o livro, olhou para ele como se fosse um inimigo. Depois de um momento, começou a ler fazendo pausas. Algumas palavras faziam com que ele parasse totalmente e eu tinha que ajudar. Depois de dois parágrafos difíceis, ele parou e fechou o livro, contrariado.

- Nem parece que é o mesmo livro quando eu estou lendo.

- Deixe o Kevin ensinar você - falei. - Ele não acha que você é burro, e nem eu acho. Você vai aprender bem. -A menos que ele tivesse algum problema, como visão fraca ou alguma dificuldade de aprendizado, que as pessoas dessa época veriam como teimosia ou burrice. A menos que... O que eu sabia a respeito de lecionar para crianças? Eu só podia torcer para que o garoto tivesse tanto potencial quanto eu achava que tinha.

Eu me levantei para sair e, então, me sentei de novo, lembrando de outra pergunta não respondida.

- Rufe, o que aconteceu com Alice?

- Nada. - Ele parecia surpreso.

- Pergunto porque... a última vez em que a vi, o pai dela havia acabado de levar uma surra porque ele tinha ido ver a mãe dela e ela.

- Ah. Bem, o papai ficou com medo de ele fugir, por isso o vendeu a um mercador.

- Vendeu... Ele ainda mora aqui perto?

- Não, o mercador estava indo para o Sul. Para a Geórgia, acho.

- Ai, meu Deus. - Suspirei. - Alice e a mãe dela continuam aqui?

- Claro. Eu ainda as vejo... quando posso andar.

- Elas tiveram algum problema porque estive com elas naquela noite? - Isso foi o mais perto que ousei chegar de perguntar o que havia acontecido com a pessoa que poderia me escravizar.

- Acho que não. Alice disse que você veio e se foi depressa.

- Fui para casa. Não dá para saber quando vai acontecer. Simplesmente acontece.

- Voltou para a Califórnia?

- Sim.

- Alice não viu você partir. Ela disse que você simplesmente entrou na mata e não voltou.

- Que bom. Se ela me visse desaparecer, ficaria assustada. - Alice, então, estava guardando segredo. Ou a mãe dela. Estava claro que algumas coisas não podiam ser ditas nem mesmo para um jovem branco simpático. Por outro lado, se o capataz não tinha contado a todos sobre mim nem se vingado de Alice e de sua mãe, talvez estivesse morto. Talvez meu ataque o tivesse matado, ou alguém poderia ter acabado com ele depois que fui para casa. Se isso tivesse acontecido, eu não queria saber.

Eu me levantei.

- Preciso ir, Rufe. Volto quando puder.

- Dana?

Olhei para ele.

- contei para a mamãe que você esteve aqui. contei que você me salvou do rio. Ela disse que não era verdade, mas acho que ela acreditou em mim, sim. contei porque pensei que isso faria com que ela gostasse mais de você.

- Não adiantou, pelo visto.

- Eu sei. - Ele franziu a testa. - Por que ela não gosta de você? Fez alguma coisa para ela?

- Não! Afinal, o que aconteceria comigo se eu fizesse alguma coisa para ela?

- Sim. Mas por que ela não gosta de você?

- Você vai ter que perguntar para ela.

- Ela não diz. - Ele olhou para a frente, sério. - Fico achando que você vai para casa, que alguém vai vir me contar que você e Kevin se foram. Não quero que voltem para casa. Mas também não quero que você se machuque aqui.

Eu não disse nada.

- Tome cuidado - disse ele, baixinho.

Assenti e saí do quarto. Quando cheguei à escada, Tom Weylin saiu de seu quarto.

- O que está fazendo aqui em cima? - perguntou ele.

- Visitando o Senhor Rufus - respondi. - Ele pediu para me chamarem.

- Você estava lendo para ele!

Agora eu sabia como ele tinha conseguido sair a tempo de me alcançar. Pelo amor de Deus, ele estava bisbilhotando. O que pensou que ouviria? Ou melhor, o que tinha ouvido que não deveria ter ouvido? Sobre Alice, talvez. O que pensaria disso? Por um momento, minha mente ficou à toda, procurando desculpas, explicações. Então, percebi que não precisaria delas. Eu o teria encontrado à porta do quarto de Rufus se ele tivesse esperado o suficiente para ouvir sobre Alice. Provavelmente havia me escutado conversando com Rufus com familiaridade demais. Nada além disso. Eu havia cuidado para não dizer nada de ruim a respeito de Margaret, porque achava que a própria atitude dela a prejudicaria mais aos olhos de seu filho do que qualquer coisa que eu pudesse dizer. Eu me forcei a encarar Weylin com calma.

- Sim, eu estava lendo para ele - admiti. - Ele me pediu para fazer isso também. Acho que estava entediado por ficar deitado sem nada para fazer.

- Não perguntei o que você acha - disse ele.

Eu não disse nada.

Ele me levou mais longe da porta do quarto de Rufus, e então parou para me analisar. Seus olhos percorreram meu corpo como os olhos de um homem analisando uma mulher

para fazer sexo, mas não vi sinal de desejo por parte dele. Seus olhos, percebi, não pela primeira vez, eram quase tão claros quanto os de Kevin. Rufus e a mãe dele tinham olhos verdes. Eu gostava mais do verde, de certo modo.

- Quantos anos você tem? - perguntou ele.

- Vinte e seis, senhor.

- Você diz como se tivesse certeza.

- Sim, senhor. Eu tenho.

- Em que ano nasceu?

- Mil setecentos e noventa e três. - Eu havia feito as contas dias atrás pensando que o ano do meu nascimento não era uma parte de minha história pessoal na qual eu deveria hesitar se alguém perguntasse. No meu tempo, uma pessoa que hesitava ao falar da data de seu nascimento provavelmente estava prestes a mentir. Mas, enquanto falava, percebi que aqui uma pessoa podia hesitar em relação à data de seu nascimento simplesmente por não saber qual era. Sarah não sabia a dela.

- Vinte e seis anos, então - disse Weylin. - Quantos filhos já teve?

- Nenhum. - Mantive o rosto impassível, mas fiquei tentando imaginar como as perguntas terminariam.

- Não tem filhos até agora? - Ele franziu a testa. - Então deve ser estéril.

Eu não disse nada. Não explicaria nada a ele. De qualquer modo, minha fertilidade não era problema dele.

Ele olhou para mim por mais um tempo, fazendo com que eu ficasse irritada e desconfortável, mas disfarcei meus sentimentos da melhor maneira que consegui.

- Mas você gosta de crianças, não gosta? - perguntou ele. - Gosta de meu filho.

- Sim, senhor, gosto.

- Sabe os números também, além de ler e escrever?

- Sim, senhor.

- Gostaria de ensinar a ele?

- Eu? - Consegui franzir a testa... Consegui não rir alto de alívio. Tom Weylin queria me comprar. Apesar de todos os alertas que fizera a Kevin a respeito dos perigos de manter escravos educados nascidos no Norte, ele queria me comprar. Fingi não entender. - Mas esse é o trabalho do Senhor Franklin.

- Poderia ser o seu trabalho.

- Poderia?

- Eu poderia comprar você. Assim, você viveria aqui em vez de viajar pelo país sem ter o suficiente para comer nem um lugar onde dormir.

Abaixei o olhar.

- Quem decide isso é o Senhor Franklin.

- Sei que é, mas o que você acha?

- Bem... sem querer ofender, Senhor Weylin, fico contente por termos parado aqui e, como eu disse, gosto de seu filho. Mas acho melhor ficar com o Senhor Franklin.

Ele lançou a mim um olhar inconfundível de pena.

- Se acha, moça, vai se arrepender. - Ele se virou e se afastou.

Fiquei olhando para ele, acreditando, apesar de tudo, que ele realmente sentia pena de mim.

Naquela noite, contei a Kevin o que havia acontecido, e ele também ficou surpreso.

- Tome cuidado, Dana - disse ele, repetindo Rufus, sem saber. - Tome o máximo de cuidado que puder.

6

Eu tomei cuidado. Conforme os dias se passavam, eu criei o hábito de tomar cuidado. Fiz o papel de escrava, prestava atenção a meus modos provavelmente mais do que precisava, pois não tinha certeza do que podia fazer sem ser punida. Pelo que percebi, não podia fazer muito.

Uma vez, fui chamada aos casebres dos escravos, à vila, para ver Weylin punir um escravo pelo crime de responder. Weylin mandou que despissem o homem e o amarrassem ao tronco de uma árvore seca. Enquanto o castigo era aplicado pelos outros escravos, Weylin permaneceu balançando o chicote e mordendo os lábios finos. De repente, ele lascou o chicote nas costas do escravo. O corpo do homem convulsionou e o movimento fez as cordas se esticarem. Observei o chicote por um momento me perguntando se era igual àquele que Weylin tinha usado em Rufus anos antes. Se fosse, eu compreendia totalmente por que Margaret Weylin havia pegado o garoto e fugido. O chicote era pesado e media pelo menos 1,80m, e eu não o usaria em nenhum ser vivo. Ele tirava sangue e gritos a cada açoite. Eu assisti, ouvi e desejei estar longe. Mas Weylin estava usando o homem como exemplo. Havia exigido que todos nós assistíssemos à surra, todos os escravos. Kevin estava em algum lugar da casa grande, provavelmente nem sequer sabia o que estava acontecendo.

As chicotadas cumpriram seu propósito, na minha opinião. Elas me assustaram, me fizeram tentar imaginar quanto tempo levaria até eu cometer um erro que fosse motivo para alguém me açoitar. Ou será que eu já tinha cometido esse erro?

Por fim, eu havia me mudado para o quarto de Kevin. E ainda que aquilo fosse visto como uma atitude dele, eu poderia sofrer por ela. O fato de os Weylin parecerem não ter notado minha mudança não me tranquilizava de fato. A vida deles era tão distante da minha que talvez demorassem vários dias para notar que eu havia abandonado meu lugar no sótão. Eu sempre me levantava antes deles para pegar água e brasas da cozinha e acender a lareira de Kevin. Aparentemente, ainda não tinham inventado o palito de fósforo. Nem Sarah nem Rufus sabiam o que era isso.

Até aquele momento, o escravo que Weylin havia designado a Kevin o ignorava totalmente, e Kevin e o quarto dele ficavam sob minha responsabilidade. Demorávamos o dobro do tempo para acender uma lareira, e eu demorava ainda mais para levar água subindo e descendo a escada, mas eu não me importava. As tarefas às quais eu me dedicava me davam motivo para entrar e sair do quarto de Kevin a qualquer momento, e elas me livravam de ter que fazer trabalhos mais desagradáveis. Mas o mais importante para mim era que me davam a chance de preservar um pouco de 1976 entre os escravos e os donos de escravos.

Depois de me lavar e de observar Kevin cortar o rosto com a lâmina reta que havia pegado emprestado de Weylin, eu descia para ajudar Sarah com o café da manhã. Eu passava manhãs inteiras sem ver os Weylin. À noite, eu ajudava a limpar a cozinha depois do jantar e a preparar as coisas para o dia seguinte. Então, assim como Sarah e Carrie, eu acordava antes dos Weylin e ia para a cama depois deles. Isso me deu vários dias de paz até Margaret Weylin descobrir que tinha outro motivo para não gostar de mim.

Ela me puxou de canto, um dia, enquanto eu varria a biblioteca. Se tivesse entrado dois minutos antes, teria me flagrado lendo um livro.

- Onde você dormiu ontem? - exigiu saber num tom de voz estridente e acusatório que reservava aos escravos.

Eu me endireitei para olhar para ela, apoiei as mãos na vassoura. Teria sido uma delícia dizer *Não é da sua conta, vaca!* Mas eu falei baixinho e de modo respeitoso:

- No quarto do Senhor Franklin, senhora. - Não me dei ao trabalho de mentir porque todos os servos da casa sabiam. Talvez até um deles tivesse alertado Margaret. O que aconteceria agora?

Margaret me deu um tapa na cara.

Fiquei bem parada, olhando para ela com calma. Ela era oito ou dez centímetros mais baixa do que eu e proporcionalmente menor. Seu tapa não tinha doído muito. Só havia me dado vontade de machucá-la. Só a lembrança que eu tinha do chicote fez com que eu ficasse parada.

- Sua puta preta nojenta! - gritou ela. - Esta é uma casa cristã!

Eu não disse nada.

- Vou fazer com que você seja mandada para onde deve ir!

Continuei calada. Olhei para ela.

- Não quero você em minha casa! - Ela deu um passo para se afastar de mim. - Pare de me olhar desse jeito! - Ela deu mais um passo para trás.

Ela estava com um pouco de medo de mim, me ocorreu. Afinal, eu era uma desconhecida, uma escrava nova imprevisível. E talvez fosse um pouco calada demais. Lenta e de modo consciente, continuei varrendo.

Mas fiquei de olho nela sem aparentar. Afinal, ela era tão imprevisível quanto eu. Podia pegar um castiçal ou um vaso e me agredir com eles. E, com chicote ou sem, eu não ficaria parada deixando que ela me machucasse.

Mas ela não se movimentou na minha direção. Só se virou e se afastou. Era um dia quente, abafado e desconfortável. Ninguém fazia gestos rápidos, exceto para afastar moscas. Mas Margaret Weylin mesmo assim se

apressava. Ela tinha pouco ou nada a fazer. Os escravos mantinham sua casa limpa, faziam a maior parte da costura, preparavam todas as refeições e lavavam tudo. Carrie até a ajudava a se vestir e a se despir. Então, Margaret supervisionava: mandava as pessoas fazerem o trabalho que já estavam fazendo, criticava a lentidão e a preguiça delas mesmo quando eram rápidas e esforçadas e, de modo geral, causava problemas. Weylin tinha se casado com uma jovem pobre, ignorante, nervosa e surpreendentemente bela que estava determinada a ser o tipo de pessoa que julgava ser uma dama. Isso significava que não fazia trabalho “doméstico”, trabalho nenhum, aparentemente. Eu não tinha com quem compará-la, exceto com seus convidados, que pareciam, pelo menos, mais calmos. Mas eu desconfiava que a maioria das mulheres de sua época encontrava o suficiente com que se ocupar de modo confortável, não importando se elas vissem a si mesmas como “damas” ou não. Margaret, entediada, simplesmente corria de um lado a outro e perturbava a todos.

Terminei meu trabalho na biblioteca imaginando, o tempo todo, se Margaret havia partido à procura de seu marido para falar sobre mim. Do marido dela, eu sentia medo. Eu me lembrava da expressão dele ao surrar o escravo do campo. Não era uma expressão de raiva, de ódio, nem mesmo de interesse. Era como se estivesse partindo lenha. Ele não era sádico, mas não fugia de suas “tarefas” como dono da fazenda. Ele me surraria até arrancar sangue se acreditasse que eu havia lhe dado motivo, e Kevin talvez só descobrisse quando fosse tarde demais.

Fui até o quarto de Kevin, mas ele não estava lá. Eu o ouvi ao passar pelo quarto de Rufus e teria entrado, mas, um momento depois, ouvi a voz de Margaret. Repelida, desci as escadas e fui para a cozinha.

Sarah e Carrie estavam sozinhas quando entrei, e fiquei contente com isso. Às vezes, idosos e crianças ficavam ali, e até empregados e escravos do campo ficavam ali por uns instantes, ociosos. Eu gostava de ouvi-los conversando de vez em quando e tentava entender seu sotaque para saber mais sobre como sobreviviam à vida de escravidão. Sem saber, eles me preparavam para sobreviver. Mas agora, eu só queria a Sarah e a Carrie. Eu podia falar o que quisesse perto delas, sem que os Weylin soubessem.

- Dana - Sarah disse ao me receber -, toma cuidado. Falei docê hoje. Não quero ocê me fazendo parecê mentirosa!

Franzi a testa.

- Falou de mim? Para a Senhorita Margaret?

Sarah soltou uma risada alta e curta.

- Não! Ocê sabe que só falo o que tenho que falá com ela. Ela tem a casa dela, e eu tenho minha cozinha.

Sorri e meu conflito diminuiu um pouco. Sarah tinha razão. Margaret Weylin não mexia com ela. A conversa entre elas era breve e normalmente se restringia ao planejamento das refeições.

- Por que não gosta dela se ela não incomoda você? - perguntei.

Sarah lançou a mim um olhar de ira que eu não via desde meu primeiro dia na fazenda.

- Quem ocê acha que teve a ideia de vender meus filhos?

- Ah. - Ela também não tinha falado mais nada dos filhos desde o primeiro dia.

- Ela queria móveis novo, prato de porcelana novo, coisas bonita que dá pra vê aqui agora. O que ela tinha antes tava bom pra Senhorita Hannah, e a Senhorita Hannah era uma dama de verdade. De qualidade. Mas as coisa não era boa para esse lixo branco da Margaret. Então, ela fez o Senhô Tom vendê meus três menino pra consegui dinheiro pra comprá coisas que ela nem precisava!

- Ah. - Não conseguia pensar em mais nada a dizer. Meu problema pareceu encolher a ponto de não ser digno de ser mencionado.

Sarah ficou em silêncio por um tempo, as mãos em movimento na massa de pão automaticamente, talvez com um pouco mais de vigor do que o necessário. Por fim, ela falou de novo.

- Falei d'ocê para o Senhô Tom.

Eu me sobressaltei.

- Estou em apuros?

- Não pelas coisa que eu disse. Ele só queria sabê como ocê trabalha e se é preguiçosa. Eu disse que ocê não é de preguiça. Disse que ocê não sabia fazê umas coisas, e, menina, ocê chegou aqui sem sabê fazê nada, mas não falei isso pra ele. Falei que se ocê não sabe fazê uma coisa, descobre. E que trabalha. Quando mando você fazê uma coisa, sei que vai fazê. O Senhô Tom disse que pode comprá ocê.

- O Senhor Franklin não vai me vender.

Ela levantou um pouco a cabeça e literalmente empinou o nariz para olhar para mim.

- Não, acho que não. Mas a Senhorita Margaret não qué ocê aqui.

Dei de ombros.

- Vaca - murmurou Sarah sem alterar a voz. E então: - Bom, gananciosa e malvada como é, pelo menos ela não perturba tanto a Carrie.

Olhei para a menina muda comendo ensopado e broa de milho, restos da mesa dos brancos.

- Né, Carrie?

Carrie balançou a cabeça confirmando e continuou comendo.

- Claro - disse Sarah, virando-se de costas para a massa de pão. - Carrie não tem nada que a Senhorita Margaret qué.

Só olhei para ela.

- Ocê tá atrapalhando - disse ela. - Sabe disso, né?
- Um homem devia bastar para ela.
- Não tem isso de devia ou não devia. Tem o que é. Faz ele mandá ocê para o sótão de novo.

- Fazer ele fazer isso?!?
- Menina... - Ela abriu um sorriso discreto. - Vejo ocê com ele às vezes quando cês acha que não tem ninguém olhando. Ocê consegue mandá ele fazê o que quisé.

Seu sorriso me surpreendeu. Pensei que ela sentisse nojo de mim... ou do Kevin.

- Na verdade - continuou ela -, se ocê tivé juízo, tenta fazê ele libertá ocê enquanto ainda é nova e bonita e ele ainda ouve o que ocê diz.

Olhei para ela analisando-a: olhos escuros e grandes num rosto cheio e sem rugas, bem mais claro do que o meu. Não muito tempo atrás, ela tinha sido bonita. Ainda era uma mulher atraente. Falei com ela baixinho:

- Você teve juízo, Sarah? Tentou quando era mais nova?

Ela olhou para mim com atenção, os olhos grandes de repente se estreitaram. Por fim, ela se afastou sem responder.

7

Não fui para a casa dos escravos. Segui um conselho da cozinha que tinha ouvido Luke dar a Nigel.

- Não discute com os branco - dissera ele. - Não diz “não” pra eles. Não deixa eles percebê que ocê tá bravo. Só diz “sim, senhô”. Depois, faz o que quisé fazê. Pode sê que leve umas chicotada por isso depois, mas se era uma coisa que ocê queria muito, as chicotadas vão importá pouco.

Havia algumas marcas de chicotadas nas costas do Luke, e duas vezes eu tinha ouvido Tom Weylin jurar que acrescentaria outras. Mas não tinha feito isso. E Luke cuidava das coisas dele, fazendo bem o que ele queria. Seu trabalho era manter os escravos do campo na linha. Chamado de condutor, ele era um tipo de negro supervisor. E mantinha uma posição relativamente importante apesar de sua atitude. Decidi adotar uma atitude parecida, ainda que menos arriscada para mim, acreditava. Não tinha a menor intenção de levar chibatada se pudesse evitar, e tinha certeza de que Kevin poderia me proteger se estivesse por perto quando eu precisasse dele.

De qualquer modo, ignorei os delírios de Margaret e continuei a desgraçar seu lar cristão.

E nada aconteceu.

Tom Weylin acordou cedo, certa manhã, e me viu saindo, ainda meio sonolenta, do quarto de Kevin. Fiquei paralisada, e então me forcei a relaxar.

- Bom dia, Senhor Weylin.

Ele quase sorriu, chegou o mais perto de um sorriso que eu já tinha visto. E deu uma piscadela.

Foi só isso. Então percebi que, se Margaret me expulsasse, não seria por fazer algo tão normal como dormir

com meu senhor. E de alguma forma isso me perturbou. Senti quase como se estivesse fazendo algo vergonhoso, gostando de bancar a prostituta com meu suposto dono. Eu me afastei com uma sensação desconfortável, levemente envergonhada.

O tempo passou. Kevin e eu nos tornamos mais parte da casa, familiares, tolerados, tolerantes. Quando pensava nisso, também me incomodava. A facilidade com que aparentemente nos adaptamos. Não que eu quisesse que tivéssemos problemas, mas parecia que deveríamos ter tido mais dificuldade para nos ajustar àquela parte da história em especial, nos ajustar a nossas posições na casa de um dono de escravos. Para mim, o trabalho podia ser mais difícil, mas normalmente era mais chato do que fisicamente exaustivo. E Kevin reclamava de tédio, e de ter que ser sociável com uma série de visitantes ignorantes e pretensiosos que visitavam a casa dos Weylin. Mas por termos sido trazidos de outro século, achava que tínhamos tido grande facilidade. E eu era estranha o bastante para me incomodar com a facilidade.

- Esta época poderia ser ótima de se viver! - disse Kevin, certa vez. - Fico pensando que seria uma grande experiência permanecermos nela... irmos para o Oeste para vermos a construção do país, ver quanto da mitologia do Velho Oeste é verdade.

- No Oeste - digo com amargura - é onde fazem com os indígenas o que fazem aqui com os negros!

Ele olhou para mim de um jeito esquisito. Vinha fazendo muito disso ultimamente.

Tom Weylin me flagrou lendo na biblioteca, um dia. Era para eu estar varrendo e tirando pó. Olhei para a frente, vi que ele me observava, fechei o livro, guardei-o e peguei meu pano de tirar pó. Minha mão estava tremendo.

- Você lê para o meu menino, e eu permito que faça isso - disse ele. - Mas já basta de leitura.

Fizemos um longo silêncio e eu disse:

- Sim, senhor.
- Na verdade, não tem que estar aqui dentro. Diga à Carrie para cuidar deste quarto.
- Sim, senhor.
- E fique longe dos livros!
- Sim, senhor.

Horas depois, na cozinha, Nigel pediu para que eu o ensinasse a ler.

O pedido me surpreendeu, e então fiquei envergonhada por ter me surpreendido. Pareceu um pedido muito natural. Anos antes, Nigel tinha sido escolhido para fazer companhia a Rufus. Se Rufus fosse um aluno mais aplicado, Nigel talvez já soubesse ler. Mas aprendeu a fazer outras coisas. Com apenas treze anos, sabia trocar ferraduras de cavalos, construir um armário e planejava fugir para a Pensilvânia um dia. Eu deveria ter me oferecido para ensiná-lo a ler bem antes de ele pedir.

- Sabe o que vai acontecer com nós dois se formos pegos? - perguntei a ele.

- Tá com medo? - perguntou ele.

- Sim. Mas não importa. Eu posso lhe ensinar. Só queria ter certeza de que sabe onde está se enfiando.

Ele se virou de costas para mim, levantou a parte de trás da camisa para que eu pudesse ver as cicatrizes. E então, olhou para mim de novo.

- Eu sei - disse.

Naquele mesmo dia, roubei um livro e comecei a ensiná-lo.

E comecei a perceber por que Kevin e eu nos adaptávamos tão facilmente a esta época. Não estávamos dentro, de fato. Éramos observadores assistindo a um show. Estávamos assistindo à história acontecer ao nosso redor. E éramos atores. Enquanto esperávamos para ir para casa, divertíamos as pessoas ao nosso redor, fingindo ser como elas. Mas éramos atores ruins. Nunca entrávamos no

personagem. Nunca esquecíamos que estávamos interpretando.

Isso foi algo que tentei explicar a Kevin no dia em que as crianças atrapalharam minha atuação. De repente, ele compreender esse fato se tornou muito importante.

Aquele dia estava terrivelmente quente e abafado, tomado por moscas, pernilongos e pelos cheiros ruins de sabão sendo feito, das latrinas, dos peixes que alguém tinha pescado, de corpos sujos. Todo mundo fedia, negros e brancos. Ninguém se banhava o bastante nem trocava de roupas com frequência suficiente. Os escravos trabalhavam até suar e os brancos suavam sem trabalhar. Kevin e eu não tínhamos muitas roupas nem desodorante, então, com frequência, também cheirávamos mal. O surpreendente era estarmos começando a nos acostumar com isso.

Estávamos caminhando juntos para longe da casa e do alojamento dos escravos. Não estávamos indo na direção de nosso carvalho porque, àquela altura, quando Margaret Weylin nos via, mandava alguém com alguma tarefa para mim. Talvez seu marido tivesse conseguido impedi-la de me expulsar da casa, mas não de fazê-la ficar mais chata do que nunca. Às vezes, Kevin contrariava as ordens dela, dizendo ter trabalho para mim. Era assim que eu conseguia descansar um pouco e dar mais aulas a Nigel. Mas naquele momento, estávamos indo para a mata para ficarmos um pouco juntos.

Mas antes de nos afastarmos das construções vimos um grupo de crianças escravas reunidas ao redor de um cepo de árvore. Eram os filhos dos trabalhadores do campo, crianças pequenas demais para ajudar nas plantações. Duas delas estavam de pé em cima do cepo largo e plano enquanto as outras permaneciam ao redor, observando.

- O que eles estão fazendo? - perguntei.

- Alguma brincadeira, provavelmente. - Kevin deu de ombros.

- Parece...

- O quê?

- Vamos nos aproximar. Quero ouvir o que estão dizendo.

Nós nos aproximamos delas por um lado de modo que nenhuma das crianças em cima do cepo nem as do chão nos vissem. Elas continuaram brincando enquanto nós observávamos e ouvíamos.

- Aqui tem uma boa moça - disse o menino em cima do cepo. Fez um gesto em direção à menina que estava logo atrás dele. - Ela cozinha, lava e passa. Vem aqui, moça. Deixa as pessoa te vê. - Ele puxou a menina para seu lado. - Jovem e forte - continuou. - Vale um bom dinheiro. Duzentos dólar. Quem deu duzentos dólar?

A menininha se virou franzindo a testa para ele.

- Valho mais do que duzentos dólar, Sammy - protestou ela. - Ocê vendeu a Martha por quinhentos dólar!

- Cala a sua boca - disse o menino. - Ocê não tem que falá nada. Quando o Senhô Tom comprô a mãe e eu, nós não falô nada.

Eu me virei e andei para longe das crianças que discutiam, sentindo-me cansada e enojada. Só percebi que Kevin estava me seguindo quando ouvi sua voz.

- É a brincadeira que eu pensei que fosse, mesmo - disse ele. - Já vi as crianças brincando disso antes. Também brincam de trabalhar no campo.

Balancei a cabeça.

- Meu Deus, por que não podemos ir para casa? Este lugar é doente.

Ele segurou minha mão.

- As crianças estão só imitando o que elas veem os adultos fazendo - disse ele. - Elas não entendem...

- Elas não têm que entender. Até as brincadeiras que elas fazem as preparam para o futuro... E esse futuro virá, se elas entenderem ou não.

- Sem dúvida.

Eu me virei para olhar para ele, surpresa, e ele olhou para mim com calma. Era um olhar de quem pergunta: “O que você quer que eu faça em relação a isso?”. Eu não disse nada porque, claro, não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.

Balancei a cabeça, passei a mão pela testa.

- Nem mesmo saber o que vai acontecer resolve - disse.
- Sei que algumas dessas crianças verão a liberdade... depois de passarem os melhores anos da vida escravizadas. Mas quando a liberdade acontecer para elas, será tarde demais. Talvez já seja tarde demais.

- Dana, você está interpretando demais uma brincadeira de criança.

- E você está interpretando de menos. Bom... bom, não é a brincadeira delas.

- Não. - Ele olhou para mim. - Olha, não vou dizer que entendo como você se sente em relação a isso porque talvez seja algo que não posso entender. Mas como você disse, sabe o que vai acontecer. Já aconteceu. Estamos no meio da história. Certamente não podemos mudá-la. Se alguma coisa der errado, talvez possamos usar tudo o que sabemos para sobreviver. Tivemos sorte até aqui.

- Talvez. - Respirei fundo e soltei o ar lentamente. -Mas não consigo fechar os olhos.

Kevin franziu a testa, pensativo.

- Me surpreende que haja tão pouco a ser visto. Weylin parece não prestar muita atenção ao que seus escravos fazem, mas o trabalho é feito.

- Você pensa que ele não presta atenção. Ninguém te chama para ver as chicotadas.

- Quantas surras?

- Só vi uma. E já foi demais!

- Uma é demais, sim, mas ainda assim, este lugar não é o que eu teria imaginado. Não tem feitor. Não tem mais trabalho do que as pessoas conseguem fazer...

- ... não tem moradia decente — interrompi. — Tem chão imundo no qual dormir, comida tão inadequada que todos estariam doentes se não cultivassem hortas no tempo que deveria ser de descanso e se não roubassem coisas da cozinha quando Sarah deixa. E eles não têm direitos, mas têm a possibilidade de serem maltratados ou vendidos e retirados de suas famílias por qualquer motivo... ou sem motivo. Kevin, você não precisa bater nas pessoas para tratá-las com brutalidade.

- Espere um pouco - disse ele. - Não estou minimizando as coisas erradas que estão sendo feitas aqui. E só que...

- Sim, está. Não tem intenção, mas está. - Eu me sentei e me encostei em um pinheiro alto, puxando-o para que se sentasse ao meu lado. Estávamos na mata naquele momento. Não muito longe, havia um grupo de escravos de Weylin cortando árvores. Nós conseguíamos ouvi-los, mas não os víamos. Imaginei que, assim, eles também não pudessem nos ver... nem nos ouvir por causa da distância e dos barulhos que estavam fazendo. Voltei a falar com Kevin.

- Pode ser que você consiga passar por toda essa experiência como observador - falei. - Consigo entender isso porque, na maior parte do tempo, ainda sou uma observado-ra. É a proteção. É mil novecentos e setenta e seis protegendo e amortecendo mil oitocentos e dezenove para mim. Mas de vez em quando, como na brincadeira das crianças, não consigo manter distância. Sou trazida totalmente para mil oitocentos e dezenove, e não sei o que fazer. Mas deveria estar fazendo alguma coisa. Sei disso.

- Não há nada que você possa fazer sem acabar chicateada ou morta!

Dei de ombros.

- Você... você não conseguiu ficar sem fazer nada, não é?

- Só comecei a ensinar Nigel a ler e a escrever - falei. - Nada mais subversivo do que isso.

- Se Weylin pegar você e eu não estiver por perto...

- Eu sei. Por isso, fique por perto. O menino quer aprender, e eu vou ensiná-lo.

Ele dobrou uma perna contra o peito e se inclinou para a frente olhando para mim.

- Você acha que um dia ele vai assinar a própria liberdade e seguir para o Norte, não acha?

- Pelo menos, ele vai poder fazer isso.

- Vejo que Weylin tinha razão a respeito de escravos educados.

Eu me virei para olhar para ele.

- Faça um bom trabalho com Nigel - disse ele baixinho. - Talvez, quando você se for, ele consiga ensinar outras pessoas.

Assenti com seriedade.

- Eu o levaria para aprender com o Rufus se as pessoas não fossem tão boas em escutar atrás das portas nesta casa. E Margaret está sempre entrando e saindo dos lugares.

- Eu sei, por isso não pedi isso a você. - Fechei os olhos e vi as crianças fazendo a brincadeira de novo. - A facilidade me pareceu muito assustadora - falei. - Agora entendo por quê.

- O quê?

- A facilidade. Nós, as crianças... Não sabia que as pessoas podiam ser condicionadas com tanta facilidade a aceitarem a escravidão.

8

Eu me despedi de Rufus no dia em que minhas aulas finalmente me colocaram em apuros. Eu não sabia que estava me despedindo, claro... Não sabia que problema me esperava na cozinha, onde eu encontraria Nigel. Pensei que já houvesse problemas o suficiente no quarto de Rufus.

Eu estava lá, lendo para ele. Vinha lendo para ele com regularidade desde que seu pai me flagrara naquela primeira vez. Tom Weylin não queria que eu lesse para mim, mas tinha me dado a ordem de ler para seu filho. Uma vez, tinha dito a Rufus na minha presença: - Você deveria se envergonhar! Uma preta consegue ler melhor do que você!

- Ela consegue ler melhor do que você também - respondera Rufus.

O pai olhara para ele com frieza, e então me mandou sair do quarto. Por um segundo, temi pelo garoto, mas Tom Weylin saiu do quarto comigo.

- Só volte a vê-lo quando eu disser que pode - disse ele a mim.

Quatro dias se passaram até ele dizer que eu podia. E, mais uma vez, ele repreendeu Rufus na minha frente.

- Não sou professor - disse ele -, mas vou lhe ensinar uma coisa. Vou ensinar a me respeitar.

Rufus não disse nada.

- Quer que ela leia para você?

- Sim, senhor.

- Então precisa dizer uma coisa para mim.

- Me... me desculpe, papai.

- Leia - disse Weylin para mim. Ele se virou e saiu do quarto.

- Pelo que você se desculpou, exatamente? - perguntei quando Weylin saiu. Falei bem baixinho.

- Por ter respondido - disse Rufus. - Ele acha que tudo o que eu digo é uma afronta. Por isso não falo muito com ele.

- Entendo. - Abri o livro e comecei a ler.

Tínhamos terminado *Robinson Crusoe* muito tempo antes, e Kevin havia escolhido outros dois livros conhecidos da biblioteca. Já tínhamos passado pelo primeiro, *O peregrino*. Agora, estávamos lendo *Viagens de Gulliver*. A leitura de Rufus melhorava lentamente com a ajuda de Kevin, mas ele ainda gostava de que lessem para ele.

Porém, em meu último dia com ele, como em alguns outros, Margaret entrou para ouvir e ficou alisando e acariciando os cabelos de Rufus, fazendo carinho no filho enquanto eu lia. Como sempre, Rufus deitou a cabeça no colo dela e aceitou os carinhos em silêncio. Mas naquele dia, aparentemente, não quis mais.

- Você está confortável? - perguntou ela a Rufus quando eu já tinha lido por algum tempo. - Sua perna está doendo? - A perna dele não estava sarando como eu pensei que deveria. Depois de quase dois meses, ainda não conseguia andar.

- Eu estou bem, mamãe - disse ele.

De repente, Margaret se virou para olhar para mim.

- Então? - disse ela.

Eu havia parado de ler para dar a ela a chance de terminar de falar. Abaixei a cabeça e comecei a ler de novo.

Cerca de sessenta segundos depois, ela disse:

- Querido, está com calor? Quer que eu chame a Virgie para vir aqui abanar você? - Virgie tinha cerca de dez anos, uma das empregadas pequenas que normalmente eram chamadas para abanar os brancos, fazer tarefas para eles, levar bandejas de comida cobertas entre a cozinha e a casa grande e servir os brancos à mesa.

- Estou bem, mama - disse Rufus.

- Por que não continua? - perguntou Margaret de repente. - Você fica aqui para ler, então leia.

Comecei a ler de novo, dando um pouco de ênfase a cada palavra.

- Está com fome, querido? - perguntou Margaret um pouco depois. - A tia Sarah acabou de fazer um bolo. Não quer um pedaço?

Não parei dessa vez. Só diminuí a voz um pouco e li automaticamente, sem entonação.

- Não sei por que você quer ouvir o que ela lê - disse Margaret a Rufus. - Ela tem voz de zumbido de mosca.

- Não quero bolo, mama.

- Certeza? Precisa ver a bela cobertura branca que a Sarah colocou por cima.

- Quero ouvir a Dana lendo, só isso.

- Bem, ela está aqui, lendo. Se é que podemos chamar isso de ler.

Deixei minha voz ficar cada vez mais suave enquanto eles conversavam.

- Não consigo ouvi-la com você falando - disse Rufus.

- Querido, eu só disse...

- Não diga nada! - Rufus tirou a cabeça do colo dela. -Vá embora e pare de me perturbar!

- Rufus! - Ela pareceu mais magoada do que irritada. E, apesar da situação, eu achei que aquilo foi bem desrespeitoso. Parei de ler e esperei pela explosão. E veio de Rufus.

- Vá embora, mama! - gritou ele. - Me deixe em paz!

- Fique parado - sussurrou ela. - Querido, vai se sentir mal assim.

Rufus virou a cabeça e olhou para ela. A expressão em seu rosto me assustou. Pela primeira vez, o menino pareceu uma réplica menor do pai. Ele contraía os lábios e os olhos estavam frios e hostis. Falou baixo como Weylin às vezes fazia quando estava irritado.

- Você está me fazendo mal, mama. Saia de perto de mim!

Margaret se levantou e secou os olhos.

- Não entendo como você pode falar comigo desse jeito - disse ela. - Só por causa de uma preta...

Rufus só olhou para ela, e por fim, ela saiu do quarto.

Ele relaxou de novo nos travesseiros e fechou os olhos.

- Eu me canso muito dela às vezes - disse ele.

-Rufe...?

Ele abriu os olhos cansados, mas simpáticos, e olhou para mim. A raiva havia desaparecido.

- É melhor você tomar cuidado - falei. - E se sua mãe disser ao seu pai que você falou com ela desse jeito?

- Ela nunca fala. - Ele sorriu. - Vai voltar daqui a pouco para trazer um pedaço de bolo com uma bela cobertura branca.

- Ela estava chorando.

- Ela sempre chora. Leia, Dana.

- Você fala com ela desse jeito com frequência?

- Tenho que falar, ou ela não me deixa em paz. O papai também faz isso.

Respirei fundo, balancei a cabeça, e voltei a mergulhar no *Viagens de Gulliver*.

Mais tarde, ao sair do quarto de Rufus, passei por Margaret, que estava voltando ao quarto dele. Como já era esperado, ela estava levando um pedaço grande de bolo em um prato.

Desci a escada e fui para a cozinha para dar aula a Nigel.

Ele estava esperando. Já tinha tirado o livro de seu esconderijo e soletrava palavras para Carrie. Isso me surpreendeu porque eu tinha dado a Carrie uma chance de aprender com ele, e ela havia se recusado. Mas agora, os dois, sozinhos na cozinha, estavam tão envolvidos no que estavam fazendo que só me notaram quando fechei a porta. Nesse momento, olharam para a frente, com os olhos

arregalados de medo. Mas relaxaram quando viram que era só eu. Fui até eles.

- Você quer aprender? - perguntei a Carrie.

O medo da garota pareceu voltar, e ela olhou para a porta.

- A tia Sarah tem medo de ela aprendê - disse Nigel. - Tem medo de que se ela aprendê, vai acabá sendo descoberta, e acabe apanhando ou seja vendida.

Abaixei a cabeça, suspirei. A moça não conseguia falar, não conseguia se comunicar, exceto na língua de sinais inadequada que tinha inventado, uma língua que a própria mãe tinha dificuldade para entender. Em uma sociedade mais racional, a capacidade de escrever a ajudaria muito. Mas ali as únicas pessoas que poderiam ler o que ela escrevesse seriam aquelas que poderiam castigá-la por conseguir escrever. E Nigel.

Olhei do garoto para a moça.

- Quer que eu te ensine, Carrie? - Se eu ensinasse e a mãe dela me flagrasse fazendo isso, podia ter mais problemas do que se Tom Weylin me flagrasse. Eu estava com medo de ensinar a ela tanto por ela quanto por mim. Eu não queria ofender nem magoar sua mãe, mas minha consciência não me permitiria dizer não se ela quisesse aprender.

Carrie assentiu com a cabeça. Queria aprender, sim. Ela se virou de costas para nós por um momento, mexeu em seu vestido e então se virou de novo com um livrinho na mão. Também havia roubado um da biblioteca. Seu livro era um volume da história inglesa ilustrada com alguns desenhos que ela mostrou para mim, apontando.

Balancei a cabeça, reprovando.

- Esconda isto ou o devolva à biblioteca - disse a ela. - Para começar, é muito difícil para você. O livro que Nigel e eu estamos usando foi escrito para pessoas que estão começando a aprender. - Era uma antiga cartilha,

provavelmente aquela com a qual a primeira esposa de Weylin tinha aprendido.

Os dedos de Carrie tocaram um dos desenhos por um momento. E então, ela voltou a enfiar o livro dentro do vestido.

- Agora - falei - encontre o que fazer para o caso de sua mãe chegar. Não posso ensinar você aqui. Vamos ter que encontrar um outro lugar para ficar.

Ela fez que sim, parecendo aliviada, e foi varrer o outro lado do cômodo.

- Nigel - falei baixinho quando ela saiu. - Assustei você quando entrei, não?

- Não sabia que era ocê.

- Sim. Podia ter sido a Sarah, não?

Ele não disse nada.

- Ensino você aqui porque a Sarah disse que eu poderia, e porque parece que os Weylin nunca entram aqui.

- Não mesmo. Eles nos manda aqui para dizê pra Sarah o que qué. Ou pra pedi pra ela í até eles.

- Então, você pode aprender aqui, mas a Carrie, não. Pode ser que haja problemas por mais cuidado que nós tomemos, mas não precisamos ir atrás deles.

Ele concordou mexendo a cabeça.

- Por falar nisso, o que seu pai acha de eu ensinar você?

- Não sei. Não contei pra ele.

Ai, Deus. Respirei fundo, nervosa.

- Mas ele sabe, não é?

-A tia Sarah deve ter contado. Mas ele não me disse nada.

Se alguma coisa desse errado, haveria negros para se vingarem de mim quando os brancos terminassem seu castigo. Quando eu iria para casa? Será que eu iria para casa? Ou se tivesse que ficar aqui, por que não conseguia recusar o pedido desses dois, desligar minha consciência e ser uma covarde com segurança e conforto?

Peguei o livro de Nigel e entreguei a ele meu lápis e uma folha de papel de meu bloco.

- Teste de soletração - falei baixinho.

Ele passou no teste. Todas as palavras estavam certas. Para minha surpresa, e também para a dele, eu o abracei. Ele sorriu, meio envergonhado, meio feliz. Então, eu me levantei e coloquei o papel da prova nas brasas vivas da lareira. Ele explodiu em chamas e se consumiu por completo. Sempre tomava cuidado com isso, e sempre detestava tomar cuidado. Não pude deixar de comparar as aulas de Nigel com as de Rufus. E a comparação me deixou amargurada.

Eu me virei para voltar à mesa onde Nigel me esperava. Naquele momento, Tom Weylin abriu a porta e entrou.

Não era para ter acontecido. Desde que eu estava na fazenda, não tinha acontecido; nenhum branco tinha entrado na cozinha. Nem mesmo Kevin. Nigel havia concordado comigo que isso não acontecia.

Mas Tom Weylin estava ali, olhando para mim. Ele abaixou um pouco o olhar e franziu a testa. Percebi que eu ainda segurava a velha cartilha. Havia me levantado da mesa com ela e não a havia largado. Meu dedo ainda estava dentro dela, marcando a página.

Tirei o dedo e deixei o livro se fechar. Eu ia apanhar agora. Onde estava Kevin? Em algum lugar dentro da casa, provavelmente. Talvez me ouvisse se eu gritasse, e, de qualquer modo, eu gritaria em breve. Mas seria melhor se eu conseguisse passar por Weylin e correr para dentro da casa.

Weylin parou bem na frente da porta.

- Eu não disse que não queria que você ficasse lendo?

Não falei nada. Estava claro que nada que eu dissesse ajudaria. Eu me senti trêmula e tentei ficar parada. Esperava que Weylin não conseguisse perceber. E esperava que Nigel tivesse se lembrado de tirar o lápis da mesa. Até

o momento, eu era a única em apuros. Se pudesse continuar assim...

- Eu te tratei bem - disse Weylin, baixinho - e você retribui me roubando! Roubando meus livros! Lendo!

Ele arrancou o livro da minha mão e o jogou no chão. Em seguida, pegou-me pelo braço e me arrastou em direção à porta. Consegui me virar para Nigel e dizer “Chame o Kevin” só mexendo a boca, sem emitir som. Vi Nigel se levantar.

E então, fui levada para fora da cozinha. Weylin me arrastou por alguns metros e me empurrou com força. Caí, fiquei sem ar. Não sei de onde o chicote saiu, não vi que seria açoitada. Mas fui. Senti como se houvesse um ferro quente em minhas costas, ardendo em mim através da camisa fina, rasgando minha pele...

Gritei, convulsionei. Weylin bateu mais vezes até que eu não conseguisse me levantar nem mesmo sob a mira de uma arma.

Fiquei tentando me afastar das chicotadas, mas não tive força nem coordenação para isso. Não sabia se ainda estava gritando ou só gemendo. Só tinha consciência da dor. Pensei que Weylin quisesse me matar. Pensei que morreria no chão ali com a boca cheia de terra e sangue, com um homem branco xingando e me repreendendo enquanto me batia. Naquele momento, quase quis morrer. Qualquer coisa que me tirasse a dor.

Vomitei. E vomitei de novo porque não consegui virar o rosto.

Vi Kevin, era um borrão, mas de algum modo ainda reconhecível. Eu o vi correndo na minha direção em câmera lenta. Pernas em movimento, braços esticados, mas ainda assim, não parecia chegar nem perto.

De repente, percebi o que estava acontecendo e gritei. Acho que gritei. Ele precisava me alcançar. Precisava!

E desmaiei.

A LUTA

1

Nunca moramos juntos, Kevin e eu. Eu tinha um apartamento apertado como lata de sardinha na Crenshaw Boulevard, e ele tinha um maior na Olympic, perto do meu. Nós dois tínhamos livros nas estantes, em pilhas, em caixas e tomando espaço na mobília. Juntos, nunca teríamos conseguido colocar tudo em um apartamento só. Kevin chegou a sugerir, certa vez, que eu me livrasse de alguns de meus livros para poder me mudar para o apartamento dele.

- Você ficou maluco! - disse a ele.

- Só alguns daquele tal clube do livro que você não lê.

Estávamos em meu apartamento nesse dia, então eu disse: - Vamos ao seu apartamento e eu vou te ajudar a decidir quais livros você não lê. Até posso te ajudar a jogá-los fora.

Ele olhou para mim e suspirou, mas não disse mais nada. Nós meio que nos dividíamos entre um apartamento e outro, e eu dormia menos do que nunca. Mas isso não parecia me incomodar tanto quanto já tinha incomodado. Nada parecia me incomodar tanto. Eu não amava a agência, mas, por outro lado, não mais saía chutando os móveis de manhã.

- Peça demissão - disse Kevin. - Eu ajudo você a encontrar um emprego melhor.

Se eu já não o amasse naquela época, teria começado naquele momento. Mas não pedi demissão. A independência

que a agência me dava era instável, mas era real. Ela me sustentaria até meu romance ser finalizado e eu estar pronta para procurar algo mais desafiador. Quando esse momento chegasse, eu poderia sair da agência sem dever nada a ninguém. A lembrança que eu tinha de minha tia e de meu tio me dizia que até mesmo as pessoas que me amavam podiam exigir mais de mim do que eu podia dar e esperar que suas exigências fossem satisfeitas simplesmente porque eu devia a elas.

Eu sabia que Kevin não era assim. A situação era totalmente diferente. Mas eu mantive meu emprego.

Então, cerca de quatro meses depois de termos nos conhecido, Kevin disse: - O que você acha de se casar?

Eu não deveria ter ficado surpresa, mas fiquei.

- Você quer se casar comigo?

- Quero, você não quer se casar comigo? - Ele riu. - Deixaria você datilografar todos os meus manuscritos.

Eu estava secando a louça do jantar naquele momento e joguei o pano de prato nele. Ele realmente havia pedido que eu datilografasse para ele três vezes. Fiz da primeira vez, contrariada, sem dizer a ele que detestava datilografar, que fazia todos os rascunhos finais de minhas histórias à mão. Era por isso que eu fazia trabalho braçal, não intelectual, na agência. Mas quando ele pediu pela segunda vez, eu me recusei. Ele ficou irritado. Na terceira vez que me recusei de novo, ele ficou bravo. Disse que, se eu não podia fazer um pequeno favor a ele quando pedisse, eu podia ir embora. Então fui para casa.

Quando toquei a campainha do apartamento dele no dia seguinte depois do trabalho, ele pareceu surpreso.

- Você voltou.

- Não queria que eu voltasse?

- Bem... claro. Vai datilografar aquelas páginas por mim agora?

- Não.

- Que inferno, Dana...!

Fiquei parada esperando que ele fechasse a porta ou me deixasse entrar. Ele me deixou entrar.

E agora queria que eu me casasse com ele.

Olhei para ele. Só olhei, por muito tempo. E então desviei o olhar porque não conseguia pensar enquanto o observava.

- Você... uh... não tem nenhum parente nem nada do tipo que vá te perturbar por minha causa, não é? - Ao dizer isso, ocorreu-me que um dos motivos pelos quais a proposta dele me surpreendeu era por nunca termos falado muito sobre nossas famílias, sobre como a família dele me receberia e a minha a ele. Eu não tinha me dado conta de que evitávamos o assunto, mas, de alguma maneira, nunca o havíamos abordado. Naquele momento, ele parecia surpreso.

- O único familiar próximo que tenho é minha irmã - disse ele. - Há anos ela tenta me casar e fazer com que eu "sossegue". Ela vai adorar você, pode acreditar.

Não acreditei muito, não.

- Espero que sim - falei. - Mas tenho receio de que minha tia e meu tio não adorem você.

Ele se virou para mim.

- Sério?

Dei de ombros.

- Eles são velhos. Às vezes, as ideias deles não têm muito a ver com o que está acontecendo atualmente. Acho que ainda estão esperando que eu retome o bom senso, volte para a casa deles e estude secretariado.

- Vamos nos casar?

Eu me aproximei dele.

- Você sabe muito bem que vamos.

- Quer que eu vá com você para conversar com sua tia e com seu tio?

- Não. Vá conversar com sua irmã, se quiser. Mas se prepare, pode ser que ela o surpreenda.

Ela o surpreendeu. E, preparado ou não, ele não estava pronto para a reação da irmã.

- Pensei que a conhecesse - disse ele depois. - Bom, eu a conhecia, sim. Mas acho que perdemos mais contato do que pensei.

- O que ela disse?

- Que não queria te conhecer, que não te receberia na casa dela... nem a mim, se eu me casasse com você. - Ele se recostou no sofá roxo surrado que tinha vindo com meu apartamento e olhou para mim. - E ela disse um monte de outras coisas que você não vai querer saber.

- Acredito em você.

Ele balançou a cabeça.

- A questão é que não há motivo para ela reagir assim. Ela nem sequer acreditava nas porcarias que estava me dizendo... Não acreditava no passado, pelo menos. Parecia que estava repetindo o que outra pessoa havia dito. O marido dela, provavelmente. Idiota pomposo. Eu costumava tentar gostar dele por ela.

- O marido dela é preconceituoso?

- O marido dela teria sido um ótimo nazista. Ela costumava fazer piada disso, mas nunca perto dele.

- Mas ela se casou com ele.

- Desespero. Ela teria se casado com quase qualquer um. - Ele esboçou um sorriso. - No ensino médio, ela e uma amiga dela passavam o tempo todo juntas, porque nenhuma das duas conseguia arranjar namorado. A outra garota era negra, gorda e sem graça, e Carol era branca, gorda e sem graça. Na maior parte do tempo, não conseguíamos definir se ela morava na casa da garota ou se a garota morava conosco. Meus amigos conheciam as duas, mas eram novos demais para elas. A Carol é três anos mais velha do que eu. Bem, ela e essa garota meio que confortavam uma à outra, fugiam da dieta e planejavam entrar na mesma faculdade para que não tivessem que deixar de ser amigas. A outra garota entrou na faculdade,

mesmo, mas Carol mudou de ideia e estudou para se tornar assistente de dentista. Acabou se casando com o primeiro dentista para o qual trabalhou, um reacionário vinte anos mais velho do que ela. Agora, ela mora em um casarão em La Canada e solta clichês preconceituosos para mim por querer me casar com você.

Dei de ombros, sem saber o que dizer. *Eu-te-disse?* Não podia.

- O carro de minha mãe quebrou em La Canada uma vez - disse a ele. - Três pessoas chamaram a polícia para falar dela enquanto ela esperava meu tio buscá-la. Indivíduo suspeito. Ela media 1,60m. Menos de cinqüenta quilos. Muito perigosa, mesmo.

- Parece que os reacionários se mudaram para a cidade certa.

- Não sei, isso foi em mil novecentos e sessenta, um pouco antes de minha mãe morrer. Pode ser que as coisas tenham melhorado.

- O que seus tios disseram sobre mim, Dana?

Olhei para as minhas mãos, pensando em tudo o que eles tinham dito, simplificando exaustivamente.

- Acho que minha tia aceita a ideia de eu me casar com você porque qualquer filho que tivermos será claro. Mais claro do que eu, pelo menos. Ela sempre disse que eu era um pouco “visível demais”.

Ele ficou olhando para mim.

- Está vendo? Eu disse que eles eram velhos. Ela não se importa muito com brancos, mas prefere negros de pele mais clara. Vai entender! Bem, ela me “perdoa” por você. Mas meu tio, não. Ele meio que levou para o lado pessoal.

- Pessoal, como?

- Ele... bem, ele é o irmão mais velho da minha mãe e foi como um pai para mim, mesmo antes de minha mãe morrer, porque meu pai morreu quando eu era bebê. Agora... é como se eu o rejeitasse. Pelo menos, é assim que ele pensa. Isso me incomodou, na verdade. Ele ficou mais

magoado do que bravo. Magoado mesmo. Tive que sair de perto dele.

- Mas ele sabia que você se casaria um dia. Como algo tão natural assim poderia ser uma rejeição?

- Vou me casar com você. - Estiquei o braço e enrolei algumas mechas dos cabelos grisalhos dele entre meus dedos. - Ele quer que eu me case com alguém como ele... alguém que se pareça com ele. Um negro.

-Ah.

- Sempre fui próxima dele. Ele e minha tia queriam filhos e não podiam ter. Eu fui a filha deles.

- E agora?

- Agora... bem, eles têm alguns apartamentos em Pasadena, pequenos, mas bonitos. A última coisa que meu tio me disse foi que ele preferiria doar as casas à igreja dele a deixá-las comigo para que caíam em mãos brancas. Acho que essa foi a pior coisa que conseguiu pensar em fazer comigo. Ou achou que fosse a pior coisa.

- Ah, que droga - murmurou Kevin. - Olha, tem certeza de que ainda quer se casar comigo?

- Sim. Eu queria... não importa, é só sim. Com certeza sim.

- Então, vamos para Vegas e fingimos que não temos familiares.

Assim, fomos de carro a Las Vegas, nos casamos e perdemos alguns dólares em apostas. Quando voltamos para nosso apartamento novo e maior, encontramos um presente, um liquidificador, de minha melhor amiga, e um cheque do *The Atlantic* à nossa espera. Uma das minhas histórias finalmente tinha sido publicada.

2

Acordei.

Estava deitada de bruços, o rosto pressionado desconfortavelmente contra algo frio e duro. Meu corpo, do pescoço para baixo, estava apoiado em algo levemente mais macio. Lentamente, percebi a luz do sol e sombras, formas.

Ergui a cabeça, comecei a me sentar, e de repente minhas costas esquentaram. Eu caí para a frente, bati a cabeça com força no chão do banheiro. Meu banheiro. Eu estava em casa.

- Kevin?

Prestei atenção. Poderia ter olhado ao redor, mas não quis.

- Kevin?

Eu me levantei, percebi que lágrimas enlameadas rolavam de meus olhos, percebi dor. Meu Deus, que dor! Por vários segundos, só consegui permanecer encostada à parede, tolerando a dor.

Lentamente, descobri que não estava tão fraca quanto pensei. Na verdade, quando recobrei totalmente a consciência, não estava nada fraca. Era só a dor que fazia com que eu me movimentasse mais lentamente, com cuidado, como uma mulher três vezes mais velha do que eu.

Percebia agora que estava deitada com a cabeça no banheiro e o corpo no quarto. Fui ao banheiro e abri a torneira para encher a banheira. Água morna. Acho que não teria conseguido aguentar a água quente. Nem fria.

Minha blusa estava grudada nas costas. Estava rasgada, na verdade, mas os pedaços estavam grudados em mim.

Minhas costas também tinham muitos cortes, pelo que pude sentir. Eu já tinha visto fotos antigas das costas de pessoas que tinham sido escravas. Consequia me lembrar das cicatrizes, grossas e feias. Kevin sempre me dissera que minha pele era muito macia...

Tirei a calça e os sapatos e entrei na banheira ainda de blusa. Deixaria a água soltá-la até que eu pudesse desgrudá-la das costas.

Na banheira, permaneci por muito tempo sem me mexer, sem pensar, ouvindo o que eu sabia que não ouviria em nenhum outro lugar da casa. A dor era uma amiga. A dor nunca tinha sido minha amiga antes, mas agora, ela me mantinha parada. Ela forçava a realidade em mim e me mantinha sã.

Mas Kevin...

Eu me inclinei para a frente e chorei na água cor-de-rosa. A pele de minhas costas se esticou causando muita dor, e a água ficou mais escura.

E tudo era inútil. Não havia nada que eu pudesse fazer. Não tinha controle nenhum sobre nada. Kevin podia estar morto. Abandonado em 1819, Kevin *estava* morto. Morto há décadas, talvez há um século.

Talvez eu fosse chamada de novo, e talvez ele ainda estivesse ali, à minha espera, e talvez apenas alguns anos passassem para ele, talvez ele estivesse bem... Mas o que tinha dito, certa vez, sobre ir para o Oeste para ver a história acontecer?

Quando meus ferimentos causaram menos dor e minha blusa em trapos se desgrudou deles, eu estava exausta. Sentia uma fraqueza que nunca tinha sentido. Saí da banheira e me sequei da melhor maneira que consegui, então entrei no quarto e me deitei atravessada na cama. Apesar da dor, dormi na hora.

A casa estava escura quando acordei, e eu estava sozinha na cama. Tive que me lembrar de tudo de novo. Levantei depressa, com dor, e fui procurar algo que me

fizesse voltar a dormir depressa. Não queria ficar acordada. Mal queria viver. Kevin tinha conseguido uma receita para uns comprimidos quando estava tendo dificuldade para dormir.

Encontrei o resto deles. Estava prestes a tomar dois comprimidos quando vi meu reflexo no espelho do armário do banheiro. Meu rosto estava inchado, grande e parecia envelhecido. Meus cabelos estavam embaraçados, sujos de terra e empapados de sangue. Em meu estado semi-histórico de antes, eu não havia pensado em lavá-los.

Deixei os comprimidos e voltei a entrar na banheira. Dessa vez, abri o chuveiro e consegui lavar os cabelos. Levantar os braços doía. Inclinar-me para a frente doía. O xampu que entrou em meus cortes causou dor. Comecei devagar, fazendo careta, retraindo-me. Por fim, fiquei irritada e me mexi vigorosamente, apesar da dor.

Quando voltei a parecer minimamente humana, tomei algumas aspirinas. Elas não ajudaram muito, mas eu estava bem o suficiente agora para saber que tinha algo a fazer antes de poder dormir de novo.

Precisava de um substituto para minha bolsa de lona perdida. Algo que não parecesse bom demais para um “negro” sair carregando. Por fim, escolhi uma bolsa de brim antiga de academia que eu havia feito e usado no ensino médio. Era resistente e espessa como a bolsa de lona, e desbotada o bastante para parecer bem puída.

Dessa vez, eu teria escolhido um vestido comprido se tivesse um. Mas só tinha alguns vestidos de festa transparentes e coloridos que me fariam chamar atenção, e, sob aquelas circunstâncias, me deixavam ridícula. Era melhor continuar sendo a mulher que se vestia como homem.

Enrolei algumas calças jeans e as enfiei na bolsa. Depois disso, sapatos, camisas, uma blusa de lã, pente, creme dental e escova de dentes (Kevin e eu sentimos muita falta destes dois últimos), dois sabonetes grandes, minha toalha,

o frasco de aspirinas (se Rufus me chamasse enquanto minhas costas estivessem doloridas, eu precisaria delas), minha faca. A faca tinha voltado comigo porque eu por acaso a levava em uma bainha de couro em meu tornozelo. Não sabia se deveria ficar feliz ou triste por não ter tido a chance de usá-la contra Weylin. Eu poderia tê-lo matado. Eu tinha me sentido irritada demais, assustada demais, humilhada demais para tentar. Então, se Rufus me chamasse de novo, eu teria que responder pela morte. Ou talvez Kevin tivesse que responder por isso. De repente, fiquei muito feliz por ter deixado Weylin vivo. Kevin já tinha problemas demais. Além disso, quando eu visse Rufus de novo, se o visse de novo, precisaria de sua ajuda. Provavelmente não conseguiria ajuda se tivesse matado seu pai, mesmo que fosse um pai de quem ele não gostava.

Enfiei outro lápis, outra caneta e um bloco de anotações na bolsa. Devagar, estava esvaziando a mesa de Kevin. Todas as minhas coisas ainda estavam guardadas. E encontrei um romance compacto, brochura, da história da escravidão nos Estados Unidos que poderia ser útil. Relacionava datas e acontecimentos sobre os quais eu deveria saber e tinha um mapa de Maryland.

A bolsa estava cheia demais para se fechar totalmente quando terminei de colocar tudo dentro dela, mas eu a fechei com seu cordão e passei o cordão ao redor de meu braço. Não teria aguentado nada enrolado em minha cintura.

E então senti uma fome inconveniente. Fui à cozinha e encontrei meia caixa de passas e uma lata cheia de castanhas sortidas. Para minha surpresa, comi os dois e depois dormi de novo com facilidade.

Era manhã quando acordei, e ainda estava em casa. Minhas costas doíam sempre que eu me mexia. Consegui espirrar nelas um líquido que Kevin usava para queimadura de sol. Os cortes causados pelas chicotadas ardiam como queimaduras. O líquido os aliviavam e pareceu ajudar. Mas

eu tive a sensação de que deveria usar algo mais forte. Só Deus sabe que tipo de infecção poderia ocorrer quando um ferimento causado por chicote era mantido úmido com óleo misturado ao sangue. Tom Weylin mandou aplicarem salmoura nas costas do escravo do campo a quem ele havia açoitado. Eu me lembrava do homem gritando ao sentir o líquido no corpo. Mas seus ferimentos tinham cicatrizado sem infecção.

Ao pensar no escravo do campo, me senti estranhamente desorientada. Por um momento, pensei que Rufus estivesse me chamando de novo. E então, percebi que na verdade não estava zonzinha, estava só confusa. A lembrança que eu tinha de um escravo do campo sendo chicoteado de repente pareceu não ter espaço comigo em minha casa.

Saí do banheiro, fui para o quarto e olhei ao redor. Casa. Cama sem dossel, cômoda, armário, lâmpada, televisão, rádio, relógio elétrico, livros. Casa. Não tinha nada a ver com o lugar onde eu havia estado. Era real. Era o meu lugar.

Escolhi um vestido folgado para usar e saí no quintal da frente. A mulher baixinha de cabelos azuis que morava na casa ao lado me viu e me desejou bom dia. Estava ajoelhada cuidando de seu jardim e obviamente se divertia. Ela me fez lembrar de Margaret Weylin, que também tinha flores.

Eu ouvira os convidados de Margaret elogiarem suas flores. Mas, claro, ela não cuidava delas pessoalmente...

Hoje e ontem não combinavam. Eu me sentia quase tão estranha quanto me senti depois da primeira ida até Rufus, presa entre a casa dele e a minha.

Havia um Volvo estacionado do outro lado da rua e fios da rede elétrica no alto. Havia palmeiras e ruas pavimentadas. Havia o banheiro do qual eu acabara de sair. Não um reservado com um buraco no chão ao qual era preciso ir tampando o nariz, mas um banheiro.

Voltei para dentro da casa e liguei o rádio numa estação só de notícias. Ali, em dado momento, fiquei sabendo que era sexta-feira, 11 de junho de 1976. Eu havia desaparecido por quase dois meses e voltado no dia anterior, no mesmo dia em que saí de casa. Nada era real.

Kevin podia desaparecer por anos mesmo que eu fosse atrás dele hoje e o trouxesse de volta à noite.

Encontrei uma estação de rádio e aumentei bem o som para encobrir meus pensamentos.

O tempo passou e eu abri mais umas caixas, parando com frequência, tomando aspirinas demais. Comecei a dar um pouco de ordem ao escritório. Quando me sentei à frente da máquina de escrever e tentei registrar o que tinha acontecido, fiz cerca de seis tentativas, mas desisti e joguei tudo fora. Um dia, quando tudo isso terminasse, se um dia terminasse, talvez eu conseguisse escrever a respeito.

Liguei para minha prima preferida em Pasadena, a filha da irmã do meu pai, e pedi a ela para comprar mantimentos para mim. Disse a ela que eu estava doente e que Kevin não estava em casa. Ela deve ter percebido algo em meu tom de voz. Não fez nenhuma pergunta.

Eu ainda estava com medo de sair de casa, andando ou dirigindo. Se dirigisse, poderia me matar com facilidade, e o carro mataria outras pessoas se Rufus me chamasse e me tirasse dele no momento errado. Caminhando, eu poderia ficar zozza e cair enquanto atravessasse a rua. Ou poderia cair na calçada e chamar atenção. Alguém poderia vir me ajudar, um policial, qualquer pessoa. Então, eu poderia ser culpada por levar alguém de volta ao passado e prendê-lo lá.

Minha prima foi uma boa amiga. Ela me deu uma olhada e recomendou um médico que conhecia. Também recomendou que eu mandasse a polícia atrás de Kevin. Ela achou que meus ferimentos tinham sido coisa dele. Mas quando pedi que jurasse não contar nada a ninguém, soube

que ela não contaria. Ela e eu tínhamos crescido guardando os segredos que uma contava à outra.

- Nunca pensei que você seria tão idiota a ponto de deixar um homem agredi-la - disse ela ao sair. Acho que ela estava decepcionada comigo.

- Eu também nunca pensei que deixaria - sussurrei quando ela se foi.

Esperei dentro de casa com minha bolsa sempre por perto. Os dias passaram lentamente, e às vezes eu pensava que estava esperando por algo que não aconteceria. Mas continuei esperando.

Li livros sobre escravidão, ficção e não ficção. Li tudo o que tinha na casa, por menos relacionado ao assunto que fosse, até mesmo ***E o Vento Levou***, ou parte dele. Mas sua versão de negrinhos felizes envolvidos em amor foi demais para mim.

Então, acabei me distraindo com um dos livros da Segunda Guerra Mundial de Kevin: um livro de memórias de sobreviventes de campos de concentração. Histórias de agressão, inanição, imundície, doença, tortura, todo tipo de humilhação. Como se os alemães tivessem tentado fazer, em apenas alguns anos, o que os americanos praticaram por quase dois séculos.

Os livros me deixaram deprimida, assustada, fizeram com que eu enfiasse o remédio para dormir de Kevin dentro de minha bolsa. Como os nazistas, os brancos pré-guerra entendiam um bom tanto de tortura, um bom tanto a mais do que eu queria entender.

3

Eu estava em casa há oito dias quando a tontura finalmente voltou. Eu não sabia se devia lutar contra ela por mim ou se devia aceitá-la pelo Kevin; não que importasse o que eu fizesse.

Fui para a época de Rufus totalmente vestida, levando minha bolsa de brim, carregando a faca. Cheguei de joelhos por causa da tontura, mas no mesmo momento fiquei em alerta e cuidadosa.

Eu estava na mata no fim do dia ou bem cedo. O sol estava baixo no céu e, cercada como estava por árvores, eu não tinha ponto de referência que me indicasse se ele estava nascendo ou se pondo. Vi um riacho não muito longe de mim, correndo entre as árvores altas. Do outro lado, à minha frente, estava uma jovem negra, uma garota, na verdade, com o vestido rasgado na parte da frente. Ela o segurava fechado enquanto observava um negro e um branco brigando.

Os cabelos ruivos do homem me indicavam quem ele devia ser. Seu rosto já estava bem machucado para que eu conseguisse reconhecê-lo. Ele estava perdendo a briga, já tinha perdido. O homem com quem ele estava brigando era do tamanho dele, com o corpo igualmente esguio, mas, apesar de ser magro, parecia bem condicionado e forte. Provavelmente já havia vivido muitos anos de trabalho árduo. Não parecia ser muito atingido quando recebia os golpes, mas estava matando Rufus.

E então, me ocorreu que ele podia realmente estar fazendo exatamente isso: matando a única pessoa que poderia me ajudar a encontrar Kevin. Matando meu ancestral. O que havia acontecido aqui parecia óbvio. A

garota estava com o vestido rasgado. Se tudo fosse o que parecia, Rufus tinha feito por merecer aquela surra e até mais. Talvez tivesse crescido e se tornado ainda pior do que eu temia. Mas, independentemente do que ele fosse, eu precisava dele vivo, por Kevin e por mim.

Eu o vi cair, levantar e ser derrubado de novo. Levantou-se mais devagar, mas conseguiu. Eu tinha a impressão de que já tinha se levantado muitas vezes. Não conseguiria fazer isso muitas outras.

Eu me aproximei e a moça me viu. Ela disse algo que eu não entendi muito bem, e o homem virou a cabeça para olhar para ela. Em seguida, ele acompanhou o olhar dela para mim. Nesse momento, Rufus acertou um soco em seu rosto.

Surpreendentemente, o negro tombou para trás, quase caiu. Mas Rufus estava cansado e machucado demais para manter a vantagem. O negro desferiu mais um soco forte, e Rufus caiu. Não havia como ele se levantar dessa vez. Estava fora de combate.

Quando me aproximei, o negro se abaixou e segurou Rufus pelos cabelos como se fosse bater nele de novo. Eu me aproximei depressa do homem.

- O que farão com você se ele morrer? - perguntei.

O homem se virou para olhar para mim com os olhos arregalados.

- O que farão com a mulher se você matá-lo? - perguntei.

Isso pareceu tocá-lo. Ele soltou Rufus e ficou em pé para me encarar.

- Quem vai dizê que eu fiz alguma coisa pra ele? - Sua voz era baixa e ameaçadora, e eu comecei a imaginar se poderia acabar inconsciente no chão com Rufus.

Eu me forcei a dar de ombros.

- Você mesmo dirá o que fez se eles perguntarem direito. Assim como a moça.

- O que ocê vai dizê?

- Nem uma palavra, se puder evitar. Mas... estou pedindo a você para não matá-lo.

- Ocê pertence a ele?

- Não. Só que ele pode saber onde meu marido está. E pode ser que eu consiga fazer com que ele me conte.

- Seu marido...? - Ele me olhou da cabeça aos pés. -Por que ocê anda vestida como homem?

Eu não disse nada. Estava tão cansada de responder a essa pergunta que me arrependi de não ter arriscado sair para comprar um vestido longo. Olhei para o rosto ensangüentado de Rufus e disse:

- Se você o deixar aqui agora, vai demorar muito até ele poder mandar alguém atrás de você. Assim, terá tempo de fugir.

- Ocê ia querê vê ele vivo se fosse ela? - Ele fez um gesto em direção à moça.

- Ela é sua esposa?

-É.

Ele estava como Sarah, controlando-se, não matando apesar do ódio que eu mal conseguia imaginar. Uma vida inteira de condicionamento podia ser superada, mas não com facilidade. Olhei para a moça.

- Você quer que seu marido mate esse homem?

Ela balançou a cabeça, negando, e eu vi que um lado de seu rosto estava inchado.

- Um tempo atrás, eu mesma podia matá ele - disse ela. - Agora... Isaac, vamo embora!

- Í embora e deixá *ela* aqui? - Ele olhou para mim fixamente, desconfiado e hostil. - Com certeza ela não fala como os preto que conheço. Fala como se fosse próxima dos branco... faz muito tempo.

- Ela fala assim porque veio de um lugar bem longe - disse a moça.

Olhei para ela surpresa. Era alta, esquia e negra. Um pouco como eu. Talvez muito como eu.

- Ocê é a Dana, né? - perguntou ela.

- Sim... como sabia?

- Ele me contô d ocê. - Ela cutucou Rufus com o pé. - Falava sempre d ocê. E eu te vi uma vez, quando eu era pequena.

Assenti mexendo a cabeça.

- Então, você é a Alice. Foi o que pensei.

Ela assentiu e passou a mão no rosto inchado.

- Sou a Alice. - E olhou para o negro com orgulho. -Alice Jackson agora.

Tentei vê-la de novo como a criança magra e assustada da qual me lembrava; a criança que eu tinha visto dois meses antes. Era impossível. Mas eu já deveria estar acostumada com o impossível. Assim como deveria estar acostumada com homens brancos atacando mulheres negras. Afinal de contas, tinha Weylin como exemplo. Mas, de certo modo, torci para que o melhor acontecesse com Rufus. Tentei imaginar se a garota já estava grávida de Hagar.

- Meu nome era Greenwood quando ocê me viu pela última vez — Alice continuou. — Eu me casei com Isaac ano passado... um pouco antes da morte da mãe.

- Então, ela morreu? - Eu me peguei visualizando uma mulher da minha idade morrendo, apesar de saber que estava enganada. Mas, ainda assim, a mulher devia ter morrido bem jovem. - Sinto muito - falei. - Ela tentou me ajudar.

- Ela ajudava muita gente - disse Isaac. - Ela costumava tratá esse safado inútil melhor do que a família dele tratava. -Ele deu um chute forte na lateral do corpo de Rufus.

Fiz uma careta e queria poder tirar Rufus de perto dele.

- Alice — falei —, Rufus não era seu amigo? O que quero saber é... ele deixou de ser seu amigo ou o quê?

- Começou a querê ser mais amigo do que eu queria - disse ela. - Tentou fazê com que o juiz Holman vendesse Isaac no Sul para que eu não me casasse com ele.

- Você é escravo? - perguntei a Isaac, surpresa. - Meu Deus, é melhor você sair daqui.

Isaac olhou para Alice de um jeito que dizia claramente *Você fala demais*. Alice devolveu o olhar.

- Isaac, ela é boa. Uma vez, ela levô chicotada por ensiná um escravo a lê. Tom Weylin deu o castigo.

- Quero sabê o que ela vai fazê quando a gente fô embora - disse Isaac.

- Vou ficar com o Rufus - falei para ele. - Quando ele recobrar a consciência, vou ajudá-lo a chegar em casa... o mais devagar que conseguir. Não vou dizer a ele aonde vocês foram porque não vou saber.

Isaac olhou para Alice, e ela puxou o braço dele.

- Vamo! - disse ela.

- Mas...

- Você não pode chicoteá todo mundo! Vamo!

Ele parecia prestes a ir quando eu disse:

- Isaac, se você quiser, posso escrever uma permissão para você. Não precisa ser para onde você está indo de fato, mas pode ajudar se você for parado.

Ele olhou para mim sem qualquer confiança, e então se virou e se afastou sem responder.

Alice hesitou, falou baixinho para mim:

- Seu homem foi embora - disse ela. - Ele esperô ocê por muito tempo, depois foi embora.

- Pra onde ele foi?

- Para algum lugar do norte. Não sei. O Senhô Rufe sabe. Mas ocê precisa tomá cuidado. O Senhô Rufe fica bem irado, às vezes.

- Obrigada.

Ela se virou e acompanhou Isaac, deixando-me sozinha com Rufus inconsciente; sozinha para ficar tentando imaginar aonde ela e Isaac iriam. Para o Norte da Pensilvânia? Eu esperava que sim. E aonde Kevin tinha ido? Por que tinha ido a outro lugar? E se Rufus não me ajudasse

a encontrá-lo? E se eu não permanecesse tempo suficiente
dessa vez para encontrá-lo? Ele não podia ter esperado...?

4

Eu me ajoelhei ao lado de Rufus e o virei de barriga para cima. Seu nariz sangrava. Seu lábio cortado estava sangrando. Eu achava que ele provavelmente tinha perdido alguns dentes, mas não olhei muito de perto para ter certeza. O rosto dele estava todo machucado, e ele ficaria com os olhos roxos por um tempo. Mas, de um modo geral, ele provavelmente parecia pior do que de fato estava. Sem dúvida tinha ferimentos que eu não conseguia ver sem despi-lo, mas eu não achava que ele estava muito machucado. Sentiria dor quando voltasse a si, mas tinha feito por merecer.

Eu me agachei, observando-o, primeiro querendo que ele se apressasse a retomar consciência, e depois querendo que ele permanecesse inconsciente para que Alice e seu marido pudessem ganhar boa distância. Olhei para o riacho, pensando que um pouco de água poderia fazer com que ele voltasse a si mais depressa. Mas fiquei onde estava. Se Rufus fosse vingativo o bastante, certamente poderia ter matado o homem. Um escravo não tinha direitos e certamente não teria desculpas por agredir um branco.

Se fosse possível, se Rufus ainda fosse, de alguma forma, o menino que eu havia conhecido, tentaria impedi-lo de ir atrás de Isaac. Ele parecia ter cerca de dezoito ou dezenove anos agora. Eu poderia enganá-lo ou perturbá-lo um pouco. Não demoraria muito para que ele percebesse que ele e eu precisávamos um do outro. Agora, nós dois nos revezaríamos ajudando um ao outro. Um não deixaria o outro hesitar. Teríamos que aprender a cooperar um com o outro, a nos comprometer um com o outro.

- Quem está aí? - perguntou Rufus de repente. A voz dele estava fraca, quase não dava para ouvi-la.

- É a Dana, Rufe.

- Dana? - Ele abriu os olhos inchados um pouco mais. - Você voltou!

- Você não para de tentar morrer. Eu sempre volto.

- Onde está a Alice?

- Não sei. Nem sequer sei onde estamos. Mas vou ajudá-lo a chegar em casa, se você me mostrar o caminho.

- Para onde ela foi?

- Não sei, Rufe.

Ele tentou se sentar, conseguiu se levantar um pouco e logo voltou a cair, gemendo.

- Onde está o Isaac? - murmurou ele. - Ê com aquele filho da puta que eu quero me resolver.

- Descanse um pouco - falei. - Recupere suas forças. Você não seria capaz de pegá-lo agora, nem mesmo se ele estivesse parado do seu lado.

Ele gemeu e depressa levou à mão ao lado do corpo.

- Ele me paga!

Eu me levantei e caminhei na direção do riacho.

- Aonde está indo? - perguntou ele.

Não respondi.

- Dana? Volte aqui! Dana!

Percebi seu desespero cada vez maior. Estava machucado e sozinho, só tinha a mim. Não conseguia nem mesmo se levantar, e parecia que eu o estava abandonando. Queria que ele sentisse um pouco desse medo.

- *Dana!*

Tirei o pano de dentro da bolsa de brim, enfiei-o na água e o levei de volta para ele. Ajoelhada ao seu lado, comecei a limpar o sangue do rosto dele.

- Por que não me disse que estava indo para lá? - perguntou ele com petulância. Estava ofegante e com a mão na lateral do corpo.

Eu o observei, admirada por ele ter crescido tanto.

- Dana, diga alguma coisa!

- Quero que você diga alguma coisa.

Ele estreitou os olhos ao olhar para mim.

- O quê? - Eu estava inclinada para ele, e senti seu hálito quando falou. Andara bebendo. Não parecia bêbado, mas tinha bebido, com certeza. Isso me preocupava, mas não havia nada que eu pudesse fazer a esse respeito. Não ousei nem mesmo esperar até que ele ficasse totalmente sóbrio.

- Quero que me conte sobre os homens que o atacaram - falei.

- Que homens? Isaac...

- Os homens com quem você estava bebendo - improvisei. — Eles eram desconhecidos... brancos. Fizeram com que você bebesse, e então tentaram roubar suas coisas. - A antiga história de Kevin foi útil.

- De que diabos está falando? Você sabe que Isaac Jackson fez isso comigo! - As palavras saíram num sussurro.

- Certo, Isaac atacou você. Por quê?

Ele olhou para mim com os olhos arregalados e não respondeu.

- Você estuprou uma mulher, ou tentou, e o marido dela surrou você - falei. - Tem sorte por ele não ter te matado. É o que teria feito se Alice e eu não o tivéssemos convencido a não fazer isso. Agora o que você vai fazer para nos compensar por termos salvado sua vida?

O susto e a raiva deixaram seu rosto, e ele olhou para mim, inexpressivo. Depois de um tempo, fechou os olhos, e eu fui ao riacho para enxaguar o pano. Quando voltei para perto dele, ele tentava, sem sucesso, levantar-se. Por fim, acabou caindo de novo, ofegante e levando a mão à lateral do corpo. Fiquei me perguntando se ele podia estar mais ferido do que aparentava... por dentro. Nas costelas, talvez.

Eu me ajoelhei ao lado dele e limpei o resto do sangue e da terra de seu rosto.

- Rufe, você chegou a estuprar aquela moça?
Ele desviou o olhar com cara de culpado.

- Por que faria algo desse tipo? Ela era sua amiga.

- Quando éramos pequenos, éramos amigos - disse ele baixinho. - Crescemos. Ela passou a preferir um preto maldito a mim!

- Você está se referindo ao marido dela? - perguntei. Consegui manter a voz num tom normal.

- A quem mais eu poderia estar me referindo?

- Sim. - Olhei para ele com irritação. Kevin estava certo. Eu tinha sido idiota por esperar que poderia influen-ciá-lo. - Sim - repeti. - Como ela ousou escolher o próprio marido? Deve ter pensado que era uma mulher livre ou algo assim.

- O que isso tem a ver? - perguntou ele. Então, sua voz se tornou quase um sussurro. - Eu teria cuidado dela melhor do que qualquer escravo do campo. Eu não a teria machucado se ela tivesse parado de dizer não.

- Ela tinha o direito de dizer não.

- Veremos quais são os direitos dela!

- Ah, é? Está pretendendo machucá-la ainda mais? Ela acabou de me ajudar a salvar sua vida, lembra?

- Ela vai ver só uma coisa. E vai pagar por isso, por mim ou de outro modo. - Ele sorriu. - Se ela fugiu com Isaac, vai pagar ainda mais.

- Por quê? Do que está falando?

- Então, ela fugiu com o Isaac?

- Não sei. Isaac pensou que eu estava do seu lado, por isso não confiou em mim o suficiente para dizer o que eles fariam.

- Nem precisava. Isaac acabou de atacar um branco. Ele não vai voltar ao Juiz Holman depois de fazer isso. Talvez outro preto voltasse, mas não Isaac. Ele fugiu, e Alice está com ele, ajudando-o a fugir. Pelo menos, é assim que o Juiz verá a situação.

- O que vai acontecer com ela?

- Prisão. Uma boa surra de chicote. Depois, ela será vendida.

- Ela será uma escrava?

- Culpa dela.

Fiquei olhando para ele. Que Deus ajudasse Alice e Isaac. Que Deus me ajudasse. Se Rufus era capaz de se voltar tão rápido contra uma amiga de infância, quanto tempo demoraria para se voltar contra mim?

- Mas não quero que ela seja vendida ao Sul - sussurrou ele. - Culpa dela ou não, não quero que ela morra em uma plantação de arroz.

- Por que não? - perguntei com amargura. - Por que isso seria importante para você?

- Gostaria que não fosse.

Franzi a testa ao olhar para ele. Seu tom de voz havia mudado de repente. Ele demonstraria um pouco de humanidade, nesse caso? Tinha algum resto de humanidade a mostrar?

- Eu contei a ela sobre você - disse ele.

- Eu sei. Ela me reconheceu.

- Conte tudo a ela. Até mesmo que você e Kevin eram casados. Principalmente isso.

- O que você vai fazer, Rufe, se eles a trouxerem de volta?

- Comprá-la. Tenho algum dinheiro.

- E o Isaac?

- Que o Isaac vá para o inferno! - Ele disse isso de modo muito veemente e sentiu dor na lateral do corpo. Seu rosto se retorceu de dor.

- Então, você vai se livrar do homem e possuir a mulher como queria - falei com nojo. - Estupro recompensado.

Ele virou a cabeça na minha direção e olhou para mim com os olhos inchados e entreabertos.

- Implorei a ela para que não fosse com ele - disse ele baixinho. - Entendeu? Eu *implorei*!

Não disse nada. Estava começando a entender que ele amava a mulher... para azar dela. Não se envergonhava de estuprar uma negra, mas se envergonhava de amar uma negra.

- Eu não queria arrastá-la para dentro da mata - disse Rufus. - Nunca quis que fosse assim. Mas ela não parava de dizer não. Eu poderia tê-la possuído na mata anos atrás, se fosse só o que eu quisesse.

- Eu sei - falei.

- Se eu fosse de sua época, eu teria me casado com ela. Ou tentado. - Ele começou a tentar se levantar de novo. Parecia mais forte agora, mas com dor. Fiquei sentada olhando para ele, mas não ajudei. Não queria que ele se recuperasse e fosse para casa, não sem antes saber com certeza qual história ele contaria quando chegasse lá.

Por fim, a dor pareceu tomar conta dele, e ele voltou a se deitar.

- O que aquele maldito fez comigo? — sussurrou ele.

- Eu poderia buscar ajuda para você - falei. - Se você me dissesse para onde ir.

- Espere. - Ele prendeu a respiração e tossiu, e a tosse lhe causou dor. - Ai, meu Deus - ele gemeu.

- Acho que você está com as costelas quebradas - falei.

- Não me surpreenderia. Acho melhor você ir.

- Tudo bem. Mas Rufe... homens brancos atacaram você. Entendeu?

Ele não disse nada.

- De qualquer forma, você disse que as pessoas não iriam atrás de Isaac. Tudo bem, que assim seja. Mas permita que ele e Alice tenham uma chance. Eles deram uma chance a você.

- Não fará diferença se eu contar ou não contar. Isaac é um fugitivo. Eles terão que responder por isso, não importa o que aconteça.

- Então, seu silêncio não importará.

- Só para dar a eles a distância que você quer que eles alcancem.

Assenti mexendo a cabeça.

- Quero mesmo.

- Você vai confiar em mim, então? - Ele me observava atentamente. — Se eu disser que não vou contar, você vai acreditar em mim?

- Sim. - Parei por um momento. - Nunca devemos mentir um para o outro, você e eu. Não valeria a pena. Nós dois corremos grande risco de retaliação.

Ele virou o rosto para o outro lado.

- Você fala como se estivesse lendo um maldito livro.

- Então, espero que Kevin tenha feito um bom trabalho ensinando você a ler.

- O quê...! - Ele segurou meu braço de um jeito do qual seria possível eu me soltar, mas deixei que me segurasse. - Se você me ameaçar, vou ameaçar você. Sem mim, você nunca vai encontrar o Kevin.

- Sei disso.

- Então não me ameace!

- Eu disse que somos perigosos um para o outro. E mais um lembrete do que uma ameaça. - Na verdade, era mais um blefe.

- Não preciso de lembretes nem de ameaças de sua parte.

Fiquei calada.

- E então? Vai conseguir buscar alguma ajuda para mim?

Continuei calada. Não me mexi.

- Você deve seguir por aquelas árvores - disse ele, apontando. - Há uma estrada ali, não muito longe. Vá à esquerda na estrada e siga até chegar à nossa casa.

Prestei atenção à informação sabendo que a usaria mais cedo ou mais tarde. Mas tínhamos que chegar a um entendimento primeiro, ele e eu. Ele não precisava admitir que tínhamos nos entendido. Podia manter seu orgulho se

era o que acreditava estar em jogo. Mas tinha que agir como se tivesse me entendido. Em caso de recusa, sofreria muito mais. E talvez mais tarde, quando Kevin estivesse seguro e Hagar tivesse pelo menos conseguido nascer (talvez eu nunca descobrisse), eu me afastasse de Rufus, deixando que ele resolvesse o próprio problema.

- Dana!

Olhei para ele. Eu tinha me distraído.

- Eu disse que ela vai... que eles ganharão distância. Homens brancos me atacaram.

- Ótimo, Rufe. - Pousei a mão em seu ombro. - Olha, seu pai vai me ouvir, não é? Não sei o que ele viu da última vez em que voltei para casa.

- Ele também não sabe o que viu. Independentemente do que seja, ele já viu antes, naquela vez no rio, e também não acreditou. Mas ele vai te ouvir. Talvez até sinta um pouco de medo de você.

- É melhor que seja assim do que o contrário. Voltarei o mais rápido possível.

5

A estrada ficava mais longe do que pensei. Conforme foi escurecendo (o sol estava se pondo, não nascendo), rasguei folhas de meu bloco de anotações e as preendi em uma árvore ou outra para marcar o caminho. Mesmo assim, temi não conseguir encontrar o caminho de volta a Rufus.

Quando cheguei à estrada, juntei alguns galhos e fiz uma espécie de barricada com pedacinhos de papel branco por cima. Isso faria com que eu parasse no ponto certo quando voltasse se ninguém o desfizesse antes.

Segui pela estrada até escurecer, segui-a pela mata, pelos campos, além de uma casa grande muito mais requintada do que a de Weylin. Ninguém me incomodou. Eu me escondi atrás de uma árvore quando dois homens brancos passaram. Talvez não prestassem atenção em mim, mas eu não queria correr o risco. E havia três mulheres negras caminhando com trouxas equilibradas na cabeça.

- Noite - disseram elas quando passei.

Assenti e desejei boa noite a elas. E caminhei mais depressa, tentando imaginar o que, depois de tantos anos, havia acontecido com Luke e Sarah, com Nigel e Carrie. As crianças que tinham brincado de vender umas às outras já deveriam estar trabalhando nos campos. E o que o tempo teria feito a Margaret Weylin? Eu duvidava que ele a tivesse tornado uma pessoa mais fácil.

Finalmente, depois de mais matas e mais campos, a casa simples e quadrada estava à minha frente, com as janelas do andar de baixo tomadas por luz amarela. Eu me assustei ao me flagrar dizendo, cansada: “Enfim, em casa”.

Fiquei parada por um momento entre os campos e a casa e lembrei que estava em um local hostil. Não mais me

era estranho, mas isso só o tornava mais perigoso, aumentava as chances de eu relaxar e cometer um erro.

Esfreguei as costas, toquei as longas cascas de feridas para lembrar que não podia cometer erros. E as cascas me forçavam a lembrar que eu havia ficado longe desse lugar por apenas alguns dias. Não que eu tivesse me esquecido... não exatamente. Mas foi como se, durante minha caminhada, eu tivesse me acostumado com a ideia de que os anos tinham passado para aquelas pessoas desde que eu as vira pela última vez. Eu havia começado a sentir (sentir, não pensar) que muito tempo havia se passado para mim também. Era uma sensação vaga, mas parecia certa e confortável. Mais confortável do que tentar lembrar o que de fato estava acontecendo. Por um lado, eu aparentemente havia aceitado a realidade distorcida pelo tempo e me tranqüilizado quanto a ela. Bem, não havia problema algum, desde que não fosse longe demais.

Continuei caminhando em direção à casa, esperando estar mentalmente preparada para encontrar Tom Weylin. Mas quando me aproximei um homem branco, alto e magro veio em minha direção, saindo das casas dos escravos.

- Ei - disse ele. - O que você está fazendo aqui? - Com passos compridos, ele diminuiu depressa a distância entre nós, e, em um instante, parou à minha frente, olhando para mim - Você não é daqui. Quem é seu senhor?

- Vim pedir ajuda para o Senhor Rufus - falei. E então, sentindo-me em dúvida, já que ele era um desconhecido, perguntei: - Ele mora aqui, não mora?

O homem não respondeu. Continuou a olhar para mim. Fiquei me perguntando se ele tentava descobrir qual era meu sexo ou de onde era meu sotaque. Ou talvez estivesse surpreso por eu não tê-lo chamado de senhor. Teria que começar com essa bobagem degradante de novo. Mas quem era aquele homem, afinal?

- Ele mora aqui. - Uma resposta, finalmente. - O que aconteceu com ele?

- Alguém bateu tanto nele, que agora não consegue andar.

- Ele está bêbado?

- Uh... não, senhor, não muito.

- Desgraçado imprestável.

Eu me sobressaltei um pouco. O homem havia falado baixinho, mas não tinha como não entender o que dissera. Eu não falei nada.

- Vamos - disse ele e me levou para dentro da casa. Ele me deixou no corredor de entrada e foi para a biblioteca, onde achei que Weylin estava. Olhei para o banco de madeira a alguns metros de mim, para o sofá, mas apesar de estar cansada, não me sentei. Margaret Weylin já havia me flagrado sentada ali amarrando meu sapato. Gritara e se enraivecera como se tivesse me pegado roubando suas joias. Não queria que voltássemos a nos ver numa cena parecida. Não queria que voltássemos a nos ver de jeito nenhum, mas isso parecia inevitável.

Ouvi um barulho atrás de mim e me virei depressa, apreensiva. Uma jovem escrava estava parada olhando para mim. Tinha pele clara, vestia roupas azuis e estava num estado avançado de gravidez.

- Carrie? - perguntei.

Ela correu até mim, segurou-me pelos ombros por um momento e olhou em meu rosto. Em seguida, me abraçou.

O branco desconhecido escolheu aquele momento para sair da biblioteca com Tom Weylin.

- O que está acontecendo aqui? - perguntou o desconhecido.

Carrie se afastou de mim depressa, com a cabeça baixa, e eu disse: - Somos velhas amigas, senhor.

Tom Weylin, mais grisalho, mais magro e mais sério do que nunca, aproximou-se. Olhou para mim por um momento, e então se virou para o desconhecido.

- Quando você disse que o cavalo dele chegou, Jake?

- Há cerca de uma hora.

- Quanto tempo... você deveria ter me dito.
- Ele já demorou tudo isso... e já demorou mais antes.

Weylin suspirou e olhou para mim.

- Sim. Mas eu acho que pode ser mais sério dessa vez. Carrie!

A muda estava se afastando em direção à porta dos fundos. Ela se virou para olhar para Weylin.

- Peça para Nigel trazer a carroça para a frente.

Ela meneou a cabeça levemente, fez uma meia medida que reservava aos brancos e se afastou depressa.

Algo me ocorreu quando ela partiu, e eu falei para Weylin: - Acho que o Senhor Rufus pode ter quebrado algumas costelas. Ele não estava tossindo sangue, então seus pulmões provavelmente estão bem, mas pode ser melhor que eu faça um curativo antes que vocês o locomovam. - Eu nunca tinha feito curativo para nada na vida além de cortes no dedo, mas eu me lembrava um pouco sobre primeiros socorros que tinha aprendido na escola. Não tive a ideia de agir quando Rufus quebrou a perna, mas talvez conseguisse ajudar dessa vez.

- Pode fazer curativos quando o trouxermos para cá - disse Weylin. E ao desconhecido: - Jake, peça para alguém chamar o médico.

Jake lançou um último olhar de reprovação para mim e saiu pela porta dos fundos atrás de Carrie.

Weylin saiu pela porta da frente sem dizer mais nada e eu acompanhei, tentando me lembrar se era muito importante enfaixar o corpo de alguém com costelas quebradas, ou seja, se valia a pena “responder” a Weylin por isso. Eu não queria que Rufus se machucasse muito, ainda que merecesse. Qualquer ferimento poderia ser perigoso. Mas, pelo que eu conseguia me lembrar, a pessoa era enfaixada, acima de tudo, para que a dor fosse aliviada. Eu não sabia bem se me lembrava disso por ser verdade ou por querer evitar qualquer tipo de conflito com Weylin. Não

precisei tocar as cascas de meus ferimentos nas costas para me lembrar deles.

Um escravo alto e forte conduziu uma carroça até onde estávamos e eu subi na parte de atrás. Weylin se sentou ao lado do condutor, que olhou para trás, para mim, e disse baixinho: - Como vai, Dana?

- Nigel?

- Sô eu - disse ele sorrindo. - Cresci um pouco desde que ocê me viu pela última vez, acho.

Ele havia se tornado outro Luke, um homem grande e bonito que se parecia pouco com o garoto de quem eu me lembrava.

- Cale a boca e olhe para a frente - disse Weylin. E então para mim: - Você precisa nos dizer aonde ir.

Teria sido um prazer mandá-lo para um certo lugar, mas eu respondi civilizadamente: - É bem longe daqui. Tive que passar pela casa e pelos campos de outra pessoa para chegar até vocês.

- A casa do juiz. Você poderia ter pedido ajuda lá.

- Eu não sabia. - E não teria tentado se soubesse. Mas me perguntei se aquele era o Juiz Holman que em breve mandaria homens atrás de Isaac. Parecia possível.

- Você deixou Rufus no canto da estrada? - perguntou Weylin.

- Não, senhor, ele está na mata.

- Você tem certeza de que sabe o lugar certo na mata?

- Sim, senhor.

- Melhor que saiba mesmo.

Ele não disse mais nada.

Encontrei Rufus sem grande dificuldade, e Nigel o ergueu com a facilidade e delicadeza com que Luke já o tinha erguido. Na carroça, ele levou a mão ao lado do corpo, e então segurou a minha. Em dado momento, disse: - Manterei minha palavra.

Assenti e toquei sua testa para o caso de ele não ter me visto assentindo.

Sua pele estava quente e seca.

- Ele vai manter a palavra dele a respeito do quê? - perguntou Weylin.

Ele estava olhando para mim, por isso franzi a testa, demonstrei surpresa e disse: - Acho que além das costelas quebradas, ele também está com febre, senhor.

Weylin emitiu um gemido de nojo.

- Ele passou mal ontem, vomitando por todos os lados. Mas se levantou e saiu hoje. Cretino maldito!

E se calou de novo até chegarmos à casa. Então, enquanto Nigel levava Rufus para dentro e escada acima, Weylin me direcionou para sua biblioteca proibida. Ele me empurrou para perto de um lampião a óleo de baleia e ali, à luz amarela, olhou para mim em silêncio, analisando até eu olhar em direção à porta.

- Você está igual, mesmo - disse ele, por fim. - Eu não queria acreditar.

Não disse nada.

- Quem é você? - perguntou ele. - O que você é?

Hesitei sem saber o que responder porque não sabia quanto ele sabia. A verdade poderia fazer com que ele concluísse que eu era louca, mas eu não queria ser pega mentindo.

- E então?

- Não sei o que o senhor quer que eu diga - falei para ele. - Sou a Dana, o senhor me conhece.

- Não me diga o que sei!

Fiquei em silêncio, confusa, assustada. Kevin não estava aqui agora. Não havia ninguém a quem eu pudesse chamar se precisasse de ajuda.

- Posso ter acabado de salvar a vida de seu filho - falei baixinho. - Ele poderia morrer ali, agredido, ferido e sozinho.

- E você acha que eu deveria ser grato?

Por que ele parecia bravo? E por que não se sentiria grato?

- Não posso dizer como o senhor deve se sentir, Senhor Weylin.

- Isso mesmo. Não pode.

Ficamos em silêncio por um momento, um silêncio que ele parecia esperar que eu preenchesse. Mudei de assunto, interessada.

- Senhor Weylin, sabe para onde o Senhor Franklin foi?

Estranhamente, isso pareceu tocá-lo. Sua expressão se suavizou um pouco.

- Aquele - disse ele. - Cretino maldito.

- Para onde ele foi?

- Para algum lugar do Norte. Não sei. Rufus recebeu algumas cartas dele. - Ele olhou para mim de novo, por muito tempo. - Acho que você quer ficar aqui.

Parecia que ele estava me dando uma escolha, o que era surpreendente, porque não tinha que fazer isso. Talvez a gratidão significasse algo a ele, afinal.

- Gostaria de ficar por um tempo - falei. Melhor seria tentar encontrar Kevin daqui do que sair às cegas por uma cidade do Norte tentando encontrá-lo. Ainda mais por não ter dinheiro e por ainda não conhecer nada dessa época.

- Precisa trabalhar para se manter - disse Weylin. - Como fazia antes.

- Sim, senhor.

- Quando o tal de Franklin voltar, ele vai parar aqui. Voltou uma vez... esperando encontrá-la, creio.

- Quando?

- Em algum momento do ano passado. Vá lá em cima e fique com Rufus até o médico vir. Cuide dele.

- Sim, senhor. - Eu me virei para me afastar.

- De qualquer modo, parece que é pra isso que você serve - murmurou ele.

Continuei caminhando, feliz por me afastar de Tom. Ele sabia mais sobre mim do que queria falar. Isso estava claro pelas perguntas que não tinha feito. Ele me vira desaparecer duas vezes. E Kevin e Rufus provavelmente

tinham dito a ele algo a meu respeito. Tentei imaginar quanto. E tentei imaginar o que Kevin tinha dito ou feito para ser visto como um “cretino maldito”.

Independentemente do que fosse, eu saberia perguntando a Rufus. Era perigoso demais questionar Weylin.

6

Lavei os ferimentos de Rufus da melhor maneira que pude e enfaixei suas costelas com pedaços de tecido que Nigel levou para mim. As costelas estavam muito sensíveis do lado esquerdo. Mas Rufus disse que as faixas faziam com que ele respirasse sentindo um pouco menos de dor, e eu fiquei contente por isso. Mas ainda estava se sentindo mal. Ainda estava com febre. E o médico não veio. Rufus tinha acessos de tosse de vez em quando, e isso parecia ser causado pela situação das costelas. Sarah chegou para vê-lo e para me abraçar, e ficou mais impressionada com as marcas da surra do que com as costelas ou com a febre. O rosto dele estava azulado e preto, parecendo deformado e com partes inchadas.

- Ele arruma briga - disse ela, irritada. Rufus abriu os olhos inchados e olhou para ela, mas Sarah não parou. - Vi ele arrumá briga por pura maldade - disse ela. - Ele vai acabá se matando desse jeito!

Era como se ela fosse mãe dele, presa entre a raiva e a preocupação, sem saber qual expressar. Pegou a bacia que Nigel havia levado para mim e a devolveu cheia de água limpa e fresca.

- Onde está a mãe dele? - Perguntei baixinho quando ela estava saindo.

Ela se afastou um pouco de mim e respondeu:

- Ela se foi.

- Morreu?

- Ainda não. - Ela olhou para Rufus para ver se ele estava ouvindo. Ele olhava para o outro lado. - Foi pra Baltimore - ela sussurrou. - Conto mais amanhã.

Deixei que ela saísse sem fazer mais perguntas. Bastava saber que eu não seria atacada de repente. Pela primeira vez, não haveria Margaret por perto para proteger Rufus.

Ele estava se remexendo sem forças quando voltei. Amaldiçoava a dor, amaldiçoava-me, e então se controlou o suficiente para dizer que tinha sido sem querer. Estava ardendo em febre.

- Rufe?

Ele mexia a cabeça de um lado a outro e não parecia estar me ouvindo. Enfiei a mão em minha bolsa de brim e encontrei um frasco plástico de aspirina, um frasco grande quase cheio. Havia o suficiente para dividir.

- Rufe!

Ele entreabriu os olhos para mim.

- Olha, tenho um remédio de minha época. - Enchi um copo de água para ele com a jarra que estava ao lado de sua cama e tirei dois comprimidos. - Eles podem diminuir sua febre - disse. - Podem aliviar sua dor também. Quer tomá-los?

- O que é isso?

- O nome é aspirina. No meu tempo, as pessoas tomam esses comprimidos para dor de cabeça, febre e outros tipos de dor.

Ele olhou para os dois comprimidos em minha mão e depois para mim.

- Dê isso para mim.

Teve dificuldade para engoli-los e precisou mastigá-los um pouco.

- Meu Deus - murmurou. - Qualquer coisa que tenha um gosto tão ruim deve fazer bem.

Ri e molhei o pano na bacia para limpar seu rosto. Nigel chegou com um cobertor e disse que o médico estava preso em um parto difícil. Eu deveria passar a noite com Rufus.

Não me importei. Rufus não estava em condições de se preocupar comigo. Mas pensei que seria mais natural se

Nigel ficasse. Perguntei a ele sobre isso.

- O Senhô Tom sabe sobre ocê - disse Nigel baixinho. - O Senhô Rufe e o Senhô Kevin contô pra ele. Ele acha que ocê sabe o suficiente pra cuidá. Mais do que cuidá, talvez. Ele viu ocê í embora.

- Eu sei.

- Eu também vi.

Olhei para ele, era mais alto do que eu agora, e não vi nada além de curiosidade em seus olhos. Se meu desaparecimento o havia assustado, o medo já não existia há muito tempo. Fiquei contente com isso. Queria sua amizade.

- O Senhô Tom disse que ocê deve cuidá dele e que é melhor fazê um bom trabalho. A tia Sarah disse que ocê pode chamá ela se precisá de ajuda.

- Obrigada. Agradeça a ela por mim.

Ele assentiu, sorrindo um pouco.

- Ainda bem que ocê apareceu. Quero ficá com Carrie agora. A hora dela tá chegando.

Sorri.

- O bebê é seu, Nigel? Pensei que pudesse ser.

- Melhó que seja meu mesmo. Ela é minha esposa.

- Parabéns.

- O Senhô Rufe pagô para um pastô da cidade dizê as mesmas palavra que eles diz para os branco e para os preto livre. Não tivemo que pulá cabo de vassoura.

Eu assenti, lembrando do que tinha lido a respeito das cerimônias de casamento dos escravos. Eles pulavam cabos de vassoura, às vezes de costas, às vezes de frente, dependendo do costume local; ou ficavam diante de seu mestre e eram declarados marido e mulher, ou seguiam diversas outras práticas chegando até a contratar um ministro e fazendo as coisas como Nigel fizera. Mas nada disso fazia diferença legalmente. Nenhum casamento entre escravos tinha valor jurídico. Até mesmo o casamento de Alice e de Isaac não passava de um acordo informal, já que

Isaac era ou tinha sido escravo. Eu esperava que agora ele fosse um homem livre a caminho da Pensilvânia.

- Dana?

Olhei para Nigel. Ele havia sussurrado meu nome tão baixo que eu mal consegui ouvi-lo.

- Dana, foi os homem branco?

Assustada, levei um dedo aos lábios, pedindo cuidado, e acenei para que ele se afastasse.

- Amanhã - prometi.

Mas ele não teve a compreensão que tive com Sarah.

- Foi Isaac?

Assenti mexendo a cabeça, torcendo para que ele ficasse satisfeito e mudasse de assunto.

- Ele fugiu?

Assenti de novo.

Ele me deixou, parecendo aliviado.

Fiquei acordada com Rufus até ele conseguir dormir. As aspirinas pareciam ajudar. Então, eu me enrolei no cobertor, juntei as duas cadeiras da sala na frente da lareira e me acomodei da maneira mais confortável que consegui. Não foi ruim.

O médico chegou na manhã seguinte e viu que a febre de Rufus tinha passado. O resto de seu corpo continuava machucado e dolorido, e suas costelas ainda faziam com que ele respirasse de modo raso e se esforçasse para não tossir, mas, mesmo assim, estava muito melhor do que antes. Eu havia levado a ele uma bandeja de café da manhã arrumada por Sarah, e ele me convidou para dividir a refeição farta que ela havia preparado. Comi biscoitos quentes com manteiga e geleia de pêssego, tomei um pouco do café dele e comi um pouco de presunto frio. Estava bom e me satisfez. Ele comeu os ovos, o resto do presunto e as broas de milho. Havia comida demais, e ele não estava com muita fome. Então, recostou-se e me observou achando graça.

- O papai começaria a xingar se nos visse aqui, comendo juntos - disse ele.

Soltei meu biscoito e retomei a parte de minha mente que havia deixado em 1976. Ele tinha razão.

- Então, que você está fazendo? Tentando causar problema?

- Não. Ele não vai nos perturbar. Coma.

- Da última vez que alguém disse que ele não me perturbaria, ele chegou e arrancou meu couro.

- Sim. Eu sei disso. Mas não sou Nigel. Se eu te disser para fazer alguma coisa e ele não gostar, vai vir falar comigo sobre isso. Não vai chicotear você por seguir *minhas* ordens. Ele é um homem justo.

Olhei para ele, assustada.

- Eu disse justo - repetiu ele. - Não agradável.

Fiquei quieta. O pai dele não era o monstro que poderia ser com o poder que tinha sobre os escravos. Não era um monstro, de forma alguma. Só um homem comum que às vezes fazia coisas monstruosas que sua sociedade dizia serem legais e adequadas. Mas eu não tinha visto senso de justiça nenhum nele. Agia como bem entendia. Se alguém dizia que não estava sendo justo, ele chicoteava a pessoa por responder. Pelo menos, assim era o Tom Weylin que eu tinha conhecido. Talvez tivesse ficado mais sensível.

- Fique - disse Rufus. - Não importa o que você acha dele, não deixarei que te machuque. E é bom comer com alguém com quem eu consigo conversar, para variar.

Isso era bom. Comecei a comer de novo, me perguntando por que ele estava tão bem-humorado naquela manhã. Havia mudado muito desde a noite anterior, quando estava com tanta raiva que ameaçou não contar onde Kevin estava.

- Olha - disse Rufus, pensativo. - Você ainda parece muito jovem. Você me tirou daquele rio há treze ou catorze anos, mas, pela aparência, era para você ser uma criança naquela época.

Ah, não.

- Kevin não explicou essa parte, acredito.

- Explicar o quê?

Balancei a cabeça.

- Vou... contar como tem sido comigo. Não sei dizer por que as coisas estão acontecendo assim, mas posso dizer a ordem dos acontecimentos. - Hesitei, reunindo meus pensamentos. - Quando encontrei você no rio, era nove de junho de mil novecentos e setenta e seis para mim. Quando cheguei em casa, ainda era o mesmo dia. Kevin me disse que eu fiquei fora por apenas alguns segundos.

- Segundos...?

- Espere. Vou contar tudo de uma vez. Depois, você poderá usar todo o tempo que precisar para digerir a informação e fazer perguntas. Mais tarde naquele mesmo dia, voltei a você, que tinha três ou quatro anos a mais e estava ocupado tentando atear fogo à casa. Quando fui para casa, Kevin me disse que apenas alguns minutos tinham se passado. Na manhã seguinte, dez de junho, vim até você porque tinha caído de uma árvore... Kevin e eu viemos. Fiquei aqui durante quase dois meses. Mas quando fui para casa, descobri que tinha perdido apenas alguns minutos ou horas do dia dez de junho.

- Você quer dizer que depois de dois meses...

- Eu cheguei em casa no mesmo dia em que tinha saído. Não me pergunte como. Não sei. Depois de oito dias em casa, eu voltei para cá. - Eu o encarei em silêncio por um tempo. - E Rufe, agora que estou aqui, agora que você está seguro, quero encontrar meu marido.

Ele absorveu o que eu disse lentamente, franzindo a testa como se estivesse traduzindo tudo de um outro idioma. Em seguida, acenou vagamente em direção à mesa dele, uma mesa nova e maior do que a que eu tinha visto em minha última visita. A antiga era pequena. A de agora tinha uma tampa de rolar e muito espaço com gavetas em cima e embaixo.

- As cartas dele estão na gaveta ali do meio. Você pode pegá-las, se quiser. Há o endereço dele nelas... mas, Dana, está dizendo que, enquanto tenho crescido, de algum modo, o tempo quase parou para você.

Eu estava diante da mesa procurando as cartas dentro da gaveta cheia de coisas.

- Não parou - falei. - Tenho certeza de que minhas duas visitas aqui me envelheceram bastante, não importa o que mostre o calendário da minha casa. — Encontrei as cartas. Três delas. Bilhetes curtos em pedaços grandes de papel que tinham sido dobrados, selados com cera e enviados sem envelope. “Aqui está meu endereço na Filadélfia”, Kevin escreveu em uma delas. “Se eu conseguir um emprego decente, ficarei aqui por um tempo.” Só isso e o endereço. Kevin escrevia livros, mas nunca se importava muito em escrever cartas. Em casa, tentava me pegar de bom humor para cuidar de sua correspondência.

- Quando eu for velho - disse Rufus você ainda virá aqui com a mesma aparência de agora.

Balancei a cabeça, negando.

- Rufe, se você não começar a ser mais cuidadoso, não vai se tornar um idoso. Agora que cresceu, posso não conseguir ajudar muito. O tipo de encrenca na qual você poderá se meter na vida adulta pode ser tão difícil para mim quanto é para você.

- Sim, mas essa coisa do tempo...

Dei de ombros.

- Inferno, deve haver algo muito maluco em relação a nós dois, Dana. Nunca soube de nada desse tipo ter acontecido com alguém.

- Nem eu. - Olhei para as outras duas cartas. Uma de Nova York e outra de Boston. Na de Boston, ele estava falando sobre ir ao Maine. Tentei imaginar o que poderia estar fazendo com que ele fosse cada vez mais para o Norte. Ele tinha interesse no Oeste, mas no Maine...?

- Vou escrever para ele - disse Rufus. - Direi que você está aqui. Ele virá correndo.

- Eu escrevo para ele, Rufe.

- Vou ter que postar a carta.

- Certo.

- Só espero que ele ainda não tenha partido para o Maine.

Weylin abriu a porta antes que eu pudesse responder.

Chegou com outro homem que era o médico, e meu tempo de descanso terminou. Coloquei as cartas de Kevin dentro da gaveta de Rufus de novo, parecia ser o melhor lugar onde deixá-las, peguei a bandeja do café da manhã e a bacia vazia que o médico pediu, e permaneci ali enquanto este perguntava a Weylin se eu tinha noção das coisas ou não e se podiam confiar em mim para responder a perguntas simples com precisão.

Weylin disse sim duas vezes sem olhar para mim, e o médico fez as perguntas. Eu tinha certeza de que Rufus tivera febre? Como sabia? Ele havia delirado? Eu sabia o que delirante significava? Preta esperta, não?

Odiei o homem. Era baixo e magro, tinha cabelos e olhos pretos, era pomposo, condescendente e quase tão ignorante em relação à medicina quanto eu. Achava que não sangraria Rufus, já que a febre parecia ter passado. Sangrá--lo! Acreditava que umas duas costelas estivessem quebradas, sim. Ele refez a bandagem de qualquer jeito. Achava que eu podia sair agora; não precisava mais de mim.

Fui para a cozinha.

- Que aconteceu? - perguntou Sarah quando me viu.

Balancei a cabeça.

- Nada demais. Só um homenzinho idiota que pode estar um passo acima de feitiços e simpatias.

- Quê?

- Não preste atenção em mim, Sarah. Tem alguma coisa para eu fazer lá fora? Gostaria de passar um tempo fora de

casa.

- Sempre tem o que fazê lá fora. Tem o que comê?

Assenti mexendo a cabeça.

Ela levantou a cabeça e me deu um daqueles olhares com ar de superioridade.

- Bom, coloquei bastante coisa na bandeja dele. Tá aqui. Trabalha essa massa.

Ela me deu uma tigela de massa de pão que tinha crescido e estava pronta para ser amassada.

- Ele tá bom? - perguntou ela.

- Está sarando.

- Isaac tava bem?

Olhei para ela.

- Sim.

- Nigel disse que achô que o Senhô Rufe não contô o que aconteceu.

- Não contou. Eu consegui convencê-lo a não fazer isso.

Ela pousou uma mão em meu ombro por um momento.

- Espero que ocê fique por aqui por um tempo, moça. Nem mesmo o pai dele tá conseguindo fazê ele desisti das coisas ultimamente.

- Bem, que bom que consegui. Mas, olha, você prometeu me contar sobre a mãe dele.

- Não tem muito o que contá. Ela teve mais dois bebê... gêmeo. Duas coisinha frágil. Eles viveu por um tempo, e então um morreu e depois o outro. Ela quase morreu também. Ficou meio doida. O parto já tinha sido bem ruim para ela... ficou doente, machucada por dentro. Ela brigô com o Senhô Tom, tanto que gritava sempre que ele aparecia, xingava e não parava. Passava a maior parte do tempo com dor, não conseguia sair da cama. Por fim, a irmã dela apareceu e pegô ela, levô para Baltimore.

- E ela ainda está lá?

- Ainda tá, ainda doente. Ainda louca, até onde sei. Só espero que fique por lá. Aquele feitor, Jake Edwards, é primo

dela, e ele é todo o lixo branco, cruel e baixo que precisam aqui.

Então, Jake Edwards era o feitor. Weylin havia começado a contratar feitores. Fiquei tentando imaginar por quê. Mas, antes que pudesse perguntar, dois empregados entraram, e Sarah deu as costas para mim, encerrando a conversa. Mas comecei a entender o que havia acontecido com ela quando perguntei a Nigel onde Luke estava.

- Vendido - disse Nigel, baixinho. E não disse mais nada. Rufus me contou o resto.

- Você não deveria ter perguntado sobre isso a Nigel - disse ele quando eu mencionei o incidente.

- Não teria perguntado se soubesse. - Rufus ainda estava na cama. O médico havia lhe dado um purgante e saído. Rufus havia despejado o purgante no urinol e mandou que eu dissesse a seu pai que ele o havia tomado. Havia pedido ao pai que me chamasse de volta para que eu pudesse escrever minha carta a Kevin.

- Luke fazia o trabalho dele - falei. - Como seu pai pode tê-lo vendido?

- Ele trabalhava direito. E os escravos trabalhavam muito por ele, a maioria sem precisar do chicote. Mas às vezes, ele não demonstrava muito bom senso. - Rufus parou, começou a respirar fundo, parou e fez uma careta de dor. - Você é como o Luke, de certa forma - continuou ele. - Por isso, é melhor demonstrar um certo bom senso, Dana. Está sozinha dessa vez.

- Mas o que ele fez de errado? O que eu estou fazendo de errado?

- Luke... ele sempre se metia a fazer o que queria, não importava o que o papai dissesse. O papai sempre dizia que ele pensava que era branco. Um dia, talvez dois anos depois de você ter ido embora, o papai se cansou disso. Um negociador de Nova Orleans apareceu e o papai disse que seria melhor vender Luke do que chicoteá-lo até que ele fugisse.

Fechei os olhos, lembrando-me do homem grande, ouvindo de novo seu conselho a Nigel sobre como desacatar os brancos. Aquilo havia se voltado contra ele.

- Você acha que o negociador o levou para Nova Orleans? - perguntei.

- Sim. Ele estava acumulando carga para mandá-la para lá.

Balancei a cabeça.

- Coitado do Luke. Há plantação de cana em Louisiana atualmente?

- Cana, algodão, arroz, eles cultivam muita coisa lá.

- Os pais de meu pai trabalharam nas plantações de cana lá antes de irem à Califórnia. Luke poderia ser meu parente.

- Cuidado para não acabar como ele.

- Não fiz nada.

- Não se meta a ensinar mais ninguém a ler.

-Ah.

- Sim, ah. Eu talvez não conseguisse impedir o papai se ele decidisse vender você.

- Me vender! Ele não é meu dono. Nem mesmo pela lei daqui. Não tem documentos dizendo que é meu dono.

- Dana, não fale besteira!

- Mas...

- Na cidade, certa vez, ouvi um homem se gabar de que ele e um amigo tinham pegado um negro livre, rasgado seus documentos e o vendido a um negociador.

Eu não disse nada. Ele tinha razão, claro. Eu não tinha direitos, nem mesmo papéis para serem rasgados.

- Tome cuidado - disse ele, baixinho.

Assenti com a cabeça. Pensei que pudesse fugir de Maryland se precisasse. Não achava que seria fácil, mas achava que conseguiria. Por outro lado, não conseguia imaginar como até mesmo alguém muito mais sábio do que eu em relação às questões da época conseguiria escapar de Louisiana, cercado como ficaria por água e por estados

escravocratas. Eu teria que tomar cuidado, sim, e estar pronta para fugir se parecesse correr o risco de ser vendida.

- Estou surpresa por Nigel ainda estar aqui - falei. E então, percebi que aquilo podia não ser algo muito inteligente a ser dito, nem mesmo a Rufus. Eu tinha que aprender a manter mais meus pensamentos em segredo.

- Ah, o Nigel fugiu - disse Rufus. - Mas os capatazes o trouxeram de volta, faminto e doente. Eles o haviam chicoteado, e o papai o chicoteou ainda mais. Depois, a tia Sarah cuidou dele e convenceu o papai a deixá-lo aqui. Acho que meu trabalho foi pior. Acho que o papai não relaxou até Nigel se casar com Carrie. O homem se casa, tem filhos e tem mais chance de ficar onde está.

- Você já fala como um senhor de escravos.

Ele deu de ombros.

- Você teria vendido o Luke?

- Não! Eu gostava dele.

- Você venderia alguém?

Ele hesitou.

- Não sei. Acho que não.

- Espero que não - falei, olhando para ele. - Você não precisa fazer isso. Nem todos os senhores de escravos fazem isso.

Peguei minha bolsa de brim de onde ela estava escondida, embaixo da cama, e me sentei à mesa dele para escrever a carta, usando uma de suas folhas grandes de papel com minha caneta. Não quis me dar ao trabalho de enfiar a caneta de ponta de ferro que ele mantinha sobre a mesa na tinta.

- Querido Kevin, voltei. E também quero ir para o Norte...

- Deixe-me ver sua pena quando terminar - disse Rufus.

- Está bem.

Continuei escrevendo e, estranhamente, senti que estava prestes a chorar. Era como se eu realmente

estivesse conversando com Kevin. Comecei a acreditar que o veria de novo.

- Deixe-me ver as outras coisas que trouxe - disse ele.

Joguei a bolsa em cima da cama dele.

- Pode olhar - falei, e continuei escrevendo. Só quando terminei a carta e olhei para a frente, vi o que ele estava fazendo.

Estava lendo meu livro.

- Aqui está a caneta - falei de modo casual, e esperei para pegar o livro assim que ele o soltasse. Mas em vez de soltá-lo, ele ignorou a caneta e olhou para mim.

- Esta é a maior besteira abolicionista que já vi.

- Não é, não - falei. - Esse livro só foi escrito um século depois da abolição da escravidão.

- Então por que diabos ainda estão reclamando dela?

Puxei o livro para baixo para poder ver a página que ele estava lendo. Vi uma fotografia de Sojourner Truth¹ me encarando com olhar sério. Embaixo da foto, havia parte do texto de um de seus discursos.

- Você está lendo a história, Rufe. Vire algumas páginas e encontrará um homem branco chamado J.D.B. DeBow dizendo que a escravidão é boa porque, entre outras coisas, ela dá aos brancos pobres alguém a quem menosprezar. Isso é história. Aconteceu, não importa se te ofende ou não. Uma boa parte dela me ofende, mas não tem nada que eu possa fazer em relação a isso. - E havia outra história que ele não deveria ler. Grande parte dela ainda não tinha acontecido. Sojourner Truth, por exemplo, ainda era escrava. Se alguém a comprasse de seus senhores em Nova York e a levasse ao Sul antes de as leis do Norte a libertarem, talvez ela passasse o resto da vida colhendo algodão. E havia duas crianças escravas importantes bem ali em Maryland. A mais velha, que vivia aqui no Condado de Talbot, chamaria-se Frederick Douglass, depois de uma ou duas mudanças de nome. A segunda, que morava a

alguns quilômetros ao Norte, no Condado de Dorchester, era Harriet Ross, que acabou se tornando Harriet Tubman. Um dia, ela custaria muito dinheiro aos donos de fazendas da Costa Leste ao guiar trezentos de seus escravos fugidios à liberdade. E mais ao Sul, em Southamp-ton, Virginia, um homem chamado Nat Turner esperava pacientemente. Havia mais. Eu havia dito que não podia fazer nada para mudar a história. Mas se a história pudesse ser mudada, aquele livro nas mãos de um branco, ainda que fosse um branco solidário, poderia ser o que a mudaria.

- História assim poderia te mandar para onde Luke foi - disse Rufus. - Eu não disse para você tomar cuidado?

- Eu não deixaria que ninguém mais visse isso - Peguei o livro da mão dele, falei mais delicadamente: - Ou quer dizer que eu também não deveria confiar em você?

Ele pareceu assustado.

- Que inferno, Dana, temos que confiar um no outro. Você mesma disse isso. Mas e se meu pai mexesse nessa sua bolsa? Poderia ter mexido, se quisesse. Você não poderia impedi-lo.

Não disse nada.

- Você nunca levou uma surra como a que ele te daria se encontrasse esse livro. Uma parte desse texto... ele faria você se tornar outro Denmark Vesey. Sabe quem é Vesey?

- Sim. - Um liberto que havia planejado libertar outros violentamente.

- Sabe o que fizeram com ele?

- Sei.

- Então, jogue esse livro na lareira.

Segurei o livro por um momento, e então o abri no mapa de Maryland e rasguei o mapa.

- Deixe-me ver - disse Rufus.

Entreguei o mapa a ele, que o analisou e olhou atrás dele. Como não havia nada na parte de trás além de um mapa da Virgínia, ele o devolveu a mim.

- Isso é mais fácil de esconder - disse ele. - Mas sabe que se um branco o vir, vai pensar que você pretende usá-lo para fugir.

- Vou me arriscar.

Ele balançou a cabeça, contrariado.

Rasguei o livro em vários pedaços e o joguei nas brasas de sua lareira. O fogo aumentou e engoliu o papel seco, e eu me lembrei de livros nazistas sendo queimados. As sociedades repressivas sempre pareciam entender o perigo das ideias “erradas”.

- Sele sua carta - disse Rufus. - Tem cera e uma vela sobre a mesa ali. Vou postá-la assim que for à cidade.

Obedeci, mas não fui hábil, derramei cera quente em meus dedos.

- Dana...?

Olhei para ele, vi que me olhava com inesperada intensidade.

- Sim?

Seus olhos pareceram deslizar para longe dos meus.

- Esse mapa ainda está me incomodando. Escute, se quiser que eu leve essa carta para a cidade logo, coloque esse mapa dentro da lareira também.

Eu me virei para olhar para ele, assustada. Mais chantagem. Pensei que isso já tivesse acabado entre nós. Esperava que tivesse acabado; precisava muito confiar nele. Não ousaria ficar com ele se não pudesse confiar.

- Gostaria que você não tivesse dito isso, Rufe - disse a ele baixinho. Fui até ele, lutando contra a raiva e a decepção, e comecei a colocar as coisas que ele tinha espalhado dentro da bolsa.

- Espere um pouco. - Ele segurou minha mão. - Você fica tão fria quando está nervosa. Espere!

- Esperar o quê?

- Diga por que está com raiva.

Por quê, de fato? Poderia fazer com que ele entendesse por que achava que a chantagem dele era pior do que a

minha? Era pior. Ele ameaçava me manter longe de meu marido se eu não me sujeitasse a seu capricho e se não destruísse um papel que podia me ajudar a me libertar. Eu agia por desespero. Ele agia por capricho ou raiva. Ou era o que parecia.

- Rufe, há coisas que simplesmente não podemos negociar. Essa é uma delas.

- Você vai me dizer o que não podemos negociar? - Ele parecia mais surpreso do que indignado.

- Pode ter certeza de que vou. - Falei bem baixinho. - Não negocio meu marido nem minha liberdade!

- Você não tem nem um, nem outro para negociar.

- Nem você.

Ele olhou fixamente para mim com confusão e raiva na mesma medida, e isso foi encorajador. Ele podia ter perdido a paciência, podia ter me tirado da fazenda depressa.

- Escute — disse ele entredentes —, estou tentando te ajudar!

- Está mesmo?

- O que você acha que estou fazendo? Olha, sei que o Kevin tentou te ajudar. Tornou as coisas mais fáceis mantendo-a com ele. Mas não podia protegê-la de verdade. Não sabia como fazer isso. Não podia nem proteger a si mesmo.

O papai quase teve que atirar nele quando você desapareceu. Ele estava nervoso e xingando... no começo, o papai nem entendeu o porquê. Fui eu quem ajudou o Kevin a voltar.

- Você?

- Convenci o papai a recebê-lo de novo, e não foi fácil. Pode ser que eu não o convença de nada por você se ele vir esse mapa.

- Entendo.

Ele esperou, observou-me. Eu queria perguntar a ele o que faria com minha carta se eu não queimasse o mapa. Queria perguntar, mas não queria ouvir uma resposta

que pudesse me mandar a outro capataz ou que me rendesse outra surra. Queria fazer as coisas do jeito fácil, se pudesse. Queria ficar aqui e deixar uma carta ir a Boston para trazer Kevin de volta para mim.

Então, eu disse a mim mesma que o mapa era mais um símbolo do que uma necessidade, de qualquer modo. Se tivesse que ir, sabia como seguir a Estrela Polar à noite. Fizera questão de aprender. E, durante o dia, eu sabia que tinha que manter o sol nascente à minha direita e o sol poente à esquerda.

Peguei o mapa da mesa de Rufus e o joguei na lareira. Ele escureceu e foi tomado pelas chamas.

- Sei me direcionar sem ele, sabia? — falei baixinho.

- Não vai precisar - disse Rufus. - Ficaré bem aqui. Você está em casa.

7

Isaac e Alice tiveram quatro dias de liberdade juntos. No quinto dia, eles foram capturados. No sétimo dia, eu descobri o que aconteceu. Foi no dia em que Rufus e Nigel foram de carroça até a cidade para postar minha carta e cuidar de alguns de seus assuntos. Eu não tinha ouvido falarem nada sobre os fugitivos, e Rufus parecia ter se esquecido deles. Estava se sentindo melhor, parecia melhor. Aquilo parecia bastar para ele. Ele me procurou um pouco antes de partir e disse: - Me dê algumas de suas aspirinas. Posso precisar delas, pelo jeito como Nigel conduz o veículo.

Nigel ouviu e gritou:

- Senhô Rufe, o senhô pode conduzi. Vou só ficá sentado e relaxá enquanto o senhô me mostra como percorrê uma estrada esburacada sem solavanco.

Rufus jogou um torrão de terra em Nigel, que o pegou, rindo, e o jogou de volta, quase acertando Rufus.

- Está vendo? - disse Rufus. - Estou aqui todo prejudicado e ele está se aproveitando.

Eu ri e peguei as aspirinas. Rufus nunca pegava nada de minha bolsa sem pedir, apesar de poder fazer isso facilmente.

- Tem certeza de que se sente bem o suficiente para ir à cidade? — perguntei ao entregá-las a ele.

- Não - disse ele -, mas vou mesmo assim. - Só soube mais tarde que um visitante havia trazido notícias da captura de Isaac e Alice. Ele pegaria Alice.

E eu fui à área de lavagem para ajudar uma jovem escrava chamada Tess a bater a terra e ferver um monte de roupas grossas e malcheirosas. Ela havia adoecido, e eu prometera que a ajudaria. Meu trabalho continuava sendo,

em grande parte, o que eu queria que fosse. Eu me sentia um pouco culpada por isso. Nenhum outro escravo, da casa ou do campo, tinha tanta liberdade. Eu trabalhava onde queria ou onde via que os outros precisavam de ajuda. Sarah me mandava fazer uma tarefa ou outra às vezes, mas eu não ligava. Na ausência de Margaret, Sarah administrava a casa e os empregados. Distribuía o trabalho de modo justo e comandava a casa de maneira tão eficiente quanto Margaret, mas sem grande parte da tensão e do conflito causados pela senhora. Os escravos que se esforçavam para evitar tarefas de que não gostavam se ressentiam de Sarah, claro. Mas também a obedeciam.

- Pretos preguiçoso! - murmurava ela quando tinha que ir atrás de alguém.

Olhei para ela com surpresa na primeira vez em que a ouvi dizer aquilo.

- Por que eles precisam trabalhar tanto? - perguntei. - O que ganharão com isso?

- Se não trabalhá, vão consegui tomá couro - ela rebateu. - Eu não vô levá culpa pelo que eles não faz. Ocê vai?

- Bem, não, mas...

- Eu trabalho. Ocê trabalha. Não precisa de alguém atrás da gente o tempo todo pra gente trabalhá.

- Quando chegar minha hora de parar de trabalhar e sair daqui, vou embora.

Ela se sobressaltou, olhou ao redor depressa.

- Cê não tem juízo, às vezes. Fala o que qué.

- Estamos sozinhas.

- Pode sê que não, se ocê olhá direito. Todo mundo escuta as conversa aqui. E todo mundo também fala.

Não disse nada.

- Pode fazê o que quisé, ou pensá o que quisé. Mas não fala pra ninguém.

Assenti com a cabeça.

- Entendi.

Ela passou a falar bem baixo.

- Ocê tem que vê uns preto que eles pega para trazê de volta - disse ela. - Precisa vê... morrendo de fome, quase pelado, açotado, arrastado, com mordida de cachorro... Precisa vê.

- Prefiro ver os outros.

- Que outro?

- Os que conseguem. Os que estão vivendo livres agora.

- Se tivé algum.

-Tem.

- Alguns diz que tem. Mas é como morrê e í pro céu. Ninguém volta pra contá.

- Voltar para ser escravizado de novo?

- É. Mas mesmo assim... essa conversa é perigosa! Não tem propósito.

- Sarah, eu vi livros escritos por escravos que fugiram e moraram no Norte.

- Livro! - Ela tentou parecer desdenhosa, mas acabou parecendo duvidosa. Não sabia ler. Os livros podiam ser mistérios incríveis para ela ou podiam ser bobagens, perda de tempo. Dependia de seu humor. Naquele momento, seu humor parecia se dividir entre curiosidade e medo. O medo venceu.

- Bobagem! - disse ela. - Preto escrevendo livro!

- Mas é verdade. Eu vi...

- Não quero mais sabê disso! - Ela havia erguido a voz. Isso era incomum e pareceu surpreender a ela tanto quanto a mim. - Não quero mais ouvi isso - ela repetiu, baixinho. -As coisas não é ruim aqui. Posso aguentá.

Ela havia feito a coisa mais segura, aceitado uma vida de escravidão por sentir medo. Era o tipo de mulher que podia ser chamada de “aia preta” em outras casas. Era o tipo de mulher que seria desdenhada durante a militante década de 1960. A aia preta, o lenço na cabeça, a versão feminina do Pai Tomás²; a mulher assustada e sem poder

que já tinha perdido tudo o que podia perder, e que sabia tão pouco sobre a liberdade do Norte quanto sabia a respeito do que viria a partir de agora.

Eu mesma a julguei por um momento. Superioridade moral. Ali estava alguém ainda menos corajosa do que eu. Isso me confortou, de certo modo. Ou pelo menos até Rufus e Nigel irem para a cidade e voltarem com o que sobrara de Alice.

Estava tarde quando eles chegaram em casa, quase escuro. Rufus correu para dentro da casa gritando por mim antes mesmo de eu perceber que ele tinha voltado.

- Dana! Dana, desça aqui!

Saí do quarto dele, meu novo refúgio quando ele não estava, e desci a escada correndo.

- Vamos, vamos! - ele me apressou.

Eu não disse nada, só o acompanhei porta afora sem saber o que esperar. Ele me levou à carroça, na qual Alice estava toda ensangüentada, imunda e quase morta.

- Ai, meu Deus - sussurrei.

- Ajude Alice! - Rufus ordenou.

Olhei para ele, lembrando por que Alice precisava de ajuda. Não disse nada e não sei qual era a expressão em meu rosto, mas ele deu um passo para trás.

- Ajude! - disse ele. - Pode me culpar, se quiser, mas ajude Alice!

Eu me virei para ela, ajeitei seu corpo com cuidado, atenta a ossos quebrados. Milagrosamente, parecia não haver nenhum. Alice resmungou e chorou baixinho. Seus olhos estavam abertos, mas ela não parecia me ver.

- Onde você vai colocá-la? - perguntei a Rufus. - No sótão?

Ele a levantou com delicadeza, cuidadosamente, e a levou para o quarto dele.

Nigel e eu o seguimos, vimos quando ele colocou a garota na cama. Então, ele olhou para mim em dúvida.

- Peça para a Sarah ferver água - falei para Nigel. - E peça para ela mandar panos limpos para bandagens. Panos limpos. - Seriam bem limpos? Não esterilizados, claro, mas eu havia passado o dia fervendo roupas em água com sabão de soda cáustica. Isso com certeza as havia limpado.

- Rufe, pegue alguma coisa para que eu consiga cortar esses trapos do corpo dela.

Rufus saiu depressa e voltou com uma tesoura de sua mãe.

A maioria dos ferimentos de Alice era recente, e o tecido saiu de cima deles com facilidade. Naqueles que tinham secado e feito o tecido grudar, não mexi. A água morna os amaciaria.

- Rufe, você tem algum tipo de antisséptico?

- Anti o quê?

Olhei para ele.

- Nunca ouviu falar nisso?

- Não. O que é?

- Não importa. Acho que posso precisar de uma solução salina.

- Salmoura? Quer passar isso nas costas dela?

- Quero passar onde ela estiver ferida.

- Você não tem nada em sua bolsa melhor do que isso?

- Só sabonete, que pretendo usar. Pode pegá-lo para mim? E então... inferno, eu não deveria estar fazendo isso. Por que você não a levou ao médico?

Ele balançou a cabeça.

- O juiz queria que ela fosse vendida no Sul. Por despeito, acredito. Precisei pagar quase o dobro do que ela vale para conseguir comprá-la. Era todo o dinheiro que eu tinha, e o papai não paga médico para sarar os pretos. O doutor sabe disso.

- Você está dizendo que seu pai simplesmente deixa as pessoas morrerem, sendo que talvez elas pudessem ser ajudadas?

- Morrem ou melhoram sozinhas. A tia Mary... sabe quem é? A que cuida das crianças?

- Sim. - A tia Mary não cuidava das crianças. Velha e fragilizada, ela se sentava à sombra com uma vara e as ameaçava de morte se por acaso se comportassem mal na frente dela. Caso contrário, ela as ignorava e passava o tempo costurando e murmurando baixinho, senil. As crianças cuidavam umas das outras.

- A tia Mary sabe algumas coisas de medicina - disse Rufus. - Ela conhece ervas. Mas imaginei que você saberia mais.

Eu me virei para olhar para ele sem acreditar. Às vezes, a pobre mulher mal sabia seu nome. Por fim, dei de ombros.

- Arranje um pouco de salmoura.

- Mas... é o que o papai usa em seus escravos do campo - disse ele. - Às vezes dói mais do que as surras em si.

- Não vai doer tanto nela como uma infecção doeria mais tarde.

Ele franziu a testa, parou de modo protetor perto da garota.

- Quem sarou suas costas?

- Eu sarei. Não tinha ninguém por perto.

- O que você fez?

- Eu lavei os ferimentos com bastante sabão e água, e passei remédio. Aqui, salmoura vai ter que ser meu remédio. Deve funcionar da mesma maneira. - Por favor, Deus, que funcione da mesma maneira. Eu sabia mais ou menos o que estava fazendo. No fim das contas, talvez a velha Mary e suas ervas não fossem uma ideia tão ruim assim se eu conseguisse pegá-la em um de seus momentos mais lúcidos. Mas não. Por mais ignorante que eu soubesse que era, eu confiava em mim mais do que nela. Ainda que eu não conseguisse fazer melhor, pelo menos eu tinha menos chances de causar prejuízo.

- Deixe-me ver suas costas - disse Rufus.

Hesitei, engoli algumas palavras indignadas. Ele falava por amor à garota, um amor destrutivo, mas um amor mesmo assim. Precisava saber que era necessário machucá-la ainda mais e que eu tinha ideia do que estava fazendo. Dei as costas para ele e levantei um pouco a camisa. Meus cortes estavam curados ou quase curados.

Ele não disse nada nem me tocou. Depois de um momento, abaixei a camisa.

- Você não ficou com as cicatrizes grandes e grossas com que alguns dos escravos ficam - observou.

- Queloides. Não, graças a Deus, não fiquei. O que ganhei já é bem ruim.

- Não tão ruim quanto as dela.

- Pegue o sal, Rufe.

Ele fez que sim com a cabeça e se afastou.

8

Fiz o melhor que pude por Alice, machuquei-a o menos que pude, limpei e enfaixei os piores ferimentos, as mordidas de cachorro.

- Parece que eles deixaram os cães morderem o corpo todo dela - disse Rufus com raiva. Ele teve que segurá-la enquanto eu limpava as mordidas e cuidava delas com atenção especial. Ela se debateu, chorou e chamou Isaac, até eu quase passar mal por ter de lhe causar ainda mais dor. Engoli em seco, travei os dentes para conter a náusea que ameaçava tomar conta de mim. Quando falei com Rufus, foi mais para me acalmar do que para conseguir informação.

- O que fizeram com Isaac, Rufe? Eles o devolveram ao juiz?

- Eles o venderam a um negociador, um homem que leva escravos para o Mississippi.

- Ai, Deus.

- Ele estaria morto se eu tivesse falado.

Balancei a cabeça, localizei outra mordida. Eu queria Kevin. Queria desesperadamente ir para casa e sair disso tudo.

- Você postou minha carta, Rufe?

- Postei.

Ótimo. Agora seria bom se Kevin viesse depressa.

Terminei de cuidar de Alice e não dei aspirinas a ela, mas, sim, comprimidos para dormir. Ela precisava descansar depois de dias fugindo, depois dos cachorros e das açoitadas. Depois de Isaac.

Rufus a deixou em sua cama. Simplesmente deitou-se ao lado dela.

- Rufe, pelo amor de Deus!

Ele olhou para mim e então para ela.

- Não diga besteira. Não vou colocá-la no chão.

- Mas...

- E certamente não vou perturbá-la, ferida do jeito que está.

- Ótimo - disse aliviada, acreditando nele. - Não toque nela se puder evitar.

- Tudo bem.

Limpei toda a sujeira que tinha feito e os deixei ali. Por fim, fui para a minha esteira no sótão e me deitei, cansada.

Mas, por mais cansada que estivesse, não conseguia dormir. Pensei em Alice, e depois em Rufus, e percebi que Rufus tinha feito exatamente o que eu dissera que faria: tomou posse da mulher sem ter que se preocupar com o marido dela. Agora, de algum modo, Alice teria que aceitar não apenas a perda de seu marido, mas a própria escravidão. Rufus havia lhe causado problema, e agora tinha sido recompensado por isso. Não fazia sentido. Por mais que a tratasse com gentileza agora que a havia destruído, não fazia sentido.

Rolei de um lado a outro, inquieta, mantendo os olhos fechados e tentando primeiro pensar, e depois não pensar. Senti vontade de tomar mais dois comprimidos para dormir para conseguir algum alívio.

E então, Sarah entrou. Eu conseguia vê-la vagamente delineada à luz da lua que entrava pela janela. Sussurrei seu nome, tentando não acordar ninguém.

Ela passou por cima das duas crianças que dormiam perto de mim e foi até onde eu estava.

- Como tá Alice? - perguntou ela baixinho.

- Não sei. Ela provavelmente vai ficar bem. O corpo dela vai, pelo menos.

Sarah sentou-se na ponta de minha esteira.

- Eu tinha vindo vê ela - disse -, mas aí tinha que vê o Senhô Rufe também. Não quero vê ele por um tempo.

- Sim.

- Eles cortô as orelha do rapaz.
Eu me sobressaltei.

- Do Isaac?

- Sim. Cortô as duas. Ele lutô. Garoto forte, por mais que pareça tê pouco juízo. O filho do juiz bateu nele, e ele devolveu. E disse algumas coisa que não devia tê dito.

- Rufus disse que eles o venderam a um negociante do Mississippi.

- Isso. Depois que eles acabô com ele. Nigel me contô isso, que ele apanhô. Vai precisá de um tempo até podê í para o Mississippi ou qualqué outro lugá.

- Ai, Deus. Tudo porque nosso imbecilzinho bebeu demais e decidiu violentar alguém!

Ela me calou, sibilando com rispidez.

- Ocê precisa aprendê a prestá atenção no que diz! Não sabe que tem pessoa nesta casa que adora espalhá fofoca?

Suspirei.

- Sim.

- Ocê não é uma preta de campo, mas ainda assim é preta. O Senhô Rufe pode ficá fulo e complicá tudo procê.

- Eu sei. Tudo bem. - O fato de Luke ter sido vendido deve tê-la assustado muito. Era ele quem a acalmava.

- O Senhô Rufe tá deixando Alice no quarto dele?

- Sim.

- Meu Deus, espero que ele deixe ela em paz. Pelo menos hoje.

- Acho que vai deixar. Inferno... acho que agora que ele a tem, vai ser gentil e paciente.

- Huh! - Um som de aversão. - O que ocê vai fazê agora?

- Eu? Vou tentar deixar a garota limpa e confortável até melhorar.

- Não tô falando disso.

Franzi a testa.

- Do que está falando?

- Ela entra. Ocê sai.

Fiquei olhando para ela, tentei ver sua expressão. Não consegui, mas concluí que ela estava falando sério.

- Não é assim, Sarah. Parece que ele só quer ela. E eu estou satisfeita com meu marido.

Fez-se um longo silêncio.

- Seu marido... era o Senhô Kevin?

- Sim.

- Nigel disse que ocê e ele era casado. Nem acreditei.

- Não falamos nada sobre isso porque não é permitido aqui.

- Permitido! — Mais uma reação de nojo. — Acho que o que o Senhô Rufe fez com aquela garota é permitido.

Dei de ombros.

- Seu marido... ele arrumava encrenca de vez em quando porque não sabia a diferença entre preto e branco. Acho que agora sei por quê.

Sorri.

- Não sou o porquê. Ele era assim quando me casei com ele, ou eu não teria me casado. Rufus acabou de enviar uma carta a ele dizendo para vir me buscar.

Ela hesitou.

- Tem certeza que o Senhô Rufe mandô?

- Ele disse que sim.

- Pergunta pro Nigel. - Ela falou mais baixo. - Às vezes, o Senhô Rufe diz o que faz ocê se senti bem... não o que é verdade.

- Mas... ele não teria motivo para mentir.

- Não disse que ele mentiu. Só falei pra perguntá pro Nigel.

- Certo.

Ela ficou em silêncio por um momento, e então disse: - Acha que ele vai voltá procê, Dana, seu... marido?

- Sei que vai. - E voltaria. Com certeza voltaria.

- Ele já bateu n'ocê?

- Não! Claro que não!

- Meu homem me batia. Dizia que eu era a única pessoa com quem ele se importava. Depois, quando eu ia vê, ele dizia que eu tava de olho em outro homem e partia pra cima.

- O pai de Carrie?

- Não... o pai do meu filho mais velho. A senhorita Hannah, o pai dela. Ele sempre disse que ia me libertá, mas não me libertou. Era só outra mentira. - Ela se levantou, as articulações estalaram. - Preciso descansá. Não esquece, Dana. Pergunta pro Nigel.

- Pergunto.

9

Perguntei a Nigel no dia seguinte, mas ele não sabia. Rufus o havia mandado cumprir uma tarefa. Quando Nigel viu Rufus de novo, foi na prisão onde ele havia acabado de comprar Alice.

- Ela tava de pé nessa hora - disse ele, lembrando. - Não sei como. Quando o Senhô Rufe tava pronto pra parti, ele seguro ela pelo braço, ela caiu pra frente e todo mundo em volta riu. Ele tinha pagado dinheiro demais por ela e qualqué um podia vê que ela tava mais morta do que viva. As pessoas concluiu que ele não tinha muito juízo.

- Nigel, você sabe quanto tempo demoraria para uma carta chegar a Boston? — perguntei.

Ele desviou o olhar da peça de prata que estava polindo.

- Como vô sabê? - Ele começou a esfregar de novo. - Mas quero descobri... segui pra vê. - Ele falou bem baixo.

Ele dizia coisas assim às vezes, quando Weylin lhe pressionava, ou quando o capataz, Edwards, tentava lhe dar ordens. Dessa vez, pensei que fosse Edwards. O homem tinha saído pisando duro da cozinha enquanto eu entrava. Teria me derrubado se eu não tivesse pulado para longe dele. Nigel era um escravo doméstico, e Edwards não podia perturbá-lo, mas perturbou.

- O que aconteceu? - perguntei.

- O velho maldito jura que vai me colocá no campo. Disse que eu me gabo demais.

Pensei em Luke e estremei.

- Talvez fosse melhor você tirar um tempo de folga em breve.

- Carrie.

- Sim.

- Tentei corrê uma vez. Segui a Estrela Polar. Não fosse pelo Senhô Rufe, eu teria sido vendido no Sul quando eles me pegou - Ele balançou a cabeça. - Provavelmente estaria morto uma hora dessa.

Eu me afastei dele sem querer ouvir mais nada a respeito de fugir e de ser pego. Chovia muito lá fora, mas antes de chegar à casa, vi que os escravos ainda estavam nos campos, ainda plantando milho.

Encontrei Rufus na biblioteca olhando uns papéis com seu pai. Varri o corredor até o pai dele sair da sala. Em seguida, entrei para ver Rufus.

Antes que pudesse abrir a boca, ele disse:

- Você foi ver a Alice?

- Vou já, já. Rufe, quanto tempo demora para uma carta ir daqui até Boston?

Ele ergueu uma sobrancelha.

- Um dia, você vai me chamar de Rufe aqui e o papai vai estar parado bem atrás de você.

Olhei para trás com medo e Rufus riu.

- Hoje não - disse ele. - Mas um dia, se você não se lembrar.

- Droga - murmurei. - Quanto tempo?

Ele riu de novo.

- Não sei, Dana. Alguns dias, uma semana, duas semanas, três... - Ele deu de ombros.

- As cartas dele eram datadas - falei. - Consegue se lembrar de quando recebeu a de Boston?

Ele pensou nisso, e finalmente balançou a cabeça.

- Não, Dana, simplesmente não prestei atenção. E melhor você ir ver a Alice.

Eu fui, irritada, mas em silêncio. Achava que ele podia me dar uma estimativa decente se quisesse. Mas não importava. Kevin receberia a carta e poderia vir me pegar. Eu não podia duvidar que Rufus a tivesse enviado. Ele não queria perder minha amizade, assim como eu não queria perder a dele. E isso era algo muito pequeno.

Alice se tornou parte de meu trabalho, uma parte importante. Rufus pediu para Nigel e para um escravo jovem do campo colocarem outra cama dentro do quarto de Rufus, uma cama pequena e baixa que pudesse ser empurrada para baixo da cama de Rufus. Tínhamos que tirar Alice da cama de Rufus para o conforto dele e o dela também, porque, por um tempo, Alice voltou a ser como uma criança pequena, incontinente, sem consciência de nossa presença, a não ser que a machucássemos ou alimentássemos. E ela tinha que ser alimentada, colherada por colherada.

Weylin entrou para vê-la uma vez enquanto eu a alimentava.

- Inferno! - disse ele a Rufus. - A maior gentileza que vocês poderiam fazer a ela seria dar-lhe um tiro.

Acho que o olhar que Rufus lançou a ele o assustou um pouco. Ele saiu sem dizer mais nada.

Troquei as bandagens de Alice, sempre procurando sinais de infecção, sempre torcendo para não encontrar nenhum. Fiquei me perguntando qual podia ser o período de incubação do tétano ou... da raiva. Em seguida, tentei parar de ficar pensando. O corpo da garota parecia estar se curando lentamente, mas bem. Eu me sentia supersticiosa por sequer pensar nas doenças que certamente a matariam. Além disso, eu já tinha preocupações reais suficientes só mantendo-a limpa e ajudando-a a crescer de novo. Ela me chamou de mamãe por um tempo.

- Mamãe, está doendo.

Mas ela reconhecia Rufus. O Senhor Rufus. Seu amigo. Ele dizia que ela ia para a cama dele à noite.

Por um lado, não havia problema. Ela estava usando o penico de novo. Mas por outro lado...

- Não olhe para mim desse jeito - disse Rufus quando me contou. - Eu não a incomodaria. Seria como machucar uma criança.

Depois, seria como machucar uma mulher. Eu desconfiava de que isso não o incomodava nem um pouco.

Conforme Alice foi melhorando, tornou-se mais reservada com ele. Ele ainda era amigo dela, mas ela passava a noite toda na própria cama. E eu deixei de ser a “mamãe”.

Numa manhã, quando levei o café, ela olhou para mim e perguntou: - Quem é você?

- Sou a Dana - falei. - Lembra? - Eu sempre respondia às perguntas dela.

- Não.

- Como está se sentindo?

- Meio dolorida e rígida. - Ela pousou uma mão na coxa de onde um cachorro tinha literalmente arrancado carne. - Minha perna está doendo.

Olhei para o ferimento. Ela teria uma cicatriz grande e feia ali pelo resto da vida, mas o ferimento parecia estar cicatrizando bem; não estava escurecido nem inchado além do normal. Parecia que havia acabado de se dar conta daquela dor específica, assim como havia acabado de se dar conta de minha presença.

- Onde é aqui? - perguntou ela.

Ela estava notando várias coisas.

- Esta é a casa dos Weylin - falei. - O quarto do Senhor Rufus.

- Ah. - Ela pareceu relaxar, satisfeita, não mais curiosa. Eu não pressionei. Já tinha decidido que não faria isso. Pensei que ela voltaria à realidade quando estivesse forte o bastante para enfrentá-la. Tom Weylin, com seu silêncio ensurdecedor, achava que ela não se recuperaria. Rufus nunca dizia o que pensava. Mas, assim como eu, ele não a pressionava.

- Quase torço para que ela não se lembre — disse ele, uma vez. - Ela poderia ficar como era antes de Isaac. Assim, talvez... - Ele deu de ombros.

- Ela se lembra de mais coisas a cada dia - falei. - E faz perguntas.

- Não responda!

- Se eu não responder, alguém responderá. Ela vai conseguir se levantar e andar em breve.

Ele engoliu em seco.

- Todo esse tempo tem sido tão bom...

- Bom?

- Ela não me odiou!

1

Isabella Baumfree, conhecida como Sojourner Truth, nasceu aproximadamente em 1797, em Swartekill, Nova York. Foi abolicionista afroamericana e ativista dos direitos das mulheres. (N. da T.) 2

Pai Tomás: termo ofensivo para descrever um afroamericano que aparentemente age com obediência diante de figuras de autoridade ou do homem branco. Pai Tomás é o personagem principal do livro de Harriet Beecher Stowe, de 1853, A cabana de Pai Tomás. (N. da T.)

10

Alice continuou se curando e melhorando. Foi à cozinha comigo pela primeira vez no dia em que Carrie teve seu bebê.

Alice estava conosco havia três semanas. Sua idade mental agora devia ser de doze ou treze anos. Naquela manhã, havia dito a Rufus que queria dormir no sótão comigo. Para minha surpresa, Rufus concordou. Ele não queria, mas concordou. Pensei, e não pela primeira vez, que se Alice conseguisse não odiá-lo, haveria muito pouco que ela pedisse que ele não faria. Se.

Agora, lenta e cuidadosamente, ela me seguiu escada abaixo. Estava mais magra e mais fraca do que nunca, parecendo uma criança com um dos vestidos antigos de Margaret Weylin. Mas o tédio a havia tirado da cama.

- Você ficará feliz quando melhorá - murmurou ela quando parou em um degrau. - Detesto tá assim.

- Você está ficando boa - falei. Eu estava um pouco à frente dela, observando e cuidando para que ela não tropeçasse. Eu havia segurado seu braço no topo da escada, mas ela tentara se livrar.

- Eu consigo andá.

Deixei que andasse.

Chegamos à cozinha ao mesmo tempo em que Nigel chegava, mas ele estava com mais pressa. Ficamos de lado e deixamos que ele passasse pela porta e à nossa frente.

- Huh! - disse Alice quando ele passou. - Dá licença!

Ele a ignorou.

- Tia Sarah - disse ele tia Sarah, Carrie tá com as dor!

A velha Mary tinha sido a parteira da fazenda até sua idade pesar. Agora, os Weylin talvez imaginassem que ela

cuidava dos escravos, mas os escravos sabiam que não. Eles ajudavam uns aos outros da melhor maneira que conseguiam. Eu nunca tinha visto Sarah ser chamada para ajudar num parto antes, mas era natural que ela fosse chamada para aquele. Ela deixou de lado uma panela de polenta e começou a acompanhar Nigel porta afora.

- Posso ajudar? - perguntei.

Ela olhou para mim como se tivesse acabado de me notar.

- Cuida da janta - disse ela. - Eu ia mandá alguém terminá de cozinhá, mas ocê consegue, né?

- Sim.

- Ótimo. - Ela e Nigel se afastaram. Nigel tinha uma casinha longe do abrigo dos escravos, mas não longe da cozinha. Uma bela casinha com piso de madeira e chaminé de tijolinhos aparentes que ele havia construído para si e para Carrie. Ele a havia mostrado para mim. “Não preciso mais dormir em cima de trapos no sótão”, dissera ele. Havia feito uma cama e duas cadeiras. Rufus havia permitido que ele fizesse trabalho extra, que trabalhasse para outros brancos na região até ter dinheiro suficiente para comprar as coisas que não conseguia fazer. Tinha sido um bom investimento para Rufus. Além de ficar com parte dos lucros do rapaz, tinha a garantia de que Nigel, sua única posse valiosa, provavelmente não fugiria de novo em breve.

- Posso í pra vê? - Alice pediu a mim.

- Não - respondi com relutância. Eu mesma queria ir, mas Sarah não precisava de ninguém atrapalhando. - Não, você e eu temos trabalho a fazer aqui. Sabe descascar as batatas?

- Claro.

Eu a sentei à mesa e dei a ela uma faca e algumas batatas para descascar. A cena me fez lembrar minha primeira vez na cozinha, quando havia me sentado para descascar batatas até Kevin me chamar. Ele já deveria ter

recebido minha carta a essa altura. Era quase certeza que sim. Talvez já estivesse a caminho.

Balancei a cabeça e comecei a despedaçar uma galinha. Não fazia sentido me atormentar.

- A mamãe costumava me fazê cozinhá - disse Alice. Ela franziu a testa como se tentasse lembrar. - Ela disse que eu ia tê que cozinhá pro meu marido. - Franziu a testa de novo, e eu quase me cortei tentando observá-la. Do que ela estava se lembrando?

- Dana?

- Sim?

- Ocê não tem marido? Eu me lembro de uma vez... de ocê tê marido.

- Tenho. Ele está no Norte agora.

- É livre?

- Sim.

- Bom se casá com um homem livre. A mamãe sempre disse que eu devia fazê isso.

A mamãe estava certa, pensei. Mas não disse nada.

- Meu pai era escravo, e eles vendeu ele e separou os dois. Ela dizia que casá com um escravo é quase tão ruim quanto sê escravo. - Ela olhou para mim. - Como é sê escravo?

Consegui não parecer surpresa. Não havia me ocorrido que ela não tinha notado que era escrava. Fiquei tentando imaginar como ela havia explicado sua presença ali a si mesma.

- Dana?

Olhei para ela.

- Perguntei como é sê escravo.

- Não sei. - Respirei fundo. - Gostaria de saber como a Carrie está... com toda aquela dor e sem nem poder gritar.

- Como pode não sabê como é sê escrava? Ocê é escrava.

- Não sou escrava há muito tempo.

- Ocê era livre?

- Sim.

- E ocê deixô te transformarem em escrava? Devia fugi.

Olhei para a porta.

- Tome cuidado ao dizer coisas assim. Poderia ter problemas. - Eu me senti como Sarah, alertando.

- Bom, é verdade.

- Às vezes é melhor guardar a verdade para si mesma.

Ela olhou para mim com preocupação.

- O que vai acontecê com você?

- Não se preocupe comigo, Alice. Meu marido vai ajudar a me libertar. - Fui à porta para olhar na direção da casinha de Carrie. Não por esperar ver alguma coisa. Só queria distrair Alice. Ela estava se aproximando demais, “crescendo” depressa demais. Sua vida mudaria muito para pior quando ela se lembrasse. Ela se magoaria mais, e Rufus causaria grande parte da mágoa. E eu teria que assistir sem fazer nada.

- A mamãe dizia que preferia morrê a sê escrava - disse ela.

- Melhor ficar viva - falei. - Pelo menos enquanto existe uma chance de ser livre. — Pensei nos remédios para dormir em minha bolsa e em como eu mesma era hipócrita. Era muito fácil aconselhar as outras pessoas a viverem com sua dor.

De repente, ela jogou a batata que estava descascando no fogo.

Eu me assustei, olhei para ela.

- Por que fez isso?

- Cê tá me escondendo coisa.

Suspirei.

- Eu também tô aqui - disse ela. - Tô aqui há muito tempo. - Estreitou os olhos para mim. - Também sô escrava?

Não respondi.

- Perguntei se eu também sô escrava.

-É.

Ela havia se levantado um pouco do banco, com o corpo todo exigindo que eu respondesse. Depois de ouvir minha resposta, ela se sentou soltando o seu peso, com as costas e os ombros curvados, os braços na frente da barriga, envolvendo seu corpo.

- Mas eu devia sê livre. Eu era livre. Nasci livre!

- Sim.

- Dana, conta o que não lembro. Vamo!

- Você vai se lembrar.

- Não, ocê deve falá...

- Ah, me deixe em paz!

Ela se afastou um pouco, surpresa. Eu havia gritado com ela. Provavelmente achava que eu estava irritada, e eu estava mesmo. Mas não com ela. Eu queria puxá-la para trás da beira de um abismo. Mas era tarde demais. Ela teria que cair.

- Vou contar o que quiser saber - falei cansada. - Mas pode acreditar, você não vai querer saber o tanto que pensa que quer.

- Sim, quero!

Eu suspirei.

- Certo. O que você quer saber?

Ela abriu a boca, e então franziu a testa e a fechou de novo. Por fim, disse: - Tem muita coisa... quero sabê tudo, mas não sei por onde começá. Por que sô escrava?

- Você cometeu um crime.

- Um crime? O que eu fiz?

- Você ajudou um escravo a escapar. - Fiz uma pausa. - Você percebeu que durante todo o tempo que passou aqui, não me perguntou como se machucou?

Aquilo pareceu tocar algo dentro dela. Ela ficou parada, inexpressiva por muitos segundos, e então franziu a testa e se levantou. Eu a observei com cuidado. Se tivesse um acesso de histeria, queria que fosse onde estava, longe da vista dos Weylin. Havia muitas coisas que ela poderia dizer que deixariam Tom Weylin ressentido.

- Eles me surrou - sussurrou ela. - Eu me lembro. Os cachorro, a corda... eles me amarrô atrás de um cavalo e eu tive que corrê, mas não consegui... Então eles me surrou... Mas... mas...

Eu me aproximei dela, parei a sua frente, mas ela parecia ver através de mim. Seu semblante era aquele mesmo de dor e confusão de quando Rufus a trouxera da cidade.

- Alice?

Ela parecia não me ouvir.

- Isaac? - sussurrou ela. Mas foi mais um movimento mudo dos lábios do que um sussurro. E então: - *Isaac!* - Uma explosão de som. Ela partiu em direção à porta. Deixei que desse cerca de três passos e a agarrei.

- Me solta! Isaac! *Isaac!*

- Alice, pare. Assim vou acabar machucando você. - Ela estava lutando para se soltar com a pouca força que tinha.

- Eles cortou ele! Cortou as orelha dele!

Eu estava torcendo para que ela não tivesse visto isso.

- Alice! - Eu a segurei pelos ombros e chacoalhei.

- Preciso í embora - disse ela, chorando. - Pra encontrá Isaac.

- Talvez. Quando você puder dar mais de dez passos sem se cansar.

Ela parou de fazer esforço, olhou para mim em meio às lágrimas que rolavam por seu rosto.

- Pra onde eles levou ele?

- Mississippi.

- Ai, Jesus... - Ela caiu em cima de mim, chorando. Teria caído se eu não a tivesse segurado e arrastado até o banco de novo. Ela ficou encolhida onde eu a deixei, chorando, rezando, xingando. Permaneci ali com ela por um tempo, mas ela não se cansou, pelo menos não parou. Eu precisava deixá-la para terminar de preparar o jantar. Estava com medo de deixar Weylin irado e de colocar Sarah em apuros se não o fizesse. Haveria problema suficiente na casa agora

que Alice havia recobrado a memória, e, de alguma forma, meu trabalho agora era acabar com os problemas (primeiro os de Rufus, agora os de Alice) da melhor maneira que pudesse.

Consegui terminar de preparar o jantar, apesar de não estar prestando atenção nele. Havia a sopa que Sarah deixara cozinhando, peixe para fritar, presunto que estava duro como pedra antes de Sarah deixá-lo de molho e depois fervê-lo, frango para fritar e broa de milho e molho para fazer, as batatas esquecidas de Alice para terminar, pão para assar no pequeno forno a lenha perto da lareira, legumes e a salada, uma sobremesa com pêssego açúcarado. - Weylin cultivava pêssegos -, um bolo que Sarah já tinha feito, graças a Deus, café e chá. Haveria pessoas para ajudar a comer tudo aquilo. Normalmente havia. E todos eles comiam muito. Não à toa o principal remédio da época era o laxante.

Preparei a comida quase na hora certa e, então, tive que caçar os dois menininhos cuja tarefa era levar a comida da cozinha à mesa e servi-la. Quando os encontrei, eles perderam algum tempo encarando Alice, que agora estava calada, e depois resmungaram porque fiz com que fossem lavar as mãos. Por fim, minha amiga de lavagens, Tess, que também trabalhava na casa grande, correu para fora e disse: - O Senhor Tom mandou servi a comida!

- A mesa foi posta?

- Foi! Apesar de você não tê-lo dito nada.

Oops.

- Sinto muito, Tess. Pegue isto, me ajude. - Coloquei um prato de sopa tampado nas mãos dela. - Carrie está tendo o bebê agora, e a Sarah foi ajudá-la. Leve isto, está bem?

- E volto pra buscá mais?

- Por favor.

Ela se afastou depressa. Eu a havia ajudado a lavar as roupas muitas vezes; vinha fazendo o máximo que podia nos últimos tempos, porque Weylin casualmente havia

começado a levá-la para a cama e a machucara. Aparentemente, ela pagava suas dívidas.

Fui até o poço e chamei os meninos quando eles começavam uma guerra de água.

- Se vocês dois não entrarem na casa com aquela comida...!

- Você tá falando como a Sarah.

- Não estou, não. Vocês sabem o que ela estaria dizendo.

Sabem o que ela estaria fazendo também. Agora, andem! Senão vou pegar um chicote e ser como ela de verdade.

O jantar foi servido. De algum jeito foi. E tudo estava comestível. Talvez houvesse mais comida se Sarah tivesse cozinhado, mas o gosto não seria melhor. Sarah havia conseguido vencer minha incerteza, minha ignorância em relação à culinária com um fogão a lenha e me ensinando muita coisa.

Conforme a refeição acontecia e os restos começaram a voltar, tentei fazer Alice comer. Fiz um prato, mas ela o recusou, deu as costas para mim.

Ou ela permanecia olhando para o nada ou apoiava a cabeça na mesa por horas. Finalmente, começou a falar.

- Por que ocê não me falô? - perguntou ela, com amargura. - Podia tê dito algo, podia tê me tirado do quarto dele, da cama dele... Ah, Senhô, a cama dele! E pode sê que ele tenha cortado as orelha de meu Isaac com as própria mão.

- Ele não contou a ninguém que Isaac o surrou.

- Merda!

- É verdade. Ele não fez isso porque não queria que você se machucasse. Eu sei porque estava com ele até ele conseguir se recuperar. Cuidei dele.

- Se ocê tivesse bom senso, tinha deixado ele morrer!

- Se tivesse, ainda assim você e Isaac teriam sido pegos. Mas os dois poderiam ter sido mortos se alguém

imaginasse o que Isaac havia feito.

- Preta médica - disse ela, com desdém. - Pensa que sabe muito. Preta que lê. *Preta branca*\ Por que não achô que era melhó me deixá morrê?

Eu não disse nada. Ela estava ficando cada vez mais irritada, gritando comigo. Eu me virei de costas para ela com tristeza, dizendo a mim mesma que era melhor, mais seguro para ela extravasar seus sentimentos comigo do que com outra pessoa.

Em meio aos gritos dela naquele momento, eu ouvi o choro baixo de um bebê.

11

Carrie e Nigel deram ao filho magro, enrugado e negro deles o nome Jude. Nigel estava agitado e demonstrando sua felicidade até Weylin dar a ordem para que ele se calasse e voltasse ao trabalho no caminho coberto que ligaria a casa à cozinha. Mas alguns dias depois do nascimento do bebê, Weylin o chamou na biblioteca e entregou a ele um vestido novo para Carrie, um cobertor novo e uma muda de roupa nova para ele.

- Vê só - Nigel me disse mais tarde com certa amargura.
- Graças à Carrie e a mim, ele agora tem um preto a mais. - Mas, na frente dos Weylin, ele agradeceu de modo adequado.

- Obrigado, Senhor Tom. Sim, senhor. Obrigado. Boas roupa, sim, senhor...

Por fim, ele voltou à passagem coberta.

Enquanto isso, na biblioteca, ouvi Weylin dizer a Rufus:

- Você deveria ter dado alguma coisa para ele em vez de desperdiçar todo o seu dinheiro com aquela moça inútil.

- Ela está bem! - respondeu Rufus. - A Dana a curou. Por que diz que ela é inútil?

- Porque você vai ter que chicoteá-la demais de novo para conseguir o que quer dela!

Silêncio.

- Dana deveria bastar para você. Ela tem juízo. - Ele fez uma pausa. - Juízo demais, na verdade, eu diria, mas pelo menos ela não causaria problemas a você. Ela teve aquele tal de Franklin para lhe ensinar algumas coisas.

Rufus se afastou dele sem responder. Tive que me afastar bem depressa da porta da biblioteca, de onde estava escutando a conversa, quando ouvi que ele se

aproximava. Entrei na sala de jantar e saí de novo quando ele estava passando.

- Rufe.

Ele lançou um olhar para mim indicando que não queria ser perturbado, mas parou mesmo assim.

- Quero escrever outra carta.

Ele franziu a testa.

- Você tem que ser paciente, Dana. Não faz tanto tempo assim.

- Faz mais de um mês.

- Bem... não sei. Kevin pode ter se mudado de novo, pode ter feito qualquer coisa. Acho que você deveria esperar mais um pouco para que ele responda.

- Responder o quê? - perguntou Weylin. Ele havia feito o que Rufus previra: apareceu atrás de nós dois tão silenciosamente que eu não o havia notado.

Rufus olhou para o pai com azedume.

- A carta a Kevin Franklin avisando que ela está aqui.

- Ela escreveu uma carta?

- Eu mandei que escrevesse. Por que eu vou fazer algo que ela sabe fazer?

- Rapaz, você não tem juízo... — Ele se interrompeu abruptamente. - Dana, volte para o seu trabalho!

Eu me afastei me perguntando se Rufus havia demonstrado falta de juízo ao me deixar escrever a carta, em vez de ele próprio escrevê-la, ou ao enviá-la. Afinal, se Kevin nunca voltasse para mim, a propriedade de Weylin ganhava mais uma escrava. Ainda que eu provasse não ser muito útil, de qualquer modo ele podia me vender.

Estremeci. Tinha que convencer Rufus a me deixar escrever outra carta. A primeira podia ter se perdido, podia ter sido destruída ou enviada ao lugar errado. Coisas assim ainda aconteciam em 1976. Podiam ser muito piores nessa época tão antiga. E certamente Kevin desistiria de mim se eu voltasse para casa sem ele de novo, se o deixasse aqui

por mais longos anos. Se é que já não havia desistido de mim.

Tentei deixar essa ideia de lado. Ela me ocorria de vez em quando, apesar de tudo o que as pessoas me diziam parecer indicar que ele estava esperando. Ainda esperando.

Fui à área de lavagem para ajudar a Tess. Eu havia passado a quase gostar do trabalho. Ele me impedia de pensar. Os brancos achavam que eu era esforçada. A maioria dos negros achava que ou eu era idiota ou me dispunha a agradar demais aos brancos. Eu acreditava que estava mantendo meus medos e minhas dúvidas sob controle da melhor maneira, e conseguindo me manter relativamente sã.

Peguei Rufus sozinho no dia seguinte de novo, no quarto dele, dessa vez, onde não havia chance de sermos interrompidos. Mas ele não me deu atenção quando falei da carta. Estava pensando em Alice. Ela estava mais forte agora, e a paciência dele com ela já tinha acabado. Eu pensei que, em algum momento, ele a estupraria de novo, e mais vezes. Na verdade, estava surpresa por ele ainda não ter feito isso. Não imaginei que planejasse me envolver naquele estupro. Planejou e me envolveu.

- Converse com ela, Dana - disse ele depois de ignorar o assunto da carta. - Você é mais velha. Ela acha que você sabe de muita coisa. Converse com ela!

Ele estava sentado na cama olhando para a lareira apagada. Eu estava sentada à mesa olhando para a caneta de plástico transparente que havia emprestado a ele. Metade da tinta já tinha sido usada.

- O que diabos você anda escrevendo com isto? — perguntei.

- Dana, preste atenção!

Eu me virei para olhar para ele.

- Estou prestando.

- E então?

- Não posso impedi-lo de estuprar a moça, Rufe, mas também não vou ajudá-lo a fazer isso.

- Você quer que ela se machuque?

- Claro que não. Mas você já decidiu que vai machucá-la, não é?

Ele não respondeu.

- Deixe-a em paz, Rufe. Ela já não sofreu o bastante por sua causa?

Ele não a deixaria em paz. Eu sabia que não.

Seus olhos verdes brilharam.

- Ela nunca mais vai se afastar de mim. Nunca! - Ele respirou fundo, soltou o ar devagar. - Olha, o papai quer que eu a mande para o campo e fique com você.

- Ele quer?

- Ele acha que tudo o que eu quero é uma mulher. Qualquer mulher. Então, você. Ele diz que você provavelmente não me daria problema.

- Você acredita nele?

Ele hesitou, esboçou um sorriso.

- Não.

Mexi a cabeça, assentindo.

- Que bom.

- Conheço você, Dana. Você quer o Kevin como eu quero a Alice. E você teve mais sorte do que eu porque não importa o que acontecer agora, por um tempo ele também quis você. Talvez eu nunca tenha isso, os dois querendo, os dois se amando. Mas não vou desistir do que posso ter.

- O que você quer dizer com “não importa o que acontecer agora”?

- O que diabos você acha que quero dizer? Faz cinco anos! Você quer escrever outra carta. Já pensou que ele pode ter jogado a primeira carta fora? Talvez ele tenha ficado como Alice... querendo ficar com alguém como ele.

Eu não disse nada. Sabia o que ele estava fazendo, tentando dividir sua dor me machucando tanto quanto

estava machucado. E, claro, ele conhecia meu ponto fraco. Tentei manter uma expressão neutra, mas ele continuou.

- Uma vez, ele me disse que vocês estavam casados há quatro anos. Isso quer dizer que ele está longe de você aqui há mais tempo do que vocês ficaram juntos. Eu duvido que ele teria esperado o tanto que esperou se você não fosse a única pessoa que pudesse levá-lo de volta para casa, para sua época. Mas agora... vai saber. A mulher certa poderia tornar esta época boa para ele.

- Rufe, nada do que você disser para mim vai facilitar as coisas com a Alice.

- Ah, é? Que tal isto: converse com ela, coloque juízo na cabeça dela, ou você vai assistir a Jake Edwards batendo nela até ela mudar de ideia!

Olhei fixamente para ele, enojada.

- É isso o que você chama de amor?

Ele se levantou e veio do outro lado do quarto até a minha frente no mesmo instante. Eu fiquei ali onde estava, observando, assustada, e de repente, lembrei-me de minha faca e da rapidez com que poderia pegá-la. Ele não me bateria. Ele, não, nunca.

- Levante-se! - deu a ordem. Ele não me dava muitas ordens, e nunca tinha feito isso naquele tom. - Eu mandei se levantar!

Não me mexi.

- Tenho sido muito mole com você - disse ele. Sua voz de repente ficou baixa e feia. - Tratei você como se fosse melhor do que os pretos comuns. Vejo que errei!

- É possível - falei. - Estou esperando você me mostrar que errei.

Por vários segundos, ele ficou parado, olhando para mim de cima, com olhos arregalados como se quisesse me bater. Mas, por fim, relaxou, recostou-se na mesa.

- Você se acha branca! - murmurou. - Não sabe seu lugar, parece um animal selvagem.

Eu não disse nada.

- Você acha que é minha dona por ter salvado minha vida!

E eu relaxei, contente por não ter que tomar a vida que tinha salvado, contente por não ter que arriscar outras vidas, inclusive a minha.

- Se um dia eu te desejasse como desejo Alice, eu cortaria minha garganta - disse ele.

Eu esperava que esse problema nunca surgisse. Se acontecesse, um de nós teria que se cortar, com certeza.

- Me ajude, Dana.

- Não posso.

- Você pode! Você e mais ninguém. Vá falar com ela. Mande-a para mim. Vou tê-la com sua ajuda ou sem. Tudo o que quero é que você ajeite as coisas para que eu não tenha que bater nela. Você não é amiga dela se não fizer isso!

Dela! Ele era baixo como as pessoas de seu convívio. Não, eu não poderia me recusar a ajudar a garota, ajudá-la a evitar pelo menos parte da dor. Mas ela não me admiraria muito por ajudá-la desse modo. Eu não admirava a mim mesma.

- Faça isso! - sibilou ele.

Eu me levantei e fui procurá-la.

Ela estava estranha agora, instável, às vezes precisando de minha amizade, confidenciando a mim seus desejos perigosos por liberdade, seus planos malucos de fugir de novo; e, às vezes, odiando-me, culpando-me por seus problemas.

Uma noite, no sótão, ela chorou baixinho e me contou algo sobre Isaac. Parou de repente e perguntou: - Tem notícia de seu marido, Dana?

- Ainda não.

- Escreve outra carta, mesmo que guarde segredo.

- Estou cuidando disso.

- Não faz sentido você perdê seu marido também.

Mas momentos depois, sem motivo aparente, ela me atacou:

- Você devia se envergonhá, resmungando e chorando por causa de um lixo branco em forma de homem, negra como você é. Sempre tenta agir como branca. Preta branca se voltando contra sua gente!

Eu nunca me acostumei com seus ataques repentinos, com seus acessos, mas eu os tolerava. Eu a havia acompanhado por todos os outros estágios de cura e, de alguma forma, não podia abandoná-la agora. Na maior parte do tempo, eu não conseguia nem ficar brava. Ela era como Rufus. Quando se sentia ferida, atacava para ferir os outros também. Mas estava menos ferida a cada dia, e atacando menos. Estava se curando emocional e também fisicamente. Eu a havia ajudado a se curar. Agora, tinha que ajudar Rufus a abrir as feridas dela de novo.

Ela estava na casinha de Carrie, cuidando de Jude e de outros dois bebês maiores que alguém havia deixado com ela. Não tinha tarefas fixas ainda, mas, assim como eu, havia encontrado um trabalho próprio. Ela gostava de criança e gostava de coser. Ela pegava o tecido grosso e azul que Weylin comprava para os escravos e fazia peças resistentes com ele, enquanto crianças pequenas brincavam a seus pés. Weylin reclamava que ela parecia a velha Mary com as crianças e com a costura, mas ele levava as roupas dele para ela coser. Ela trabalhava melhor e mais depressa do que a escrava que tinha assumido grande parte da costura da velha Mary e, se tinha uma inimiga na fazenda, era aquela mulher, Liza, que agora corria perigo de ser mandada a fazer mais trabalho pesado.

Entrei na casinha e me sentei com Alice na frente da lareira apagada. Jude dormia ao lado dela no berço que Nigel tinha feito para ele. Os outros dois bebês estavam acordados e nus, enrolados em cobertores no chão, brincando com os próprios pés, em silêncio.

Alice olhou para mim e depois me entregou um vestido longo azul.

- Isto é procê - ela disse. - Tô cansada de te vê com essas calça.

Olhei para minha calça jeans.

- Estou tão acostumada a me vestir assim que às vezes me esqueço. Pelo menos, com ela, não preciso servir à mesa.

- Servi não é ruim. — Ela já tinha feito isso algumas vezes. - E se o Senhô Tom não fosse tão avarento, cê já tinha ganhado um vestido muito tempo atrás. Aquele homem ama o dinheiro mais do que ama Jesus.

Eu acreditava nisso piamente. Weylin tinha acordos com bancos. Eu sabia porque ele reclamava deles. Mas não sabia de compromissos que tinha com igrejas ou com grupos de oração em sua casa. Os escravos tinham que fugir à noite e correr risco passando pelos capatazes se quisessem freqüentar cultos religiosos de qualquer tipo.

- Pelo menos, cê vai tá parecendo uma mulher quando seu homem vié - disse Alice.

Respirei fundo.

- Obrigada.

- Agora diz o que veio me dizê... que não qué dizê.

Olhei para ela, assustada.

- Acha que não te conheço depois de tanto tempo? Tá escrito na sua cara que ocê não qué ficá aqui.

- Sim. Rufus me mandou falar com você. - Hesitei. -Ele quer você hoje à noite.

A expressão dela ficou mais séria.

- Ele mandô ocê me dizê isso?

- Não.

Ela esperou, olhando para mim com os olhos arregalados, exigindo que eu dissesse mais.

Eu não disse nada.

- Pois então pra que ele mandô ocê aqui?

- Para convencer você a aceitá-lo em silêncio e para dizer que você vai ser chicoteada dessa vez se resistir.

- Merda! Muito bem, já me contô. Agora sai daqui antes que eu jogue esse vestido na lareira e taque fogo.

- Não dou a mínima para o que você fizer com esse vestido.

Agora foi ela quem se assustou. Eu não costumava falar com ela desse jeito, nem mesmo quando ela merecia.

Eu me recostei me acomodando na cadeira feita por Nigel.

- Mensagem passada - falei. - Faça o que quiser.

- É o que vô fazê.

- Mas deveria olhar um pouco adiante. Adiante e nas três direções.

- Do que tá falando?

- Bem, parece que você tem três opções. Você ir a ele como ele está ordenando. Pode recusar, ser chicoteada, e então deixar que ele a leve à força ou pode fugir de novo.

Ela não disse nada, inclinada sobre sua costura fazendo pontos rápidos com a agulha apesar de suas mãos estarem tremendo. Eu me inclinei para brincar com um dos bebês, um dos que tinham se esquecido de seus pés e engatinhado até mim para mexer em meu sapato. Era um menininho curioso e gordinho de vários meses de vida que começou a tentar puxar os botões de minha blusa assim que eu o peguei no colo.

- Ele vai mijá nocê toda num minuto - disse Alice. -Ele gosta de fazê isso quando tá no colo.

Coloquei o bebê no chão depressa; na hora certa, no fim das contas.

- Dana?

Olhei para ela.

- O que vô fazê?

Hesitei, balancei a cabeça, em reprovação.

- Não posso dar conselhos. O corpo é seu.

- Não é meu. - Ela passou a sussurrar. - Não é meu, é dele. Ele pagô por ele, não?

- Pagou a quem? A você?

- Cê sabe que ele não me pagô! Ah, qual é a diferença? Certo ou errado, a lei diz que ele é meu dono agora. Não sei por que ele ainda não arranco meu couro. As coisa que eu disse pra ele...

- Você sabe por quê.

Ela começou a gritar.

- Eu devia levá uma faca comigo e cortá a garganta daquele maldito. - Arregalou os olhos para mim. - Vá dizê isso a ele! Diga que tô falando de matá ele!

- Diga você mesma.

- Faz seu trabalho! Vá contá! E para isso que ocê serve... pra ajudá os brancos a manter os preto quieto. É pra isso que ele mandô você aqui. Pode sê que te chamem de aia preta daqui uns anos. Vai cuidá da casa toda quando o velho morrê.

Dei de ombros e impedi o bebê curioso de enfiar o cardaço de meu sapato na boca.

- Vá dizê a ele, Dana. Mostra que ocê é a mulhé que ele precisa, não eu.

Eu não disse nada.

- Um homem branco, dois homem branco, que diferença faz?

-Um homem negro, dois homens negros, que diferença faz?

- Eu podia tê dez preto sem me voltá contra minha gente.

Dei de ombros de novo, recusando-me a discutir com ela. De que adiantaria?

Ela emitiu um som sem palavras e cobriu o rosto com as mãos.

- Qual é seu problema? - perguntou ela, irritada. - Por que me deixa falá c'ocê assim? Cê fez tudo o que podia por mim, talvez até salvá minha vida. Já vi gente morrê por

muito menos do que o que aconteceu comigo. Por que me deixa falá assim cocê?

- Por que você faz isso?

Ela suspirou, curvou o corpo ao se sentar na cadeira.

- Porque fico tão brava... tão brava que sinto a raiva na boca. E só posso despejá isso nocê... é a única pessoa que posso machucá e que não vai revidá.

- Não continue com isso - falei. - Tenho sentimentos como você.

- Cê qué que eu vá até ele?

- Não posso dizer isso. Você tem que decidir.

- Ocê iria?

Olhei para o chão.

- Estamos em situações diferentes. O que eu faria não importa.

- *Ocê iria pra ele?*

- Não.

- Mesmo ele sendo como seu marido?

- Ele não é.

- Mas... tá, mesmo ocê não... não odiando ele como eu odeio?

- Mesmo assim.

- Então também não vô.

- O que vai fazer?

- Não sei. Fugir?

Eu me levantei para sair.

- Pra onde vai? - perguntou ela, baixinho.

- Convencer o Rufus. Se eu me esforçar, acho que posso fazer com que ele deixe você em paz hoje. Assim, você ganha uma vantagem.

Ela soltou o vestido no chão e saiu da cadeira para me pegar.

- Não, Dana! Não vai. - Respirou fundo, e então pareceu desanimar. - Tô mentindo, não posso fugi de novo. Não posso. A gente sente fome, frio e fica doente fugindo, e tão cansada a ponto de não consegui andá. Aí, eles encontra a

gente e solta os cachorro... meu Deus, os cachorro... - Ela ficou em silêncio por um momento. - Vô até ele. Ele sabia que eu ia mais cedo ou mais tarde. Mas ele não sabe como eu queria tê coragem de matá ele!

12

Ela foi até ele. Ela se ajustou, tornou-se uma pessoa mais contida e obediente. Ela não matou, mas pareceu morrer um pouco.

Kevin não veio até mim, não escreveu. Rufus finalmente me deixou escrever outra carta, um pagamento por serviços prestados, creio eu, e a postou para mim. Mas mais um mês se passou e Kevin não respondeu.

- Não se preocupe com isso - disse Rufus. - Ele provavelmente se mudou de novo. Qualquer dia desses, vamos receber uma carta dele, enviada do Maine.

Eu não disse nada. Rufus havia se tornado falante e feliz, muito carinhoso com Alice, calada e tolerante. Ele bebia mais do que devia, às vezes, e numa manhã, depois de um dos exageros dele, Alice desceu a escada com o rosto todo inchado e cheio de hematomas.

Foi na manhã em que parei de me perguntar se deveria pedir para que ele me ajudasse a ir ao Norte encontrar Kevin. Eu não esperava que ele me desse dinheiro, mas podia ter me dado os malditos documentos de liberdade que parecessem oficiais. Podia até ter ido comigo, pelo menos até a fronteira da Pensilvânia. Ou poderia ter me impedido.

Ele já tinha encontrado um modo de me controlar: ameaçando os outros. Era mais seguro do que me ameaçar diretamente e funcionava. Era uma lição que, sem dúvida, ele havia aprendido com o pai. Weylin, por sua vez, sabia exatamente até onde ir com Sarah. Ele havia vendido apenas três de seus filhos e deixou uma por quem ela pudesse viver e a quem pudesse proteger. Eu não duvidava agora que ele podia ter encontrado um comprador para

Carrie, desesperada como ela estava. Mas Carrie era uma jovem útil. Além de trabalhar com afinco e muito bem, além de ter produzido um escravo novo e saudável, também mantivera a mãe, e agora o marido, na linha, sem nenhum esforço da parte de Weylin. Eu não queria saber o quanto Rufus tinha aprendido com os abusos que o pai fazia com ela.

Desejava ter meu mapa. Nele havia nomes de cidades para as quais eu podia fazer permissões para mim. Sem dúvida, algumas das cidades nele ainda não existiam, mas pelo menos com ele eu teria uma ideia melhor do que tinha pela frente. Teria que me arriscar sem ele.

Bem, pelo menos eu sabia que Easton ficava a alguns quilômetros ao Norte, e que a estrada que ia além da casa dos Weylin me levaria até lá. Infelizmente, também me levaria por muitos campos abertos, lugares onde seria quase impossível me esconder. E, com permissão ou sem, eu me esconderia dos brancos se pudesse.

Teria que levar comida: panqueca de farinha de milho, carne defumada, frutas secas, uma garrafa de água. Eu tinha acesso ao que precisava. Eu já tinha ouvido falar de escravos fugitivos que tinham morrido de fome antes de alcançar a liberdade, ou que tinham se envenenado porque eram tão ignorantes quanto eu e não sabiam quais plantas podiam comer na mata.

Na verdade, eu havia lido e ouvido falar de muitas histórias assustadoras a respeito do destino dos fugitivos, o que me fez permanecer com os Weylin por mais muitos dias além do que eu pretendia. Eu podia não ter acreditado nelas, mas tinha o exemplo de Isaac e de Alice. Foi adequado, então, que Alice me desse o empurrão de que precisava.

Eu estava ajudando Tess a lavar as roupas, suando e mexendo as sujas enquanto ferviam em uma panela grande de ferro, quando Alice se aproximou de mim, sorrateira,

olhando ao redor, os olhos arregalados e tomados pelo que eu reconheci como medo.

- Olha isso - disse para mim, sem nem olhar para Tess, que tinha parado de bater uma calça de Weylin para nos observar. Ela confiava em Tess. - Olha, eu andei mexendo onde não podia... no baú da cama do Senhô Rufe. Mas o que eu encontrei não parece que devia tá ali.

Ela tirou duas cartas do bolso do avental. Duas cartas, com o selo rompido, a parte da frente tomada pela minha caligrafia.

- Ah, meu Deus - sussurrei.

- São sua?

- Obrigada. Tome cuidado ao guardá-las.

- Cê também deve tomá cuidado — disse ela. Nossos olhos se encontraram e nós duas sabíamos do que ela estava falando.

Parti naquela noite.

Juntei a comida e peguei “emprestado” um dos chapéus velhos de Nigel para cobrir meus cabelos, que não eram muito compridos, felizmente. Quando pedi o chapéu para Nigel, ele só olhou para mim por muito tempo, e então o pegou para mim. Sem perguntas. Achei que ele não esperava vê-lo de novo.

Roubei uma calça velha de Rufus e uma camisa puída. Minha calça jeans e minhas camisas já eram muito familiares aos vizinhos, e o vestido que Alice havia feito para mim se parecia muito com os vestidos que todas as outras escravas da propriedade usavam. Além disso, eu havia decidido me tornar um rapaz. Com as roupas largas, velhas e definitivamente masculinas que eu tinha escolhido, minha altura e minha voz de contralto me ajudariam. Assim eu esperava.

Guardei tudo o que podia em minha bolsa de brim e a deixei em seu lugar sobre a esteira onde normalmente a usava como travesseiro. Minha liberdade de movimento era mais útil para mim agora do que já tinha sido. Eu podia ir

aonde queria e ninguém dizia: “O que está fazendo aqui? Por que não está trabalhando?”. Todo mundo pensava que eu estava trabalhando. Eu não era a esforçada e a boba que sempre trabalhava?

Por isso me deixaram em paz, e eu pude fazer meus preparativos. Até consegui entrar na biblioteca de Weylin. Então, no fim do dia, fui ao sótão com os outros empregados da casa e me deitei para esperar até todos adormecerem. Isso foi um erro.

Queria que os outros pudessem dizer que tinham me visto indo para a cama. Queria que Rufus e Tom Weylin perdessem tempo procurando por mim na fazenda no dia seguinte, quando percebessem que não me viam havia algum tempo. Eles não fariam isso se algum empregado da casa, uma das crianças, talvez, dissesse: “Ela não foi dormir ontem”.

Planejamento excessivo.

Eu me levantei quando os outros já estavam em silêncio havia algum tempo. Era cerca de meia-noite, e eu sabia que pela manhã já podia ter passado de Easton. Eu tinha conversado com outros que tinham atravessado essa distância. Mas antes de o sol nascer, eu teria que encontrar um lugar onde me esconder e dormir. Então, eu poderia escrever uma permissão para um dos outros lugares cujos nomes e localização eu havia aprendido na biblioteca dos Weylin. Havia um lugar perto do limite do condado chamado Wye Mills. Além desse ponto, eu partiria pelo nordeste, seguindo em direção a uma fazenda de um primo de Weylin, e em direção a Delaware para chegar à parte mais alta da península. Nesse caminho, esperava evitar muitos dos rios. Eu tinha a sensação de que eles tornariam minha viagem longa e difícil.

Eu me afastei da casa dos Weylin, andando pela escuridão com ainda menos confiança do que sentira quando fugi para a casa de Alice meses antes. Anos antes. Naquela época, eu não sabia muito bem o que havia a

temer. Nunca tinha visto um escravo fugidio ser pego, como Alice foi. Nunca tinha sentido o chicote em minhas costas. Nunca tinha sentido os socos de um homem.

Estava quase enjoada de medo, mas continuei andando. Tropecei em um pedaço de madeira no meio da estrada e primeiro xinguei, depois o peguei do chão. Ele era firme, sólido. Uma madeira como aquela já tinha me salvado uma vez. Agora, ela tirava um pouco de meu medo, dava-me confiança. Caminhei mais depressa, entrando na mata ao longo da estrada assim que passei pelos pastos dos Weylin.

O caminho levava ao norte, em direção à velha casinha de Alice, em direção à fazenda de Holman, em direção a Easton, que eu teria que contornar. A caminhada foi fácil pelo menos. Aquela área era plana, com apenas alguns montes que eu mal conseguia notar para quebrar a monotonia. A estrada atravessava matas escuras e densas que provavelmente tinham ótimos esconderijos. E a única água que vi seguia em correntes tão finas que mal molhavam meus pés. Mas não perdurariam. Elas se tornariam rios.

Eu me escondi de um negro velho que passou com uma carroça puxada por uma mula. Ele avançou murmurando algo, aparentemente sem temer capatazes nem outros perigos da noite. Invejei sua calma.

Eu me escondi de três brancos que vinham a cavalo. Havia um cachorro com eles, e eu temi que ele me farejasse e me entregasse. Felizmente, o vento estava a meu favor, e ele seguiu seu caminho. Mas outro cão me encontrou mais tarde. Ele veio correndo em direção a mim por um campo e por cima de uma cerca, latindo e rosnando. Eu me virei para recebê-lo quase sem pensar e o derrubei com o pedaço de madeira quando ele pulou em cima de mim.

Eu não sentia medo. Os cães com homens brancos me assustavam, os cães em matilhas; Sarah havia me contado sobre fugitivos que tinham sido despedaçados por matilhas

de cães usadas para procurá-los. Mas um único cão solitário não parecia oferecer grande ameaça.

No fim, o cachorro não me ameaçou nem um pouco. Eu o acertei, ele caiu, então se levantou e saiu mancando e chorando. Eu o deixei ir, contente por não ter tido que feri-lo mais. Em geral, eu gostava de cães.

Eu me apressei, querendo estar escondida se o barulho do cão chamasse atenção das pessoas. No entanto, a experiência me deixou um pouco mais confiante de minha habilidade de me defender, e os sons naturais da noite me perturbaram menos.

Cheguei à cidade e evitei o que pude ver dela, algumas construções escuras. Continuei caminhando, começando a me cansar, começando a me preocupar com o fato de o amanhecer não estar muito longe de acontecer. Eu não sabia se minha preocupação era real ou se vinha de minha vontade de descansar. Não foi a primeira vez que desejei estar usando um relógio quando Rufus me chamava.

Continuei em frente até conseguir ver que o céu realmente estava clareando. E então, quando olhei ao redor me perguntando onde poderia encontrar abrigo para passar o dia, ouvi cavalos. Eu me afastei da estrada e agachei em meio a vários arbustos, mato e árvores novas. Eu estava acostumada a me esconder e não sentia mais medo do que das outras vezes em que me escondi. Ninguém tinha me visto ainda.

Havia dois cavaleiros avançando devagar pela estrada na minha direção. Muito lentamente. Estavam olhando ao redor, espiando no escuro entre as árvores. Vi que um deles estava guiando um cavalo de cor clara. Um cavalo cinza, vi quando ele se aproximou, um...

Eu me sobressaltei. Consegui não arfar, mas fiz um movimento leve e involuntário. E um graveto que eu não tinha visto estalou sob meu pé.

Os cavaleiros pararam quase à minha frente. Rufus no cavalo cinza que ele costumava montar, e Tom Weylin em

um animal mais escuro. Consegui vê-los claramente agora. Eles estavam me procurando... Já! Não deveriam nem saber que eu tinha partido ainda. Não poderiam saber... A menos que alguém tivesse contado. Alguém deve ter me visto partir, alguém além de Rufus e de Tom Weylin. Eles simplesmente teriam me parado. Deveria ter sido um dos escravos. Alguém me traía. E agora eu havia me traído.

- Ouvi algo - disse Tom Weylin.

E Rufus:

- Eu também. Ela está em algum lugar por aqui.

Eu me encolhi, tentei ficar menor sem me movimentar para não fazer mais barulho.

- Para o inferno, aquele Franklin. - Ouvi Rufus dizer.

- Você está amaldiçoando o homem errado - disse Weylin.

Rufus não respondeu.

- Olhe ali! - Weylin estava apontando para longe de mim, apontando a mata além de onde eu estava. Ele direcionou o cavalo para investigar o que tinha visto... e assustou um pássaro grande.

Os olhos de Rufus foram melhores. Ele ignorou o pai e foi direto a mim. Não poderia ter me visto, não poderia ter visto nada além de um possível esconderijo. Ele direcionou o cavalo para dentro dos arbustos que me escondiam, fez isso para passar em cima de mim ou para me forçar a sair.

E me forçou a sair. Eu me lancei para o lado, para longe das ferraduras do cavalo.

Rufus emitiu um grito e literalmente caiu em cima de mim. Caí com o peso dele, e a queda tirou a madeira de minha mão, deixando-a na posição certa para me derrubar.

Ouvi minha camisa roubada rasgar, senti a ripa de pontas lascadas raspar a lateral de meu corpo...

- Ela está aqui! - gritou Rufus. - Consegui achar!

Ele conseguiria outra coisa também se eu pegasse minha faca. Eu me abaixei em direção à bainha no tornozelo

com ele ainda em cima de mim. De repente, senti a lateral do corpo arder de dor.

- Venha me ajudar e segure ela! - gritou ele.

O pai dele se aproximou e me deu um chute no rosto.

Isso me deteve. Ao longe, eu ouvi Rufus gritar, um grito estranhamente baixo:

- Você não precisava fazer isso!

Não ouvi a resposta de Weylin enquanto perdia a consciência.

13

Acordei com mãos e pés amarrados, sentindo um latejar rítmico no lado do corpo, minha mandíbula sem latejar. A dor nela era um grito constante. Levei a língua à gengiva e descobri que dois dentes do lado direito não estavam mais ali.

Eu tinha sido jogada em cima do cavalo de Rufus como um saco de grãos, cabeça e pés para fora, sangue escorrendo de minha boca na bota familiar que indicava que era sobre o cavalo de Rufus que eu estava.

Fiz um barulho, uma espécie de gemido engasgado, e o cavalo parou. Senti Rufus se mexer, e então me apearam, colocaram-me no mato alto no canto da estrada. Rufus olhou para mim.

- Sua idiota - disse ele, baixinho. Pegou seu lenço e limpou o sangue de meu rosto. Eu me retraí, com as lágrimas enchendo meus olhos de repente e com a dor que aumentou de forma assustadora.

- Idiota! - repetiu Rufus.

Fechei os olhos e senti as lágrimas escorrerem em direção a meus cabelos.

- Se me der sua palavra de que não vai tentar me atacar, eu solto você.

Depois de um tempo, assenti com a cabeça. Senti suas mãos em meus punhos, em meus tornozelos.

- O que é isto?

Pensei que tivesse encontrado minha faca. Agora, ele me amarraria de novo. É o que eu teria feito em seu lugar. Olhei para ele.

Ele estava desamarrando a bainha vazia de meu tornozelo. Era só um pedaço de couro mal cortado e mal

costurado. Aparentemente, eu havia perdido a faca em meu confronto com ele. Mas, sem dúvida, a forma da bainha deixava claro o que guardava. Ele olhou para ela, depois para mim. Por fim, meneou a cabeça com seriedade e, com um movimento brusco, jogou a bainha longe.

- Levante-se.

Tentei. No fim, ele teve que me ajudar. Meus pés estavam amortecidos por terem sido amarrados, ganhando vida e doendo. Se Rufus decidisse me fazer correr atrás de seu cavalo, eu seria arrastada até morrer.

Ele percebeu que eu estava com a mão ao lado do corpo enquanto me levava de volta a seu cavalo e parou para tirar minha mão e olhar para o ferimento.

- Arranhão - disse ele. - Você teve sorte. Você ia me bater com uma madeira, é? E o que mais pretendia fazer?

Não disse nada, pensei nele direcionando o cavalo com tudo para o ponto de onde eu mal tinha conseguido sair a tempo.

Em cima do cavalo, ele limpou mais sangue do meu rosto, com uma mão firme no topo de minha cabeça para que eu não me afastasse. De alguma forma, tolerei.

- Agora, você tem dentes faltando - observou. - Bom, se você não abrir muito a boca para rir, ninguém vai notar. Não foram os dentes da frente.

Cuspi sangue, e ele não notou que fiz um comentário sobre o tamanho da sorte que aquilo significava.

- Certo - disse ele. - Vamos.

Eu esperei que ele me amarrasse atrás do cavalo ou me jogasse por cima dele como um saco de grãos de novo. Mas ele me colocou à frente dele na sela. Só então vi que Weylin nos esperava alguns metros adiante.

- Como dá para ver - disse o velho negra educada não quer dizer negra esperta, não é? - Ele se virou como se não esperasse uma resposta. E não recebeu nenhuma.

Eu me mantive ereta e rígida, conseguindo manter o corpo reto até Rufus dizer:

- Encoste em mim ou vai cair! Você tem mais orgulho do que juízo.

Ele estava enganado. Naquele momento, eu não tinha orgulho nenhum. Eu me recostei nele, desesperada à procura de suporte, e fechei os olhos.

Ele não disse nada mais por bastante tempo, só quando nos aproximamos da casa. Então:

- Você está acordada, Dana?

Eu me endireitei.

- Sim.

- Você vai ser chicoteada - disse ele. - Você sabe disso.

De certo modo, eu não sabia. A gentileza dele havia me enganado. Agora, pensar em ser ferida me assustava ainda mais. O chicote, de novo.

- Não!

Sem pensar e sem querer, eu joguei uma das pernas para fora e escorreguei do cavalo. Meu corpo doía, minha boca doía, meu rosto ainda sangrava, mas nada disso era tão ruim quanto o chicote. Corri em direção às árvores distantes.

Rufus me pegou com facilidade e me segurou, xingando, machucando-me.

- Aguarde as chibatadas! - sibilou. - Quanto mais teimar, mais ele vai te machucar!

Ele? Weylin me chicotearia, então, ou o feitor, Edwards?

- Aja como se tivesse juízo! - Rufus exigiu enquanto eu lutava.

Eu estava agindo como uma louca. Se estivesse com minha faca, certamente teria matado alguém. Mas, naquela situação, consegui deixar arranhões e hematomas em Rufus, no pai dele e em Edwards, que foi chamado para ajudar. Eu estava totalmente fora de mim. Nunca antes havia sentido uma vontade tão desesperadora de matar outro ser humano.

Eles me levaram ao celeiro e amarraram minhas mãos e ergueram o objeto no qual as haviam amarrado acima de

minha cabeça. Quando eu mal conseguia alcançar o chão com os pés, Weylin rasgou minhas roupas e começou a me bater.

Ele me bateu até eu balançar de um lado a outro pelos punhos, meio maluca de dor, incapaz de me apoiar, incapaz de aguentar a pressão do corpo pendurado, incapaz de escapar dos golpes constantes...

Ele me bateu até eu tentar me fazer acreditar de que ele me mataria. Eu disse isso em voz alta, gritei, e os golpes pareciam enfatizar minhas palavras. Ele me mataria. Com certeza, ele me mataria se eu não escapasse, se não me salvasse, se não fosse *para casal*

Não deu certo. Aquilo era só castigo, e eu sabia. Nigel havia enfrentado. Alice enfrentara coisa pior. Os dois estavam vivos e saudáveis. Eu não ia morrer, mesmo que, conforme a surra continuava, eu tivesse desejado morrer. Qualquer coisa para parar a dor! Mas não houve nada. Weylin teve muito tempo para acabar de me chicotear.

Eu não percebi Rufus me desamarrando, me levando para fora do celeiro e para dentro da casinha de Carrie e de Nigel. Não percebi quando orientou Alice e Carrie a me lavar e a cuidar de mim como eu havia cuidado de Alice. Sobre isso, Alice me contou depois; como ele exigiu que tudo usado em mim fosse limpo, como insistiu para que a ferida feia e profunda na lateral de meu corpo (o tal arranhão) fosse limpo e coberto cuidadosamente com faixas.

Ele já tinha saído quando acordei, mas ele me deixou Alice. Ela estava ali para me acalmar e para me dar os comprimidos que eu vi serem minhas aspirinas insuficientes, e para garantir que meu castigo tinha acabado, que eu estava bem. Meu rosto estava quase inchado demais para eu pedir água com sal para lavar a boca. Depois de tentar várias vezes, no entanto, ela entendeu e a trouxe para mim.

- Descansa - disse ela. - Carrie e eu vamo cuidá d'ocê tão bem quanto ocê cuidô de mim.

Não tentei responder. Mas as palavras dela me tocaram de alguma forma, fizeram-me começar a chorar baixinho. Éramos um fracasso, ela e eu. Nós duas tínhamos fugido e tínhamos sido trazidas de volta, ela depois de dias, eu, depois de algumas horas. Eu provavelmente sabia mais do que ela a respeito da disposição dos pontos da Costa Leste. Ela só conhecia a região onde tinha nascido e crescido e não sabia ler um mapa. Eu sabia de cidades e rios a quilômetros de distância, e esse conhecimento de nada tinha adiantado para mim! O que Weylin dissera? Que ser educada não significava ser esperta. Ele tinha certa razão. Nada na minha educação ou no conhecimento do futuro havia me ajudado a escapar. Ainda assim, em alguns anos, uma fugidia analfabeta chamada Harriet Tubman¹ entraria dezenove vezes nesse país para levar trezentos fugitivos à liberdade. O que eu tinha feito de errado? Por que eu continuava sendo escrava de um homem que retribuía por eu ter salvado sua vida quase me matando? Por que eu tinha apanhado de novo? E por quê... por que estava assustada agora, muito assustada, pensando que, mais cedo ou mais tarde, teria que fugir de novo?

Gemi e tentei não pensar nisso. A dor de meu corpo bastava para me conter. Mas agora havia uma pergunta em minha mente que tinha que ser respondida.

Eu tentaria de novo? Conseguiria?

Eu me mexi, remexi-me de alguma forma, saindo da posição de bruços e me deitando de lado. Tentei fugir de meus pensamentos, mas eles não paravam de me atormentar.

Está vendo como as pessoas são escravizadas com facilidade?, eles me diziam.

Gritei como se fosse pela dor na lateral do corpo, e Alice se aproximou para me colocar numa posição menos dolorosa. Limpou meu rosto com um pano frio e úmido.

- Vou tentar de novo - disse a ela. E me perguntei por que estava dizendo aquilo, se estava me gabando ou mentindo, talvez.

- O quê? - perguntou ela.

Meu rosto e a boca inchados ainda distorciam minha fala. Eu teria que repetir as palavras. Talvez elas me dessem coragem se eu as dissesse com muita frequência.

- Vou tentar de novo. - Falei do jeito mais lento e claro que consegui.

- Descansa! - A voz dela de repente ficou rouca, e eu soube que ela tinha entendido. - Vai tê muito tempo pra falá mais tarde. Vá dormi.

Mas não consegui dormir. A dor me manteve acordada; meus pensamentos me mantiveram acordada. Eu fiquei pensando se seria vendida a algum negociante de passagem dessa vez... ou da próxima... Queria meus comprimidos de dormir para me tirar desses pensamentos, mas, por um lado, eu ficava feliz por não tê-los. Eu não confiava em mim no momento. Não sabia bem quantos poderia acabar tomando.

14

Liza, a costureira, caiu e se machucou. Alice me contou tudo a respeito. Liza estava machucada e cheia de hematomas. Perdeu alguns dentes. Ficou com o corpo todo azulado e preto. Até mesmo Tom Weylin ficou preocupado.

- Quem fez isso com você? - perguntou ele. - Fale, e a pessoa será punida!

- Eu caí - disse ela, com tristeza. - Caí na escada.

Weylin a chamou de burra e mandou que ela saísse da frente dele.

E Alice, Tess e Carrie esconderam seus arranhões e lançaram a Liza olhares calados e significativos. Olhares que Liza recusou retribuir com raiva e medo.

- Ela ouviu quando ocê acordô no meio da noite - Alice me contou. - Ela acordô atrás d'ocê e foi direto com o Senhô Tom. Ela sabia que não devia procurá o Senhô Rufus. Talvez ele deixasse ocê parti. O Senhô Tom nunca deixô um preto fugi na vida.

- Mas por quê? - perguntei de minha esteira. Eu estava mais forte agora, mas Rufus tinha me proibido de levantar. Pela primeira vez, obedeci contente. Sabia que, quando me levantasse, Tom Weylin esperaria que eu trabalhasse como se estivesse totalmente bem. Além disso, eu havia perdido o "acidente" de Liza.

- Ela fez isso pra me atingi - disse Alice. - Preferia que eu tivesse fugido naquela noite, mas também detesta ocê, quase do mesmo jeito. Ela acha que eu teria morrido se não fosse ocê.

Fiquei assustada. Nunca tivera um inimigo de verdade, alguém que se esforçasse para fazer com que eu me machucasse ou morresse. Para os feitores e capatazes, eu

era só mais uma preta que valia uns dólares. O que faziam comigo não tinha muito a ver comigo pessoalmente. Mas ali estava uma mulher que me odiava e que, por simples maldade, quase havia me matado.

- Ela vai ficá quieta da próxima vez - disse Alice. - Nós disse a ela o que vai acontecê se ela não ficá. Agora ela tá com mais medo de nós do que do Senhô Tom.

- Não arrumem encrenca por minha causa - falei.

- Não vem dizê o que a gente deve fazê - respondeu ela.

15

No primeiro dia em que me levantei, Rufus me chamou em seu quarto e me entregou uma carta de Kevin a Tom Weylin.

“Caro Tom”, estava escrito. “Pode ser que não haja necessidade de enviar esta carta, já que espero chegar antes dela. Mas se algo me fizer demorar, quero que o senhor e Dana saibam que estou a caminho. Por favor, diga a ela que estou a caminho.”

Era a letra de Kevin, inclinada, clara, organizada. Apesar dos anos de anotações e rascunhos feitos à mão, a caligrafia dele nunca tinha ficado feia como a minha. Olhei para Rufus sem expressão.

- Certa vez, eu disse que o papai era justo - disse ele. - Você só deu risada.

- Ele escreveu para Kevin sobre mim?

- Ele escreveu depois... depois...

- Depois que soube que você não tinha enviado minhas cartas?

Ele arregalou os olhos surpreso e lentamente fez cara de quem entendia.

- Então foi por isso que você fugiu. Como descobriu?

- Sendo curiosa. - Olhei para o baú da cama. - Satisfazendo minha curiosidade.

- Você poderia ser açoitada por mexer nas minhas coisas.

Dei de ombros com desdém e senti uma leve dor nas costas ainda cheias de cascas das feridas.

- Nem percebi que minhas coisas tinham sido vasculhadas. Vou ter que ficar mais atento com você agora.

- Por quê? Pretende mentir mais vezes para mim?

Ele se sobressaltou, começou a se levantar, mas voltou a se sentar, largando o peso do corpo e encostando uma bota engraxada na cama.

- Cuidado com o que diz, Dana. Há coisas que não vou aceitar, nem mesmo vindas de você.

- Você mentiu - repeti de propósito. - Você mentiu para mim muitas vezes. *Por quê*, Rufe?

Ele precisou de vários segundos para se acalmar, substituindo a raiva por outra coisa. Eu o observei, a princípio, e então desviei o olhar, incomodada.

- Eu queria manter você aqui - sussurrou ele. - Kevin detesta este lugar. Ele teria levado você para o Norte.

Olhei para ele de novo e me permiti compreender. Era aquele amor destrutivo e cego dele. Ele me amava. Não da maneira com que amava Alice, graças a Deus. Não parecia querer dormir comigo. Mas me queria por perto, alguém com quem conversar, alguém que o ouvisse e se importasse com o que ele dissesse, que se importasse com ele.

E eu me importava. Por menos sentido que isso fizesse, eu me importava. Só podia ser isso. Eu o perdoava por tudo o tempo todo.

Olhei pela janela me sentindo culpada, sentindo que deveria ter sido mais como Alice. Ela não perdoava nada, não se esquecia de nada e o detestava com a mesma intensidade com que amara Isaac. Eu não a julgava. Mas de que servia o ódio dela? Ela não podia fugir de novo, nem matá-lo nem enfrentar a própria morte. Não podia fazer nada além de se sentir mais triste. Ela disse: "Meu estômago embrulha sempre que ele me toca!" Mas ela suportava. Em algum momento, ela teria pelo menos um filho dele. E, por mais que eu me importasse com ele, não teria feito isso. Não conseguiria fazer. Duas vezes ele havia me feito perder o controle a ponto de tentar matá-lo. Eu podia me enfurecer com ele a esse ponto, apesar de conhecer as conseqüências de matá-lo. Ele era capaz de causar em mim uma furia irracional. De algum modo, eu

não aceitava dele o tipo de agressão que tolerava dos outros. Se um dia ele me estuprasse, seria improvável que um de nós sobrevivesse.

Talvez por isso não nos odiássemos. Podíamos ferir um ao outro com seriedade, matar um ao outro depressa, movidos pelo ódio. Ele era como um irmão menor para mim. Alice era como uma irmã. Era muito difícil vê-lo machucando-a, saber que ele tinha que continuar ferindo-a para que minha família existisse. E, naquele momento, para mim foi difícil falar com calma a respeito do que ele tinha feito comigo.

- Norte - disse por fim. - Sim, pelo menos lá não me arrancariam o couro.

Ele suspirou.

- Eu não queria que o papai chicoteasse você. Mas, que inferno, você não sabe que apanhou pouco! Ele não machucou você nem perto do que já machucou outros.

Eu não disse nada.

- Ele não poderia deixar um fugitivo não ser punido. Se fizesse isso, mais dez fugiriam amanhã. Mas ele não exagerou com você, porque achou que sua fuga foi minha culpa.

- E foi.

- Foi culpa sua! Se tivesse esperado...

- Esperar o quê? Eu confiava em você. Eu esperei até descobrir que você estava mentindo!

Ele ouviu sem reagir com raiva dessa vez.

- Ah, que inferno, Dana... tudo bem! Eu deveria ter enviado as cartas. Até o papai disse que eu deveria tê-las postado depois de dizer que as postaria. Depois, disse que eu era um idiota por ter prometido. - Ele fez uma pausa. - Mas a promessa foi a única coisa que fez com que ele chamasse Kevin. Ele não fez isso por gratidão a você por ter me ajudado. Fez isso porque eu tinha dado minha palavra. Não fosse por isso, ele teria deixado você aqui até você

voltar para casa. Se é que você vai voltar para casa dessa vez.

Permanecemos em silêncio por um momento.

- O papai é o único homem que conheço - disse ele baixinho - que se importa tanto em dar sua palavra a um negro quanto a um branco.

- Isso te incomoda?

- Não! É uma das poucas coisas nele que eu respeito.

- É uma das poucas coisas nele que você deveria copiar.

- E. - Ele tirou o pé de cima da cama. - Carrie está trazendo uma bandeja aqui para podermos comer juntos.

Isso me surpreendeu, mas só assenti com a cabeça.

- Suas costas não doem muito mais, doem?

- Sim.

Ele olhou com tristeza pela janela até Carrie chegar com a bandeja.

16

Voltei a ajudar Sarah e Carrie no dia seguinte. Rufus disse que eu não precisava fazer isso, mas, por mais tedioso que o trabalho fosse, eu conseguia aguentá-lo com mais facilidade do que conseguia aguentar as várias horas de tédio. E agora que eu sabia que Kevin estava vindo, minhas costas e a lateral de meu corpo não pareciam doer tanto.

Então, Jake Edwards chegou e destruiu minha paz recém-adquirida. Era impressionante quanta tristeza o homem era capaz de causar fazendo o mesmo trabalho que Luke conseguia fazer sem machucar ninguém.

- Você! - disse ele a mim. Ele sabia meu nome. - Vá lavar as roupas. Tess vai aos campos hoje.

Pobre Tess. Weylin cansara de tê-la como mucama e a passara casualmente a Edwards. Ela temia que Edwards a enviasse aos campos, onde pudesse ficar de olho nela. Com Alice e comigo na casa, ela sabia que poderia ser descartada. Chorara de medo de ser descartada.

- A gente faz tudo o que eles manda - disse ela, chorando - e eles ainda trata a gente como cachorro velho. Vem aqui, abra as pernas; vá ali, apanhe. Eles não se importa! - Ela havia ficado ao meu lado chorando enquanto eu estava deitada de barriga para baixo, com dor e sabendo que não estava tão mal quanto pensava.

Mas ficaria muito pior agora se obedecesse ao Edwards. Ele não tinha direito de me dar ordens e sabia disso. Tinha autoridade com os escravos do campo. Mas naquele dia, Rufus e Tom Weylin tinham ido à cidade e deixado Edwards no comando, dando a ele várias horas para mostrar como era “importante”. Eu o ouvira do lado de fora da cozinha tentando perturbar Nigel. E tinha ouvido a resposta de

Nigel, primeiro acalmando os ânimos: “Só estou fazendo o que o Senhô Tom mandô”. Por fim, ameaçou: “Senhô Jake, se pusé a mão em mim, vai se machucá. Pronto, é isso!”.

Edwards se afastou. Nigel era grande, forte, a quem não deveríamos fazer ameaças vazias. Além disso, Rufus costumava defender Nigel, e Weylin costumava defender Rufus. Edwards havia xingado Nigel, e então foi à cozinha para me perturbar. Eu não tinha tamanho nem força para assustá-lo, muito menos agora. Mas eu sabia o que um dia lavando roupas faria com as minhas costas e com meu flanco ferido. Eu já tinha suportado dor demais, com certeza.

- Senhor Edwards, não devo lavar as roupas. O Senhor Rufus mandou que eu não lavasse. - Era mentira, mas Rufus provavelmente me apoiaria. Em algumas coisas, eu ainda podia confiar nele.

- Sua preta mentirosa, faça o que *eu* mando você fazer!
- Edwards parou na minha frente. - Você acha que foi chicoteada? Não sabe o que é ser chicoteada ainda! - Ele andava com seu chicote. Era como se fosse uma extensão de seu braço: comprido e preto com a ponta de aço. Ele soltou a ponta do objeto.

E eu saí, Deus que me ajudasse, e tentei lavar as roupas. Não conseguiria aguentar outra surra em tão pouco tempo. Simplesmente não conseguiria.

Quando Edwards se foi, Alice saiu da casinha de Carrie e começou a me ajudar. Senti o suor de meu rosto se misturando com as lágrimas silenciosas de frustração e ira. Eu já sentia a dor nas costas aumentando pouco a pouco, e a vergonha me tomando pouco a pouco. A escravidão era um processo que matava pouco a pouco.

- Para de lavá as roupa deles antes que caia - disse Alice. - Eu faço isso. Ocê volta pra cozinha.

- Talvez ele volte - falei. - Você pode ter problemas. -Eu não estava preocupada com o problema que ela poderia ter.

Estava preocupada com o meu. Não queria ser arrastada para fora da cozinha e açoitada de novo.

- Eu não - disse ela. - Ele sabe onde durmo à noite.

Assenti. Ela tinha razão. Desde que estivesse sob a proteção de Rufus, Edwards podia xingá-la, mas não tocaria nela. Assim como não tinha tocado em Tess até Weylin não mais usá-la...

- Obrigada, Alice, mas...

- Quem é aquele?

Olhei ao redor. Havia um homem branco, de barba grisalha e empoeirado, dando a volta na casa grande em nossa direção. A princípio, pensei ser o ministro metodista. Era um amigo e às vezes convidado por Tom Weylin para jantar, apesar de Weylin não se importar com religião. Mas nenhuma criança se aproximou desse homem enquanto ele passava. Elas cercavam o ministro e também a esposa dele quando ele a levava. O casal distribuía doces e versículos “seguros” da Bíblia (“Servos, sejam obedientes a seus senhores...”). Ganhavam doces por repetirem os versículos.

Vi duas menininhas olhando para o desconhecido de barba grisalha, mas ninguém se aproximou dele nem falou com ele. Ele veio em nossa direção, parou e ficou olhando para nós duas, desconfiado.

Abri a boca para dizer que os Weylin não estavam em casa, mas naquele momento, dei uma boa olhada nele. Larguei uma das camisas brancas e novas de Rufus na terra e me encostei na cerca.

- Dana? - disse ele baixinho. O tom de interrogação em sua voz me assustou. Ele não me conhecia? Será que eu tinha mudado tanto? Ele não havia mudado, com barba ou sem.

- Kevin, desça. Não alcanço você aí em cima.

E ele apeou, passou por cima das roupas e da cerca, me puxando contra seu corpo antes que eu conseguisse respirar.

A dor em minhas costas e nos ombros voltou a ficar forte. De repente, eu estava me esforçando para conseguir me afastar dele. Ele me soltou, confuso.

-Mas o que...?

Eu me lancei a ele de novo porque não consegui ficar longe, mas segurei seus braços antes que ele me envolvesse.

- Não me abrace. Minhas costas estão machucadas.

- Machucadas por quê?

- Por ter fugido para te encontrar. Ah, Kevin...

Ele me abraçou, delicadamente dessa vez, por vários segundos, e eu pensei que se pudéssemos ir para casa, naquele momento, tudo ficaria bem.

Por fim, Kevin se afastou um pouco, olhando para mim sem me soltar.

- Quem bateu em você? - perguntou ele, baixinho.

- Eu já disse, eu fugi.

- Quem? - ele insistiu. - Foi o Weylin de novo?

- Kevin, esqueça isso.

- Esquecer...?

- Sim! Por favor, esqueça. Pode ser que eu tenha que viver aqui um dia de novo. - Balancei a cabeça. - Odeie o

Weylin o quanto quiser. Eu o odeio. Mas não faça nada contra ele. Vamos só sair daqui.

- Então foi ele.

- Foi!

Ele se virou lentamente e olhou em direção à casa grande. Seu rosto tinha marcas de expressão e estava sério onde a barba não cobria. Parecia mais de dez anos mais velho do que era quando eu o vi pela última vez. Havia uma cicatriz torta em sua testa, o resquício do que deveria ter sido um ferimento grave. Aquele lugar, aquela época, não tinham sido muito gentis com ele, assim como não tinham sido comigo. Mas o que havia acontecido com ele? O que ele podia estar disposto a fazer agora que não teria feito antes?

- Kevin, por favor, deixe isso para lá.

Ele olhou fixamente para mim por mais um momento, e então suspirou, passou a mão pela testa. Olhou para Alice e, como não falou com ela, só ficou olhando, eu também me virei para olhar para ela.

Ela nos observava, observava de olhos secos, mas com uma dor como eu nunca tinha visto no rosto de outra pessoa. Meu marido havia voltado para mim, finalmente. O dela não voltaria para ela. Em seguida, o rosto mudou e ela voltou a mostrar a máscara de coragem.

- É melhor o senhô fazê o que ela tá mandando - ela disse a Kevin, com delicadeza. - Tire ela daqui enquanto pode. Não dá pra sabê o que nossos "bom senhor" vão fazê se isso não acontecê.

- Você é Alice, não é? - perguntou Kevin.

Ela assentiu como não teria feito a Weylin e a Rufus. Eles teriam recebido um seco "sim, senhor".

- Eu costumava te vê por aqui às vezes - disse ela. - Na época quando as coisas fazia sentido.

Ele emitiu um som, não exatamente uma risada.

- Houve um tempo assim? - Ele olhou para mim, e então para ela de novo, comparando. - Santo Deus - murmurou ele. E disse a ela: - Você não terá problemas terminando o trabalho sozinha?

- Vai dá certo - disse ela. - Tira ela daqui.

Ele finalmente pareceu convencido.

- Pegue suas coisas - disse a mim.

Quase pedi para ele se esquecer das minhas coisas. Roupas extras, remédio, escova de dente, canetas, o que fosse. Mas aqui, algumas dessas coisas eram insubstituíveis. Pulei a cerca, fui para a casa e subi até o sótão o mais rápido que pude e enfiei tudo na minha bolsa. Consegui sair sem ser vista, sem ter que responder a perguntas.

Próximo à cerca da área de lavagem, Kevin esperava, oferecendo algo para sua égua comer. Olhei para ela,

tentando imaginar o tamanho de seu cansaço. Por quanto tempo conseguiria carregar duas pessoas até precisar descansar? Olhei para ele quando me aproximei e vi cansaço em seu rosto marcado e empoeirado. Tentei imaginar a rapidez com que ele havia viajado para me encontrar. Quando fora a última vez que havia dormido?

Por um momento, ficamos perdendo tempo, olhando um para o outro. Não conseguíamos parar; eu não conseguia, pelo menos. Mesmo com as novas marcas de expressão, ele estava muito lindo.

- Cinco anos se passaram para mim - disse ele.

- Eu sei - sussurrei.

De repente, ele se virou para a frente.

- Vamos! Vamos deixar este lugar para trás para sempre. Por favor, Deus. Mas não era muito provável. Eu me virei para dizer adeus a Alice, chamei seu nome uma vez. Ela estava batendo uma calça de Rufus e continuou batendo sem pausa no ritmo que indicasse que tinha me ouvido.

- Alice! - chamei mais alto.

Ela não se virou, não parou de bater e bater aquela calça, mesmo eu tendo certeza de que tinha me ouvido agora. Kevin pousou uma mão em meu ombro e eu olhei para ele, e de novo para ela.

- Adeus, Alice - falei, dessa vez sem esperar resposta. E não recebi.

Kevin montou e me ajudou a me acomodar atrás dele. Enquanto nos afastávamos, eu me inclinei nas costas suadas dele e esperei que as batidas constantes de Alice parassem. Mas ainda conseguíamos ouvi-las ao longe quando encontramos Rufus na estrada.

Rufus estava sozinho. Fiquei contente por isso, pelo menos. Mas ele parou alguns metros à nossa frente, franzindo a testa, bloqueando nossa passagem de propósito.

- Ah, inferno - murmurei.

- Vocês simplesmente estavam partindo - disse Rufus a Kevin. - Sem agradecer, sem nada, só pegá-la e partir.

Kevin olhou para ele fixamente e em silêncio por vários segundos; encarou até Rufus começar a aparentar desconforto em vez de indignação.

- Isso mesmo - disse Kevin.

Rufus hesitou.

- Olha - disse ele num tom mais tranquilo -, olha, por que não ficam para o jantar? Meu pai estará de volta até lá. Ele gostaria que vocês ficassem.

- Pode dizer a seu pai...!

Afundi os dedos no ombro de Kevin, interrompendo a torrente de palavras antes que se tornassem insultos no conteúdo, além do tom.

- Diga a ele que estávamos com pressa - Kevin terminou.

Rufus não saiu da nossa frente. Olhou para mim.

- Adeus, Rufe - falei baixinho.

E de repente, sem mudança perceptível de humor, Rufus se virou levemente e mirou o rifle em nós. Eu já sabia um pouco sobre armas de fogo. Não era inteligente da parte dos escravos que não fossem de confiança mostrar interesse nelas, mas eu já tinha sido de confiança antes de fugir. A arma de Rufus era um rifle *flintlock*, um rifle Kentucky comprido e mais fino. Ele até já tinha me deixado atirar com ele algumas vezes... antes. E eu havia mirado um como aquele. Mas, dessa vez, a arma estava mirada mais para Kevin. Olhei para a arma, depois para o jovem que a segurava. Eu achava que o conhecia, e ele não parava de me provar o contrário.

- Rufe, o que está fazendo? - perguntei.

- Convidando Kevin para jantar - disse ele. E disse para Kevin: - Desça. Acho que o papai talvez queira falar com você.

As pessoas sempre me alertavam sobre ele, dando a entender que era mais cruel do que aparentava. Sarah

havia me alertado e, na maior parte do tempo, ela o amava como se ele fosse um dos filhos que tinha perdido. E eu tinha visto as marcas que às vezes deixava em Alice. Mas ele nunca tinha agido assim comigo, nem mesmo quando estava irritado o suficiente para ser cruel. Eu nunca senti medo dele como sentia de seu pai. Mesmo agora, eu não estava tão temerosa quanto provavelmente deveria ter ficado. Não temia por mim. Foi por isso que eu o desafiei.

- Rufe, se for atirar em alguém, é melhor que seja em mim.

- Dana, cale-se! - disse Kevin.

- Você acha que eu não vou atirar? - perguntou Rufus.

- Eu acho que se você não atirar, eu vou matar você.

Kevin desceu depressa e me tirou de cima do cavalo. Ele não entendia o tipo de relacionamento que Rufus e eu tínhamos, como dependíamos um do outro. Mas Rufus entendia.

- Não precisa falar de matar ninguém - disse ele baixinho, como se estivesse acalmando uma criança irritada. E então, para Kevin, num tom mais normal: - Só acho que o papai deve ter algo a lhe dizer.

- Sobre o quê? - perguntou Kevin.

- Bem... sobre o sustento dela, talvez.

- Meu sustento! - explodi, afastando-me de Kevin. - Meu sustento! Eu trabalhei muito todos os dias em que estive aqui até seu pai me bater tanto a ponto de eu não mais conseguir trabalhar! Sua família me deve! E você, pelo amor de Deus, você deve a mim mais do que um dia seria capaz de pagar!

Ele virou o rifle para onde eu queria. Diretamente para mim. Agora, eu podia convencê-lo a atirar em mim ou envergonhá-lo para que nos deixasse partir; ou, possivelmente, eu iria para casa. Poderia ir para casa ferida, ou até morta, mas de um jeito ou de outro eu estaria longe dessa época, desse lugar. E se eu fosse para casa, Kevin iria comigo. Segurei sua mão e não soltei.

- O que vai fazer, Rufe? Vai nos manter aqui sob a mira de sua arma para poder roubar o Kevin?

- Volte para casa - disse ele. Sua voz estava brava.

Kevin e eu nos entreolhamos, e eu falei baixinho:

- Eu já sei tudo o que quero saber sobre ser escrava - disse a ele. - Prefiro levar um tiro a voltar para lá.

- Não vou deixar que fiquem com você - Kevin prometeu. - Vamos.

- Não! - Olhei para ele com os olhos arregalados. - Você fica ou vai, como quiser. Eu não vou voltar para aquela casa!

Rufus xingou, irritado.

- Kevin, coloque-a sobre seu ombro e venha com ela.

Kevin não se mexeu. Eu teria me surpreendido se ele tivesse se mexido.

- Ainda está tentando fazer com que outras pessoas façam o trabalho sujo por você, não é, Rufe? - falei com amargura. - Primeiro seu pai, agora o Kevin. E pensar que perdi meu tempo salvando sua vida inútil! - Dei um passo em direção à égua e segurei as rédeas como se fosse montar. Nesse momento, Rufus perdeu a compostura.

- Você não vai embora! - gritou ele. Meio se curvou ao redor da arma, claramente prestes a atirar. - Desgraça, você não vai me deixar!

Ele ia atirar. Eu o havia testado demais. Eu era Alice de novo, rejeitando-o. Aterrorizada, mergulhei à frente da cabeça da égua, sem me importar em como cairia, desde que colocasse algo entre mim e o rifle.

Bati no chão, não com muita força, tentei me levantar e percebi que não conseguia. Tinha perdido o equilíbrio. Ouvi um grito: a voz de Kevin, a voz de Rufus... De repente, eu vi a arma, borrada, mas aparentemente a poucos centímetros de minha cabeça. Tentei pegá-la, não consegui. Não estava exatamente onde parecia estar. Tudo estava distorcido, borrado.

- Kevin! - gritei. Não podia deixá-lo de novo, nem mesmo se meu grito fizesse Rufus atirar.

Algo caiu com força em minhas costas e eu gritei de novo, dessa vez de dor. Tudo escureceu.

A TEMPESTADE

1

Em casa.

Impossível eu ter passado mais de um minuto inconsciente. Voltei a mim no chão da sala de estar e encontrei Kevin curvado sobre mim. Não havia ninguém com quem eu pudesse confundi-lo dessa vez. Era ele, e estava em casa. Estávamos em casa. Minhas costas doíam como se eu tivesse levado outra surra, mas não importava. Eu havia nos levado para casa sem sermos baleados.

- Sinto muito - disse Kevin.

Eu me concentrei nele claramente.

- Pelo quê?

- Suas costas não estão doendo?

Abaixei a cabeça, apoiando-a na mão.

- Estão.

- Caí em cima de você. Entre Rufus, o cavalo e você gritando, não sei o que aconteceu, mas...

- Graças a Deus aconteceu. Não precisa se desculpar, Kevin, você está aqui. Estaria preso de novo se não tivesse caído em cima de mim.

Ele suspirou, assentiu.

- Consegue se levantar? Acho que eu machucaria mais você se a erguesse do que você se machucaria caminhando.

Eu me levantei devagar, com cuidado, descobri que ficar de pé não doía mais do que ficar deitada. Minha cabeça estava lúcida agora, e eu conseguia andar sem dificuldade.

- Vá para a cama - disse Kevin. - Descanse um pouco.
- Venha comigo.

Ele voltou a fazer a cara que fizera ao me encontrar na área de lavagem e segurou minhas mãos.

- Venha comigo - repeti baixinho.
- Dana, você está machucada. Suas costas...
- Ei.

Ele parou, puxou-me para mais perto.

- Cinco anos? - sussurrei.
- Tudo isso. Sim.

- Eles machucaram você. - Levei o dedo à cicatriz em sua testa.

- Isso não é nada. Cicatrizou há anos. Mas você...
- Por favor, venha comigo.

Ele foi. E foi muito cuidadoso, com muito medo de me machucar. Ele me machucou, claro. Eu sabia que ele me machucaria, mas não importava. Estávamos a salvo. Ele estava em casa. Eu o havia levado de volta. Isso bastava.

Por fim, dormimos.

Ele não estava no quarto quando despertei. Fiquei deitada em silêncio até ouvi-lo abrindo e fechando portas na cozinha. E ouvi quando ele xingou. Percebi que tinha um leve sotaque. Nada muito perceptível, mas ele falava um pouco como Rufus e Tom Weylin. Só um pouco.

Balancei a cabeça e tentei não fazer a comparação em minha mente. Os sons pareciam indicar que ele procurava algo e, depois de cinco anos, não sabia onde encontrar. Eu me levantei e fui ajudá-lo.

Eu o vi mexendo no fogão, virando os botões, olhando para a chama azul, desvirando os botões, abrindo o forno, espiando ali dentro. Estava de costas para mim e não me viu nem ouviu. Antes que eu pudesse dizer algo, bateu a porta do forno e se afastou, balançando a cabeça.

- Meu Deus - murmurou. - Se eu ainda não estou me sentindo em casa, talvez eu não tenha mais uma casa.

Ele foi para a sala de jantar sem me notar. Fiquei onde estava, pensando, lembrando.

Conseguia me lembrar de ter percorrido a estrada de terra estreita que ia além da casa dos Weylin e de ter visto a casa, escura ao entardecer, quadrada e familiar, luz amarela aparente em algumas janelas; Weylin era surpreendentemente extravagante com suas velas e óleo. Eu já tinha ouvido falar que outras pessoas não eram. Eu me lembrava de ter sentido alívio ao ver a casa, sentindo que havia chegado em casa. E de ter que parar e me corrigir, de me lembrar que estava em um local estranho e perigoso. Eu me lembrava de ter me surpreendido por ter pensado naquele lugar como sendo a minha casa.

Já fazia mais de dois meses que eu tinha ido ajudar Rufus. Eu estivera em casa em 1976, nessa casa, e não parecera muito um lar. E não parecia agora. Em parte, porque Kevin e eu tínhamos vivido juntos aqui por menos de dois dias. O fato de eu ter passado oito dias a mais aqui, sozinha, não ajudava muito. A data, o ano, estava certo, mas a casa simplesmente não era suficientemente familiar. Era como se eu estivesse perdendo meu lugar aqui, em minha própria época. A época de Rufus era uma realidade mais pungente, mais forte. O trabalho era mais pesado, os cheiros e os gostos eram mais fortes, o perigo era maior, a dor era pior... a época de Rufus exigia coisas de mim que nunca tinham sido exigidas antes, e com facilidade poderia ter me matado se eu não satisfizesse suas exigências. Era uma realidade intensa e poderosa que as leves conveniências e os luxos dessa casa, do *agora*, não alcançavam.

E se eu me sentia assim depois de passar apenas curtos períodos no passado, o que Kevin podia estar sentindo depois de cinco anos? Sua pele branca o havia livrado de grande parte dos problemas que eu havia enfrentado, mas, ainda assim, ele não tinha vivido momentos fáceis.

Eu o encontrei na sala de estar apertando os botões da televisão. Era nova para nós, aquela televisão, assim como a casa. O botão de liga/desliga ficava embaixo da tela, escondido, e Kevin claramente não se lembrava.

Fui até ela, enfiei a mão por baixo, liguei a televisão. Estava passando uma propaganda de utilidade pública aconselhando as mulheres a irem ao médico e a se cuidarem quando estivessem grávidas.

- Desligue - disse Kevin.

Obedeci.

- Vi uma mulher morrer no parto uma vez - disse ele.

Assenti.

- Nunca vi isso, mas sempre ouvi falarem a respeito de casos assim. Era bem comum naquela época, acredito. Havia poucos cuidados médicos, ou cuidado nenhum.

- Não, os cuidados médicos não tiveram nada a ver com o caso que vi. O dono da mulher grávida a amarrou pelos punhos e a surrou até o bebê sair dela, até cair no chão.

Eu engoli em seco, desviei o olhar, esfregando os punhos.

- Entendo. - Fiquei me perguntando se Weylin teria feito algo assim a uma das escravas grávidas dele. Provavelmente não. Ele pensava demais nos negócios para fazer algo assim. Mãe morta, bebê morto, perda. Mas eu havia ouvido histórias a respeito de outros donos de escravos que não se importavam com o que faziam. Havia uma mulher na fazenda dos Weylin cujo antigo dono havia cortado três dedos de sua mão direita quando ele a pegou escrevendo. Ela teve um bebê por ano, praticamente, aquela mulher. Nove até então, sete ainda vivos. Mas ele estava vendendo os filhos dela, um por um.

Kevin olhou para a tela preta da televisão e então se virou com uma risada amargurada.

- Tenho a sensação de que esta é só mais uma parada - disse ele. - Um pouco menos real do que as outras, talvez.

- Parada?

- Como Filadélfia. Como Nova York e Boston. Como aquela fazenda no Maine...

- Então, você foi ao Maine?

- Sim, quase comprei uma fazenda lá. Teria sido um erro idiota. Então, um amigo em Boston me encaminhou a carta de Weylin. Em casa, finalmente, e você... - Ele olhou para mim. - Bem, consegui metade do que queria. Você ainda é você.

Fui até ele com um alívio que me surpreendeu. Eu não tinha percebido quanto tinha me preocupado, até aquele momento, de que pudesse não mais “ser eu mesma” para ele.

- Tudo é tão tranquilo aqui - disse ele -, tão simples...

- Eu sei.

- E bom. Inferno, eu não voltaria a alguns dos buracos em que vivi por dinheiro. Mas ainda assim...

Estávamos passando pela sala de jantar, pelo corredor. Paramos em meu escritório, e ele entrou para olhar para o mapa dos Estados Unidos que eu tinha pendurado na parede.

- Fui avançando cada vez mais pela costa leste - disse ele. - Acho que logo chegaria ao Canadá. Mas, durante toda a minha viagem, sabe quando foi o único momento em que senti alívio e vontade de ir a um lugar?

- Acho que sei - falei baixinho.

- Foi quando... - Ele parou, percebendo o que eu tinha dito, e franziu a testa.

- Foi quando você voltou para Maryland - falei. - Quando você visitou os Weylin para ver se eu estava lá.

Ele pareceu surpreso, mas estranhamente satisfeito.

- Como sabia?

- É isso, não é?

- É, sim.

- Eu senti isso da última vez em que Rufus me chamou. Não tenho amor por aquele lugar, mas, minha nossa,

quando o vi de novo, foi tão parecido com voltar para casa que me assustou.

Kevin alisou a barba.

- Eu deixei a barba crescer para voltar.

- Por quê?

- Para me disfarçar. Já ouviu falar de um homem chamado Denmark Vesey?

- O liberto que planejou uma rebelião na Carolina do Sul.

- Sim. Bem, Vesey nunca foi além da fase de planejamento, mas ele assustou um monte de brancos. E um monte de negros sofreu por isso. Naquela época, eu fui acusado de ajudar os escravos a escapar. Eu mal consegui partir antes deles.

- Você estava na propriedade dos Weylin nessa época?

- Não, eu estava lecionando numa escola. — Ele passou a mão na cicatriz da testa. - Vou te contar tudo, Dana, mas em outro momento. Agora, de algum modo, preciso me encaixar de novo em mil novecentos e setenta e seis. Se for capaz.

- Você é capaz.

Ele deu de ombros.

- Mais uma coisa. Só uma.

Ele olhou para mim de modo questionador.

- Você estava ajudando os escravos a escapar, Kevin?

- Claro que estava! Eu os alimentava, os escondia durante o dia, e quando a noite vinha, eu os direcionava a uma família negra livre que os alimentaria e os esconderia no dia seguinte.

Sorri e não disse nada. Ele parecia irado, quase defensivo em relação ao que tinha feito.

- Acho que não estou acostumado a dizer coisas assim a pessoas que as entendem - disse ele.

- Eu sei. Basta que você tenha feito o que fez.

Ele esfregou a cabeça de novo.

- Cinco anos é mais tempo do que parece. Muito mais tempo.

Fomos ao escritório dele. Nossos dois escritórios eram ex-quartos na casa de estrutura antiga, porém sólida, que tínhamos comprado. Eram cômodos grandes e confortáveis que me faziam lembrar um pouco dos quartos na casa dos Weylin.

Não. Balancei a cabeça, negando a impressão. Essa casa não era nada parecida com a dos Weylin. Observei Kevin analisar seu escritório. Ele andou em círculo dentro dela, parando em sua mesa, nos arquivos, nas estantes de livros. Por um momento, ficou olhando para a estante cheia de exemplares de *A água de Meribá*, seu romance de maior sucesso, o romance com o qual tínhamos comprado essa casa. Ele tocou um exemplar como se quisesse pegá-lo, mas o deixou e voltou para sua máquina de escrever. Mexeu nela por um momento, lembrou-se de como ligá-la, então olhou para o monte de papel em branco ao lado dela e a desligou de novo. Abruptamente, ele bateu o punho nela com força.

Eu me sobressaltei com o barulho repentino.

- Você vai quebrá-la, Kevin.

- Que diferença faria?

Eu me retraí, lembrei de minhas próprias tentativas de escrever quando voltei para casa da última vez. Havia tentado muitas vezes e só consegui encher o cesto de lixo.

- O que vou fazer agora? - perguntou Kevin, virando--se de costas para a máquina de escrever. - Cristo, se não consigo sentir nada, nem mesmo aqui...

- Você vai sentir. Dê um tempo a si mesmo.

Ele pegou o apontador elétrico, olhou para ele como se não soubesse o que era, depois pareceu se lembrar. Ele o pousou, pegou um lápis de um copo de porcelana na mesa e o enfiou no apontador. A maquinazinha funcionou e deixou o lápis com uma ponta bem fina. Kevin olhou para a ponta por um momento, em seguida para o apontador.

- Um brinquedo - disse ele. - Nada além de um maldito brinquedo.

- Foi o que eu disse quando você o comprou - falei para ele. Tentei sorrir e fazer piada, mas algo em sua voz me assustou.

Com um movimento repentino da mão, ele derrubou o apontador e o copo de lápis de cima da mesa. Os lápis se espalharam e o copo quebrou. O apontador quicou com força no chão, batendo perto do tapete. Eu o tirei da tomada depressa.

- Kevin... - Ele saiu depressa da sala antes que eu pudesse terminar. Corri atrás dele, segurei seu braço. - Kevin!

Ele parou e arregalou os olhos para mim como se eu fosse uma desconhecida que havia ousado pôr as mãos nele.

- Kevin, não dá para voltar de uma vez, assim como não dá para partir de uma vez. Leva tempo. Mas depois de um período, as coisas vão se encaixar.

A expressão dele não mudou.

Segurei seu rosto entre as mãos e olhei em seus olhos, agora bem frios.

- Não sei como foi para você - falei -, passar tanto tempo fora, tendo tão pouco controle sobre a possibilidade de um dia voltar. Acho que não tenho como saber, de fato. Mas sei... que eu quase não quis continuar viva quando pensei que havia deixado você para trás para sempre. Mas agora que você voltou...

Ele se afastou de mim e saiu da sala. Sua expressão era como algo que eu já tinha visto, algo que eu estava acostumada a ver em Tom Weylin. Algo fechado e feio.

Não fui atrás dele quando saí de seu escritório. Não sabia o que fazer para ajudá-lo e não queria olhar para ele e ver coisas que me fizessem lembrar de Weylin. Mas como fui ao quarto, eu o encontrei.

Ele estava de pé ao lado da penteadeira olhando para uma foto de si mesmo - ele, como já tinha sido. Sempre detestou tirar foto, mas eu o havia convencido a tirar

aquela, um close do rosto jovem por baixo da cobertura de cabelos grisalhos grossos, sobrancelhas escuras, olhos claros...

Temí que ele jogasse a foto no chão, que quebrasse o porta-retratos como tentara quebrar o apontador. Eu o tirei de sua mão. Ele o soltou sem resistência e se virou para se olhar no espelho da penteadeira. Passou uma mão pelos cabelos, ainda densos e grisalhos. Provavelmente nunca seria careca. Mas agora estava velho; o rosto jovem tinha mudado mais do que justificavam as novas marcas de expressão em seu rosto ou a barba.

- Kevin?

Ele fechou os olhos.

- Me deixe um pouco sozinho, Dana - disse ele baixinho.

- Eu só preciso ficar sozinho e me acostumar... com as coisas de novo.

De repente, ouvimos um estrondo sônico alto, de chacoalhar a casa, e Kevin deu um pulo para trás contra a penteadeira, olhando ao redor com os olhos arregalados.

- É só um avião no céu - disse a ele.

Ele me lançou o que quase pareceu ser um olhar de ódio, e então passou por mim, foi para seu escritório e fechou a porta.

Eu o deixei sozinho. Não sabia mais o que fazer, nem se havia algo mais a fazer. Talvez aquilo fosse algo que ele tivesse que resolver sozinho. Talvez fosse algo que apenas o tempo resolveria. Talvez qualquer coisa. Mas me senti muito impotente ao olhar para a porta fechada de seu escritório no fim do corredor. Por fim, fui tomar banho e senti dor suficiente para me distrair por um tempo. Depois, olhei dentro de minha bolsa de brim, enfiei ali um frasco de antisséptico, o frasco grande de Excedrin de Kevin e uma faca de bolso antiga para substituir o canivete. A faca era grande e sem dúvida tão mortal quanto o canivete que eu tinha perdido, mas eu não conseguiria usá-la com a mesma rapidez e teria uma dificuldade maior surpreendendo um

oponente com ela. Pensei em levar uma faca de cozinha no lugar da de bolso, mas pensei que uma grande o bastante para ser eficaz também seria difícil demais de esconder. Não que alguma faca tivesse sido muito eficiente para mim até aquele momento. Ter uma só fazia com que eu me sentisse mais segura.

Joguei a faca dentro da bolsa e substituí sabonete, pasta de dente, algumas roupas, algumas outras coisas. Voltei a pensar em Kevin. Fiquei tentando imaginar se ele me culpava pelos cinco anos que tinha perdido. Ou, se não me culpava agora, se me culparia quando tentasse escrever de novo? Ele tentaria. Escrever era sua profissão. Fiquei me perguntando se tinha conseguido escrever durante os cinco anos ou se tinha conseguido publicar alguma coisa. Tinha certeza de que tinha escrito. Não conseguia imaginar um de nós dois passando cinco anos sem escrever. Talvez ele tivesse mantido um diário ou coisa assim. Ele havia mudado; em cinco anos, não tinha como evitar as mudanças. Mas os mercados para os quais ele escrevia não tinham mudado. Talvez passasse por uma fase frustrante. E talvez me culpasse.

Tinha sido muito bom vê-lo de novo, amá-lo, saber que seu exílio havia terminado. Pensei que tudo ficaria bem. Agora me perguntava se alguma coisa ficaria bem.

Escolhi um vestido solto e fui para a cozinha ver com o que poderíamos preparar uma refeição. Se eu conseguisse fazer Kevin comer. As costeletas que eu tinha tirado do congelador dois meses atrás ainda estavam congeladas. Então, por quanto tempo tínhamos ficado fora? Em que dia estávamos? Nenhum de nós dois havia se importado em descobrir.

Liguei o rádio e sintonizei uma emissora de notícias; sintonizei bem no meio de uma história a respeito da guerra no Líbano. A guerra ali era pior. O presidente estava ordenando uma evacuação de não oficiais norte-americanos. Parecia o que ele havia ordenado no dia em

que Rufus me chamou. Um instante depois, o jornalista mencionou o dia, confirmando o que eu havia pensado. Eu havia me ausentado por apenas algumas horas. Kevin se ausentara por oito dias. Mil novecentos e setenta e seis não tinha passado sem nós.

O noticiário passou para uma matéria sobre a África do Sul: negros se rebelando lá e morrendo aos montes em confrontos com a polícia por causa das políticas do governo supremacista branco.

Desliguei o rádio e tentei preparar a refeição em paz. Os brancos da África do Sul sempre me deram a impressão de serem pessoas que teriam sido mais felizes vivendo no século XIX, ou no XVIII. Na verdade, estavam vivendo no passado no que dizia respeito a suas relações de raça. Viviam tranqüilas e com conforto apoiadas por um número enorme de negros a quem mantinham na pobreza e de quem desdenhavam. Tom Weylin teria se sentido totalmente em casa.

Depois de um tempo, o cheiro da comida tirou Kevin de seu escritório, mas ele comeu em silêncio.

- Não posso ajudar? - perguntei por fim.

- Ajudar com o quê?

O tom de sua voz me deixou em alerta. Não respondi.

- Estou bem - disse ele, contrariado.

- Não está, não.

Ele soltou o garfo.

- Por quanto tempo você ficou fora dessa vez?

- Algumas hora. Ou um pouco mais de dois meses. Você escolhe.

- Havia um jornal em meu escritório. Eu o estava lendo. Não sei de quando era, mas...

- É o jornal de hoje. Chegou na manhã em que Rufus me chamou pela última vez. E de hoje cedo, se você quiser acreditar no calendário. Dezoito de junho.

- Não importa. Perdi meu tempo lendo aquele jornal. Eu não sabia do que ele estava falando na maior parte do

tempo.

- É como eu disse. A confusão não desaparece de uma vez. Para mim também não.

- No começo, era tão bom vir para casa.

- Era bom. Ainda é.

- Não sei. Não sei de nada.

- Você está com muita pressa. Você... - parei, percebi que estava me balançando um pouco em minha cadeira. - Ai, Deus, não! - sussurrei.

- Acho que estou, sim - disse Kevin. - Fico tentando imaginar como as pessoas que acabaram de sair da prisão conseguem se readaptar.

- Kevin, vá buscar minha bolsa. Eu a deixei no quarto.

- O quê? Por quê...?

- Vá, Kevin!

Ele foi, compreendendo, finalmente. Fiquei parada, rezando para que ele voltasse a tempo. Eu sentia as lágrimas rolando por meu rosto. Tão cedo, tão cedo... Por que eu não podia ficar uns dias com ele, alguns dias de paz em casa?

Senti algo em minhas mãos e segurei. Minha bolsa. Abri meus olhos e vi o borrão escuro dela, e o borrão maior de Kevin perto de mim. De repente, senti medo do que ele poderia fazer.

- Afaste-se, Kevin!

Ele disse algo, mas de repente, havia barulho demais para que eu o ouvisse, mesmo que ele ainda estivesse ali.

2

Senti água, chuva batendo em mim. Eu estava sentada na lama segurando minha bolsa.

Eu me levantei protegendo a bolsa com o corpo da melhor maneira que consegui para que, mais tarde, eu tivesse algo seco para vestir. Olhei ao redor com seriedade à procura de Rufus.

Não consegui encontrá-lo. Espiei à luz acinzentada e fraca, olhei ao redor até perceber onde estava. Consegui ver a casa quadrada e familiar dos Weylin ao longe, com luz amarela em uma janela. Pelo menos não teria que caminhar muito dessa vez. Nessa tempestade, isso era algo a que se sentir grata. Mas onde estava Rufus? Se ele estava em apuros dentro da casa, por que eu havia chegado do lado de fora?

Dei de ombros e caminhei em direção à casa. Se ele estivesse ali, seria idiota de minha parte perder tempo do lado de fora. Apesar de já estar encharcada.

Tropecei nele.

Ele estava deitado de bruços em uma poça tão funda que a água quase cobria sua cabeça. Com o rosto para baixo.

Eu o agarrei e o tirei da água, levando-o até uma árvore que nos abrigaria um pouco da chuva. Um momento depois, veio um trovão e um raio, e eu o arrastei para longe da árvore de novo. Com a capacidade que ele tinha de atrair coisas ruins, achei melhor não correr riscos.

Ele estava vivo. Enquanto eu o arrastava, ele vomitou em suas roupas e um pouco em mim. Quase vomitei junto. Ele começou a tossir e a murmurar, e eu percebi que ele estava bêbado ou passando mal. Era mais provável que

estivesse bêbado. Também estava pesado. Não parecia maior do que da última vez em que o vira, mas estava encharcado agora, começando a se debater, mesmo sem forças.

Eu o havia arrastado em direção à casa enquanto ele estava parado. Agora, eu o soltei irritada e fui para a casa sozinha. Uma pessoa mais forte e mais tolerante poderia arrastá-lo ou carregá-lo pelo resto do caminho.

Nigel abriu a porta, ficou olhando para mim.

- Mas que diabo...?

- É a Dana, Nigel.

- Dana? - Ele ficou em alerta de repente. - Que aconteceu? Onde tá o Senhô Rufe?

- Lá fora. Estava pesado demais para mim.

- Onde?

Olhei na direção de onde tinha vindo e não consegui ver Rufus. Se ele tivesse se virado de novo...

- Merda! - murmurei. - Venha. - Eu o levei de volta ao montinho cinza, ainda de barriga para cima, que era Rufus. - Cuidado - falei. - Ele vomitou em mim.

Nigel pegou Rufus como um saco de grãos, jogou-o sobre seu ombro e voltou para a casa com passos tão compridos e rápidos que precisei correr para acompanhar. Rufus vomitou de novo nas costas de Nigel, mas este nem percebeu. A chuva limpou a maior parte da sujeira até eles chegarem à casa.

Ali dentro, encontramos Weylin, que estava descendo a escada. Ele parou assim que nos viu.

- Você! - disse ele, encarando-me.

- Olá, Senhor Weylin - falei atenta. Ele parecia frágil e velho, mais magro do que nunca. Caminhava com um cajado.

- Rufus está bem? Ele está...?

- Ele está vivo - falei. - Eu o encontrei inconsciente, de cara numa poça. Mais um pouco e teria morrido afogado.

- Se você está aqui, imagino que teria se afogado mesmo. - O velho olhou para Nigel. - Leve-o para o quarto dele e deite-o na cama. Dana, você... - Ele parou, olhou para meu vestido curto, nada recatado, na opinião dele, grudado em meu corpo encharcado. Era o tipo de vestimenta parecida com uma bata que as crianças pequenas de ambos os sexos usavam antes de terem idade suficiente para trabalhar. Claramente ofendia Weylin mais do que minhas calças. - Você não tem nada decente para vestir? - perguntou ele.

Olhei para minha bolsa molhada.

- Decente, talvez, mas provavelmente não seco.

- Vá vestir o que tem aí e depois vá à biblioteca.

Ele queria conversar comigo, imaginei. Era o que me faltava depois de um dia longo e confuso. Weylin não costumava conversar comigo, só quando queria me dar ordens. Quando conversava, era sempre angustiante. Havia muito que eu não podia dizer; ele se ofendia com facilidade.

Segui Nigel escadaria acima, e então subi outra escada estreita, mais parecida com uma escada simples de madeira, que levava ao sótão. Meu antigo canto estava vazio, por isso fui até ele para deixar minha bolsa e abri-la. Encontrei uma camisa quase seca e uma calça Levis que só estava molhada nos tornozelos. Eu me sequei, troquei de roupa, penteei os cabelos e estendi algumas das peças mais molhadas para que secassem. E então, descí ao encontro de Weylin. Eu havia aprendido a não me preocupar em deixar minhas coisas no sótão. Outros empregados da casa mexiam nelas. Eu sabia porque já os tinha flagrado fazendo isso algumas vezes. Mas nunca havia sumido nada.

Apreensiva, entrei pela porta da biblioteca.

- Você está jovem como sempre - Weylin reclamou com amargura quando me viu.

- Sim, senhor. - Eu concordaria com tudo o que ele dissesse se isso me afastasse dele o quanto antes.

- O que aconteceu com você? Seu rosto.

Toquei as cascas.

- Foi onde o senhor me chutou, Senhor Weylin.

Ele estava sentado em uma velha poltrona puída, mas de repente se levantou como um jovem, com o cajado como uma espada de madeira à frente dele.

- Do que está falando? Faz seis anos que não a vejo.

- Sim, senhor.

- Pois!

- Para mim, são apenas algumas horas. - Pensei que Rufus e Kevin tivessem contado a ele o suficiente para que ele conseguisse entender, acreditando ou não. E talvez ele entendesse. Ele pareceu ficar mais bravo.

- Quem foi que disse que você era uma preta educada? Não consegue nem contar uma mentira que preste. Seis anos para mim são seis anos para você!

- Sim, senhor. - Por que ele se dava ao trabalho de me fazer perguntas? Por que eu me dava ao trabalho de respondê-las?

Ele se sentou de novo e se inclinou para a frente, com uma das mãos no cajado. Mas sua voz estava mais calma quando voltou a falar.

- O tal do Franklin voltou para casa bem?

- Sim, senhor. - O que aconteceria se eu perguntasse a ele onde acreditava que a casa ficava? Mas não, ele havia feito pelo menos uma coisa decente por Kevin e por mim, independentemente de quem era. Olhei em seus olhos por um momento.

- Obrigada.

- Não fiz aquilo por você.

De repente, irritei-me.

- Não me importa por que fez o que fez! Só estou dizendo, de ser humano a ser humano, que estou grata. Por que não aceita isso?

O rosto do velho ficou pálido.

- Quer levar uma surra de chicote? - perguntou ele. - Não deve ter apanhado ultimamente.

Eu não disse nada. Percebi, então, que se ele me batesse de novo, eu quebraria seu pescoço magro. Não aguentaria de novo.

Weylin se recostou na cadeira.

- Rufus sempre disse que você não sabia onde era seu lugar, assim como um animal selvagem não sabe - disse ele. - Eu sempre disse que você era só mais uma preta louca.

Fiquei parada olhando para ele.

- Por que você ajudou meu filho de novo? - perguntou ele.

Eu me acalmei um pouco, dei de ombros.

- Ninguém merece morrer como ele morreria... largado numa poça, afogado em lama, uísque e no próprio vômito.

- Pare! - gritou Weylin. - Vou descer o couro em você com minhas próprias mãos! Vou... - Ele se calou, puxou o ar. O rosto continuava muito pálido. Ele passaria muito mal se não recobrasse um pouco do controle.

Eu adotei a indiferença de novo.

- Sim, senhor.

Depois de um momento, ele se controlou. Na verdade, parecia perfeitamente calmo de novo.

- Você e Rufus tiveram problema quando você o viu pela última vez.

- Sim, senhor.

Ver Rufus querendo atirar em mim tinha sido um problema.

- Eu pensei se você continuaria a ajudá-lo. Você sabe que sempre tem abrigo aqui, se ajudar.

Esbocei um sorriso.

- Preta ruim que eu sou, né?

- É assim que se vê?

Ri com amargura.

- Não, não me iludo muito. Seu filho ainda está vivo, não?

- Você é bem ruim, não sei de nenhum outro branco que te toleraria.

- Se o senhor conseguir me tolerar de um jeito um pouco mais humano, continuarei fazendo o que puder pelo Senhor Rufus.

Ele franziu a testa.

- Do que está falando agora?

- Estou dizendo que o dia em que apanhar de novo, seu filho vai ter que se virar sozinho.

Ele arregalou os olhos, talvez surpreso. E então, começou a tremer. Eu nunca tinha visto um homem tremer de ódio, literalmente.

- Você está ameaçando ele! - gaguejou. - Por Deus, está louca!

- Louca ou não, estou falando sério. - Minhas costas e a lateral de meu corpo doíam como se me alertassem, mas, naquele momento, não senti medo. Ele amava o filho, independentemente de como ele agisse, e sabia que eu podia fazer o que ameaçava. - Do jeito que o Senhor Rufus se acidenta - falei -, pode ser que ele viva mais seis ou sete anos sem mim. Eu não contaria com mais do que isso.

- Sua cadela preta maldita! - Ele balançou o cajado para mim como se fosse um dedo em riste. — Se acha que pode sair impune depois de fazer ameaças... de dar ordens... -Ele ficou sem ar e começou a arfar de novo. Observei sem sentir pena, imaginando que já estivesse doente. - Saia! - disse ele com dificuldade. - Vá com Rufus. Cuide dele. Se alguma coisa acontecer com ele, você será esfolada viva!

Minha tia costumava dizer coisas assim para mim quando eu era pequena e fazia algo que a irritava: “Menina, vou esfolar você viva!”. E pegava o cinto de meu tio para usar em mim. Mas nunca pensei que alguém pudesse fazer tal ameaça no sentido literal, como Weylin nesse momento. Eu me virei e o deixei antes que ele conseguisse ver que minha coragem tinha desaparecido. Ele podia conseguir ajuda com seus vizinhos, com os capatazes, provavelmente

até mesmo dos policiais da região. Podia fazer o que quisesse comigo, e eu não tinha direito algum. Nem um.

1

Harriet Tubman (1822-1913) foi uma abolicionista, humanitária e espiã norte-americana. Nascida escrava, fugiu e realizou missões para resgatar cerca de setenta famílias escravas. Depois da Guerra Civil Americana, participou ativamente na luta pelo voto feminino. (N. da T.)

3

Rufus adoeceu de novo. Quando cheguei a seu quarto, ele estava deitado na cama, tremendo muito enquanto Nigel tentava mantê-lo enrolado nos cobertores.

- O que ele tem? - perguntei.

- Nada - disse Nigel. - Tá com maleita de novo, acho.

- Maleita?

- Sim, ele teve maleita antes. Vai ficá bem.

Ele não me parecia bem.

- Alguém chamou o médico?

- O Senhô Tom quase nunca chama o médico por causa de maleita. Ele diz que o médico só sabe sangrá, marcá, purgá, cutucá e deixá as pessoa mais doente do que antes.

Engoli em seco, lembrando do homem baixinho e pomposo de quem eu não tinha gostado nem um pouco.

- O médico é tão ruim assim, Nigel?

- Ele me deu umas coisa uma vez, quase me matô. Desde então, só deixo a Sarah cuidá de mim quando fico doente. Pelo menos ela não trata os preto como se eles fosse cavalo ou mula.

Balancei a cabeça e me aproximei da cama de Rufus. Ele parecia péssimo, parecia estar com dor. Tentei pensar o que maleita podia ser; a palavra era familiar, mas eu não conseguia me lembrar do que tinha ouvido ou lido a respeito.

Rufus olhou para mim, de olhos vermelhos, e tentou sorrir, mas a careta que fez estava longe de ser agradável. Para minha surpresa, sua tentativa me tocou. Eu não pensei que ainda me importaria com ele por outro motivo além do bem-estar de minha família e do meu. Não queria me importar.

- Idiota - murmurei para ele.

Ele fez cara de magoado.

Olhei para Nigel, pensando se a doença era tão insignificante quanto ele acreditava ser. Será que a consideraria importante se fosse ele o acometido pela tremedeira?

Nigel estava ocupado desgrudando a camisa molhada de seu corpo. Percebi que ninguém havia dado a ele a oportunidade de trocar de roupas.

- Nigel, vou ficar aqui se quiser ir se secar - disse.

Ele olhou e sorriu para mim.

- Cê passa seis ano longe - disse ele -, depois volta e se encaixa na hora. Parece que nunca foi embora.

- Sempre que vou embora, torço para não voltar nunca mais.

Ele assentiu.

- Mas pelo menos, ocê consegue um tempo de liberdade.

Desviei o olhar, sentindo-me estranhamente culpada por, sim, conseguir um tempo de liberdade. Não o suficiente, mas provavelmente mais do que Nigel um dia poderia experimentar. Não gostava de me sentir culpada nesse sentido. Então, algo picou minha orelha, e eu me esqueci da culpa. Quando dei um tapa em minha orelha, finalmente me lembrei do que era a maleita.

Malária.

Fiquei tentando imaginar, distraída, se o mosquito que havia acabado de me picar era transmissor da doença. Em minhas leituras, eu havia encontrado muita informação sobre a malária, e nada ali me levava a acreditar que a doença era tão inofensiva como Nigel parecia pensar. Talvez não matasse, mas enfraquecia, voltava e podia diminuir a resistência da pessoa a outras doenças. Além disso, com Rufus exposto a novos ataques de mosquitos como estava, a doença podia se espalhar pela fazenda e além dela.

- Nigel, podemos pendurar alguma coisa ao redor dele para que os mosquitos não o alcancem?

- Mosquito! Ele não ia senti nem mesmo se vinte mosquito picasse ele agora.

- Não, mas nós acabaríamos tendo problema.

- Como assim?

- Tem mais alguém com isso no momento?

- Acho que não. Algumas criança tão doente, mas eu acho que elas têm alguma coisa no rosto... um dos lados está todo inchado.

Caxumba? Não importava.

- Bem, vamos ver se podemos impedir que a doença se espalhe. Há algum tipo de rede ou mosquiteiro, qualquer coisa que as pessoas usem aqui?

- Claro, para os branco. Mas...

- Pode conseguir um? Com a ajuda das colunas do dossel, conseguiríamos envolvê-lo totalmente.

- Dana, explica!

Olhei para ele.

- O que os mosquito têm a vê com a maleita?

Hesitei, olhei para ele surpresa. Ele não sabia. Claro que não. Os médicos da época não sabiam. O que provavelmente significava que Nigel não acreditaria em mim se eu contasse. Afinal, como era possível que algo tão pequeno quanto um mosquito deixasse alguém doente?

- Nigel, você sabe de onde sou, não?

Ele me abriu algo que não era bem um sorriso.

- Não é de Nova York.

- Não.

- Eu sei de onde o Senhô Rufe disse que ocê era.

- Não deveria ser tão difícil para você acreditar nele.

Você já me viu ir para casa pelo menos uma vez.

- Duas.

- E então?

Ele deu de ombros.

- Não sei. Se não tivesse visto... o jeito com que ocê volta pra casa, ia pensá só que ocê era uma preta doida. Mas nunca vi ninguém fazê o que ocê fez. Não quero acreditar n'ocê, mas acho que acredito.

- Ótimo. - Respirei fundo. - De onde eu sou, as pessoas aprenderam que os mosquitos passam a maleita de pessoa a pessoa. Se eles picarem alguém que está com maleita, e depois picarem pessoas saudáveis, essas pessoas ficam doentes.

- Como?

- Eles sugam sangue dos doentes e... passam parte desse sangue quando picam uma pessoa saudável. Como um cachorro louco que morde um homem e o deixa louco. - Não falaria sobre micro-organismos. Nigel, além de não acreditar em mim, poderia concluir que eu era louca mesmo.

- O médico diz que é alguma coisa no ar que espalha a maleita... alguma coisa na água ruim e no lixo. Um mias-ma, ele disse.

- Está enganado. Está enganado a respeito da sangria, da purgação e do descanso, estava errado quando medicou você e está errado agora. É de se admirar que os pacientes dele sobrevivam.

- Eu sei que ele é bom e rápido quando precisa cortá perna e braço.

Tive que olhar bem para o Nigel para ver se ele estava fazendo piada de mau gosto. Não estava.

- Pegue o mosquiteiro - falei. - Vamos fazer o que pudermos para que aquele carnicheiro não entre aqui.

Ele concordou mexendo a cabeça e saiu. Fiquei tentando imaginar se acreditava em mim ou não, mas não importava. Não seria ruim para ninguém tomar essa pequena precaução.

Olhei para Rufus e vi que ele tinha parado de tremer e agora estava com os olhos fechados. A respiração estava regular, e eu pensei que ele estivesse dormindo.

- Por que você não para de tentar se matar? - perguntei baixinho.

Não esperava uma resposta, por isso fiquei surpresa quando ele respondeu bem baixo: - Na maior parte do tempo, viver não vale a pena.

Eu me sentei ao lado da cama dele.

- Nunca me ocorreu que você realmente pudesse querer morrer.

- Não quero. - Ele abriu os olhos, olhou para mim, e então voltou a fechá-los e os cobriu com as mãos. - Mas se seus olhos, sua cabeça e sua perna doessem como os meus, morrer começaria a parecer bom.

- Seus olhos doem?

- Quando olho ao redor.

- Eles doíam antes de você ter maleita?

- Não. Isso não é maleita. Maleita já é ruim. Mas parece que minha perna está caindo, e minha cabeça...!

Ele me assustou. Sua dor pareceu aumentar e ele retorceu o corpo como se quisesse se afastar, e então voltou a se remexer depressa e ficou ofegante, parado.

- Rufe, vou chamar seu pai. Se ele vir como você está mal, vai mandar buscar um médico.

Ele parecia estar distraído demais pela dor para responder. Eu não queria deixá-lo até Nigel voltar, mas não fazia ideia do que poderia fazer por ele. Meu problema foi resolvido quando Weylin chegou com Nigel.

- Como é essa história de que mosquitos causam maleita nas pessoas? - perguntou ele.

- Podemos esquecer isso - falei. - Isto não parece malária. Maleita. Ele está sentindo muita dor. Acho que alguém deveria chamar o médico.

- Você basta como médico para ele.

- Mas... - Parei, respirei fundo, acalmei-me. Rufus estava gemendo atrás de mim. - Sr. Weylin, não sou médica. Não tenho ideia do que ele tem. O senhor precisa conseguir para ele qualquer ajuda profissional que houver.

- Preciso?

- A vida dele pode estar em risco.

Weylin mantinha os lábios contraídos.

- Se ele morrer, você morre, e não será uma morte fácil.

- O senhor já disse isso. Mas, independentemente do que fizer comigo, seu filho ainda estará morto. É o que o senhor quer?

- Faça seu trabalho - disse ele com teimosia -, e ele vai viver. Você é meio diferente. Não sei o que é... bruxa, demônio, não me importa. Seja o que for, você praticamente ressuscitou uma moça quando veio aqui da última vez, e ela nem era a pessoa a quem você veio ajudar. Você sai do nada e volta para o nada. Você não é normal! Mas consegue sentir dor... e pode morrer. Lembre-se disso e faça seu trabalho. Cuide de seu senhor.

- Mas estou dizendo...

Ele saiu do quarto e fechou a porta em seguida.

4

Conseguimos o mosquiteiro e o usamos, por garantia. Nigel disse que Weylin não se importou em deixar que o usássemos. Ele só não queria mais ouvir nenhuma bobagem sobre mosquitos. Não gostava de ser feito de bobo.

- Ele quase sente mais medo d'ocê do que de qualquer outra coisa na vida - disse Nigel. - Mas acho que ele preferia matá ocê do que admiti isso.

- Não vejo nenhum sinal de medo nele.

- Cê não conhece ele como eu conheço. - Nigel fez uma pausa. - Ele podia matá ocê, Dana?

- Não sei. É possível.

- E melhor a gente fazê o Senhô Rufe ficá bom, então. Sarah faz um chá que ajuda um pouco as pessoa com maleita. Talvez pode ajudá com o que o Senhô Rufe tem.

- Pode pedir para ela fazer esse chá?

Ele assentiu e saiu.

Sarah subiu a escada com Nigel para levar o chá a Rufus e para me ver. Ela estava velha agora. Os cabelos estavam grisalhos e o rosto, marcado. Ela caminhava mancando.

- Derrubei uma chaleira no pé - disse ela. - Passei um tempo sem consegui andá. - Ela me deu a sensação de que todo mundo estava ficando mais velho, me deixando para trás. Ela levou carne assada e pão para eu comer.

Rufus estava com febre agora. Não queria beber o chá, mas eu pedi e insisti até que ele o engoliu. Depois disso, todos esperamos, mas a única coisa que aconteceu foi a outra perna de Rufus começar a doer. Os olhos o incomodavam mais do que tudo, porque ele sentia dor ao movimentá-los, e ele não conseguia deixar de seguir meus

movimentos nem os de Nigel pelo quarto. Por fim, coloquei um pano frio e úmido sobre eles, o que pareceu ajudar. Ele ainda sentia muita dor nas articulações; nos braços, nas pernas, em todos os lugares. Pensei que poderia aliviar esse desconforto, por isso peguei a vela dele e subi ao sótão à procura de minha bolsa. Cheguei bem a tempo de flagrar uma menininha tentando tirar a tampa de meu frasco de Excedrin. Isso me assustou. Ela poderia simplesmente ter pegado o frasco de remédios para dormir. O sótão não era um lugar tão seguro quanto eu havia pensado.

- Não, querida, dê isso para mim.

- São seu?

- Sim.

- São doce?

Deus amado.

- Não, são remédios. Remédios nojentos.

- Credo! - disse ela, e os devolveu a mim. Ela voltou para sua esteira ao lado de outra criança. Eram crianças novas. Fiquei tentando imaginar se os dois menininhos que ficavam aqui antes delas tinham sido vendidos ou mandados para a roça.

Peguei o Excedrin, o restante das aspirinas e os remédios de dormir e levei tudo comigo. Eu teria que mantê-los em algum lugar do quarto de Rufus ou em algum momento uma das crianças aprenderia a abrir a tampa deles.

Rufus tinha afastado o pano úmido e estava encolhido e deitado de lado, com dor, quando voltei para o quarto. Nigel havia se deitado no chão à frente da lareira e adormeceu. Ele poderia ter voltado para seu casebre, mas perguntara se eu queria que ficasse, já que era minha primeira noite de volta, e eu disse sim.

Dissolvi três aspirinas na água e tentei fazer Rufus beber. Ele nem sequer abriu a boca. Então, acordei Nigel, que o segurou quieto enquanto eu tapava seu nariz e despejava a solução de gosto ruim em sua boca. Ele xingou

nós dois, mas depois de um tempo, começou a se sentir um pouco melhor. Temporariamente.

Foi uma noite ruim. Não consegui dormir muito. Nem dormiria muito nos seis dias e nas seis noites seguintes. O que quer que Rufus tivesse, era terrível. Sentia dor o tempo todo, tinha febre; uma vez, tive que chamar Nigel para segurá-lo enquanto eu o amarrava para impedi-lo de se ferir. Dei aspirinas a ele, muitas, mas não tantas quanto ele queria. Fiz com que ele tomasse caldo, sopa, sucos de frutas e de verduras. Ele não queria nada. Nunca queria comer, mas também não queria que Nigel o segurasse. E comia.

Alice vinha de vez em quando para me dar descanso. Assim como a Sarah, ela parecia mais velha. Também parecia mais durona. Era como uma irmã fria e mais velha da garota que eu havia conhecido.

- As pessoa trata ela mal por causa do Senhô Rufe -Nigel me contou. - Acha que, se ela tá com ele há tanto tempo, deve gostá.

E Alice disse com desdém:

- Quem liga pro que um monte de preto pensa!

- Ela perdeu dois bebê - disse Nigel. - E o que ela ainda tem é doentinho.

- Bebês branco - disse ela. - Se parece mais com ele do que comigo. Joe até é ruivo. - Joe era o único sobrevivente.

Quase chorei quando soube disso. Ainda não tinha Hagar. Eu estava muito cansada dessa história ir e voltar; queria muito que ela terminasse. Não conseguia nem sentir pena da amiga que havia lutado e cuidado de mim quando eu estava ferida. Estava ocupada demais sentindo pena de mim mesma.

No terceiro dia de enfermidade, a febre de Rufus cedeu. Ele estava fraco e muitos quilos mais magro, mas muito aliviado por estar livre da febre e da dor, por isso nada mais importava. Acreditava que estava melhorando. Não estava.

A febre e a dor voltaram por mais três dias e ele teve uma irritação na pele que coçava e acabou descascando...

Por fim, ele melhorou e se recuperou. Torci para que, independentemente de qual fosse a doença que o acometera, que eu não a pegasse, que nunca tivesse que cuidar de ninguém que a contraísse. Alguns dias depois da pior parte dos sintomas passar, pude dormir no sótão. Adormeci contente na esteira que Sarah havia estendido para mim lá, e me pareceu a cama mais macia do mundo. Acordei tarde na manhã do dia seguinte, depois de muitas horas de sono ininterrupto. Eu ainda estava um pouco grogue quando Alice subiu a escada correndo e entrou no sótão para me chamar.

- O Senhô Tom tá mal - disse ela. - O Senhô Rufe qué vê ocê.

- Ai, não - murmurei. - Diga a ele para chamar o médico.

- Eles já chamou. Mas o Senhô Tom tá sentindo dô no peito.

A gravidade daquilo foi absorvida lentamente por mim.

- Dor no peito?

- Sim. Vamo. Eles tá na sala.

- Deus, está parecendo ser um ataque do coração. Não há nada que eu possa fazer.

- Vamo. Eles qué ocê.

Vesti uma calça e uma camisa, apressada. O que aquelas pessoas queriam de mim? Mágica? Se Weylin estivesse sofrendo um ataque do coração, ele se recuperaria ou morreria sem minha ajuda.

Desci a escada correndo e entrei na sala onde Weylin estava deitado em um sofá, assustadoramente parado e calado.

- Faça alguma coisa! - Rufus pediu. - Ajude-o! - Sua voz estava tão fina e fraca quanto a aparência. A doença havia deixado marcas nele. Tentei imaginar como havia descido a escada.

Weylin não estava respirando, e eu não conseguia encontrar pulsação. Por um momento, fiquei olhando para ele fixamente, sem me decidir, repelida, sem querer tocá-lo

de novo, muito menos fazer respiração artificial. Então, vencendo a repulsa, comecei a fazer respiração boca a boca nele e massagem cardíaca externa; qual era o termo que se usava? Ressuscitação cardiopulmonar. Eu sabia o nome e já tinha visto alguém realizá-la na televisão. Tirando isso, eu era totalmente leiga. Nem sequer sabia por que estava tentando salvar Weylin. Ele não valia a pena. E eu não sabia se a ressuscitação cardiopulmonar servia para alguma coisa em uma área na qual não havia ambulância a chamar, ninguém para assumir a situação para mim, ainda que eu conseguisse fazer o coração de Weylin voltar a bater, o que eu não acreditava que conseguiria.

E não consegui.

Por fim, desisti. Olhei ao redor e vi Rufus no chão perto de mim. Não sabia se ele tinha se sentado ou caído, mas fiquei feliz por ele estar sentado naquele momento.

- Sinto muito, Rufe. Ele morreu.

- Você o deixou morrer?

- Ele estava morto quando cheguei aqui. Tentei trazê-lo de volta do modo com que trouxe você de volta no dia em que quase se afogou. Fracassei.

- Você o deixou morrer.

Ele parecia uma criança prestes a chorar. Sua doença o havia enfraquecido tanto que pensei que ele pudesse chorar. Até mesmo pessoas saudáveis choravam e diziam coisas irracionais quando seus pais morriam.

- Fiz o que pude, Rufe. Sinto muito.

- Para o inferno, você o deixou morrer! - Ele tentou me atacar, mas só conseguiu cair. Eu me movimentei para ajudá-lo a se levantar, mas parei quando ele tentou me empurrar.

- Chame o Nigel para mim - sussurrou ele. - Chame o Nigel.

Eu me levantei e fui procurar Nigel. Quando me afastei, ouvi Rufus dizer mais uma vez: - Você o deixou morrer.

5

As coisas estavam acontecendo muito rápido para mim. Fiquei quase contente por me ver de novo trabalhando com Sarah e com Carrie, ignorada por Rufus. Precisava de tempo para me adaptar, e para me adaptar à vida na fazenda. Carrie e Nigel tiveram três filhos, e Nigel nunca havia me contado sobre isso porque o mais novo tinha dois anos. Ele havia se esquecido que eu não sabia. Eu estava com ele uma vez, enquanto ele os observava brincando.

- É bom tê filhos - disse ele baixinho. - Bom tê filho homem. Mas é difícil vê eles sendo escravo.

Conheci o menininho magro e pálido de Alice e vi com alívio que, apesar do modo com que ela falava, era óbvio que amava a criança.

- Eu ficava pensando que podia acordá e encontrá ele gelado como os outro - disse ela, um dia, na cozinha.

- De que eles morreram? - perguntei.

- Febre. O médico veio, sangrô eles e purgô eles, mas eles morreu mesmo assim.

- Ele sangrou e purgou bebês?

- Eles tinha dois e três ano. Ele disse que isso ia que-brá a febre. E quebrô. Mas eles.... morreu mesmo assim.

- Alice, se eu fosse você, nunca deixaria aquele homem chegar perto de Joe.

Ela olhou para o filho sentado no chão da cozinha, comendo polenta com leite. Ele tinha cinco anos e parecia quase branco, apesar da pele escura de Alice.

- Eu nunca quis o médico perto dos outros dois - disse Alice. - O Senhô Rufus mandô ele vim... mandô ele vim e fez ele matá meus filho.

As intenções de Rufus tinham sido boas. Até as intenções do médico provavelmente tinham sido boas também. Mas Alice só sabia que seus filhos estavam mortos e ela culpava Rufus. O próprio Rufus me falava dessa atitude.

Um dia depois de Weylin ser enterrado, Rufus decidiu me castigar por deixar o velho morrer. Eu não sabia se ele realmente acreditava que eu tinha feito uma coisa assim. Talvez só precisasse machucar alguém. Atacava os outros quando estava ferido. Eu já tinha visto isso.

Então, no dia seguinte ao enterro, ele mandou o feitor atual, um homem robusto chamado Evan Fowler, chamar-me na cozinha. Pensei que era apenas outro Jake Edwards dando ordens a todos. Mas do lado de fora estava Rufus esperando, observando. Olhei para ele, e então para Fowler.

- É essa? - Fowler perguntou a Rufus.

- É ela - disse Rufus. E ele se virou e voltou a entrar na casa grande.

Surpresa, eu peguei o facão de cortar milho parecido com uma foice, que Fowler colocou em minhas mãos, e me deixei ser pastoreada em direção à plantação de milho. Pastoreada. Fowler montou seu cavalo e seguiu atrás de mim enquanto eu caminhava. Foi uma caminhada comprida. A plantação de milho não ficava onde antes eu a havia visto. Aparentemente, mesmo naquela época, os agricultores praticavam uma espécie de rodízio de plantação. Não que isso importasse para mim. O que diabos eu poderia fazer em uma plantação de milho?

Olhei para trás, para Fowler.

- Nunca trabalhei na roça - disse a ele. - Não sei o que fazer.

- Você vai aprender - disse ele. Usou o cabo do chicote para coçar o ombro.

Comecei a perceber que eu deveria ter resistido, deveria ter me recusado a deixar que Fowler me levasse à plantação onde só outros escravos pudessem ver o que

acontecesse comigo. Agora era tarde demais. Seria um dia ruim.

Os escravos andavam entre as fileiras de milho, cortando as espigas, movimentando seus facões como se fossem tacos de golfe. Dois escravos trabalhavam por fileira, um movendo-se em direção ao outro. Depois, reuniam as espigas que tinham cortado e as amontoavam em lados opostos da fileira. Parecia fácil, mas eu desconfiava que um dia de trabalho devia ser exaustivo.

Fowler apeou e apontou na direção de uma fileira.

- Corte como os outros - disse ele. - Faça o que eles fazem. Agora, comece a trabalhar. - Ele me empurrou em direção à fileira. Já havia alguém na outra ponta trabalhando em minha direção. Alguém rápido e forte, torci para que fosse, porque eu duvidava que seria rápida ou forte no começo. Eu esperava que as tarefas de lavar e esfregar na casa, na fábrica e no galpão em minha própria época tivessem me tornado forte o bastante para conseguir sobreviver.

Levantei o facão e cortei o primeiro pé. Ele se curvou ao cair, parcialmente cortado.

Quase ao mesmo tempo, Fowler me açoitou as costas.

Gritei, lançada à frente, e me virei para olhar para ele, ainda segurando meu facão. Sem se impressionar, ele açoitou meus seios.

Caí de joelhos e me dobrei numa onda de dor. Lágrimas escorreram por meu rosto. Nem mesmo Tom Weylin chicoteava as mulheres daquele modo; assim como não dava chutes na genitália dos homens. Fowler era um animal. Olhei para ele com dor e ódio.

- Levante-se! - disse ele.

Não consegui. Achava que nada poderia me fazer levantar naquele momento; até que vi Fowler erguendo o chicote de novo.

De alguma maneira, eu me levantei.

- Agora, faça o que os outros fazem - disse ele. - Corte perto do chão. Corte com força!

Segurei o facão com firmeza, senti muito mais vontade de cortar Fowler.

- Certo - disse ele. - Vamos ver se consegue. Pensei que você fosse esperta.

Ele era um homenzarrão. Não tinha me dado a impressão de ser muito rápido, mas era forte. Eu temia que, mesmo se conseguisse feri-lo, não o feriria o suficiente para impedir que me matasse. Talvez eu devesse fazer com que ele tentasse me matar. Talvez isso me tirasse desse lugar tenebroso onde as pessoas me puniam por ajudá-las. Talvez me levasse para casa. Mas chegaria inteira? Fowler pegaria a faca de mim e me cortaria no ato.

Eu me virei e ataquei o milho furiosamente, e em seguida, de novo. Atrás de mim, Fowler riu.

- Talvez você tenha algum juízo, afinal - disse ele.

Ele me observou por um tempo, dando ordem para que eu continuasse, literalmente estalando o chicote. Quando se afastou, eu estava suando, tremendo, humilhada. Encontrei a mulher que vinha trabalhando em minha direção e ela sussurrou:

- Vai mais devagá! Para um pouco, se precisá. Se hoje ocê se matá, ele vai te forçá a se matá todo dia.

Aquilo fazia sentido. Inferno, se eu continuasse como estava trabalhando, não aguentaria nem chegar ao fim do dia. Meus ombros já começavam a doer.

Fowler voltou enquanto eu reunia as espigas decepadas.

- Que diabos você acha que está fazendo? - perguntou ele. - Já deveria estar na metade da próxima fileira. -Ele me bateu nas costas quando me inclinei para a frente. - Anda! Você não está na cozinha engordando e fazendo corpo mole. Anda!

Ele fez isso o dia todo. Aparecia de repente, gritando comigo, mandando que eu fosse mais rápido e, por mais rápido que eu fosse, me xingava, me ameaçava. Não me

batia com muita frequência, mas me mantinha tensa porque eu nunca sabia de onde viria o golpe. Chegou num ponto em que ouvir sua aproximação me aterrorizava. Eu me via me retraindo, sobressaltada ao som da voz dele.

A mulher em minha fileira explicou:

- Ele sempre é mais durão com um preto novo. Faz ele trabalhá depressa para podê vê a rapidez com que ele consegue trabalhá. Depois, se a pessoa fô mais devagá, ele desce o chicote nela por sê preguiçosa.

Eu me obriguei a ir mais devagar. Não foi difícil. Achava que meus ombros não poderiam doer mais nem se estivessem quebrados. O suor escorria para dentro de meus olhos, e minhas mãos estavam começando a se encher de bolhas. Minhas costas doíam por causa dos golpes que eu tinha recebido e também pelos músculos doloridos. Depois de um tempo, passou a doer mais meu esforço do que deixar Fowler me atacar. Depois de um tempo, eu estava tão cansada, que não me importava com nenhum dos dois. Dor era dor. Depois de um tempo, eu só queria me deitar entre as fileiras e não me levantar mais.

Eu tropeçava e caía, me levantava e caía de novo. Por fim, fiquei deitada com a cara na terra, incapaz de me levantar. Em seguida, uma escuridão bem-vinda chegou. Eu podia estar indo para casa, morrendo ou desmaiando; não me fazia diferença. Eu estava me afastando da dor. Era tudo.

6

Eu estava de costas quando voltei a mim e havia um rosto branco flutuando à minha frente. Por um instante desesperado, pensei que era o Kevin, pensei que eu estivesse em casa. Eu disse o nome dele com animação.

- Sou eu, Dana.

A voz de Rufus. Eu ainda estava no inferno. Fechei os olhos, sem me importar com o que aconteceria em seguida.

- Dana, levante-se. Você vai sentir mais dor se eu carregar você do que se for andando.

As palavras ecoaram de um jeito estranho em minha mente. Kevin havia dito algo parecido com aquilo para mim antes. Abri os olhos de novo para ter certeza de que era Rufus.

Era. Eu ainda estava na plantação de milho, ainda deitada na terra.

- Vim buscar você - disse Rufus. - Mas acho que deveria ter vindo antes.

Eu me esforcei para ficar de pé. Ele ofereceu uma mão para me ajudar, mas eu a ignorei. Bati um pouco da poeira e o acompanhei pela plantação em direção a seu cavalo. Dali, fomos juntos para casa sem dizer nem uma única palavra. Na casa, fui diretamente ao poço, peguei um balde de água, levei-o escada acima de alguma maneira e então me lavei, espalhei antisséptico em meus novos cortes e vesti roupas limpas. Senti uma dor de cabeça que acabou me levando ao quarto de Rufus para pegar um pouco de Excedrin. Rufus tinha tomado todas as aspirinas.

Infelizmente, ele estava em seu quarto.

- Bem, você não é boa na roça - disse ele quando me viu. - Isso ficou claro.

Eu parei, virei-me e olhei bem para ele. Só olhei. Ele estava sentado na cama, recostado na cabeceira, mas logo se endireitou e me encarou.

- Não faça nada idiota, Dana.

- Certo - respondi baixinho. - Já fiz muitas coisas idiotas. Quantas vezes salvei sua vida até agora? - Minha cabeça dolorida havia me levado à mesa dele, onde eu havia deixado o Excedrin. Coloquei três deles na mão. Nunca tinha tomado tantos antes. Nunca tinha precisado de tantos antes. Minhas mãos tremiam.

- Fowler teria lhe dado uma bela chibatada se eu não tivesse impedido - disse Rufus. - Não foi a primeira surra da qual eu te salvei.

Peguei o Excedrin. E me virei para sair da sala.

- Dana!

Parei, olhei para ele. Rufus estava magro, fraco e com olheiras; a doença havia deixado marcas. Provavelmente não teria conseguido me carregar até seu cavalo se tivesse tentado. E não poderia me impedir de sair do quarto agora; era o que eu acreditava.

- Se você se afastar de mim, Dana, vai voltar para a roça em uma hora!

A ameaça me assustou. Estava falando sério, mandaria-me para lá de novo. Permaneci parada olhando fixamente para ele, não com raiva, mas com surpresa... e medo. Ele podia fazer isso. Talvez mais tarde eu tivesse a chance de fazer com que ele pagasse, mas por enquanto, ele poderia fazer o que quisesse. Estava falando como o pai. Naquele momento, até se parecia com seu pai.

- Nunca mais se afaste de mim! - disse ele. Estranhamente, ele começou a parecer meio assustado. Repetiu as palavras, espaçando-as, enfatizando cada uma. - *Nunca mais se afaste de mim!*

Fiquei onde estava, com a cabeça latejando, mantendo a expressão o mais neutra que consegui. Eu ainda tinha algum orgulho.

- Volte para cá! - disse ele.

Fiquei ali mais um momento, e então voltei para a mesa dele e me sentei. E ele se encolheu. O olhar que associei ao pai dele desapareceu. Ele voltou a si, fosse quem fosse.

- Dana, não me obrigue a falar com você desse jeito - disse ele, exasperado. - Faça o que eu mando.

Balancei a cabeça, incapaz de conseguir pensar em algo seguro a dizer. E acho que me encolhi. Para minha vergonha, percebi que estava quase chorando. Precisava ficar sozinha desesperadamente. De algum modo, contive as lágrimas.

Se ele percebeu, não disse nada. Eu me lembrei de que ainda estava com os comprimidos de Excedrin na mão e os engoli sem água, torcendo para que funcionassem depressa, para que me dessem um pouco de estabilidade. Então, olhei para Rufus, vi que ele havia voltado a se deitar. Eu deveria ficar e observá-lo adormecer?

- Não entendo como você consegue engolir essas coisas assim - ele disse passando a mão pelo pescoço. Ficamos em silêncio por um bom tempo, e então veio outra ordem. - Diga alguma coisa! Converse comigo!

- Ou o quê? - perguntei. - Vai fazer alguém me surrar por não conversar com você?

Ele murmurou algo que eu não entendi muito bem.

- O quê?

Silêncio. E em seguida, uma onda de amargura de minha parte.

- Salvei sua vida, Rufus! Muitas e muitas vezes. - Parei por um momento, prendi a respiração. - E tentei salvar a vida de seu pai. Você sabe que tentei. Você sabe que eu não o matei nem o deixei morrer.

Ele se movimentou de modo desconfortável, fazendo uma careta.

- Me dê um pouco de seu remédio - disse ele.

Consegui não jogar o frasco nele. Eu me levantei e o entreguei a ele.

- Abra - disse ele. - Não quero ter que mexer nessa maldita tampa.

Abri, balancei o frasco para que um comprimido caísse na mão dele, e voltei a fechar a tampa.

Ele olhou para o comprimido.

- Só um?

- Esses são mais fortes do que os outros - falei. Além disso, eu queria economizá-los até quando pudesse. Não tinha como saber quantas vezes mais ele faria com que eu precisasse deles. Os três que eu tinha tomado já estavam começando a me ajudar.

- Você tomou três - ele disse com petulância.

- Eu precisei de três. Ninguém te surrou.

Ele desviou o olhar, enfiou o comprimido na boca. Ainda tinha que mastigar os comprimidos para conseguir engoli-los.

- Este tem gosto pior do que os outros - reclamou.

Eu o ignorei, guardei o frasco na escrivaninha.

- Dana?

- O que foi?

- Sei que você tentou ajudar o papai. Eu sei.

- Então por que você me mandou para a roça? Por que tive que passar por tudo aquilo, Rufe?

Ele deu de ombros, fez uma careta, esfregou os ombros. Aparentemente, muitos de seus músculos ainda estavam doloridos.

- Acho que eu tinha que fazer alguém pagar. E me pareceu que... bem, as pessoas não morrem quando você está cuidando delas.

- Não faço milagre.

- Não. Mas o papai achava que você fazia. Ele não gostava de você, mas achava que conseguia curar as pessoas com mais competência do que um médico.

- Bem, não consigo. Às vezes, tenho menos chances de matar do que o médico, só isso.

- Matar?

- Não sangro nem expurgo a força das pessoas quando elas mais precisam dela. E sei o suficiente para tentar manter um ferimento limpo.

- É só isso?

- É o suficiente para salvar algumas vidas por aqui, mas não, não é só isso. Sei um pouco sobre algumas doenças. Só um pouco.

- O que você sabe sobre... sobre uma mulher que se feriu durante um parto?

- Como assim “se feriu”? - Fiquei pensando que ele podia estar se referindo a Alice.

- Não sei. O médico disse que ela não podia ter mais filhos, e ela teve. Os bebês morreram e ela quase morreu. Desde então, ela não anda muito bem.

Agora eu sabia sobre quem ele estava falando.

- Sua mãe?

- Sim. Ela está voltando para casa. Quero que você cuide dela.

- Meu Deus! Rufe, não sei nada de problemas desse tipo! Acredite! Não sei nada mesmo. - E se a mulher morresse sob meus cuidados? Ele me surraria até a morte!

- Ela quer vir para casa agora que... ela quer vir para casa.

- Não posso cuidar dela. Não sei como fazer isso. - Hesitei. - E, de qualquer forma, sua mãe não gosta de mim, Rufe. Você sabe disso tão bem quanto eu. - Ela me odiava. Ela tornaria a minha vida um inferno por pura maldade.

- Não tem mais ninguém em quem eu confiaria - disse ele. - Carrie tem a família dela agora. Eu teria que tirá-la de seu casebre, para longe de Nigel e dos meninos...

- Por quê?

- A mamãe precisa que alguém passe a noite com ela. E se ela precisar de alguma coisa?

- Você está dizendo que eu teria que dormir no quarto dela?

- Sim. Ela nunca dividiu o quarto com nenhum empregado. Mas agora ela se acostumou com isso.

- Ela não vai se acostumar comigo. Estou falando sério, ela não vai me aceitar. — Pelo amor de Deus!

- Acho que vai. Ela está mais velha agora, não tem mais tanta energia. Você só precisa dar o láudano a ela quando precisar, e ela não vai causar problema.

- Láudano?

- O remédio dela. Ela não precisa mais dele para a dor com tanta frequência, segundo a tia May. Mas ainda precisa.

Como o láudano era um extrato do ópio, eu não tinha dúvidas de que ela ainda precisava dele. Eu teria uma viciada sob meus cuidados. Uma viciada que me odiava.

- Rufe, será que a Alice não poderia...

- Não! - Um não muito enfático. Ocorreu-me que Margaret Weylin tinha mais motivos para detestar Alice do que tinha para me detestar.

- A Alice vai ter outro bebê daqui a poucos meses, de qualquer modo - disse Rufus.

- Vai? Então talvez... - Calei a boca, mas não parei de pensar. Talvez fosse Hagar. Talvez, pela primeira vez, eu tivesse algo a ganhar ficando aqui. Se ao menos...

- Talvez o quê?

- Nada. Não importa. Rufe, estou pedindo para você não colocar sua mãe sob meus cuidados, por ela e por mim.

Ele esfregou a própria testa.

- Vou pensar nisso, Dana, e conversar com ela. Talvez ela se lembre de alguém que gostaria que a acompanhasse. Agora, me deixe dormir. Ainda estou muito fraco.

Comecei a sair do quarto.

- Dana.

- Sim? O que quer agora?

- Vá ler um livro ou coisa assim. Não faça mais trabalho nenhum hoje.

- Ler um livro?

- Faça o que quiser.

Em outras palavras, ele estava arrependido. Sempre se arrependia. Teria se surpreendido, sem entender, se eu me recusasse a perdoá-lo. De repente, me lembrei de como ele falava com a mãe. Quando não conseguia o que queria dela com gentileza, parava de ser gentil. Por que não? Ela sempre o perdoava.

7

Margaret Weylin queria minha presença. Estava magra, pálida, fraca e aparentava ser mais velha do que era de fato. Sua beleza havia sumido, deixando uma espécie de abatimento, fragilidade. Quando fui apresentada a ela novamente, ela bebia de um frasco pequeno um líquido marrom-avermelhado e sorriu de modo generoso.

Nigel a levou a seu quarto. Ela conseguia andar um pouco, mas não conseguia subir escadas. Algum tempo depois, quis ver os filhos de Nigel. Foi melosa com eles. Eu não conseguia me lembrar de tê-la visto agir daquele modo com ninguém além de Rufus. Os filhos dos escravos não despertavam interesse nela, a não ser que fossem filhos de seu marido. Nesse caso, seu interesse era negativo. Mas ela deu doces aos filhos de Nigel, e eles a adoraram.

Pedi para ver um outro escravo, que eu não conhecia, e então choramingou um pouco quando soube que ele tinha sido vendido. Ela estava tomada de meiguice e de benevolência. Isso me assustou um pouco. Não conseguia acreditar que ela havia mudado tanto.

- Dana, você ainda lê como costumava ler? - perguntou ela.

- Sim, senhora.

- Eu quis você porque me lembrei de como lia bem.

Mantive a expressão neutra. Se ela não se lembrava do que achava do fato de eu ler, eu me lembrava.

- Leia a Bíblia para mim - disse ela.

- Agora? - Ela havia acabado de tomar o café da manhã. Eu não tinha comido nada ainda, e estava faminta.

- Agora, sim. Leia o Sermão do Monte.

Aquele foi o começo de meu primeiro dia entediante com ela. Quando se cansou de me ouvir lendo, pensou em outras coisas para eu fazer. Lavar suas roupas, por exemplo. Ela não confiava em mais ninguém para realizar essa tarefa. Fiquei tentando imaginar se ela já tinha descoberto que Alice costumava lavar as roupas. E também havia a limpeza. Ela só acreditava que o quarto era varrido e que o pó era tirado quando me via fazendo as tarefas. Acreditava que Sarah não entendia como ela queria que o jantar fosse preparado, por isso desci, chamei Sarah e a levei ao quarto comigo para que ela pudesse receber as orientações. Ela teve que conversar com Carrie e com Nigel sobre a limpeza. Teve que inspecionar o garoto e a garota que serviam as refeições. Em resumo, ela tinha que provar que estava comandando a própria casa de novo. Tudo havia funcionado sem ela por anos, mas agora ela estava de volta.

Ela decidiu me ensinar a costurar. Eu tinha uma máquina de costura Singer antiga e costurava bem o bastante para cuidar das minhas necessidades e das de Kevin. Mas eu achava que costurar à mão, principalmente costurar “por prazer”, era uma tortura lenta. Mas Margaret Weylin nunca perguntou se eu queria aprender. Ela tinha tempo ocioso, e era meu trabalho ajudá-la a preenchê-lo. Por isso, eu passava muitas horas tediosas tentando imitar seus pontos minúsculos, retos e constantes, e ela passava minutos desfazendo meu trabalho e fazendo sermões nada gentis, dizendo que tudo estava ruim.

Conforme os dias passavam, fui aprendendo a demorar mais do que o necessário quando ela me dava tarefas. Aprendi a mentir para me livrar dela quando achava que estava prestes a explodir. Aprendi a ouvir em silêncio enquanto ela falava sem parar... Na maior parte do tempo, ela falava sobre como as coisas eram melhores em Baltimore do que aqui. Nunca consegui gostar de dormir no chão do quarto dela, mas ela não permitia que colocassem

a cama lá dentro. Realmente não via que era ruim para mim dormir no chão. Pretos sempre dormiam no chão.

Porém, por mais problemática que fosse, Margaret Weylin havia se acalmado. Não tinha mais os acessos de raiva de antes. Talvez isso se devesse ao láudano.

- Você é uma boa moça - ela disse a mim uma vez, quando eu estava sentada perto de sua cama, costurando uma manta. - Muito melhor do que era antes. Alguém deve ter te ensinado a se comportar.

- Sim, senhora. - Nem sequer olhei para ela.

- Ótimo. Você era insolente antes. Não há nada pior do que uma preta insolente.

- Sim, senhora.

Ela me diminuía, entediava-me, irritava-me, enlouquecia-me. Mas minhas costas cicatrizaram totalmente enquanto estive com ela. O trabalho não era difícil e ela nunca reclamava de nada além de minha costura. Nunca me ameaçou nem tentou fazer com que eu fosse chicoteada. Rufus dizia que ela estava satisfeita comigo. Isso parecia surpreendente até mesmo para ele. Por isso, eu a tolerava em silêncio. Agora, eu já tinha vivido coisas suficientes para saber que estava em uma situação boa. Ou acreditava estar.

- Oê tem que vê como oê tá - Alice me disse um dia enquanto eu me escondia em seu casebre; o casebre que Rufus havia feito Nigel construir para ela antes do nascimento de seu primeiro filho.

- O que quer dizer? - perguntei.

- O Senhô Rufe colocô nocê o medo de Deus, não colocô?

-Medo de... do que está falando?

- Cê anda por aí fazendo o que aquela mulhé qué como se amasse ela. E só preciso de meio dia na roça.

- Que inferno, Alice, me deixe em paz. Passei a manhã inteira ouvindo bobagens. Não preciso ouvir as suas.

- Cê não qué me ouvi, sai daqui. O jeito com que ocê sempre obedece aquela mulhé dá nojo em todo mundo.

Eu me levantei e fui para a cozinha. Em determinados momentos, era tolice esperar bom senso de Alice, não adiantava afirmar o óbvio.

Havia dois escravos do campo na cozinha. Um jovem que estava com uma perna quebrada em uma tala, que obviamente cicatrizava torta, e um senhor que não fazia mais muitos trabalhos. Consegui ouvi-los antes de entrar.

- Sei que o Senhô Rufe vai se livrá de mim se pudé - disse o jovem. - Não sirvo pra ele. O pai dele já teria se livrado de mim.

- Ninguém vai me comprá - disse o senhor. - Eu já deixei de servi muito tempo atrás. É os moço novo que precisa se preocupá.

Entrei na cozinha, e o jovem que estava com a boca aberta para falar a fechou depressa, olhando para mim com uma hostilidade óbvia. O senhor simplesmente tinha dado as costas para mim. Eu já tinha visto escravos fazendo isso com Alice. Não os tinha visto fazendo isso comigo antes. De repente, a cozinha deixou de ser confortável, assim como era desconfortável o casebre de Alice. Podia ser diferente se Sarah ou Carrie estivessem ali, mas elas não estavam. Saí da cozinha e voltei em direção à casa grande, sentindo-me solitária.

Mas ali dentro eu me perguntei por que tinha me retraído daquele jeito. Por que não tinha revidado? Alice me acusar era ridículo, e ela sabia disso. Mas os escravos do campo... eles simplesmente não me conheciam, não sabiam se eu era leal a Rufus ou a Margaret, não sabiam o que eu podia contar.

E se eu contasse, qual era a chance de eles acreditarem em mim?

Mas ainda assim...

Atravessei o corredor e fui em direção às escadas lentamente, perguntando-me por que não tinha tentado me

defender, nem tentado, pelo menos. Eu estava me acostumando a ser submissa?

No andar de cima, ouvi Margaret Weylin batendo com o cajado no chão. Ela não usava muito o cajado para andar porque mal andava. Ela o usava para me chamar.

Eu me virei e saí da casa de novo, em direção à mata. Precisava pensar. Não estava tendo tempo só para mim. Uma vez, só Deus sabia há quanto tempo, eu temi estar me separando muito de mim mesma e dessa época desconhecida. Agora, não havia distância nenhuma. Quando eu havia parado de fingir? Por que eu havia parado?

Havia pessoas caminhando em minha direção em meio à mata. Várias pessoas. Elas estavam na estrada, e eu estava a vários metros dali. Eu me agachei entre as árvores para esperar que passassem. Não estava com vontade de responder às perguntas inevitáveis e idiotas de algum homem branco. “O que você está fazendo aqui?”, “Quem é seu dono?”

Eu poderia ter respondido sem problema. Não estava perto da propriedade dos Weylin. Mas, por um momento, queria ser dona de mim. Antes que me esquecesse como era ser dona de mim.

Um branco passou montado em um cavalo liderando duas dúzias de negros acorrentados de dois em dois. Acorrentados. Eles usavam algemas e coleiras de ferro, com correntes que ligavam as coleiras a uma corrente central que passava entre as duas fileiras. Atrás dos homens caminhavam várias mulheres amarradas pelo pescoço. Um grupo de escravos para venda.

No fim da procissão, vinha um outro branco com uma arma no cinto. Todos estavam indo para a casa dos Weylin.

De repente, eu me dei conta de que os escravos na cozinha não estavam falando à toa sobre a possibilidade de serem vendidos. Sabiam que uma venda aconteceria. Escravos do campo que nunca tinham entrado na casa grande, e eles sabiam. Eu não ouvira nada a respeito.

Ultimamente, Rufus passava o tempo ajeitando os negócios de seu pai ou dormindo. A fraqueza causada pela doença ainda não o havia deixado, e ele não tinha tempo para mim. Mal tinha tempo para sua mãe. Mas tinha tempo para vender escravos. Tinha tempo para se tornar muito mais parecido com seu pai.

Deixei o grupo de escravos chegar à casa bem à minha frente. Quando cheguei lá, três escravos já estavam sendo somados à fileira. Dois homens, um com semblante sério, outro chorando sem disfarçar; e uma mulher que se movia como se estivesse andando enquanto dormia, como se fosse sonâmbula. Quando me aproximei, a mulher passou a parecer familiar. Parei, quase não querendo saber quem era. Uma mulher alta, de corpo forte e bonita.

Tess.

Eu a vi duas ou três vezes dessa última vez. Ela ainda estava trabalhando nos campos, ainda servindo o feitor à noite. Não tinha filhos, e talvez por isso estivesse sendo vendida. Ou talvez fosse algo que Margaret Weylin havia arranjado. Podia estar sendo vingativa se soubesse do interesse temporário de seu marido por Tess.

Comecei a caminhar em direção a Tess, e o branco que havia acabado de amarrar uma corda em seu pescoço, amarrando-a à fileira, me viu. Ele se virou para ficar de frente para mim, com a arma em punho.

Parei, assustada, confusa... Eu não havia feito nenhum movimento ameaçador.

- Eu só queria me despedir de minha amiga - disse a ele. Por algum motivo, eu estava sussurrando.

- Diga adeus de onde está. Ela pode ouvir você.

- Tess?

Ela estava de pé, com a cabeça baixa e os ombros encolhidos, com uma trouxinha vermelha em uma das mãos. Devia ter me ouvido, mas achei que não me ouviu.

- Tess, é a Dana.

Ela não olhou para a frente.

- Dana! - Ouvi a voz de Rufus perto das escadas onde ele conversava com o outro homem branco. - Saia daqui. Vá para dentro.

- Tess? - Chamei mais uma vez, tentando fazer com que ela respondesse. Ela conhecia minha voz, com certeza. Por que não olhava para a frente? Por que não falava? Por que nem se mexia? Era como se eu não existisse para ela, como se eu não fosse real.

Dei um passo na direção dela. Acho que teria encostado nela, tirado a corda de seu pescoço ou teria levado um tiro enquanto tentasse fazer isso. Mas, naquele momento, Rufus me pegou. Ele me agarrou, empurrou-me para dentro da casa, para dentro da biblioteca.

- Fique aqui! - ordenou. - Fique... - Ele parou, de repente tombou e se agarrou a mim, não para me manter ali, mas para se manter de pé. - Inferno!

- Como pôde fazer isso!? - sibilei enquanto ele se endireitava. - Tess... Aqueles outros...

- Eles são minha propriedade!

Olhei para ele sem acreditar.

- Ai, meu Deus...!

Ele passou uma mão pelo rosto, virou-se de costas.

- Olha, essa venda é algo que meu pai organizou antes de morrer. Você não pode fazer nada em relação a ela, só pode não atrapalhar!

- Ou o quê? Você vai me vender também? Pois me venda!

Ele saiu de novo sem responder. Depois de um tempo, eu me sentei na poltrona puída de Tom Weylin e apoiei a cabeça em sua mesa.

8

Carrie ficou com Margaret Weylin por mim. Ela quis que eu soubesse disso quando me flagrou subindo a escada de novo. Na verdade, não sei por que eu estava subindo, só sabia que não queria ver Rufus por um tempo, e não havia mais nenhum lugar aonde ir.

Carrie me parou na escada, olhou para mim de modo crítico, e então segurou meu braço e me levou para baixo e para fora da casa, para seu casebre. Eu não sabia nem me importava em saber o que ela estava planejando, mas compreendi quando ela me contou, por meio de gestos, que havia dito a Margaret Weylin que eu estava doente. Em seguida, levou os polegares e os indicadores das duas mãos ao pescoço e olhou para mim.

- Eu vi - falei. - Tess e dois outros. - Puxei o ar com dificuldade. - Pensei que isso não acontecesse mais nesta fazenda. Pensei que tivesse acabado com a morte de Tom Weylin.

Carrie deu de ombros.

- Eu me arrependo por não ter deixado Rufus jogado na lama - falei. - E pensar que eu o salvei para que ele pudesse fazer algo assim...!

Carrie segurou meu punho e balançou a cabeça vigorosamente.

- Como assim, não? Ele não presta. É um adulto agora e faz parte do sistema. Ele se compadecia de nós um pouco quando seu pai comandava as coisas, quando ele próprio não era totalmente livre. Mas agora ele está no comando. E eu acho que ele teve que fazer algo depressa para provar isso.

Carrie levou as mãos ao pescoço de novo. Finalmente, foi até o berço no qual seu filho mais novo não mais cabia e ali, simbolicamente, fez um círculo com as mãos de novo, deixando um espaço suficiente para envolver um pescoço pequeno.

Ela se endireitou e olhou para mim.

- Todo mundo? - perguntei.

Ela assentiu, fez um gesto amplo com os braços como se estivesse reunindo pessoas a seu redor. E então, mais uma vez, levou as mãos ao pescoço.

Assenti. Ela devia estar certa. Margaret Weylin não podia administrar a fazenda. A terra e as pessoas seriam vendidas. E, se Tom Weylin servia de exemplo, as pessoas seriam vendidas sem que fossem considerados os laços de família.

Carrie permaneceu olhando para o berço como se tivesse lido meus pensamentos.

- Eu estava começando a me sentir uma traidora - falei.

- Culpada por salvá-lo. Agora... não sei o que sentir. De algum modo, parece que eu sempre o perdoo pelo que ele faz comigo. Não consigo detestá-lo como deveria, até vê-lo fazendo coisas ruins com outras pessoas. - Balancei a cabeça. - Acho que agora consigo entender por que há pessoas aqui que acham que sou mais branca do que negra.

Carrie balançou a mão depressa, várias vezes, com expressão insatisfeita. Ela se aproximou de mim e passou os dedos pela lateral de meu rosto com força. Eu me afastei, e ela manteve os dedos à minha frente, mostrou os dois lados. Mas pela primeira vez, não entendi.

Frustrada, ela me levou para fora pela mão, aonde Nigel rachava lenha. Ali, diante dele, ela repetiu o gesto de esfregar o rosto, e ele assentiu.

- Ela qué dizê que não sai, Dana - disse ele baixinho. - A pele negra. Ela qué dizê que ocê deve mandá pro inferno as pessoa que diz que ocê é algo que não é.

Eu a abracei e me afastei depressa para que ela não visse que eu estava à beira das lágrimas. Subi ao quarto de Margaret Weylin, e ela havia acabado de tomar o láudano. Estar com ela nesses momentos era como estar sozinha. E estar sozinha era o que eu precisava.

9

Evitei Rufus por três dias depois da venda. Ele facilitou as coisas para mim. Também me evitou. Então, no quarto dia, ele foi me procurar. Encontrou-me no quarto de sua mãe, obedecendo a suas ordens e trocando os lençóis de sua cama enquanto ela permanecia sentada, com aparência frágil, perto da janela. Ela mal comia. Eu me flagrei tentando fazer com que ela comesse. Então, percebi que ela gostava de ser orientada. Conseguia se esquecer de ser superior às vezes para ser apenas a mãe idosa de alguém. A mãe de Rufus. Infelizmente.

Ele entrou e disse:

- Deixe Carrie terminar isso, Dana. Tenho outra coisa para você fazer.

- Ah, você precisa levá-la agora? - perguntou Margaret. - Ela estava...

- Vou mandá-la de volta depois, mamãe. E Carrie vai subir para terminar de arrumar sua cama em um minuto.

Eu saí do quarto em silêncio, sem vontade de fazer o que ele pudesse querer que eu fizesse.

- Desça até a biblioteca - disse ele atrás de mim.

Olhei para trás, para ele, tentando perceber seu humor, mas ele só parecia cansado. Ele comia bem e descansava o dobro do que precisaria, mas sempre parecia cansado.

- Espere um pouco - disse ele.

Parei.

- Você trouxe outra daquelas canetas que têm tinta dentro?

- Sim.

- Busque-a.

Fui até o sótão onde ainda mantinha a maioria das minhas coisas. Eu havia trazido três canetas dessa vez, mas só desci com uma delas para o caso de ele ainda gostar de desperdiçar tinta, como fez da última vez.

- Já ouviu falar em dengue? - perguntou ele enquanto descia as escadas.

- Não.

- Bem, de acordo com o médico da cidade, foi o que eu tive. contei a ele sobre a doença. - Ele ia à cidade com frequência desde a morte de seu pai. - O médico disse que não sabe como eu consegui me curar sem sangrar e sem um bom vomitório. Disse que eu ainda estou fraco porque não tirei todo o veneno de meu corpo.

- Coloque-se sob os cuidados dele - falei baixinho -, e com um pouco de sorte, teremos nossos problemas resolvidos.

Ele franziu a testa sem entender.

- O que quer dizer com isso?

- Nada.

Ele se virou e me segurou pelos ombros de um jeito que provavelmente esperava que fosse dolorido. Não doeu.

- Está tentando dizer que quer me ver morto?

Suspirei.

- Se quisesse, você já estaria morto, não acha?

Silêncio. Ele me soltou e entramos na biblioteca. Sentou-se na poltrona velha de seu pai e fez um gesto para que eu me sentasse numa cadeira Windsor dura perto dele. O que era um passo à frente em relação ao pai dele, que sempre me fazia ficar de pé na frente dele como uma aluna na sala do diretor da escola.

- Se você acha que aquela pequena venda foi ruim - e meu pai já a havia organizado -, é melhor cuidar para que nada aconteça comigo. - Rufus se recostou e olhou para mim com olhos arregalados. - Sabe o que aconteceria com as pessoas aqui se eu morresse?

Assenti.

- O que me incomoda - falei é o que vai acontecer com elas se você viver.

- Você não acha que vou fazer alguma coisa com elas, acha?

- Claro que vai. E eu terei que ver, lembrar e determinar quando você tiver ido longe demais. Acredite, não estou ansiosa para essa tarefa.

- Você toma muito as coisas para si.

- Nada disso foi ideia minha.

Ele murmurou algo inaudível, e provavelmente obsceno.

- Você devia estar na roça - disse ele. - Só Deus sabe por que não te deixei lá. Teria aprendido algumas coisas.

- Eu teria sido morta. Você precisaria ter começado a cuidar muito bem de si mesmo. - Dei de ombros. - Acho que você não tem essa habilidade.

- Que inferno, Dana... De que adianta ficarmos aqui trocando ameaças? Não acho que você queira me ferir, assim como eu não quero te ferir.

Eu não disse nada.

- Trouxe você aqui para escrever algumas cartas para mim, não para brigar comigo.

- Cartas?

Ele assentiu.

- Sabe, eu odeio escrever. Não me incomoda ler, mas detesto escrever.

- Você não detestava seis anos atrás.

- Naquela época, eu não tinha que escrever. Não havia oito ou nove pessoas querendo respostas com urgência.

Girei a caneta em minhas mãos.

- Você não imagina o quanto relutei em minha época para evitar fazer esse tipo de trabalho.

Ele sorriu de repente.

- Imagino, sim. Kevin me contou. Ele me contou sobre os livros que você escreveu também. Seus próprios livros.

- É assim que ele e eu ganhamos a vida.

- Sim. Bem, pensei que talvez você sentisse falta... de escrever suas coisas, quero dizer. Por isso, consegui papel suficiente para você escrever por nós dois.

Olhei para ele, sem saber direito se tinha ouvido bem. Eu havia lido que papel na época dele era caro, e tinha reparado que Weylin não tinha papel em grande quantidade. Mas Rufus estava me oferecendo... oferecendo o quê? Um suborno? Outro pedido de desculpa?

- O que foi? - perguntou ele. - Para mim, parece que essa oferta é melhor do que qualquer outra que eu tenha feito até agora.

- Sem dúvida.

Ele pegou papel, abriu espaço para mim na mesa.

- Rufe, você vai vender mais alguém?

Ele hesitou.

- Espero que não. Não gosto disso.

- Por que espera? Por que não pode simplesmente não mais fazer isso?

Mais uma hesitação.

- O papai deixou dívidas, Dana. Ele era o homem mais cuidadoso com dinheiro que conheci, mas ainda assim, deixou dívidas.

- Mas as colheitas não pagam as dívidas?

- Algumas delas.

- Ah. O que você vai fazer?

- Fazer com que alguém que ganha a vida escrevendo escreva algumas cartas bem persuasivas.

10

Escrevi as cartas dele. Tive que ler várias das que ele havia recebido para perceber o estilo artificialmente formal da época. Não queria que Rufus enfrentasse um credor que eu tivesse irritado com minha brevidade do século XX, o que seria visto como indelicadeza do século XIX, até mesmo descortesia. Rufus me deu uma ideia geral do que queria que eu dissesse, e depois aprovava ou desaprovava o modo com que eu dizia as coisas. Normalmente, aprovava. Depois, passamos a analisar os livros do pai dele juntos. Não voltei para cuidar de Margaret Weylin.

E nunca voltaria a cuidar dela em tempo integral. Rufus trouxe uma jovem chamada Beth da roça para ajudar com o trabalho doméstico. Isso acabou liberando Carrie para que passasse mais tempo com Margaret. Continuei dormindo no quarto de Margaret, porque concordei com Rufus que Carrie devia ficar com a família dela, pelo menos à noite. Assim, eu tinha que tolerar Margaret me acordando quando não conseguia dormir e reclamando muito por Rufus ter me levado de lá bem quando ela e eu estávamos começando a nos dar tão bem...

- O que ele manda você fazer? - ela perguntou diversas vezes... desconfiada.

Eu contei.

- Parece que poderia fazer isso sozinho. Tom sempre escrevia sozinho.

Rufus também poderia escrever sozinho, pensei, mas não disse isso em voz alta. Ele só não gostava de trabalhar sozinho. Na verdade, não gostava de trabalhar e ponto. Mas quando tinha que trabalhar, queria companhia. Só percebi o quanto preferia minha companhia quando voltou para casa

um pouco bêbado, certa noite, e encontrou Alice e eu comendo juntas no casebre dela. Ele andava jantando com uma família na cidade.

- Gente que tem filhas e qué se livrá delas - dissera Alice. Ela havia me dito isso sem qualquer preocupação, apesar de saber que sua vida poderia se tornar muito mais difícil se Rufus se casasse. Rufus tinha propriedades, escravos e aparentemente era um bom partido.

Ele chegou em casa e, como não encontrou nenhuma de nós do lado de dentro, saiu e foi ao casebre de Alice. Abriu a porta e viu nós duas olhando para ele sentadas à mesa, e sorriu feliz.

- Cuidado com a mulher - disse ele. E olhou para nós duas. - Vocês são uma mulher só. Sabiam isso?

Ele se afastou.

Alice e eu nos entreolhamos. Pensei que ela fosse rir porque aproveitava qualquer oportunidade que conseguia encontrar para rir dele, mas não abertamente, pois ele a surraria quando decidisse que ela precisava apanhar.

Ela não riu. Estremeceu, e então se levantou, mas não muito delicadamente (sua gravidez já estava aparente), e olhou para fora, para ele caminhando.

Depois de um tempo, perguntou:

- Ele leva ocê pra a cama, Dana?

Eu me sobressaltei. Sua maneira direta ainda me assustava.

- Não. Ele não me quer e eu não quero ele.

Ela se virou para olhar para mim.

- O que ocê não querê tem que vê com isso?

Eu não disse nada porque gostava dela. E não havia resposta que eu pudesse dar que não pareceria uma crítica a ela.

- Olha - disse ela ocê amansa ele pra mim. Ele quase nunca me bate quando ocê tá aqui. E nunca bate nocê.

- Ele manda outras pessoas me baterem.

- Mas mesmo assim... sei o que ele qué. Ele gosta de mim na cama, e d'ocê fora da cama, e eu e ocê se parece, se a gente acreditá no que as pessoa diz.

- Nós nos parecemos, é só acreditarmos no que vemos!

- Acho que sim. Bom, isso qué dizê que a gente é duas metade da mesma mulhé... Pelo menos na cabeça doida dele.

11

O tempo passou devagar, sem acontecimentos, enquanto eu esperava pelo nascimento da criança que eu torcia para que fosse Hagar. Continuei ajudando Rufus e a mãe dele. Eu mantinha um diário no qual escrevia com taquigrafia. (“Que diabos são essas marquinhos?”, perguntou Rufus um dia, quando olhou por cima de meu ombro.) Era um alívio conseguir dizer o que eu sentia, mesmo que fosse escrevendo, sem temer que eu ou outra pessoa pudesse ter problemas com isso. Uma de minhas aulas de secretariado finalmente havia se tornado útil.

Tentei debulhar milho e enchi as mãos lentas e desajeitadas de bolhas, enquanto mãos experientes na roça aceleravam o trabalho sem esforço, divertindo-se. Não havia motivos para eu me juntar aos trabalhadores, mas eles pareciam estar se divertindo com a debulha; Rufus dava a eles um pouco de uísque para ajudar no trabalho, e eu precisava de uma festa, precisava de qualquer coisa que aliviasse o tédio, que me fizesse parar de pensar.

Foi uma festa, sim. Uma festa meio maluca que ninguém modificou porque “as mulheres do patrão”, Alice e eu, estavam lá. Quem trabalhava perto de mim ao redor da pequena montanha de milho ria de minhas bolhas, e eu dizia que estava sendo iniciada. Uma caneca foi passada de um a outro e eu tomei um gole, engasguei e causei mais risos. Um riso surpreendentemente agradável. Um homem de músculos enormes me disse que era uma pena eu já ter alguém que respondesse por mim, e isso me rendeu olhares hostis de três mulheres. Depois do trabalho, havia grande quantidade de alimentos (frango, porco, legumes, broa de milho, frutas), comida melhor do que o arenque e a polenta

que os trabalhadores do campo tanto comiam. Rufus passou a ser considerado herói por oferecer uma refeição tão boa, e as pessoas davam os elogios que ele queria. Depois, faziam piadas nojentas sobre ele pelas costas. Estranhamente, pareciam gostar dele, desdenhá-lo e temê-lo, tudo ao mesmo tempo. Isso me confundia, porque eu também sentia a mesma mistura de sentimentos por ele. Achava que meus sentimentos eram complicados, porque ele e eu tínhamos uma relação muito esquisita. Mas, na realidade, a escravidão de qualquer tipo criava relacionamentos estranhos. O feitor me despertava emoções menos conflituosas e mais simples quando aparecia brevemente. Pensando bem, era tarefa do feitor ser detestado e temido, enquanto o senhor mantinha as mãos limpas.

Após algum tempo, os jovens começaram a desaparecer de dois em dois e alguns dos mais velhos pararam de comer, beber, cantar ou conversar por tempo suficiente para lançar a eles olhares de desaprovação; ou olhares melancólicos, mas compreensivos. Pensei em Kevin e senti saudade dele, sabendo que não dormiria bem naquela noite.

No Natal, mais uma festa aconteceu: dança, cantoria, três casamentos.

- O papai costumava fazer com que eles esperassem até a debulha ou o Natal para se casarem - Rufus me contou. - Eles gostam de festas quando se casam, e meu pai fazia algumas.

- Qualquer coisa para conseguir uns trocados - falei sem cuidado.

Ele olhou para mim.

- E melhor você ficar feliz por ele não ter gastado dinheiro. E você quem fica chateada quando precisamos de dinheiro rápido.

Eu já conseguia controlar minha língua nesse momento, e me calei. Ele não tinha vendido mais ninguém. A colheita tinha sido boa e os credores tinham sido pacientes.

- Conheceu alguém com quem queira pular o cabo da vassoura? - perguntou ele.

Olhei para ele surpresa e vi que não falava a sério. Estava sorrindo e observando os escravos dançando com reverências e trocas de parceiros ao som de um banjo.

- O que você faria se eu tivesse encontrado alguém? - perguntei.

- Eu o venderia - disse ele. Ainda sorria, mas o bom humor já não estava mais ali. Percebi, naquele momento, que ele observava o musculoso que havia tentado me chamar para dançar, o mesmo homem que havia conversado comigo durante a debulha de milho. Teria que pedir a Sarah para dizer a ele para não mais falar comigo. Ele não queria nada demais, mas isso não o salvaria se Rufus ficasse irado.

- Já me basta um marido - falei.

- Kevin?

- Claro, Kevin.

- Ele está muito longe.

Havia algo em seu tom de voz que não devia estar ali. Eu me virei para olhar para ele.

- Não diga besteiras.

Ele se sobressaltou e olhou ao redor depressa para ver se alguém tinha ouvido.

- Cuidado com o que diz - disse ele.

- E você também.

Ele se afastou com raiva. Vínhamos trabalhando juntos demais ultimamente, ainda mais agora que Alice estava num estágio tão avançado da gravidez. Fiquei agradecida quando a própria Alice criou outro trabalho para mim, um trabalho que me tirava de perto dele regularmente. Em algum momento durante o feriado de Natal que durava a semana toda, Alice o convenceu a permitir que eu ensinasse Joe, o filho deles, a ler e a escrever.

- Foi meu presente de Natal - disse ela. - Ele me pergunta o que eu queria, e eu disse que queria que meu

filho não fosse ignorante. Sabe, eu tive que brigá com ele a semana inteira até ele dizê sim!

Mas ele aceitou, finalmente, e o menino me encontrava todos os dias para aprender a fazer letras grandes e desajeitadas na tábua que Rufus comprou para ele, e para ler palavras e rimas dos livros que o próprio Rufus tinha usado. Mas, diferente do pai, Joe não se entediava com o que estava aprendendo. Ele se apegava às aulas como se elas fossem quebra-cabeças que ele montava para se divertir, quebra-cabeças que ele adorava montar. Às vezes, ficava intenso, fazia escândalos com gritos e chutes quando algo parecia difícil. Mas poucas coisas lhe pareciam difíceis.

- Você tem um filho esperto demais - eu disse a Rufus. - Deve se orgulhar.

Rufus pareceu surpreso, como se nunca tivesse parado para pensar que o menino, pequeno para sua idade e de nariz escorrendo, pudesse ter algo especial. Passara a vida vendo o pai ignorar, até mesmo vender os filhos que tinha com as mulheres negras. Aparentemente, Rufus nunca tinha pensado em quebrar essa tradição. Até aquele momento.

Passou a se interessar pelo filho. Talvez estivesse apenas curioso no começo, mas o menino percebeu. Eu peguei os dois juntos na biblioteca, certa vez, Joe sentado no colo de Rufus analisando um mapa que ele havia acabado de levar para casa. O mapa estava aberto sobre a mesa.

- Esse é nosso rio? - perguntava o menino.

- Não, esse é o rio Miles, a nordeste daqui. Esse mapa não mostra nosso rio.

- Por que não?

- Porque é pequeno demais.

- O quê? - O menino olhou para ele. - Nosso rio ou este mapa?

- Os dois, acho.

- Vamos desenhar o rio, então. Para onde ele vai?

Rufus hesitou.

- Aqui, mais ou menos. Mas não temos que desenhar.

- Por quê? Não quer que o mapa fique certo?

Fiz barulho, e Rufus olhou para mim. Achei que por um momento ele quase pareceu envergonhado. Colocou o menino no chão depressa e o mandou embora.

- Só sabe fazer perguntas - Rufus reclamou.

- Aproveite, Rufe. Pelo menos ele não está incendiando o estábulo nem tentando se afogar.

Ele não conseguiu evitar a risada.

- Alice disse algo parecido com isso. - Franziu um pouco a testa. - Ela quer libertá-lo.

Assenti. Alice já tinha me dito que pretendia pedir a liberdade do menino.

- Acho que você enfiou isso na cabeça dela.

Olhei para ele com os olhos arregalados.

- Rufe, se tem uma mulher decidida aqui, é a Alice. Não enfiei nada na cabeça dela.

- Bem... agora ela tem que enfiar outra coisa na cabeça.

- O quê?

- Nada. Nada do seu interesse. Só quero que ela mereça o que quer, para variar - disse ele.

Não consegui tirar nada além disso dele. Mas Alice acabou me contando o que ele queria.

- Ele qué que eu goste dele - disse ela com muito desdém. - Ou talvez até que ame ele. Acho que qué que eu seja mais como ocê!

- Garanto a você que ele não quer isso.

Ela fechou os olhos.

- Não me importa o que ele qué. Se eu achasse que isso ia libertá meus filho, eu ia tentá. Mas ele mente! E não deixa escrito no papel.

- Ele gosta do Joe - falei. - Deve gostar. Joe se parece com ele quando tinha a mesma idade, numa versão um pouco mais escura. Bem, pode ser que ele mesmo decida libertar o menino.

- E esse? - Ela levou a mão à barriga. - E os outro? Ele vai cuidá pra tê mais.

- Não sei. Vou pedir sempre que puder.

- Eu devia tê pegado o Joe e tentado fugi antes de engravidá de novo.

- Você ainda está pensando em fugir?

- Ocê não ia pensá se não tivesse outro jeito de se libertá?

Assenti.

- Não quero passá a vida aqui vendo meus filho crescer escravo e talvez sê vendido.

- Ele não faria...

- Cê não sabe o que ele pode fazê! Ele não trata ocê como me trata. Quando eu estivé forte de novo, depois de tê esse bebê, vou embora.

- Com o bebê?

- Cê não acha que eu vou largá ele aqui, acha?

- Mas... não imagino como você conseguiria.

- Sei de mais coisa agora do que sabia quando Isaac e eu fugimo. Vô consegui.

Respirei fundo.

- Quando a hora chegar, se eu puder te ajudar, vou ajudar.

- Me dá um vidro de láudano - disse ela.

- Láudano!

- Vai fazê o bebê ficá quieto. A velha não me deixa chegá perto, mas ela gosta d'ocê. Pega.

- Está bem. - Não gostei disso. Não gostei da ideia de ela tentar fugir com um bebê e uma criança pequena, não gostei da ideia de ela tentar fugir, fosse como fosse. Mas ela tinha razão. Em seu lugar, eu teria tentado. Teria tentado antes e morrido antes, mas teria ido sozinha.

- Pense nisso um pouco mais - falei. - Vou te dar o láudano e o que mais eu puder dar, mas pense.

-Já pensei.

- Não o suficiente. Eu não deveria dizer isso, mas pense no que vai acontecer se os cachorros pegarem o Joe, ou se eles derrubarem você e pegarem o bebê.

12

O bebê era uma menina, nascida no segundo mês do ano novo. Era a cara de Alice, com a pele mais escura do que Joe teria, provavelmente.

-Já era hora de eu tê um filho parecido comigo - disse Alice quando a viu.

- Você podia ter pelo menos tentado fazer os cabelos ruivos - disse Rufus. Ele estava lá também, espiando o rostinho enrugado do bebê, espiando com ainda mais preocupação o rosto de Alice, marcado pelo suor e pelo cansaço.

Pela primeira e única vez, eu a vi sorrir para ele; um sorriso de verdade. Sem sarcasmo, sem piada. E aquilo o silenciou por vários segundos.

Carrie e eu tínhamos ajudado no parto, mas saímos depressa, provavelmente nós duas estávamos pensando a mesma coisa. Que se Alice e Rufus finalmente estabeleceriam a paz, nenhuma de nós queria estragar a situação.

Eles deram à bebê o nome de Hagar. Rufus disse que era o nome mais feio que já tinha ouvido, mas foi escolha de Alice, e assim ele deixou que fosse. Eu achei o nome mais lindo que já tinha ouvido. Eu me sentia quase livre, meio livre, se é que algo assim fosse possível, com meio caminho para casa. Eu me senti alegre, a princípio, secretamente exultante. Até brinquei com Alice em relação aos nomes que ela escolhera aos filhos. Joseph e Hagar. E, quanto aos nomes dos outros dois, pensei e não disse nada. Miriam e Aaron. Eu disse: - Um dia, Rufus vai se apegar à religião e ler o suficiente da Bíblia para refletir sobre os nomes dessas crianças.

Alice deu de ombros.

- Se Hagar fosse menino, ia se chamá Ismael. Na Bíblia, as pessoa podia sê escrava por um tempo, mas não tinha que sê escrava para sempre.

Meu humor estava tão bom que quase ri. Mas ela não teria entendido isso, e eu não conseguiria explicar. Pude, de alguma maneira, guardar tudo para mim, e me parabenizei pelo fato de a Bíblia não ser o único lugar em que os escravos se libertavam. Seus nomes eram apenas simbólicos, mas eu tinha mais do que símbolos para me lembrar de que a liberdade era possível, provável e, para mim, muito próxima.

Não era?

Lentamente, comecei a me acalmar. O perigo à minha família havia passado, sim. Hagar tinha nascido. Mas o perigo a mim pessoalmente... o perigo a mim ainda caminhava e falava e às vezes ficava com Alice, dentro do casebre, à noite, enquanto ela amamentava Hagar. Eu ficava ali com eles algumas vezes, e me sentia uma intrusa.

Eu não era livre. Assim como Alice não era, nem seus filhos. Na verdade, parecia que Alice podia ser libertada antes de mim. Ela me pegou sozinha, uma noite, e me levou para dentro de seu casebre. Estava vazio, ali dentro só havia Hagar, que dormia. Joe estava fora de casa, ganhando cortes e hematomas causados por crianças maiores.

- Cê conseguiu pegá o láudano? - perguntou ela.

Olhei para ela em meio à semiescuridão. Rufus a mantinha bem abastecida com velas, mas, naquele momento, a única luz da sala vinha da janela e de uma fogueira acima da qual havia duas panelas com líquido fervente.

- Alice, tem certeza de que ainda quer o láudano?

Eu a vi franzir o cenho.

- Claro que quero! Claro que sim! O que deu n'ocê?

Eu fiz um pouco de rodeios.

- Está muito cedo... O bebê nasceu há poucas semanas.

- Me dá aquela coisa para eu podê saí quando quisé!
- Peguei.
- Me dá!
- Que inferno, Alice, calma! Olha, continue agindo com ele como tem feito e vai conseguir o que quiser e vai viver bem.

Para minha surpresa, sua expressão firme se desfez, e ela começou a chorar.

- Ele nunca vai deixá ninguém saí daqui - ela disse. - Quanto mais aceito, mais ele exige. - Fez uma pausa, secou os olhos e disse baixinho: - Preciso í embora enquanto ainda posso... antes de me transformá no que as pessoa me chama. - Ela olhou para mim e fez o que a deixava muito parecida com Rufus, apesar de nenhum dos dois perceber. - Preciso í antes de me torná o que ocê é! - disse ela, com amargura.

Sarah já havia me confrontado uma vez e perguntado: - Por que ocê deixa ela falá c'ocê desse jeito? Ninguém mais deixa.

Eu não sabia. Culpa, talvez. Apesar de tudo, minha vida era mais fácil do que a dela. Talvez eu tentasse compensar isso aceitando a agressão dela. Mas tudo tinha limites.

- Se quiser minha ajuda, Alice, cuidado com o que fala!
- Cuidado ocê também! - disse ela.

Olhei para ela surpresa, lembrando, sabendo exatamente o que ela havia escutado.

- Se eu falasse com ele como ocê fala, ele ia me pendurá no celeiro - disse ela.

- Se você continuar falando comigo como fala, não vou me importar com o que ele fizer com você.

Ela olhou para mim por muito tempo sem dizer nada. Por fim, sorriu.

- Vai se importá. E vai me ajudá. Se não fizé isso, vai se vê como a preta branca que é, e não ia suportá isso.

Rufus nunca me desafiava. Alice me desafiava sem pensar, e como eu estava blefando mesmo, ela se safava.

Eu me levantei e me afastei dela. Atrás de mim, pensei ter ouvido sua risada.

Alguns dias depois, dei o láudano para ela. Mais tarde naquele mesmo dia, Rufus começou a falar sobre mandar Joe para a escola no norte quando ele crescesse um pouco mais.

- Você pretende libertar o menino, Rufe?

Ele assentiu.

- Ótimo. Conte para a Alice.

- Quando eu decidir.

Não discuti com ele. Eu mesma contei a ela.

- Não importa o que ele fala - disse ela. - Ele mostrô algum documento de liberdade?

- Não.

- Quando mostrá, e quando ocê lê tudo para mim, talvez eu vô consegui acreditá nele. Mas eu avisei que ele usa aquelas criança assim como usa cabresto num cavalo. Eu tô cansada de ficá com a boca tapada.

Eu a compreendia. Mas, ainda assim, não queria que ela fosse embora, não queria que ela colocasse Joe e Hagar em risco, tampouco queria que ela se arriscasse. Em outro lugar, em outras circunstâncias, eu provavelmente não teria gostado dela. Mas aqui tínhamos um inimigo em comum que nos unia.

13

Eu planejei ficar na fazenda dos Weylin tempo suficiente para ver Alice partir, para descobrir se ela conseguiria manter sua liberdade dessa vez. Consegui convencê-la a esperar o início do verão para partir. E eu estava preparada para esperar até lá antes de tentar algum truque perigoso que pudesse me levar para casa. Sentia saudade de casa e de Kevin e estava cansada do chão do quarto de Margaret Weylin e da língua ferida de Alice, mas podia esperar mais alguns meses. Era o que eu achava.

Convenci Rufus a me deixar lecionar aos dois filhos mais velhos de Nigel e às duas crianças que serviam a mesa com Joe. Surpreendentemente, as crianças gostaram. Eu não me lembrava de gostar da escola quando tinha a idade deles. Rufus gostou disso porque Joe era tão inteligente quanto eu dissera, inteligente e competitivo. Ele já tinha uma vantagem sobre os outros, e não pretendia perder isso.

- Por que você não era assim em relação às aulas? - perguntei a Rufus.

- Não me perturbe - ele murmurou.

Alguns de seus vizinhos descobriram o que eu estava fazendo e deram a ele conselhos paternais. Era perigoso educar escravos, eles alertaram. Os estudos deixavam os pretos insatisfeitos com a escravidão. E os estragava para o trabalho no campo. O ministro metodista dizia que os estudos os deixavam desobedientes, fazia com que desejassem ter mais do que o Senhor pretendia que tivessem. Outro homem disse que dar aulas aos escravos era ilegal. Quando Rufus respondeu ter checado que não era ilegal em Maryland, o homem disse que deveria ser. Conversa fiada. Rufus desconsiderou sem dizer o quanto

acreditava naquilo. Bastava o fato de ele estar do meu lado, e minhas aulas continuaram. Tive a sensação de que Alice o mantinha feliz; e talvez finalmente estivesse se divertindo um pouco nessa situação. Achei, pelo que ela havia me dito, que era isso o que a assustava tanto, afastando-a da fazenda, fazendo com que me atacasse. Estava tentando lidar com sua culpa.

Mas ela estava esperando e sendo um tanto discreta. Relaxei, passava meu tempo livre tentando pensar em uma maneira de ir para casa. Não queria depender da violência aleatória de outra pessoa; violência que, se viesse, poderia ser mais eficaz do que eu queria.

Até Sam James me parar perto da cozinha e minha complacência chegar ao fim.

Eu o vi esperando por mim perto da porta da cozinha. Um rapaz grande. Num primeiro momento, eu o confundi com Nigel. E o reconheci em seguida. Sarah havia me dito o nome dele. Ele havia conversado comigo durante a debu-lha do milho e de novo no Natal. Depois disso, Sarah havia falado com ele por mim, e ele não havia dito mais nada. Até aquele momento.

- Sou Sam - disse ele. - Se lembra de mim, do Natal?
 - Sim. Mas pensei que Sarah tivesse dito...
 - Ela me disse. Olha, não é isso. Eu só queria sabê se ocê pode ensiná meu irmão e minha irmã a lê.
 - Seu... Ah. Quantos anos eles têm?
 - A irmã nasceu no ano de sua última vez aqui... O irmão, um ano antes.
 - Vou ter que pedir permissão. - disse Dana - Pergunte a Sarah sobre isso de novo daqui a alguns dias, mas não me procure mais. - Pensei na expressão de Rufus ao olhar para aquele homem. - Talvez eu esteja sendo cuidadosa demais, mas não quero que você tenha problemas por minha causa.
- Ele me olhou com atenção por muito tempo.
- Cê qué ficá com aquele branco, moça?

- Se eu estivesse em qualquer outro lugar, nenhuma criança negra daqui estaria tendo aulas.

- Não é isso que eu perguntei.

- É, sim. Tudo faz parte da mesma coisa.

- Uma pessoa diz...

- Espere. - De repente, fiquei irritada. - Não quero saber o que “as pessoas” dizem. “As pessoas” deixam Fowler levá-las à roça todo dia para trabalhar como mulas.

- *Deixa...?*

- Deixam! Elas fazem isso para que ninguém arranque seu couro nem as mate. Olha, elas não são as únicas que têm que fazer coisas de que não gostam para continuarem vivas e inteiras. Pode me explicar por que isso é tão difícil de “as pessoas” entenderem?

Ele suspirou.

- É o que eu falei pra elas. Mas ocê é melhó que elas, por isso desperta inveja. - Ele olhou para mim com atenção de novo. - Continuo dizendo que é uma pena ocê já tê alguém pra quem dá satisfação.

Forcei um sorriso.

- Saia daqui, Sam. Os trabalhadores do campo não são os únicos que se incomodam.

Ele se foi. E pronto. Inocente... totalmente inocente. Mas três dias depois um mercador levou Sam embora, acorrentado.

Rufus não me disse nada. Não me acusou de nada. Eu não teria sabido da venda de Sam se não tivesse olhado pela janela do quarto de Margaret Weylin e visto o comboio.

Disse uma mentira qualquer a Margaret, saí correndo de seu quarto, desci a escada e corri porta afora. Trombei com Rufus e senti quando ele me estabilizou, segurou-me. A fraqueza que a dengue havia deixado finalmente tinha desaparecido. Ele havia retomado a força.

- Volte para dentro da casa! - sibilou ele.

Vi Sam mais à frente sendo acorrentado à fila. Havia pessoas alguns metros longe dele, chorando alto. Duas

mulheres, um menino e uma menina. A família dele.

- Rufe - pedi desesperadamente -, não faça isso. Não tem necessidade!

Ele me empurrou em direção à porta e eu me esforcei para me afastar dele.

- Rufe, por favor! Olha, ele veio me pedir para ensinar o irmão e a irmã dele a ler. Só isso!

Foi como falar com uma parede da casa. Consegui me afastar dele por um momento quando a mais jovem das duas mulheres chorosas me viu.

- Sua cadela! — gritou. Ela não havia recebido permissão para se aproximar dos acorrentados, mas se aproximou de mim. - Sua puta preta desgraçada, por que não deixô meu irmão em paz?

Ela teria me atacado. E por trabalhar no campo, fortalecida pelo trabalho árduo, provavelmente teria me dado a surra que achava que eu merecia. Mas Rufus se pôs entre nós.

- Volte ao trabalho, Sally!

Ela não se mexeu, ficou parada olhando para ele com os olhos arregalados até a outra mulher, provavelmente sua mãe, aproximar-se e puxá-la dali.

Segurei Rufus pela mão e falei baixo com ele.

- Por favor, Rufe, se você fizer isso, vai destruir o que pretende preservar. Por favor, não...

Ele me bateu.

Foi a primeira vez, e tão inesperada que caí para trás.

E foi um erro. Foi o rompimento de um acordo não expressado entre nós, um acordo muito básico, e ele sabia.

Eu me levantei devagar, olhando para ele com raiva e me sentindo traída.

- Entre na casa e fique lá - disse ele.

Eu dei as costas a ele e entrei na cozinha, desobedecendo de propósito. Ouvi um dos mercadores dizer: - Você deveria vender aquela também. Só causa problema!

Na cozinha, esquentei água e a deixei morna, não quente. Então, levei uma bacia cheia até o sótão. O quarto estava quente e vazio, apenas com minha esteira e a bolsa no canto. Fui até ela, lavei a faca com antisséptico e passei a alça de minha bolsa no ombro.

E, na água morna, cortei meus pulsos.

A CORDA

1

Acordei no escuro e fiquei deitada por vários segundos tentando pensar onde estava e quando tinha me deitado para dormir.

Eu estava em cima de algo inacreditavelmente macio e confortável...

Minha cama. Minha casa. Kevin?

Ouvi uma respiração regular ao meu lado. Eu me sentei e estendi a mão para acender a luminária, ou tentei fazer isso. O ato de me sentar me deixou zozza e fraca. Por um momento, pensei que Rufus estivesse me puxando de volta para ele antes que eu conseguisse ver minha casa. Então, percebi que meus pulsos estavam cobertos por curativos e latejando... e me lembrei do que tinha feito.

A luminária ao lado da cama de Kevin foi acesa e eu o vi sem barba, mas com os cabelos grisalhos sem corte.

Permaneci deitada e olhei para ele, feliz.

- Você está lindo - falei. - Parece um pouco com um retrato heroico que vi certa vez, de Andrew Jackson.

- Até parece - ele disse. - O homem era magricela demais. Já o vi.

- Mas não viu meu retrato heroico.

- Por que diabos você cortou os pulsos? Poderia ter sangrado até morrer! Você mesma se cortou?

- Sim. Isso me trouxe para casa.

- Deve haver um modo mais seguro.

Passei as mãos pelos pulsos com cuidado.

- Não existe modo seguro para quase se matar. Eu fiquei com medo dos comprimidos para dormir. Eu os levava comigo porque queria poder morrer se... se eu quisesse morrer. Mas temia que, se os usasse para ir para casa, poderia morrer antes de você ou antes de algum médico descobrir o que havia de errado comigo. Ou que, se eu não morresse, teria algum efeito colateral ruim... como gangrena.

- Entendo - disse ele depois de um tempo.

- Você fez o curativo em mim?

- Eu? Não, eu achei que o ferimento era grave demais para cuidar dele sozinho. Estanquei o sangramento da melhor maneira que consegui e chamei Lou George. Ele fez o curativo em você. - Louis George era um médico amigo que Kevin havia conhecido graças a seus textos. Kevin o havia entrevistado para uma matéria, certa vez, e os dois tinham se aproximado. Acabaram escrevendo um livro de não ficção juntos.

- Lou disse que você conseguiu não atingir as principais artérias dos dois braços - disse Kevin. - Disse que você não fez muito além de se arranhar.

- Com todo aquele sangue!

- Não foi tanto assim. Você provavelmente estava assustada demais para se cortar tão profundamente quanto poderia ter se cortado.

Suspirei.

- Bem... acho que estou feliz por não ter causado muitos danos... E cheguei em casa.

- O que acha de ir a um psiquiatra?

- Ir a um... Está brincando?

- Estou, mas Lou não estava. Ele disse que se você está fazendo coisas assim, precisa de ajuda.

- Ai, Deus. Tenho que ir? Teria que inventar mentiras!

- Não, dessa vez você provavelmente não vai ter que ir. Lou é nosso amigo. Mas se você fizer isso de novo, e... Bem, pode acabar sendo internada para um tratamento

psiquiátrico, gostando ou não. A lei tenta proteger pessoas como você para que não se machuquem.

Eu me peguei rindo, quase chorando. Apoiei a cabeça no ombro dele e tentei imaginar se algum tempo em um hospital para doentes mentais seria pior do que vários meses de escravidão. Duvidava.

- Por quanto tempo fiquei longe dessa vez? - perguntei.

- Cerca de três horas. Quanto tempo se passou para você?

- Oito meses.

- Oito... - Ele posicionou o braço em cima de mim, me abraçando. - Não foi à toa que você cortou os pulsos.

- Hagar nasceu.

- Nasceu? - Ele ficou em silêncio por um momento, e então disse: - O que isso significa?

Eu me remexi desconfortavelmente e, sem querer, apliquei pressão em um de meus punhos. A dor repentina me fez arfar.

- Cuidado - disse ele. - Cuide de si mesma com carinho, pelo menos dessa vez.

- Onde está minha bolsa?

- Aqui. - Ele puxou o cobertor para o lado e me mostrou que eu estava devidamente amarrada à minha bolsa de brim. - O que você vai fazer, Dana?

- Não sei.

- Como ele está agora?

Ele. Rufus. Ele havia se tornado algo tão presente em minha vida que não era preciso nem mesmo dizer seu nome.

- O pai dele morreu - falei. - Ele está administrando as coisas agora.

- Bem?

- Não sei. Como seria administrar bem a posse e venda de escravos?

- Não seria bom - Kevin concluiu. Ele se levantou e foi até a cozinha, voltando com um copo de água. - Você quer

comer alguma coisa? Posso fazer algo.

- Não estou com fome.

- O que ele fez com você, afinal, para levá-la a cortar os pulsos?

- Nada comigo. Nada de importante. Ele vendeu um homem, tirando-o de sua família sem a menor necessidade. E me bateu quando me opus. Talvez ele nunca seja tão duro quanto seu pai era, mas é um homem de sua época.

- Então... não me parece que você tenha uma decisão muito difícil a tomar.

- Tenho, sim. Conversei com Carrie sobre isso uma vez, e ela disse...

- Carrie? - Ele olhou para mim de um jeito esquisito.

- Sim. Ela disse... Ah. Ela passa a mensagem, Kevin. Você não passou tempo suficiente ali para saber disso?

- Ela nunca tentou me passar muitas mensagens. Eu me perguntava se ela tinha algum tipo de retardo.

- Meu Deus, não! Longe disso. Se você a tivesse conhecido, nem sequer desconfiaria.

Ele deu de ombros.

- Bem, o que ela disse a você?

- Que se eu tivesse deixado Rufus morrer, todo mundo teria sido vendido. Mais famílias teriam sido separadas. Ela tem três filhos agora.

Ele ficou em silêncio por vários segundos, e então disse:

- Pode ser que ela seja vendida com seus filhos se eles forem pequenos. Mas eu duvido que alguém se importaria em manter o marido dela e ela juntos. Alguém a compraria para procriar com outro homem. E procriar que eles dizem, sabia?

- Sim. Então, veja, minha decisão não é tão fácil quanto você pensou.

- Mas... eles estão sendo vendidos de qualquer modo.

- Não todos eles. Minha nossa, Kevin, a vida deles já é bem difícil.

- Mas e a sua vida?

- É melhor do que qualquer coisa que a maioria deles um dia vai conhecer.

- Pode ser que não seja assim, conforme ele envelhecer. Eu me sentei, tentando ignorar minha fraqueza.

- Kevin, diga o que quer que eu faça.

Ele desviou o olhar, não disse nada. Eu dei a ele vários segundos, mas ele continuou calado.

- É real agora, não é? - perguntei com delicadeza. - Já conversamos sobre isso antes, só Deus sabe há quanto tempo, mas, de alguma maneira, era algo abstrato naquela época. Agora... Kevin, se você não consegue nem mesmo dizer, como poder esperar que eu o faça?

2

Dessa vez, tivemos quinze dias completos juntos. Eu os marquei no calendário: de 19 de junho a 3 de julho. Com um tipo de simbolismo reverso, Rufus me chamou de volta no dia 4 de julho. Mas pelo menos Kevin e eu pudemos nos habituar de novo ao século XX. Aparentemente, não tivemos que nos habituar de novo um ao outro. As separações não tinham sido boas para nós, mas também não tinham machucado tanto. Era fácil estarmos juntos, sabendo que dividíamos experiências nas quais ninguém mais acreditaria. Mas não era tão fácil estarmos com outras pessoas.

Minha prima foi nos visitar, e quando Kevin abriu a porta, ela não o reconheceu.

- O que aconteceu com ele? - sussurrou ela mais tarde quando ficamos sozinhas.

- Ele andou doente - menti.

- O que teve?

- O médico não soube bem o que era. Mas Kevin está muito melhor agora.

- Ele está com a mesma aparência do pai de minha amiga, e o pai dela tinha câncer.

- Julie, pelo amor de Deus!

- Me desculpe, mas... Deixa pra lá. Ele não bateu mais em você, não é?

- Não.

- Bem, isso é alguma coisa. Você deve cuidar de si mesma. Também não me parece muito bem.

Kevin tentou dirigir, sua primeira vez depois de cinco anos de cavalos e carroças. Disse que o trânsito o confundia, deixava-o mais nervoso do que ele conseguia

entender. Disse que por pouco não matou algumas pessoas. Então, estacionou o carro na garagem e o deixou ali.

Claro, eu não dirigia, não sairia com ninguém enquanto existisse a chance de Rufus me tirar dali. Mas, depois da primeira semana, Kevin começou a duvidar que eu voltaria a ser chamada.

Eu não duvidava. Pelo bem das pessoas cuja vida Rufus controlava, eu não queria que ele morresse, mas não ficaria em paz até que isso acontecesse. Pelo modo com que as coisas estavam naquele momento, mais cedo ou mais tarde ele se meteria em encrenca de novo e me chamaria. Eu mantinha a bolsa de brim por perto.

- Olha, um dia, você vai ter que parar de arrastar essa coisa com você e voltar à vida - disse Kevin depois de duas semanas. Ele havia acabado de tentar dirigir de novo e, quando entrou em casa, suas mãos tremiam. - Inferno, metade do tempo eu passo imaginando se você não está disposta a voltar a Maryland.

Eu andava assistindo televisão, ou, pelo menos, mantinha a televisão ligada. Na verdade, eu estava analisando algumas páginas do jornal que tinha conseguido levar para casa na bolsa, pensando se podia transformá-las em uma história. Olhei para Kevin.

-Eu?

- Por que não? Oito meses, afinal.

Soltei o jornal e me levantei para desligar a televisão.

- Deixe ligada - disse Kevin.

Eu a desliguei.

- Acho que você tem algo a me dizer - falei. - E acho que preciso ouvir com clareza.

- Você não quer ouvir nada.

- Não, não quero. Mas vou, não vou?

- Meu Deus, Dana, depois de duas semanas...

- Foram oito dias da penúltima vez. E cerca de três horas da última vez. Os intervalos entre as viagens não significam nada.

- Quantos anos ele tinha da última vez?
- Ele fez vinte e cinco quando eu estive lá da última vez.
E ainda que eu nunca consiga provar, eu fiz vinte e sete.

- Ele está adulto.

Dei de ombros.

- Você se lembra do que ele disse antes de tentar atirar em você?

- Não. Estava pensando em outras coisas.

- Eu mesmo havia me esquecido, mas me lembrei. Ele disse: "Você não vai me deixar!".

Pensei por um momento.

- Sim, parece que está certo.

- Não me parece nada certo.

- Quero dizer que parece ter sido o que ele disse! Não tenho controle nenhum sobre o que ele diz.

- Mas ainda assim... - Ele fez uma pausa, olhou para mim como se esperasse que eu dissesse alguma coisa. Não disse nada. - Parecia mais o que eu poderia dizer se você estivesse indo embora.

- Você diria?

- Você me entendeu.

- Diga o que quer dizer. Não posso responder se não disser.

Ele respirou fundo.

- Certo. Você disse que ele era um homem de sua época, e me disse o que ele fez com a Alice. O que ele fez com você?

- Ele me mandou para a roça, me bateu, fez com que eu passasse quase oito meses dormindo no chão do quarto de sua mãe, vendeu pessoas... Fez muitas coisas, mas o pior foi com as outras pessoas. Ele não me estuprou, Kevin. Ele entende, ainda que você não entenda, que isso seria uma forma de suicídio para ele.

- Você quer dizer que tem algo que ele poderia fazer para que você o matasse, afinal?

Suspirei, fui até ele e me sentei no braço da poltrona. Olhei para ele.

- Diga que acha que eu estou mentindo para você.

Ele olhou para mim com incerteza.

- Olha, se alguma coisa aconteceu, eu entenderia. Sei como as coisas eram naquela época.

- Você quer dizer que poderia me perdoar por ter sido estuprada?

- Dana, eu vivi ali. Sei como aquelas pessoas eram. E a atitude de Rufus em relação a você...

- Foi sensata, na maior parte do tempo. Ele sabia que eu podia matá-lo dando as costas no momento certo. E ele acreditava que eu não o aceitaria porque amava você. Disse algo assim uma vez. Ele estava enganado, mas eu nunca disse isso a ele.

- Enganado?

- Em parte, pelo menos. Claro que amo você e não quero mais ninguém. Mas há outro motivo, e quando volto para lá, é o motivo mais importante. Acho que Rufus não teria compreendido. Talvez você também não entenda.

- Conte.

Pensei por um momento, tentei encontrar as palavras certas. Se conseguisse fazer com que ele entendesse, certamente ele acreditaria em mim. Tinha que acreditar. Ele era minha âncora aqui, em minha época. A única pessoa que fazia ideia das coisas pelas quais eu estava passando.

- Você sabe o que pensei - falei -, quando vi Tess amarrada naquele comboio? - Eu havia dito a ele sobre Tess e sobre Sam: que eu os havia conhecido, que Rufus os havia vendido. Mas não havia dito os detalhes, muito menos os detalhes da venda de Sam. Eu vinha tentando, há duas semanas, evitar fazer com que ele pensasse no que estava pensando naquele momento.

- O que a Tess tem a ver com...

- Pensei que aquela poderia ser eu... Ali, com uma corda no pescoço esperando ser repassada como se fosse um

cachorro! - Parei, olhei para ele, e continuei baixinho.

- Não sou propriedade, Kevin. Não sou um cavalo nem um saco de trigo. Se eu tiver que me parecer com propriedade, se tiver que aceitar limites a minha liberdade por causa de Rufus, então ele também tem que aceitar limites... a seu comportamento em relação a mim. Ele tem que me dar controle suficiente de minha própria vida para fazer com que viver me pareça melhor do que matar e morrer.

- Se seus ancestrais negros tivessem se sentido dessa maneira, você não estaria aqui - disse Kevin.

- Eu disse a você, quando tudo isso começou, que eu não tinha a mesma resistência que eles. Ainda não tenho. Alguns deles continuarão se esforçando para sobreviver, independentemente do que aconteça. Não sou desse jeito.

Ele sorriu discretamente.

- Suspeito que seja, sim.

Balancei a cabeça, negando. Ele acreditava que eu estava sendo modesta ou algo assim. Não compreendia.

Então, percebi que ele tinha sorrido. Olhei para ele de modo questionador.

Ele se acalmou e disse:

- Eu tinha que saber.

- E sabe, agora?

- Sei.

Aquilo pareceu verdadeiro. Pareceu verdadeiro o suficiente para eu não me incomodar por ele ter entendido apenas parte do que eu dissera.

- Você já decidiu o que vai fazer em relação a Rufus? - ele perguntou.

Balancei a cabeça, negando.

- Olha, não é só o que vai acontecer com os escravos que me preocupa se... eu der as costas para ele. É o que pode acontecer comigo.

- Você vai ter se resolvido com ele.

- Posso ter resolvido e pronto. Pode ser que eu não consiga vir para casa.

- Sua volta para casa nunca teve nada a ver com ele. Você volta para casa quando sua vida está em perigo.

- Mas como eu venho para casa? O poder é meu ou tiro certo poder dele? Afinal, tudo isso começou com ele. Não sei se preciso dele ou não. E só vou saber quando ele não estiver por perto.

3

Alguns dos amigos de Kevin nos visitaram no dia 4 de julho e tentaram nos convencer a ir ao Rose Bowl com eles para assistirmos à queima de fogos de artifício. Kevin quis ir, mais para sair de casa do que por qualquer outro motivo, suspeitei. Eu disse para ele ir, mas ele não quis ir sem mim. No fim, de qualquer modo, não havia a possibilidade de eu ir. Quando os amigos de Kevin saíram de casa, eu comecei a me sentir zozza.

Caminhei trôpega em direção à minha bolsa, caí antes de alcançá-la, engatinhei até ela e a peguei quando Kevin entrava em casa depois de se despedir dos amigos.

- Dana - dizia ele -, não podemos mais ficar presos nesta casa esperando algo que não está...

Ele se foi.

Em vez de estar no chão de minha sala de estar, eu estava no chão ao sol, quase bem em cima de um formigueiro de formigas negras.

Antes que eu pudesse me levantar, alguém me chutou, caiu em cima de mim pesadamente. Por um momento, fiquei totalmente sem ar.

- Dana! - disse Rufus. - O que diabos está fazendo aqui?

Olhei para cima e o vi deitado em cima de mim depois de ter caído. Nós nos levantamos no momento em que algo começou a me picar: as formigas, provavelmente. Eu bati a terra da roupa depressa.

- Perguntei o que você está fazendo aqui! - Ele pareceu irritado. Não parecia mais velho em relação à última vez em que eu o vira, mas havia algo de errado com ele. Parecia extenuado, exaurido; parecia fazer tempo demais desde

que havia dormido pela última vez, parecia que ainda demoraria muito até conseguir dormir de novo.

- Não sei o que estou fazendo aqui, Rufe. Nunca sei, só fico sabendo quando descubro o que está acontecendo com você.

Ele me encarou por muito tempo. Seus olhos estavam vermelhos e, embaixo deles, havia manchas escuras. Por fim, ele me agarrou pelo braço e me levou em direção ao local de onde ele tinha vindo. Estávamos na roça, não longe da casa. Nada parecia mudado. Vi dois dos filhos de Nigel brigando, rolando no chão. Eram os dois a quem eu havia dado aulas, e eles não estavam maiores do que quando os vira pela última vez.

- Rufe, quanto tempo passei fora?

Ele não respondeu. Estava me levando em direção ao celeiro, percebi, e aparentemente eu não ficaria sabendo de nada antes de chegarmos lá.

Ele parou na entrada do celeiro e me empurrou para dentro. Não me acompanhou.

Olhei ao redor, vendo muito pouco a princípio, enquanto meus olhos se acostumavam com a luz mais fraca. Eu me virei para o lugar onde tinha sido amarrada e chicoteada e me sobressaltei ao ver que havia alguém pendurado ali. Enforcado. Uma mulher.

Alice.

Olhei para ela sem acreditar, sem querer acreditar... Eu a toquei e sua carne estava fria e rígida. O rosto cinza e morto estava feio na morte como nunca tinha sido em vida. A boca estava aberta, os olhos arregalados, a cabeça descoberta e os cabelos eram curtos e estavam soltos como os meus. Ela nunca gostou de prendê-los como faziam as outras mulheres. Era uma das coisas que fazia com que fôssemos ainda mais parecidas, as únicas duas mulheres que não usavam nada na cabeça. Seu vestido era vermelho-escuro e o avental, limpo e branco. Usava sapatos que Rufus fizera especialmente para ela, não os sapatos

pesados nem as botas que os outros escravos usavam. Parecia que tinha se arrumado, penteado os cabelos e então...

Quis tirá-la dali.

Olhei ao redor, vi que a corda tinha sido amarrada a um gancho da parede, lançada sobre uma viga. Quebrei as unhas tentando desfazer o nó, até me lembrar de minha faca. Eu a peguei de minha bolsa e soltei Alice.

Ela caiu dura como se algo fosse se quebrar quando batesse no chão. Mas aterrissou sem se quebrar e eu tirei a corda de seu pescoço, fechei seus olhos. Durante um tempo, fiquei sentada com ela, segurando sua cabeça e chorando baixinho.

Por fim, Rufus entrou. Olhei para ele, e ele desviou o olhar.

- Ela fez isso sozinha? - perguntei.

- Sim. Sozinha.

- Por quê?

Ele não respondeu.

- Rufe?

Ele balançou a cabeça devagar, de um lado a outro.

- Onde estão os filhos dela?

Ele se virou e saiu do celeiro.

Eu ajeitei o corpo e o vestido de Alice e procurei ao redor algo com que pudesse cobri-lo. Não havia nada.

Saí do celeiro e atravessei o campo gramado em direção à cozinha. Sarah estava ali cortando carne com velocidade assustadora e coordenação. Eu havia dito a ela uma vez que sempre parecia que ela estava prestes a cortar um ou dois dedos, e ela ria. Ainda tinha todos os dez.

- Sarah? - Havia uma diferença de idade tão grande entre nós agora que todo mundo da minha idade a chamava de "Tia Sarah". Eu sabia ser um título de respeito nessa cultura, e eu a respeitava. Mas não conseguia dizer "Tia", assim como não conseguia dizer "Mãe". Ela não parecia se importar.

Olhou para a frente.

- Dana! Menina, o que tá fazendo aqui? O que o Senhô Rufe fez agora?

- Não sei bem. Mas, Sarah, Alice está morta.

Sarah largou a faca e se sentou no banco ao lado da mesa.

- Ah, Senhô. Coitadinha. Ele acabô matando ela mesmo.

- Não sei - falei. Eu me aproximei e me sentei ao lado dela. - Acho que ela se matou. Se enforcou. Eu acabei de descer o corpo dela.

- Ele matô! - sibilou ela. - Mesmo se não amarrô a corda nela, ele fez ela fazê isso. Vendeu os filho dela!

Franzi a testa. Sarah dissera com clareza suficiente, com voz alta o suficiente, mas por um momento, não entendi.

- Joe e Hagar? Os filhos dele?

- O que isso importa pra ele?

- Mas... ele se importava. Ele ia... Por que ele faria uma coisa assim?

- Ela fugiu. - Sarah se virou para mim. - Ocê devia sabê que ela queria fugi. Ocê e ela era como irmã.

Não precisei me lembrar. Eu me levantei, sentindo que precisava me movimentar, distrair-me, ou choraria de novo.

- Cês duas brigava como irmã - disse Sarah. - Sempre perturbando uma à outra, afastada uma da outra, voltando. Logo depois que ocê foi embora, ela acabô com um escravo do campo que falô mal d'ocê.

Ela fez isso? Faria. Os insultos a mim eram prerrogativa dela. Ninguém mais podia me insultar. Caminhei da mesa ao fogo e depois a uma pequena mesa de trabalho. Voltei até Sarah.

- Dana, onde ela tá?

- No celeiro.

- Ele vai fazê um grande funeral pra ela. - Sarah balançou a cabeça. - Que coisa. Pensei que ela tava finalmente se ajeitando com ele. Conseguindo não se importá tanto.

- Se estivesse mesmo, acho que ela não conseguiria ter se perdoado por isso.

Sarah deu de ombros.

- Quando ela fugiu... ele bateu nela?

- Não muito. Mais ou menos o tanto que o Senhô Tom bateu n'ocê naquela vez.

Aquela surra leve, claro.

- As chicotada não importa muito. Mas quando ele levô os filho dela, achei que ela ia morrê ali mesmo. Ela gritava, chorava e foi vivendo. Então, ficou doente e eu tive que cuidá dela. - Sarah ficou em silêncio por um tempo. - Eu nem queria ficá perto dela. Quando o Senhô Tom vendeu meus filho, eu só queria me deitá e morrê. Vê como ela tava trouxe de volta tudo isso.

Carrie entrou nesse momento, com o rosto banhado em lágrimas. Ela se aproximou de mim sem parecer surpresa, e me abraçou.

- Você já sabe? - perguntei.

Ela assentiu, e então fez um sinal para indicar os brancos e me empurrou em direção à porta. Eu fui.

Encontrei Rufus à mesa dele na biblioteca, mexendo em um revólver.

Ele olhou para a frente e me viu bem quando eu ia me esconder. Ocorrera a mim, de repente, com certeza, que era para lá que ele estava indo quando me chamou. O que tinha sido seu chamado, então? Um desejo inconsciente para que eu o impedisse de atirar em si mesmo?

- Entre, Dana. - A voz dele parecia oca e morta.

Eu puxei minha velha cadeira Windsor para perto da mesa dele e me sentei.

- Como pôde fazer isso, Rufe?

Ele não respondeu.

- Seu filho e sua filha... Como pôde vendê-los?

- Não vendi.

Aquilo me assustou. Eu estava preparada para quase qualquer outra resposta... ou resposta nenhuma. Mas uma

negação...

- Mas... mas...

- Ela fugiu.

- Eu sei.

- Estávamos nos dando bem. Você sabe. Você estava aqui. Estava bom. Uma vez, quando você foi embora, ela foi ao meu quarto. Foi por vontade própria.

-Rufe...?

- Estava tudo bem. Eu até continuei com as aulas de Joe. Eu! Eu disse a ela que libertaria os dois.

- Ela não acreditava em você, que não deixava nada por escrito.

- Eu teria deixado.

Dei de ombros.

- Onde estão as crianças, Rufe?

- Em Baltimore com a irmã de minha mãe.

- Mas... por quê?

- Para castigá-la, assustá-la. Para que ela visse o que poderia acontecer se não... se ela tentasse me deixar.

- Ai, Deus! Mas você podia ter pelo menos trazido as crianças de volta quando ela adoeceu.

- E me arrependo por não tê-las trazido.

- Por que não?

- Não sei.

Eu dei as costas para ele, enojada.

- Você a matou. Como se tivesse colocado a arma na cabeça dela e atirado.

Ele olhou para a arma e a colocou sobre a mesa depressa.

- O que você vai fazer agora?

- Nigel saiu para buscar um caixão decente, não só um feito em casa. E vai chamar um ministro para vir amanhã.

- Estou perguntando o que você vai fazer para seu filho e para sua filha.

Ele olhou para mim sem reação.

- Duas cartas de alforria - falei. - Você deve isso a eles, pelo menos. Você tirou a mãe deles.

- Inferno, Dana! Pare de dizer isso, pare de dizer que eu a matei.

Fiquei apenas olhando para ele.

- Por que você me deixou? Se não tivesse ido embora, talvez ela não tivesse fugido!

Esfreguei o rosto onde ele havia me agredido quando implorei para que não vendesse Sam.

- Você não tinha que ir embora!

- Você estava se tornando alguém que eu não queria por perto.

Silêncio.

- Duas cartas de alforria, Rufe, tudo legalizado. Liberte-os. É o mínimo que você pode fazer.

4

Houve uma cerimônia fúnebre ao ar livre no dia seguinte. Todos foram: escravos do campo, domésticos, até mesmo o indiferente Evan Fowler.

O ministro era um liberto alto de voz grave e negro retinto com um rosto que me fazia lembrar de uma foto que eu tinha de meu pai, que havia morrido quando eu não tinha idade suficiente para me lembrar. O ministro era alfabetizado. Segurou uma Bíblia nas mãos enormes e leu do livro de Jó e de Eclesiastes até eu não aguentar mais ouvir. Eu havia deixado de lado os ensinamentos batistas rígidos de meus tios anos antes. Mas, mesmo naquele momento, principalmente naquele momento, as palavras amargas e melancólicas de Jó ainda me atingiam. “O homem nascido de mulher vive pouco e sofre muito. Ele vem como uma flor, e é cortado; ele cresce como uma sombra, e deixa de existir...”

Consegui me manter em silêncio, sequei as lágrimas em silêncio, afastei moscas e pernilongos, ouvi os sussurros.

- Ela foi pro inferno! Não sabe que a pessoa que se mata vai pro inferno?

- Cala a boca! O Senhô Rufe vai fazê ocê descê com ela! Silêncio.

Eles a enterraram.

Houve um grande jantar depois. Meus parentes em minha época também faziam jantares depois das cerimônias fúnebres. Nunca tinha parado para pensar de onde vinha esse costume.

Comi um pouco, e então fui para a biblioteca, onde podia ficar sozinha, onde eu escreveria. As vezes, eu escrevia coisas porque não conseguia dizê-las, não

conseguia entender meus sentimentos em relação a elas, não conseguia mantê-las presas dentro de mim. Era um tipo de escrita que eu sempre destruía depois. Não era para ninguém. Nem mesmo para o Kevin.

Rufus entrou mais tarde, quando eu já quase havia acabado de escrever. Ele foi até a mesa, sentou-se em minha antiga Windsor, pois eu estava em sua cadeira, e abaixou a cabeça. Não dissemos nada, mas permanecemos juntos por um tempo.

No dia seguinte, ele me levou à cidade com ele, fomos à corte antiga de tijolos aparentes, e ele me deixou observar enquanto assinava as cartas de alforria a seus filhos.

- Se eu os trouxer de volta - disse ele no caminho para casa -, você vai cuidar deles?

Balancei a cabeça, negando.

- Não seria bom para eles, Rufe. Esta não é minha casa. Eles se acostuariam comigo, e então eu iria embora.

- Quem, então?

- Carrie. Sarah vai ajudá-la.

Ele assentiu sem se mexer.

Alguns dias depois, no início de uma manhã, ele partiu para Easton Point onde podia pegar um barco a vapor para Baltimore. Eu me ofereci para ir com ele e ajudar com as crianças, mas só recebi um olhar de desconfiança; um olhar que não tive como não compreender.

- Rufe, não tenho que ir a Baltimore para fugir de você. Eu só quero ajudar mesmo.

- Fique aqui - disse ele. E saiu para conversar com Evan Fowler antes que este se fosse. Ele sabia como eu tinha ido para casa da última vez. Havia me perguntado, e eu contei.

- Mas por quê? - ele quis saber. - Você podia ter se matado.

- Há coisas piores do que morrer - respondi.

Ele se virou e se afastou de mim.

Agora, ele vigiava mais do que antes. Não podia me vigiar o tempo todo, claro, e a menos que quisesse me

manter acorrentada, não podia impedir que eu pegasse um caminho ou outro para fora de seu mundo se eu realmente quisesse. Não podia me controlar. Isso o incomodava, obviamente.

Evan Fowler ficava na casa mais do que precisava enquanto Rufus não estava. Dizia poucas coisas a mim, não me dava ordens. Mas estava ali. Eu me escondia no quarto de Margaret Weylin, e ela ficava tão feliz que falava sem parar. Eu me peguei rindo e conversando com ela como se fôssemos duas pessoas solitárias conversando sem o peso extra de barreiras idiotas.

Rufus voltou, entrou na casa carregando a menininha negra e guiando o menino que se parecia ainda mais com ele. Joe me viu no corredor e correu até mim.

- Tia Dana, tia Dana! - E depois de um abraço: - Sei ler melhor agora. O papai tem me ensinado. Quer ouvir?

- Claro que quero. - Olhei para Rufus. *Papai*}

Ele olhou para mim com os lábios contraídos como se me desafiasse a falar. Mas eu só queria perguntar: “Por que demorou tanto?” O menino tinha passado a curta vida chamando seu pai de “Senhor”. Bem, agora que ele não tinha mãe, acho que Rufus pensou que estava na hora de ele ter um pai. Consegui sorrir para Rufus, um sorriso de verdade. Não queria que se sentisse envergonhado, na defensiva, por finalmente reconhecer seu filho.

Ele sorriu para mim, pareceu relaxar.

- Como vai a ideia de ter aulas de novo?

Ele assentiu.

- Acho que os outros não tiveram tempo de se esquecer muito.

Não tinham se esquecido. Na verdade, eu havia passado só três meses fora. As crianças tinham ganhado uma espécie de férias de verão antecipada. E voltaram para a escola. Eu, lenta, delicadamente, passei a trabalhar com Rufus, comecei a fazer com que libertasse mais alguns deles, talvez vários outros deles, talvez por vontade própria,

todos eles. Eu já tivera notícias de donos de escravos fazendo coisas assim. A Guerra Civil aconteceria trinta anos mais tarde. Talvez eu conseguisse fazer com que alguns dos escravos adultos fossem libertados enquanto ainda eram jovens o bastante para construir vidas novas. Talvez eu pudesse fazer o bem para todos, finalmente. Pelo menos, eu me sentia segura o suficiente para tentar, agora que minha própria liberdade estava dentro de meu alcance.

Rufus vinha me mantendo com ele mais do que o necessário agora. Ele me chamava para fazer as refeições e parecia me escutar quando eu falava com ele sobre libertar os escravos. Mas não fazia promessas. Eu me perguntava se ele achava bobagem fazer um testamento com a idade que tinha, ou talvez achasse bobagem libertar mais escravos. Ele não dizia nada, por isso eu não sabia.

Mas, finalmente, ele me respondeu, disse-me muito mais do que eu queria saber. E nada daquilo deveria ter me surpreendido.

- Dana - ele disse certa tarde na biblioteca. - Eu teria que ser louco de fazer um testamento libertando essas pessoas e contar a você sobre ele. Eu poderia morrer bem jovem por esse tipo de loucura.

Tive que olhar para ele para ver se falava a sério. Mas fazer isso me confundiu ainda mais. Ele sorria, porém eu tinha a sensação de que estava falando totalmente a sério. Acreditava que eu o mataria para libertar seus escravos. Estranhamente, eu não tinha pensado nisso. Minha sugestão tinha sido inocente. Mas talvez ele tivesse razão. Em determinado momento, isso teria me ocorrido.

- Eu costumava ter pesadelos com você - disse ele. - Começaram quando eu era pequeno... logo depois de atear fogo às cortinas. Você se lembra do fogo?

- Claro.

- Eu sonhava com você e acordava suando frio.

- Sonhava... que eu matava você?

- Não exatamente. - Ele fez uma pausa, olhou para mim por muito tempo de um jeito que não consegui decifrar. - Sonhava que você me abandonava.

Franzi a testa. Isso era muito parecido com o que Kevin o ouvira dizer; aquilo que havia despertado a desconfiança de meu marido.

- Eu abandono - falei com cuidado. - Tenho que fazer isso. Não sou daqui.

- Sim, você é! Até onde eu sei, você é. Mas não é isso o que quero dizer. Você me abandona, e mais cedo ou mais tarde, você volta. Mas, em meus pesadelos, você vai embora sem me ajudar. Você se afasta e me abandona com problemas, ferido, talvez morrendo.

- Ah. Tem certeza de que esses sonhos começaram quando você era pequeno? Mais parecem algo que você teria criado depois de sua briga com Isaac.

- Eles ficaram piores naquela época - ele admitiu. - Mas começaram na época do fogo, assim que percebi que você podia me ajudar ou não, como decidisse. Tive aqueles pesadelos por anos. Depois, quando Alice estava aqui havia algum tempo, eles desapareceram. Agora, voltaram.

Ele parou, olhou para mim como se esperasse que eu dissesse alguma coisa, que o acalmasse, talvez, que promettesse nunca fazer nada daquilo. Mas eu não consegui dizer as palavras.

- Está vendo? - perguntou ele, baixinho.

Eu me remexi desconfortavelmente em minha cadeira.

- Rufe, sabe quantas pessoas têm vida longa sem se meterem no tipo de apuro que faz com que você precise de mim? Se não acredita em mim, tem mais motivo do que nunca para tomar cuidado.

- Diga que posso confiar em você.

Mais desconforto.

- Você continua fazendo coisas que não me deixam acreditar em você, apesar de saber que a relação tem que ser recíproca.

Ele balançou a cabeça.

- Não sei. Nunca sei como tratar você. Você confunde todo mundo. Parece branca demais para os escravos da roça... como uma traidora, acho.

- Eu sei o que eles acham.

- O papai sempre achou que você era perigosa, porque se comportava muito como branca, mas era negra. Negra demais, ele dizia. O tipo de negra que observa, que pensa e que causa problema. Eu disse isso a Alice e ela riu. Ela disse que às vezes o papai parecia mais sensato do que eu. Ela disse que ele tinha razão a seu respeito e que um dia eu descobriria.

Eu me sobressaltei. Será que Alice tinha mesmo dito aquilo?

- E minha mãe - Rufus continuou com calma - diz que se ela fechar os olhos enquanto você e ela conversam, ela consegue se esquecer de que você é negra, sem nem se esforçar.

- Eu sou negra - falei. - E quando você vende um negro para afastá-lo de sua família só porque conversou comigo, não pode esperar que eu tenha bons sentimentos em relação a você.

Ele desviou o olhar. Nunca tínhamos falado sobre Sam antes. Já tínhamos falado sobre coisas que o envolviam, fazendo alusão a ele sem mencionar seu nome.

- Ele queria você - disse Rufus diretamente.

Fiquei olhando para ele, sabendo agora por que ele não tinha falado de Sam. Era perigoso demais. Podia fazer com que falássemos de outras coisas. Precisávamos de assuntos seguros, Rufus e eu: o preço do milho, produtos para os escravos, esse tipo de coisa.

- Sam não fez nada - falei. - Você o vendeu pelo que pensou que ele estava pensando.

- Ele queria você — Rufus repetiu.

E você também, pensei. Não havia Alice para aliviar a pressão. Estava na hora de eu ir para casa. Comecei a me

levantar.

- Não se vá, Dana.

Parei. Não queria fugir nem correr dele. Não queria dar a ele nenhum indício de que eu estava indo ao sótão para reabrir a pele nova e delicada da cicatriz de meus pulsos. Voltei a me sentar. E ele se recostou na cadeira e olhou para mim até eu me arrepender por não ter fugido.

- O que vou fazer quando você for para casa dessa vez?

- sussurrou ele.

- Vai sobreviver.

- Fico me perguntando... para quê.

- Pelos seus filhos, pelo menos - falei. - Os filhos dela.

Eles são tudo o que você tem dela ainda.

Ele fechou os olhos, passou a mão sobre eles.

- Eles deveriam ser seus filhos agora - disse ele. - Se você tivesse qualquer sentimento por eles, ficaria.

Por eles?

- Sabe que não posso.

- Poderia se quisesse. Eu não machucaria você, e você não teria que se machucar... de novo.

- Você não me machucaria até se frustrar comigo, até se irritar ou sentir ciúme. Você não me machucaria até alguém te machucar. Rufe, te conheço. Eu não poderia ficar aqui nem mesmo se não tivesse uma casa para a qual voltar. .. e alguém me esperando lá.

- Aquele Kevin!

- Sim.

- Eu deveria ter atirado nele.

- Se tivesse atirado, você estaria morto uma hora dessas.

Ele virou o corpo para poder ficar bem de frente para mim.

- Você diz isso como se tivesse algum sentido.

Eu me levantei. Não havia mais nada a ser dito. Ele havia pedido o que sabia que eu não podia dar, e eu havia me recusado.

- Olha, Dana - disse ele delicadamente -, quando você mandou Alice para mim naquela primeira vez, vi o quanto ela me detestava, e pensei: “Vou adormecer ao lado dela e ela vai me matar. Vai me acertar com um candelabro. Vai atear fogo à cama. Vai pegar uma faca da cozinha...”. Pensei nisso tudo, mas não senti medo. Porque, se ela me matasse, nada mais aconteceria. Nada mais importaria. Mas se eu vivesse, eu a teria. E por Deus, eu tinha que tê-la.

Ele se levantou e se aproximou de mim. Dei um passo para trás, mas ele segurou meus braços mesmo assim.

- Você é tão parecida com ela que mal consigo aguentar - disse ele.

- Me solta, Rufe!

- Vocês eram uma mulher - disse ele. - Você e ela. Uma mulher. Duas metades de um todo.

Eu precisava me afastar dele.

- Me solta, ou vou fazer seu sonho se tornar realidade!

Desapego. A única arma que Alice não tivera. Rufus não parecia temer a morte. Agora, em seu luto, quase parecia querer morrer. Mas tinha medo de morrer sozinho, medo de ser abandonado pela pessoa da qual ele havia dependido por muito tempo.

Ele permaneceu segurando meus braços, talvez tentando decidir o que fazer. Depois de um momento, senti sua mão perder a força, e me afastei. Sabia que precisava ir embora agora antes que ele mergulhasse em seu medo. Ele podia fazer isso. Podia se convencer a fazer qualquer coisa.

Saí da biblioteca, subi a escada principal e fui até a escada do porão. Até minha bolsa, minha faca...

Passos na escada.

A faca!

Abri a bolsa, hesitei, e então deslizei a faca, com a lâmina ainda exposta, para dentro da bolsa.

Ele abriu a porta, entrou, olhou ao redor do quarto grande, vazio e quente. E me viu na hora, mas ainda assim, olhou ao redor. Para ver se estávamos sozinhos?

Estávamos.

Ele se aproximou e se sentou ao meu lado na esteira.

- Me desculpa, Dana - disse ele.

Desculpar? Pelo que ele tinha quase feito ou pelo que estava prestes a fazer? Desculpar. Ele tinha se desculpado comigo muitas vezes de muitas maneiras antes, mas suas desculpas sempre foram oblíquas. “Coma comigo, Dana, a Sarah está cozinhando algo especial” ou “Aqui está, Dana, um livro novo que trouxe da cidade para você” ou “Um pouco de tecido para você, Dana. Talvez possa fazer algo com ele para vestir”.

Coisas. Presentes dados quando ele sabia que tinha me machucado ou me ofendido. Mas nunca antes ele havia dito: “Me desculpa, Dana”. Olhei para ele com desconfiança.

- Nunca me senti tão sozinho em minha vida - disse ele.

As palavras me tocaram como nenhuma outra poderia tocar. Eu entendia de solidão. Meus pensamentos me levaram à vez em que eu tinha ido para casa sem Kevin; a solidão, o medo, às vezes a desesperança que eu sentia. A desesperança não seria algo esporádico para Rufus, no entanto. Alice estava morta e enterrada. Ele só tinha seus filhos agora. Mas pelo menos um deles também havia amado Alice. Joe.

- Aonde minha mãe foi? - perguntou ele em seu primeiro dia em casa.

- Foi embora — dissera Rufus. — Ela foi embora.

- Quando ela volta?

- Não sei.

O garoto me abordou.

- Tia Dana, aonde minha mãe foi?

- Querido... ela morreu.

- Morreu?

- Sim. Como a velha tia Mary. - Que finalmente havia atravessado a distância final até sua recompensa. Ela havia vivido mais de oitenta anos. Viera da África, as pessoas

diziam. Nigel havia feito um caixão e Mary tinha sido colocada perto de onde Alice estava agora.

- Mas a mamãe não era velha.
- Não, ela estava doente, Joe.
- O papai disse que ela foi embora.
- Bem... para o céu.
- Não!

Ele chorou e eu tentei consolá-lo. Lembrei da dor da morte de minha própria mãe; pesar, solidão, incerteza na casa de meus tios...

Eu abracei o menino e disse que ele ainda tinha seu pai. Por favor, Deus. E que Sarah, Carrie e Nigel o amavam. Não deixariam que nada acontecesse a ele, como se tivessem o poder de protegê-lo, ou de protegerem a si mesmos.

Deixei Joe ir ao casebre de sua mãe para ficar sozinho por um tempo. Ele quis ir. Então, contei a Rufus o que tinha feito. E Rufus não soube se devia me bater ou me agradecer. Olhou fixamente para mim, com a pele do rosto pálida, contraída. E então, por fim, relaxou, assentiu e saiu para encontrar o filho.

Agora, ele estava comigo. Arrependido, solitário e querendo que eu assumisse o lugar da falecida.

- Você nunca me odiou, não é? - perguntou ele.
- Nunca por muito tempo. Não sei por quê. Você se esforçou muito para ganhar meu ódio, Rufe.
- Ela me odiou. Desde a primeira vez que eu a forcei.
- Não a julgo.
- Até um pouco antes de ela fugir. Ela havia parado de me odiar. Fico tentando imaginar quanto tempo você vai demorar.

- Para quê?
- Para parar de me odiar.

Ai, Deus. Quase contra minha vontade, fechei a mão ao redor do cabo da faca ainda escondida em minha bolsa. Ele segurou minha outra mão, prendendo-a entre as dele com

uma pressão leve que eu sabia que continuaria assim só até eu tentar me afastar.

- Rufe - falei -, seus filhos...

- Eles estão livres.

- Mas eles são pequenos. Precisam que você proteja a liberdade deles.

- Então, depende de você, não é?

Revirei a mão, tentei livrá-la dele tomada por uma raiva repentina. De uma vez, a pressão deixou de ser carinhosa e se tornou rígida. Minha mão direita estava úmida e escorregadia na faca.

- Depende de você - ele repetiu.

- Não, inferno, não depende! Cuidar de sua vida tem dependido de mim há muito tempo. Por que você não atirou em si mesmo quando começou a fazer isso? Eu não o teria impedido!

- Eu sei.

A tranquilidade de sua voz me fez olhar para ele.

- Então, o que mais tenho a perder? - perguntou ele. Ele me empurrou para trás na esteira, e por alguns momentos, ficamos ali, parados. O que ele estava esperando? O que eu estava esperando?

Ele se deitou com a cabeça em meu ombro, o braço esquerdo me envolvendo, a mão direita ainda segurando minha mão, e lentamente eu percebi como seria fácil para mim ficar parada e perdoá-lo até por isso. Muito fácil, apesar de tudo o que eu dizia. Mas seria muito difícil levantar a faca, enfiá-la na carne que tantas vezes eu havia salvado. Tão difícil matar...

Ele não estava me machucando, não me machucaria se eu permanecesse como estava. Ele não era seu pai, velho e feio, violento e nojento. Ele cheirava a sabão, como se tivesse se lavado recentemente. Para mim? Os cabelos ruivos estavam muito bem penteados e um pouco úmidos. Eu nunca seria para ele o que Tess tinha sido para seu pai,

um objeto passado como o cantil de uísque. Ele não faria aquilo comigo nem me venderia nem...

Não.

Senti a faca em minha mão, ainda escorregadia por causa do suor. Uma escrava era uma escrava. Qualquer coisa poderia ser feita com ela. E Rufus era Rufus, errático, dividindo-se entre generoso e cruel. Eu podia aceitá-lo como meu ancestral, como meu irmão mais novo, meu amigo, mas não como meu senhor, e não como meu amante. Ele já tinha entendido isso uma vez.

Eu me remexi de uma vez, liberei-me dele. Ele me segurou, tentando não me machucar. Percebi que ele tentava não me machucar mesmo quando levantei a faca, mesmo quando a enfiei na lateral de seu corpo.

Ele gritou. Eu nunca tinha ouvido alguém gritar daquele jeito, um som animalesco. Ele gritou de novo, um gorgolejo feio e mais baixo.

Ele soltou minha mão por um momento, mas segurou meu braço antes que eu pudesse me afastar. Então, ergueu o punho da mão livre para me bater uma vez, e de novo, como o capataz tinha feito tanto tempo antes.

Conseguí tirar a faca dele de alguma maneira, e a ergui, enfiando-a de novo em suas costas.

Dessa vez, ele só gemeu. Caiu em cima de mim, ainda vivo, ainda segurando meu braço.

Eu estava embaixo dele, meio consciente devido aos golpes, e enjoada. Meu estômago parecia se revirar, e vomitei em nós dois.

- Dana?

Uma voz. Uma voz de homem.

Conseguí virar a cabeça e vi Nigel de pé na porta.

- Dana, o que...? Ah, não. Deus, não!

- Nigel... - gemeu Rufus, e deu um suspiro longo e trêmulo. Seu corpo ficou pesado e imóvel sobre o meu. Eu o afastei de alguma forma - tudo, mas sua mão continuava

em meu braço. Então, convulsionei tomada por um enjoo terrível, forte.

Algo mais pesado e mais forte do que a mão de Rufus prendeu meu braço, apertando, agarrando, pressionando, sem doer, a princípio, derretendo-o, esmagando-o como se, de alguma maneira, meu braço estivesse sendo absorvido para dentro de algo. Algo frio e sem vida.

Alguma coisa... Tinta, gesso, madeira... uma parede. A parede de minha sala de estar. Eu estava em casa de novo, na minha casa, na minha época. Mas ainda estava presa de alguma maneira, presa à parede como se meu braço crescesse dela ou para dentro dela. Do cotovelo até as pontas dos dedos, meu braço esquerdo havia se tornado parte da parede. Olhei para o ponto onde a carne se uniu ao gesso, olhei para ela sem compreender. Era o ponto exato que os dedos de Rufus tinham segurado.

Puxei meu braço em direção a mim, puxei com força. E de repente, fui tomada por uma avalanche de dor, uma agonia insuportável. E gritei sem parar.

EPÍLOGO

Voamos para Maryland assim que meu braço melhorou. Lá, alugamos um carro; Kevin estava dirigindo de novo, finalmente, e percorremos Baltimore até Easton. Havia uma ponte agora, não mais o navio a vapor que Rufus usara. E, finalmente, vi com calma a cidade tão perto da qual eu tinha morado e da qual tão pouco tinha visto. Encontramos o tribunal e uma igreja antiga, algumas outras construções que o tempo não tinha destruído. E encontramos Burger King, Holiday Inn, Texaco e escolas com crianças negras e crianças brancas juntas e idosos que olhavam para Kevin e para mim uma vez e depois olhavam de novo.

Fomos à zona rural, onde ainda só havia mata e roça, e encontramos algumas das casas antigas. Algumas delas poderiam ser a casa dos Weylin. Eram bem mantidas e mais bonitas, mas basicamente eram as mesmas casas coloniais georgianas de tijolos aparentes.

Mas a casa de Rufus não existia mais. Perto de onde ela ficava, o local agora era tomado por uma ampla plantação de milho. A casa havia se tornado pó, assim como Rufus.

Fui eu quem insistiu em tentar encontrar a cova dele, perguntando ao agricultor sobre ela, porque Rufus, como seu pai, como a velha Mary e Alice, provavelmente tinha sido enterrado na fazenda.

Mas o agricultor não sabia de nada, ou, pelo menos, não disse nada. A única pista que encontramos, mais do que uma pista, na verdade, foi uma matéria antiga de jornal; uma nota de que o sr. Rufus Weylin tinha morrido quando sua casa foi incendiada e parcialmente destruída. E, em jornais posteriores, nota da venda dos escravos da propriedade do sr. Rufus Weylin. Os escravos estavam

relacionados pelo primeiro nome com a idade aproximada e suas habilidades. Os três filhos de Nigel estavam relacionados, mas Nigel e Carrie, não. Sarah estava relacionada, mas Joe e Hagar, não. Todos os outros estavam relacionados. Todos.

Pensei nisso, uni o maior número de peças que consegui. O incêndio, por exemplo. Nigel provavelmente o havia causado para cobrir o que eu tinha feito, e ele cobriu. Todos pensaram que Rufus tinha morrido queimado. Não consegui encontrar nada nos registros incompletos dos jornais que sugerisse que havia sido assassinado, nem que o incêndio tinha sido criminoso. Nigel deve ter feito um bom trabalho. Também deve ter conseguido tirar Margaret Weylin da casa com vida. Não havia nenhuma notícia sobre sua morte. E Margaret tinha parentes em Baltimore. Além disso, a casa de Hagar ficava em Baltimore.

Kevin e eu voltamos a Baltimore para ler jornais, registros legais, qualquer coisa que pudéssemos encontrar que pudesse relacionar Margaret a Hagar ou que as mencionasse. Talvez Margaret tivesse levado as duas crianças. Talvez, com Alice morta, ela os tivesse aceitado. Afinal, eram seus netos, o filho e a filha de seu único filho. Talvez tivesse cuidado deles. Também poderia tê-los mantido como escravos. Mas ainda que tivesse feito isso, Hagar, pelo menos, viveu tempo suficiente para que a Décima Quarta Emenda a libertasse.

- Ele podia ter deixado um testamento - disse Kevin do lado de fora de um dos lugares que visitamos, a Maryland Historical Society. - Podia ter libertado aquelas pessoas pelo menos quando não tinha mais como usá-las.

- Mas havia a mãe dele a ser considerada - falei. - E ele tinha só vinte e cinco anos. Provavelmente achava que tinha muito tempo para fazer um testamento.

- Pare de defendê-lo - murmurou Kevin.

Hesitei, e então balancei a cabeça.

- Não estava defendendo. Acho que, de certo modo, eu estava defendendo a mim mesma. Olha, sei por que ele não faria um testamento desse tipo. Perguntei, e ele me contou.

- Por quê?

- Por minha causa. Ele temia que eu o matasse em seguida.

- Você nem sequer precisaria saber da existência do testamento!

- Sim, mas acho que ele não queria se arriscar.

- Ele tinha motivo... para ter medo?

- Não sei.

- Duvido, levando em conta o que você tirou dele. Acho que você não era capaz de matá-lo antes de ele te atacar.

E nem depois, pensei. Kevin nunca saberia como aqueles últimos momentos tinham sido. Eu os havia delineado para ele, e ele havia feito poucas perguntas. Por isso, fiquei aliviada. Naquele momento, só disse:

- Legítima defesa.

- Sim - disse ele.

- Mas o custo... os filhos de Nigel, Sarah, todos os outros...

- Acabou - disse ele. - Não há mais nada que você possa fazer para mudar isso agora.

- Eu sei. - Respirei fundo. - Gostaria de saber se as crianças puderam ficar juntas... talvez tenham ficado com Sarah.

- Você procurou - disse ele. - E não encontrou registros. Provavelmente nunca vai saber.

Toquei a cicatriz que a bota de Tom Weylin havia deixado em meu rosto, toquei minha manga vazia do lado esquerdo.

- Eu sei - repeti. - Por que eu quis vir aqui, afinal? Era de se imaginar que eu já vivi o passado o suficiente.

- Você provavelmente precisava vir pelo mesmo motivo que eu. - Ele deu de ombros. - Para tentar entender. Para

tocar a prova sólida de que aquelas pessoas existiram. Para ter certeza de que você é sã.

Olhei para trás, para o prédio de alvenaria da Historical Society, uma construção que já tinha sido uma mansão.

- Se contássemos a alguém sobre isso, a qualquer pessoa que fosse, ela não nos consideraria muito sãos.

- Estamos sãos - disse ele. - E agora que o garoto morreu, temos uma chance de continuarmos assim.

Table of Contents

[Prólogo](#)

[O RIO](#)

[O INCÊNDIO](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[A QUEDA](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[A LUTA](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

14

15

16

A TEMPESTADE

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

A CORDA

1

2

3

4

EPÍLOGO